

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ANGÉLICA COELHO GOMES TORTORELLA BEDRAN

RESSIGNIFICANDO O LAR DE ORIGEM: É HORA DE PARTIR?
UMA LEITURA JUNGUIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

SÃO PAULO

2017

ANGÉLICA COELHO GOMES TORTORELLA BEDRAN

**RESSIGNIFICANDO O LAR DE ORIGEM: É HORA DE PARTIR?
UMA LEITURA JUNGUIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob orientação da Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba.

SÃO PAULO

2017

ANGÉLICA COELHO GOMES TORTORELLA BEDRAN

**RESSIGNIFICANDO O LAR DE ORIGEM: É HORA DE PARTIR?
UMA LEITURA JUNGUIANA DAS RELAÇÕES FAMILIARES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob orientação da Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba.

Aprovada em:

Prof^a. Dr^a. Liliana Liviano Wahba – PUC-SP

Prof^a. Dr^a. Marion Rauscher Gallbach – PUC-SP

Prof. Dr. Alberto Pereira Lima Filho – Opus
Psicologia e Educação

Para Pedro Fernando, Maria Thereza e Fernanda.
Os três primeiros avassaladores amores meus.

AGRADECIMENTOS

Especial agradecimento à Fundação São Paulo e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que outorgaram a bolsa de mestrado em Psicologia Clínica que me possibilitou concluir este estudo.

À minha orientadora, Professora Dra. Liliana Liviano Wahba quem, com a sua disponibilidade e dedicação infinitas, construiu comigo este trabalho. Agradeço, ainda, por ser fonte de inspiração, em razão de sua flexibilidade e criatividade, bem como pelas aulas ministradas, almas do curso de mestrado.

À família participante desta pesquisa, “perfeitinha” também por seu modo acolhedor e pela disponibilidade e engajamento.

À professora Dra. Ida Kublikowski e suas encantadoras aulas, agradeço as provocações instigantes que tanto fizeram expandir minhas reflexões.

Aos componentes da Banca Examinadora, Prof^a. Dr^a. Marion Rauscher Gallbach e Prof. Dr. Alberto Pereira Lima Filho, minha gratidão pelos apontamentos durante a entusiasmada etapa de qualificação.

À mestre e psicóloga clínica Helena Carvalho, mais que revisora, mão amiga e acolhedora, fundamental para que minhas ideias ficassem mais claras.

A Felipe, que assistiu e apoiou, com olhar e atitudes generosos, a concretização deste sonho antigo. Obrigada por acreditar, mais do que eu mesma, que eu seria capaz.

RESUMO

BEDRAN, A. C. G. T. **Ressignificando o lar de origem: é hora de partir? – uma leitura junguiana das relações familiares.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

A quantidade de jovens adultos que permanece na casa dos pais é um fenômeno muito recorrente no cenário contemporâneo mundial e brasileiro. A pesquisa qualitativa proposta traz um estudo de caso familiar e sua análise em profundidade sobre a relação de uma filha com seus pais, no contexto da intenção dela sair da casa parental. Os instrumentos de pesquisas são constituídos pelo genograma lúdico e entrevista clínica à luz da Psicologia Analítica e seu método de processamento simbólico de pesquisa. A análise dos resultados sugere que há indícios de idealização cruzada, excessiva maternagem e predominância da parentalidade em relação à conjugalidade, assim como nota-se a presença de complexos familiares relatados na literatura científica, que podem ser fatores que atrasam a saída do lar parental. Este estudo atinge os objetivos propostos e endossa pesquisas que apontam motivações inconscientes que influenciam a saída ou permanência no lar de origem e demonstra, também, a eficácia do instrumento do genograma lúdico para a percepção dos laços familiares e suas vinculações conscientes e inconscientes.

Palavras-chave: Jovem adulto. Complexos familiares. Genograma lúdico. Psicologia Analítica. Psicologia junguiana.

ABSTRACT

BEDRAN, A. C. G. T. Resignifying the home of origin: is it time to leave? - a Jungian reading of family relationships. Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

The number of young adults who remain in their parents' homes is a very recurrent phenomenon in Brazil and in the contemporary world scenario. The proposed qualitative research presents a family case study and an in-depth analysis of a daughter's relationship with her parents in the context of her intention to leave the parental home. The research instruments are constituted by a Play Family Genogram and clinical interview in the light of Analytical Psychology and its method of symbolic processing of research. The analysis of the results suggests that there are signs of cross idealization, excessive mothering and predominance of parenthood in relation to conjugality, as well as the presence of family complexes such as reported in the scientific literature which may be factors that delay leaving the parental home. This study reaches the proposed objectives and supports research that points to unconscious motivations that influence the exit or permanence in the home of origin and also demonstrates the effectiveness of the Play Genogram as an instrument for the perception of family ties and their conscious and unconscious connections.

Key-words: Young adult. Family complexes. Play Genogram. Analytical Psychology. Jungian psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Maquete do genograma lúdico	51
Quadro 2 – Campo da Filha	52
Quadro 3 – Campo da Mãe.....	53
Quadro 4 – Campo do Pai.....	57
Quadro 5 – História contada em conjunto	60
Quadro 6 – Miniatura adicional: a mala	61
Quadro 7 – Miniaturas adicionais: irmãs	63
Quadro 8 – Miniatura extra	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	16
2.1 Objetivo geral.....	16
2.2 Objetivos secundários	16
3 REVISÃO DE PESQUISAS	17
4 TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE ADULTA	22
5 OS DESAFIOS DO JOVEM CONTEMPORÂNEO	29
6 A FAMÍLIA E A SAÍDA DO LAR PARENTAL	33
7 MÉTODO	41
7.1 Características do estudo	41
7.2 Local de realização da pesquisa	41
7.3 Participantes	41
7.4 Instrumentos	42
7.4.1 Anamnese familiar.....	42
7.4.2 Genograma Lúdico.....	42
7.4.2.1. Pressupostos	42
7.4.2.2. Descrição da técnica	43
7.4.3 Gravador e máquina fotográfica.....	44
7.5 Procedimentos.....	44
7.5.1 Procedimento de intervenção	44
7.5.2 Procedimento para análise de dados.....	45
7.6 Cuidados éticos	45
8 ESTUDO DE CASO	46
8.1 Descrição e caracterização da família.....	46
8.2 Genograma lúdico	51
8.2.1 Visão geral.....	51
8.2.2 Miniaturas e associações	52
8.3 Análise do caso	66

8.3.1 O pai.....	66
8.3.2 A mãe	68
8.3.3 A filha	70
8.3.4 Alguns aspectos da família.....	73
8.3.5 O desenrolar do processo	74
9 DISCUSSÃO	77
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A - Transcrição do primeiro encontro com a família – Genograma lúdico e Anamnese	93
APÊNDICE B - Transcrição do segundo encontro com a família - Genograma lúdico e Anamnese	114
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	133
APÊNDICE D – Anamnese familiar	135
APÊNDICE E – Planejamento do segundo encontro.....	137

1 INTRODUÇÃO

Responsabilizamos nossos pais literalmente, mas, metaforicamente, a mesma afirmação pode significar que aquilo que nos fere pode também nos criar, dar-nos paternidade. Nossas feridas são pais e mães dos nossos destinos. (HILLMAN, 1998, p. 119)

O fenômeno de permanência de jovens adultos na casa dos seus pais – a assim chamada “geração canguru” – tem se tornado relevante no mundo ocidental em razão do aumento de sua frequência. Mais comumente encontrado nas camadas sociais média e alta, o indivíduo “canguru” é aquele que, possuindo condições financeiras para sair da casa dos pais, não o faz por escolha própria.

No Brasil, entre 2004 e 2013, segundo dados do IBGE (IBGE, Censo 2010), a proporção média de jovens de 25 a 34 anos que residiam com seus pais aumentou de 21,2% para 26,8%, no sudeste do país. Atualmente, um em cada quatro jovens nessa faixa etária ainda mora na casa paterna. As estatísticas do IBGE também apontam que, quanto maior a renda *per capita* dos membros da família, maior o nível de escolaridade desses jovens, em comparação com a média para o grupo etário, e maior o tempo de permanência no lar de origem.

Cervený e Figueiredo (2012) destacam o fato de esse não ser um fenômeno brasileiro já que os denominados *Kidadults* (em inglês) ou *Mamoni* (em italiano) são encontrados nos Estados Unidos e Canadá, assim como na Europa, o que é surpreendente, na opinião das autoras, uma vez que tais sociedades possuem historicamente a tradição de lançar os filhos na vida adulta mais cedo. As autoras ponderam que o indivíduo “canguru” é influenciado pelas condições sociais, pessoais, emocionais e familiares, bem como, em grande parte, pela maneira com que se relaciona em todas essas esferas. A entrada no mundo adulto e a adaptação a essa nova etapa dependem dessas relações.

No campo acadêmico, a “geração canguru” bem como o questionamento dos moldes tradicionais e normativos para se atingir a adultez (o casamento, a saída da casa dos pais e a parentalidade) têm sido objetos de estudos que buscam compreender os aspectos sociais e psicológicos que contribuem para a extensão do período de moradia na casa paterna e a construção da singularização da experiência da identidade da vida adulta. (SAMPAIO, 2016)

Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) entendem que o contexto da pós-modernidade e do mundo público é carregado de inseguranças, violência, individualismo,

globalização e consumismo. Diante disso, o lar parental se estabelece como refúgio que encobre tensões da sociedade. Haveria, por parte do jovem adulto, uma atitude de não enfrentamento ante o que é incerto no mundo, e a família passa a representar um ideal de segurança diante da diminuição das referências tradicionais.

Machado e Predebon (2008) reconhecem que o fenômeno “canguru” pode sofrer a influência de relações familiares intrincadas, emaranhadas, que tornam mais difícil para o jovem adulto lidar com a saída de casa. Todavia, enfatizam questões tais como o crescimento do custo para compra ou aluguel de imóveis, a necessidade de investimento na continuidade dos estudos, a enorme concorrência no mercado de trabalho, a violência e a ineficiência do estado em prover condições mínimas para a entrada no mundo adulto, circunstâncias essas que acabam por sobrecarregar a família que tem que arcar com os custos da manutenção do jovem adulto.

Mota e Rocha (2012), pesquisadoras portuguesas, realizaram revisão de artigos teóricos sobre o apego e o binômio separação-indivuação com vistas a analisar fatores internos ao indivíduo que potencializam a entrada na idade adulta. Seus estudos apontaram que a idade não mais representa a chegada na vida adulta. Concluem que, a fim de alcançar uma progressiva maturidade emocional, o jovem procura novas experiências com a intenção de se tornar mais autônomo e autoconfiante e que a aquisição de laços afetivos fora do núcleo parental é fundamental para isso. Todavia, também ressaltam que a qualidade da relação com os pais é essencial como elemento moderador da conquista da autonomia e da individuação dos jovens. Concluem, ainda, que a distância é necessária para o processo.

Com base na teoria psicanalítica, Savietto (2012) traz reflexões teóricas sobre a sociedade contemporânea – e sobre o consumismo que a caracteriza –, na qual a idealização da juventude, de um estilo adolescente, descompromissado e móvel, tornam-se traço de comportamento até mesmo de adultos – e dos pais. Em consequência, instalar-se-ia a problemática da diminuição ou da ausência da assimetria geracional, problemática essa que resulta na falta de limites e no desaparecimento das figuras de autoridade. O autor sugere que se tornou um desafio ainda maior crescer, quando os pais também querem ser jovens e todos compartilham o desamparo.

Além dos inúmeros artigos sobre o tema, um indício adicional de que a “geração canguru” vem se constituindo um desafio para a sociedade atual é o fato de que a mídia também se dedicou ao tema, como foi o caso da edição do Globo Repórter, programa da Rede Globo de Televisão de 17 de julho de 2015, que teve como chamada “Fenômeno da geração canguru vem crescendo sem parar no Brasil” (GLOBO REPÓRTER, 2015). A revista Veja,

de circulação nacional, por sua vez, publicou, na edição 2347, de 5 de agosto de 2015, entrevista com Julie Lythcott-Haims (FEDER, 2015). A matéria, intitulada “O fracasso faz bem às crianças”, traz o depoimento da ex-reitora da Universidade de Stanford a respeito do chamado *overparenting*, ou seja, a obsessão dos pais em orientar e proteger seus filhos que, segundo a entrevistada, teve como resultado uma geração de “adultos-crianças” pouco preparados para lidar com o mundo.

O interesse por esse tema foi reforçado pela experiência da pesquisadora, que testemunha a presença desse fenômeno na clínica, por meio do número significativo de pacientes nessa faixa etária, com boas condições profissionais e financeiras, que trazem como queixa as dificuldades de sair de casa e lidar com relacionamentos na família. A escuta clínica tem permitido identificar que tais dificuldades, no mais das vezes, referem-se a temores – de vir a romper definitivamente com os pais, de precisar voltar se não der certo –, ao enfrentamento de desafios – morar com outras pessoas, responsabilizar-se por si mesmo, administrar sozinho a rotina do cuidado da casa – e à necessidade de cumprir “determinada tarefa”, por exemplo, melhorar a relação com os pais antes de partir.

O desenrolar do trabalho terapêutico revela muitas vezes a existência de conflitos inconscientes em relação à família e de uma teia de complexos familiares e de lealdades invisíveis que acabam redundando em algum comprometimento no desenvolvimento da autonomia e no processo de individuação. Nesses casos, em que a queixa está circunscrita à “moradia tardia” na casa dos pais, o objetivo terapêutico tem sido o de facilitar o desenvolvimento desses jovens, para que possam ser mais criativos e flexíveis na busca de novas soluções, elaborando o medo, o luto e a culpa que essa delicada questão em geral suscita, a fim de cumprir, à sua maneira, a tarefa da construção de um caminho autoral e, muito frequentemente, conseguir sair da casa parental.

Os estudos citados e a experiência clínica mostram que o fenômeno da “geração canguru” é multifacetado. Faz-se necessário compreender como se dá a composição de realidades opostas como o desejo de conforto versus a postura de enfrentamento das dificuldades inerentes à aquisição das habilidades do mundo adulto. Enfrentamento esse que, sob a perspectiva junguiana, contribui para a jornada em direção à autonomia arquetipicamente desejável do processo de individuação. Jung (1916/2007) descreve a tendência arquetípica que leva o indivíduo a deslocar sua energia, interesse e vitalidade para o mundo externo, ou seja, uma tendência inata para que o objeto de interesse deixe de estar no lar de origem e uma pré-disposição contra o incesto que incita o homem a trilhar o próprio

caminho. Para Jung, a estagnação da libido em objetos dentro da família, embora possa ser encontrada com alguma frequência, é fenômeno que exige atenção.

Todavia, ainda que existam muitas pesquisas recentes sobre o tema, não nos deparamos com nenhuma que tenha por base a Psicologia Analítica. Mais frequentemente encontramos reflexões teóricas ou estudos clínicos sobre temas correlatos. Dentre esses trabalhos, destacam-se aqueles que abordam a influência da dinâmica familiar no processo de amadurecimento do adolescente ou jovem adulto.

Outro termo que tem surgido é o *adultescente*¹ que, de acordo com Penna (2009), seria o indivíduo que adia o desenvolvimento de um caminho próprio devido à ação de complexos familiares que atrasam a apropriação das habilidades necessárias à sua diferenciação. Em seu trabalho teórico, conclui que, na *adultescência*, o conflito central é exclusivamente psicológico, já que não ocorrem as influências hormonais presentes na adolescência e na senescência. A autora conjectura que essa fase, como prolongamento da adolescência, é fenômeno típico da sociedade pós-moderna com sua exacerbada valorização da jovialidade. Por outro lado, refere perceber, na experiência clínica com esses pacientes, enorme sofrimento psíquico e uma crise paralisante no processo de individuação. Considerando que um indicador de maturidade seria a autonomia ou, dito de outro modo, a capacidade de fazer autogestão, Penna constata que, na queixa de alguns dos *adultescentes*, quase não aparece o empenho e o desejo de sair da casa dos pais, ou seja, de ter a autonomia completa.

Byington (2014) e Vargas (2014) concordam que o amadurecimento psíquico do *Self* familiar² é posto à prova em inúmeras fases da vida, principalmente no momento da adolescência dos filhos, havendo o risco de os jovens não conseguirem passar para a fase adulta de maneira diferenciada com relação às gerações anteriores e, desse modo, limitar a formação da própria individualidade. É natural que o adolescente tenha a tendência arquetípica de fazer um movimento exogâmico em relação à família, em busca de sua identidade. A família, em contrapartida, precisa ter a capacidade de acolher tanto os movimentos endogâmicos quanto os exogâmicos, e ser capaz de ativar o arquétipo do herói do

¹ Comumente existem termos teóricos utilizados por diferentes epistemologias que convergem e descrevem de maneira muito similar palavras ou signos com significados muito parecidos. No presente trabalho, constatamos que tanto Penna (2009), ao descrever o *adultescente*, quanto Silveira e Wagner (2006), ao discorrer sobre a aplicabilidade do termo *adultescente* ao conceito do adulto “canguru”, expressam o mesmo fenômeno.

² Para Byington (2014), o conceito de *Self* familiar baseia-se na visão da família como um todo sistêmico e se define a partir da representação e da interação psicodinâmica de seus componentes. Pode abranger de duas a cinco gerações e o modo como essas convivem com a dinâmica arquetípica e a representação existencial do passado, do presente e do futuro.

Self familiar para incrementar habilidades e para que transformações possam ocorrer. Se os pais puderam viver adequadamente a própria transição da adolescência para a vida adulta, teoricamente seriam mais capazes de lidar com o momento em que seus filhos efetuam tal passagem, assim como, se estiverem bem em seus casamentos, podem ajudar o filho no lançamento para a vida adulta.

Estendendo a noção de Self familiar no decorrer de gerações, Benedito (2014) aponta que Jung foi pioneiro ao propor ser preciso compreender a família a partir de três gerações, já que percebeu que problemas intergeracionais ou conflitos dos pacientes eram, com frequência, reedições de problemáticas não resolvidas em gerações antecedentes, inclusive em relação à diferenciação entre gerações. Caso os indivíduos fiquem fixados nessa condição familiar, podem encontrar dificuldades em estabelecer relações que sejam igualitárias, ou seja, parcerias amorosas, porque estão presos às relações hierárquicas com os pais. Bendito postula, ainda, que a dificuldade do adolescente em lidar com a vida adulta pode estar ligada à excessiva idealização das figuras parentais.

Tendo esse pano de fundo, este trabalho visou aprofundar, a partir de estudo de caso, a compreensão simbólica das relações estabelecidas entre o jovem adulto que ainda reside na casa paterna e seus pais, procurando explorar as motivações conscientes e inconscientes – de caráter individual e relativas ao núcleo familiar – que podem vir a determinar a permanência do jovem no lar parental. Espera-se contribuir para o refinamento das noções de canguru e adulescente de modo abrangente, evitando rótulos que não apreendam o fenômeno em sua complexidade.

Este trabalho insere-se na perspectiva epistemológica da Psicologia Analítica, recorrendo à leitura simbólica e à investigação da consciência e sua relação com o inconsciente. Entendemos que, desse modo, estaremos colaborando para ampliar a compreensão de tema tão contemporâneo e multifacetado.

A apresentação do método utilizado e dos resultados obtidos será precedida de capítulos dedicados à revisão da literatura, incluindo o corpo de pesquisas que abordam a temática estudada. Os capítulos teóricos se propõem a aprofundar a compreensão sobre a trajetória de desenvolvimento da personalidade adulta, os desafios enfrentados por jovens na contemporaneidade e os aspectos ligados à dinâmica familiar que podem facilitar ou dificultar a saída do lar de origem.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo do trabalho é compreender a dinâmica da relação entre uma jovem adulta que permanece no lar parental e seus pais.

2.2 Objetivos secundários

Identificar possíveis complexos familiares.

Elucidar os símbolos emergentes a partir do genograma lúdico e das entrevistas com a tríade (pai, mãe e filha).

3 REVISÃO DE PESQUISAS

Jovens tentilhões, perfeitamente capazes de se alimentarem por si mesmos, começam imediatamente implorando comida, de modo infantil, assim que avistam seus pais. (BOWLBY, 2015, p. 31)

Para o levantamento de pesquisas relacionadas ao tema, foram utilizadas as seguintes palavras-chave em português e inglês, quando aplicável: jovem adulto, adulto jovem, geração canguru, jovem adulto, autonomia e família, família, geração canguru e família, individuação, jovens adultos, genograma. Foram consultados os sites de pesquisa da biblioteca da PUC, Scielo, Lilacs e EBSCO (Journal of Analytical Psychology).

Foram encontrados na revisão de pesquisa para a construção do projeto inúmeros artigos na abordagem Sistêmica, poucos na Psicologia Analítica e na Psicanálise. Depois dos testes de relevância que, a partir da leitura de resumos, consistiram em ano de publicação e coerência com o objetivo de pesquisa, foram selecionadas 25 pesquisas, a grande maioria delas publicadas há cinco anos ou menos.

As pesquisas dentro do campo junguiano constituem-se, basicamente, de estudos de caso que ilustram os determinantes familiares que influenciam o desenvolvimento do jovem adulto rumo à diferenciação das figuras parentais.

Samuels (1981), em estudo clínico, traça paralelos entre incesto urobórico (que envolve a negação tanto do interesse e da curiosidade em geral quanto dos sentimentos eróticos em relação os pais) e a onipotência infantil, focando, principalmente, as consequências, para o indivíduo, de uma pobre experiência na dissolução da onipotência. O autor apresenta um caso em que a dissolução da onipotência não aconteceu, impedindo a constituição de um senso de contorno. É possível supor que essas dificuldades estejam presentes na não separação dos pais.

Galiás (2000), por sua vez, aborda o tema a partir da sua teoria sobre a psicopatologia das relações assimétricas. Conceitua tal assimetria como sendo regida pelos arquétipos parentais, arquétipos esses responsáveis por estruturar a relação Eu-Outro, tanto intrapsiquicamente quanto intersiquicamente, quer em uma atitude ativo-doadora quer em uma postura passivo-receptora. Para a autora, os primordiais papéis vivenciados com o casal parental estruturam o processo de individuação, porém a personalidade adulta só consegue a desejável simetria dialética com a ativação dos arquétipos do animus e da anima. Os

distúrbios na vivência como filho, seja com a mãe ou com o pai, podem dificultar a aprendizagem e o desenvolvimento na passagem da adolescência para o mundo adulto.

Kradin (2009), em artigo teórico-clínico, explica que o mito da família representa, de fato, uma família de mitos que enfatizam diferentes elementos do potencial interpessoal (ao invés de ser representado por um mito soberano – edípico – da psicanálise clássica). Essas múltiplas possibilidades míticas contribuem para a trajetória da individuação pessoal. Certos mitos favorecem a separação da influência dos pais sobre a criança e promovem o processo de individuação. Outros são desfavoráveis, como o do *puer aeternus*, que representa a permanência de aspectos infantis no jovem adulto, consequência do desejo narcisista dos pais de manter imutável o papel parental. Nesses casos, as crianças são impedidas de humanizar as projeções arquetípicas depositadas sobre as figuras parentais e, por conseguinte, permanecem infantis em sua psicologia.

Cavalli (2012) aponta, em seu estudo clínico, que traumas intergeracionais são transmitidos e percebidos pelos membros da família em até três gerações. Considera que tais fatos, não digeridos e traumáticos, geram fantasmas e vazios mentais que perpassam gerações. A autora apresenta dois estudos de caso em que assinala a importância de encontrar maneiras de representar verbalmente os fatos como estratégia bem sucedida para trabalhar com a transmissão de traumas e obter a melhora dos sintomas. O manejo clínico envolve, portanto, a externalização por meio da verbalização, cabendo ao analista ajudar o paciente a encontrar uma linguagem para aquilo que é irrepresentável.

Os artigos encontrados dentro da abordagem junguiana inserem-se no campo teórico clínico, apresentando revisões teóricas e relatos de caso, não tendo sido verificadas pesquisas mais específicas sobre o adultescente-canguru. Em geral, tais trabalhos procuram compreender os fatores que, no âmbito da família, levam às vicissitudes do processo de individuação dos jovens adultos. Abordam, assim, prioritariamente, complexos familiares, mitos e traumas intergeracionais como capazes de interferir no processo de individuação.

Por outro lado, parte das pesquisas encontradas dentro da abordagem da Teoria Sistêmica sobre o tema concentra-se naquilo que é considerado importante na teia complexa que se estabelece entre o indivíduo “canguru” e seu ambiente, no contexto da sociedade contemporânea. A ênfase recai, portanto, sobre as questões externas à família e os autores dessa abordagem mostram predileção pela análise do discurso prescindindo do apoio de recursos projetivos (que poderiam fornecer dados sobre as motivações inconscientes ou simbólicas).

Silveira e Wagner (2006) realizaram pesquisa com indivíduos “cangurus” de ambos os sexos entre 27 e 35 anos, com bom nível socioeconômico, considerando três eixos temáticos: Projetos Vitais (desejos e planos para o futuro), Dinâmica Familiar (o que pensam sobre o casamento dos pais) e Contexto Social (o que pensa o jovem adulto sobre o fenômeno Ninho Cheio). Constataram que os participantes da pesquisa encontram dificuldades em abrir mão do padrão de vida e das regalias oferecidas pelo lar paterno para buscarem uma vida independente. Apontam ainda, que os entrevistados não consideram feliz o casamento dos pais, o que teria impacto na dinâmica familiar. Os autores concluem que etapas do ciclo vital (construção da autonomia e formação de identidade) estão sendo postergadas, argumentando que o termo adulescente é um bom nome para o fenômeno.

Em sua dissertação de mestrado, Figueiredo (2008) pesquisou pais que possuíam filhos adultos em casa, considerando aquilo que denominou “ninho cheio” como uma nova etapa do ciclo vital da família, etapa essa preparatória para o “ninho vazio”. A pesquisadora verificou que os pais consideravam ter uma boa relação com seus filhos, dos quais sentiam orgulho por serem pessoas com alto nível de escolaridade e bem-sucedidas profissionalmente. Encontrou, assim, uma grande proximidade entre pais e filhos, de um lado, e um baixo nível de investimento na conjugalidade em favor da parentalidade, de outro. Segundo as conclusões da autora, tais atitudes dos pais favorecem a permanência do “canguru” em casa.

Machado e Predebon (2008) realizaram pesquisa de campo, entrevistando três mulheres “cangurus” e respectivas famílias nucleares. Suas conclusões dizem respeito à diferença entre o discurso e o que de fato foi percebido, ou seja, quando as participantes eram questionadas sobre a razão de ainda permanecerem em casa, apresentaram respostas relacionadas às condições econômico-financeiras, desculpas essas que “disfarçariam” a dificuldade de desvinculação tanto das filhas de seus pais quanto dos pais com suas filhas. A opção de ficar na casa paterna pôde ser percebida com uma maneira de fugir dos conflitos no âmbito do trabalho e das experiências afetivas.

Mota e Matos (2013) realizaram pesquisa quantitativa, que contou com a participação de 538 jovens portugueses entre os 18 e 30 anos, e que tinha como objetivo analisar se os conflitos de lealdade e a triangulação com uma das figuras parentais contribuem para a percepção de conflitos entre os pais e interferem no processo de individuação do jovem adulto. Para levantamento de dados foram utilizados quatro inventários que abordavam as seguintes dimensões: conflito parental a partir da percepção do filho, individuação, relação parental e conflitos de lealdade. Os resultados apontaram que, quando os pais sentem segurança na relação com o companheiro, o filho não é convocado a mediar nenhum conflito,

e, portanto, possui mais chances de se ver livre e sair de casa. Ao contrário, quando existem muitos conflitos interparentais, os filhos tendem a assumir o partido de um dos pais e/ou atuar como mediadores, ficando paralisados em seu desenvolvimento por terem uma função a desempenhar no sistema familiar. Ainda nesse estudo, há a utilização de questionário que aborda três dimensões positivas da qualidade da relação com os pais: intimidade (proximidade e comunicação próxima); satisfação (sensação de bem estar proporcionada pela relação com os pais); e cuidado recíproco. Os autores concluem ser de fundamental importância a qualidade da relação dos pais no que se refere a conversas e resolução de conflitos, mesmo em situações de discordância, para o saudável desenvolvimento emocional e relacional dos filhos. Avaliam, ainda, que o conflito entre os pais, quando resolvido com negociação e diálogo, é favorável à construção de resiliência e autoestima, o que contribui para o lançamento do filho para a vida adulta, para fora da casa dos pais.

Em síntese, para Silveira e Wagner (2006), o termo *adultescente* pode ser perfeitamente aplicável ao indivíduo “canguru”, já que, conforme pesquisa realizada, essas pessoas encontram dificuldades em abrir mão do padrão de vida e do conforto da condição de filho; Silveira e Wagner (2006) e Figueiredo (2008) concordam que a conjugalidade dos pais pode influenciar a permanência no lar parental: Machado e Prodebon (2008) perceberam que o discurso das participantes da pesquisa acerca das dificuldades financeiras escondia a dificuldade de desvinculação entre pais e filhas; e Mota e Matos (2013) também enfatizaram os fatores internos (ou psicológicos) da família como, por exemplo, a qualidade da relação dos pais com o jovem adulto como determinantes para o processo de autonomia e individuação dos jovens.

Algumas pesquisas de autores psicanalíticos que consideram o inconsciente e conflitos que afetam o desenvolvimento da autonomia como fatores relevantes para a permanência dos jovens adultos na casa de seus pais também contribuem para o delineamento do escopo do trabalho, uma vez que se utilizam de instrumentos que permitem a investigação de aspectos psicodinâmicos. Desse modo, obtêm resultados que permitem tecer comparações com a teoria junguiana.

Assim, no campo psicanalítico, Bunge et al. (2012) pesquisaram 4 jovens homens “cangurus”, com renda mensal mínima de cinco salários mínimos. Embora considerando aspectos familiares e sociais, o estudo se ocupou da compreensão dos fatores individuais que contribuem para a permanência da casa paterna. Utilizaram como método a entrevista semidirigida e três pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT): pranchas 1, 6RH e 7RH. O estudo com material projetivo foi bastante rico e complementou a análise das

entrevistas. Os autores verificaram que alguns argumentos socioeconômicos encobrem motivações inconscientes. Em linhas gerais, essas motivações dizem respeito ao conflito edípico e ao medo do jovem adulto de não experimentar, no mundo real, a confirmação da valorização narcísica proporcionada pelos pais. Os autores admitem que um dos fatores limitantes de sua pesquisa diz respeito ao fato de não terem incluído entrevistas com outros membros da família. Pode-se questionar, todavia, também, se a escolha das pranchas do TAT não teria sido de tal sorte a direcionar, inadvertidamente, os resultados obtidos de modo a confirmar as hipóteses inicialmente colocadas no estudo. Outra questão a se considerar é se não teria sido possível a utilização de mais um recurso projetivo, tal como o desenho, que pudesse contribuir para a análise dos dados levantados na entrevista. Ainda que baseada em abordagem psicanalítica, essa pesquisa pode ser considerada como tendo adotado modelo semelhante ao que este projeto pretende utilizar.

As conclusões de Bunge et al. (2012) são coerentes com o que aponta Savietto (2012) no plano intrínseco ao jovem adulto que ainda reside com os pais, ou seja, naquilo que diz respeito ao próprio indivíduo e à sua dinâmica inconsciente: o prolongamento da adolescência se daria em virtude da dificuldade ou resistência dos jovens em vivenciarem o luto do casal parental da infância, preponderando um vínculo forte com os pais infantis, onipotentes e idealizados que, por sua vez, contribuem para a manutenção de um funcionamento infantil e narcísico de seus filhos. A onipotência narcísica é expressa nos depoimentos dos participantes da pesquisa por meio de referências ao desejo de manter a condição de serem cuidados, protegidos das demandas do cotidiano, tais como pagamentos de contas, tarefas domésticas e outras.

A maioria das pesquisas levantadas até o momento, nos campos da Psicologia Analítica, da Teoria Sistêmica e da Psicanálise, ainda que abordem, em maior ou menor profundidade, as relações familiares e sua influência na trajetória de desenvolvimento do jovem adulto, não focalizam, no processo de levantamento de dados, a tríade pais-filho adulescente-canguru. Alia-se a isso o fato já identificado de contarmos com escasso material de pesquisa de campo na abordagem junguiana. Este trabalho objetiva utilizar esse enfoque epistemológico para analisar as informações resultantes de pesquisa com uma tríade. O estudo de caso justifica-se porque visa abordar com maior profundidade um tema tão frequente na atualidade com compreensão psicodinâmica e simbólica.

4 TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE ADULTA

O complexo do eu de uma pessoa deve desligar-se, “de modo apropriado à idade” dos complexos materno e paterno, para que ela possa perceber suas tarefas de desenvolvimento apropriadas à idade e ter à sua disposição um complexo do eu coerente - um ‘eu suficientemente forte’- que lhe permita perceber as exigências da vida, lidar com dificuldades e conseguir certo grau de prazer e satisfação. (KAST, 1997, p. 10)

Devido à amplitude do tema, neste capítulo será ressaltada a trajetória do desenvolvimento adulto, com enfoque na faixa etária desta pesquisa (30 aos 35 anos). Também serão vistas a influência parental e a dos arquétipos familiares para compreensão do que foi chamado, neste estudo, de *adultescente-canguru*, com prioridade para as obras de Jung e de pós-junguianos, mas considerando, também, outros autores atuais que pesquisam sobre o tema.

Segundo Staude (1981), o que propiciou o surgimento dos estudos da psicologia da personalidade adulta foi o entendimento de que todas as pessoas possuem princípios humanos comuns, arquetípicos, e que o desenvolvimento não cessa na adolescência, mas transcorre durante toda a vida. Um dos pioneiros no estudo das etapas do desenvolvimento psicológico citado por Staude (1981) é Erikson, que postula que a personalidade é construída ao longo da vida, a partir de uma prontidão para o crescimento que redundaria no aumento da consciência e na ampliação das relações sociais fora da família. Existiriam tarefas psicossociais que seriam típicas da idade adulta, vivenciadas como crises e geradoras de mudanças. “Intimidade versus isolamento” seria a tarefa específica dos 20 aos 40 anos que, se levada a cabo, poderia acrescer à personalidade a capacidade de amar, a atitude empática e de abertura para o outro. Quando não bem sucedida, estaria relacionada ao recolhimento e à manipulação das relações.

Staude (1981) considera que Jung foi inovador em uma época em que os principais psicólogos entendiam que as mudanças no decorrer da vida ocorriam principalmente em razão de eventos externos. Jung, na visão de Staude (op. cit.), foi o primeiro a teorizar, a partir de seus estudos e casos clínicos, que as mudanças decorrentes do desenvolvimento da personalidade seriam desencadeadas por um movimento interior da psique e estariam acessíveis como imagens mentais e símbolos.

Levinson (1986) apresenta uma teoria abrangente com seu conceito de estrutura da personalidade e tem a intenção de ser integrativo, no sentido de não apartar o eu (mundo interno e personalidade) do mundo externo (história, sociedade, cultura). No constructo do

autor, tal estrutura é formada a partir de decisões que os indivíduos vão assumindo e do modo como são vividas as transições – passagens entre uma fase e outra. Nas transições, as perdas do final da etapa anterior são elaboradas e aceitas, o passado é lembrado e avaliado, a fim de se decidir o que levar adiante, o que deixar morrer e, a partir daí, o futuro pode ser imaginado.

O principal legado de sua teoria é indicar tarefas que podem ser trabalhadas em jornadas cíclicas como as estações do ano. Tais tarefas não são eventos esperados em cada etapa conforme a idade, e sim as reflexões e os aprendizados que emergem como produto singular e que levam o indivíduo a se comprometer com outras e novas questões. Sua maneira mais holística de ver o desenvolvimento da personalidade inclui os aspectos biológicos, as experiências pessoais, o espectro de relações sociais e as influências culturais.

Levinson (1978, 1986) considera o que chamou de “era dos jovens adultos”, dos 20 aos 40 anos, como a mais dramática de todas, pois, segundo ele, é nesse período que ocorrem as principais escolhas que estruturam a personalidade. Descreve essa fase como a mais repleta de energia e potencial, assim como de pressões externas. O primeiro período da era dos jovens adultos é chamado de “deixar a família” e trata da transição entre a adolescência e o período em que se entra no mundo adulto, na tentativa de afastar-se do apoio familiar e da autoridade. O autor pondera que, embora o processo de separação dos pais continue ao longo de todo o ciclo e nunca fique inteiramente concluído, não deve impedir outras tarefas e amadurecimentos dessa mesma etapa. Os sonhos em relação ao futuro, a preocupação com o fracasso em alcançá-los, bem como a emergência de tutores ou mentores para ingresso no mundo adulto podem auxiliar nessa etapa.

No contexto clínico, os psicoterapeutas podem se sentir convidados, por meio da transferência, a trabalhar incorporando tal papel de mentor. Quando a queixa se circunscreve a inseguranças relacionadas ao amadurecimento, ocupariam, assim, o lugar de tutor de resiliência para a entrada do mundo adulto. Nesse sentido, no caso de jovens adultos, a terapia pode contribuir para o encontro de sentido e significado, daí sua característica de ritualização. (FREITAS, 1988; PENNA, 2004).

Levinson parece concentrar-se em demasia na cultura norte-americana e não se distinguir dos demais autores quanto às tarefas sequenciais necessárias em cada uma das fases, mesmo que ressalte que essas podem variar conforme o momento histórico e social. Entretanto, os termos usados para nomear as fases servem de interessante reflexão para esta pesquisa e podem ser relacionados ao que ocorre na prática clínica do adulescente-canguru que não deixa o lar parental, embora tenha condições financeiras para isso. Podem existir,

dentre esses casos, indivíduos que adiantaram o período seguinte proposto pelo autor - o de acomodação – antes de completar as conquistas da etapa anterior.

Seria possível também conjecturar, a partir da postulação de Levinson e dos relatos observados na clínica, que o desejo de afirmação perante a sociedade se coloca em segundo plano em relação ao desejo da etapa anterior, que é o desejo (mesmo que inconsciente) de atender à necessidade de afirmação narcísica dos pais. A coabitação torna os indivíduos suscetíveis à influência parental por meio da atmosfera psíquica da convivência. Por outro lado, o desejo de reconhecimento torna os filhos vulneráveis às pressões externas à família. Estabelece-se, assim, um conflito gerador de ansiedade.

Na perspectiva sistêmica, Aylmer (1995) postula que tanto a autonomia quanto o apego são objetivos dos adultos amadurecidos, independentemente do gênero. Entende que alguns aspectos psicológicos importantes podem ser identificados no adulto, tais como: disposição para arriscar, tolerância em relação à ambiguidade, vocação identificada e relações interpessoais saudáveis. A família, por sua vez, deveria ser suficientemente continente para o desenvolvimento, desde antes da adolescência, de aspectos psicológicos como confiança, autonomia, competência, autoestima e esperança.

Por outro lado, o autor reprova a maioria dos modelos de fases de vida quando são usados para descrever todos os indivíduos ou se baseiam na idade cronológica, nas normas da sociedade, no desenvolvimento de uma carreira ou em uma visão de gênero antiquada. Ressalta, ainda, que autores do desenvolvimento acabam, em sua maioria, salientando a independência em relação à família como fase fundamental para a entrada na idade adulta, com ênfase, portanto, no binômio individuação-separação (ou diferenciação) de Bowen³.

Ainda que as perspectivas que adotam modelos sequenciais de desenvolvimento psicológico sejam úteis para a presente reflexão, é importante ressaltar que, atualmente, o desenvolvimento humano adulto é compreendido como jornada e não como uma via de progressão de mão única. Existem possibilidades de trafegar ciclicamente em muitas direções, inclusive com recuos e paradas.

Considerando o desenvolvimento psicológico daqueles indivíduos caracterizados como “cangurus”, há autores que questionam se a permanência no lar parental, de fato, implica que a entrada no mundo adulto se vê comprometida. Assim, Borges e Magalhães

³ Na perspectiva sistêmica de Bowen, o binômio separação-indivuação corresponde à diferenciação desejável em relação à família de origem. Trata-se de um processo que coloca os indivíduos em um lugar de autonomia a partir da separação emocional de sua família.

(2009) postulam que o período de transição para a vida adulta e a dificuldade em demarcá-lo são influenciados pelo processo de individualização característico da modernidade. Compreendem a família como responsável pela articulação das trajetórias de vida de seus membros e enfatizam as mudanças micro e macrosociais da contemporaneidade, como por exemplo, a instabilidade dos vínculos, o mercado de trabalho competitivo, entre outros. Defendem que idade ou afastamento da família de origem não podem mais ser critérios para a vida adulta e que viver com a família é mais uma maneira de ser adulto hoje. Seria possível então, para tais autoras, ser adulto e autônomo, sem ser completamente independente dos pais, desde que exista interdependência ou relações sem assimetria.

As próprias autoras citadas acima afirmam existir diferença entre pertencer à família e ser englobado por ela. O ponto de reflexão interessante para a pesquisa em curso é que as relações familiares deveriam caminhar para uma menor hierarquização, rumo ao que é chamado, na Psicologia Analítica, de consciência de alteridade, por meio da qual a articulação da convivência intergeracional adquire uma característica de solidariedade e contribui para a substituição gradual da dependência emocional em relação à família pela vinculação com representantes do meio externo.

Em recente artigo sobre a transição da vida adulta com foco no que chamam de “gerações cangurus”, Kublikowski e Rodrigues (2016) fizeram a revisão de pesquisas acadêmicas dos últimos 25 anos, incluindo autores europeus e estudos nas áreas de antropologia e sociologia. As autoras concluem que as análises que adotam a perspectiva de considerar disfuncional a condição do “canguru” e de suas famílias deixam de levar em conta a complexidade sistêmica da situação. Postulam que o fato de o “canguru” estar morando com os pais não necessariamente implica que o indivíduo seja imaturo e conclamam os pesquisadores a não estigmatizar o “canguru” como pessoa que não saiu da adolescência, nem considerar sua família como disfuncional.

Percebe-se, nas visões acima destacadas e que são representantes da epistemologia sistêmica, que existem muitas possibilidades para a adulez se estabelecer, a depender da qualidade das relações familiares. Kublikowski e Rodrigues (op. cit.) recomendam, como método de pesquisa, que as próprias gerações-cangurus estabeleçam o significado do que é ser adulto e apontem como se dá a interferência da coabitação no processo de se tornar adulto.

Sob o ponto de vista da Psicologia Analítica, o desenvolvimento psicológico é entendido como o processo de individuação – conceito central na obra de Jung (1939/1974) –, ou seja, o movimento na direção de se tornar único e diferenciado, de vir a ser um indivíduo que, ainda que imbuído de potencialidades universais, coletivas e familiares, desenvolve

potenciais próprios. Para Jung, o inconsciente potencialmente criativo seria capaz de mediar o desenvolvimento físico e psíquico a partir da emergência de símbolos. Destarte, foi o primeiro a postular que o desenvolvimento também podia acontecer em razão da dinâmica da psique, dinâmica essa que poderia ser compreendida e acompanhada por meio dos sonhos e dos símbolos produzidos pela psique.

Na perspectiva junguiana, o processo de desenvolvimento perpassa todas as fases da vida e se considera a existência de etapas de passagem. Entende-se, ainda, que a individuação ocorre também ao longo e através de crises e de momentos difíceis, sem que esses representem, necessariamente, entraves ao desenvolvimento. Nesse sentido, a escuta da narrativa pessoal se faz sempre necessária, a fim de que se evite a tentação de patologizar ou generalizar. Além disso, ainda que seja esperado que algumas conquistas ocorram e que ritos de passagem sejam vividos, admite-se que o indivíduo, diante dos enfrentamentos da vida adulta e ao longo da busca pela autonomia, possa ter movimentos regressivos. Deve-se, por isso, considerar as forças que resistem ao desenvolvimento, bem como os movimentos regressivos, mesmo que se acredite na vitória do impulso de individuação (LIMA FILHO, 2002).

Jung (1916/1971) organizou o ciclo de vida em quatro períodos e escreveu relativamente pouco sobre a primeira e a última fase. Utilizando-se da imagem do caminho do sol ao longo do dia, interessou-se mais pela vida adulta. A criança, para Jung, está imersa na atmosfera dos pais e é a partir da adolescência que a diferenciação se torna possível, mas é também nesse período que conflitos interiores, como a excessiva sensibilidade ou o sentimento de inferioridade, são inaugurados. As exigências externas da vida atravessam bruscamente as ilusões e os primeiros problemas que surgem estariam relacionados a expectativas que estão em desacordo com a realidade ou, melhor dizendo, ao superestimar ou subestimar dificuldades, o que acarretaria injustificado pessimismo ou otimismo.

No texto “As Etapas da Vida Humana”, Jung aponta que, no processo de se tornar adulto, existe uma natureza infantil inconsciente que deve ser sacrificada. A base das dificuldades da juventude está na resistência contra a ampliação de horizonte ou de consciência e na rejeição a tudo que é estranho, bem como na busca de prazer e de domínio sobre o já conhecido. Há certa inércia na persistência no estado anterior. Com frequência, o que ele observava era que “os distúrbios neuróticos da idade adulta têm em comum o fato de quererem prolongar a psicologia da fase juvenil para além do limiar da chamada idade do siso” (JUNG, 1916/1971, par. 776). Para ele, a consciência ampliada se dá a partir da experiência, da dúvida, mas o indivíduo resistiria a isso uma vez que os problemas a serem

enfrentadas podem ser considerados tabus. Nesse caso, o mais provável seria que a pessoa negasse a existência de tais problemas, ao invés de encará-los.

Assim, Jung, especialmente em seus estudos sobre o complexo de Édipo, vê que o sacrifício necessário é o abandono dos desejos infantis, movimento esse que pode ser observado para além da adolescência, na idade adulta, e cujo fracasso consistiria na continuidade de complexos infantis (JUNG, 1916/2007). Por exemplo, a possibilidade de afastamento da família em direção à autonomia e à independência pode acarretar, porventura, no adulto, a emergência de atitudes infantis devido a um apego muito forte. Nesse caso, é possível se pensar na emergência de complexos e perturbações neuróticas (LIMA FILHO, 2002).

Lima Filho (op. cit.) entende que, quanto mais o indivíduo fica submerso no inconsciente grupal ou familiar, mais tênue fica o limite entre o que é externo e interno, entre heteronomia e autonomia. Consequentemente, menor é a diferenciação do indivíduo. Essa é uma força contrária ao processo de individuação que implica a capacidade de se diferenciar sem isolamento ou rompimento.

Ao considerar as tarefas da primeira fase da idade adulta, Jung identifica a necessidade da criação de bases materiais e familiares como preparação para a segunda fase do processo de amadurecimento. Essa segunda etapa tem um caráter especial por propiciar um novo e diferente desenvolvimento interno por meio do qual, em condições favoráveis, é possível chegar a um conhecimento mais profundo das polaridades arquetípicas do Self. Tal conhecimento se daria por meio da compreensão das polaridades que, equilibradas, proporcionariam um aprofundamento do potencial de mudança rumo à individuação (STAUDE, 1981). Jung (1916/1971) atribuiu o recuo do homem adulto diante da segunda fase da vida ao medo das tarefas, sacrifícios e perdas que o contato maior com o inconsciente e tais transformações provocam.

De outra parte, deve-se considerar como a estruturação familiar está representada na psique do indivíduo. Ou seja, não se trata de somente objetivar o modo como as famílias se estruturam, mas sim de referenciar a dinâmica intrapsíquica que rege as relações dos integrantes da família.

Lima Filho (op. cit.) descreve o arquétipo do Pai e sua forte influência na formação da consciência dos filhos. Ao se considerar as dimensões arquetípicas das relações familiares, pode-se dizer que há uma forte influência da psique dos pais sobre os filhos. Sob a influência dos aspectos terríveis arquetípicos do casal parental, ao sentirem ameaçada sua hegemonia, boicotam o filho, negando-lhe a potência capaz de torná-lo liberto das amarras parentais. Em

seus aspectos favoráveis, os arquétipos parentais remetem ao desenvolvimento, à evolução e a constituição dos aspectos narcísicos dos filhos.

Vitale (1979) relaciona a melancolia comum na adolescência a Cronos, arquétipo do pai negativo. A inibição da vontade e a imobilidade ligadas à nostalgia da infância, juntamente com sentimentos de impotência e incapacidade de usar as próprias faculdades, seriam decorrentes da percepção de que o mundo adulto é cinza e muito difícil, e o mundo infantil, brilhante. Diante dessas polaridades, o adulescente poderia titubear entre uma fase e outra e se paralisar diante da vida.

Penna (2009) deixa claro que as dificuldades do adulescente são de ordem psicológica e circunscreve tais dificuldades à passagem entre a adolescência e a maturidade. Considera, em seu trabalho, que existem conflitos internos e culturais bem como elementos arquetípicos atuantes, e conjectura que a passagem da adolescência para a vida adulta pode ser dificultada pela impossibilidade de o filho tornar-se maduro devido à polaridade Senex estar mais ativada na consciência. Por isso, o jovem se refugia na segurança do que é conhecido, permanece nas querências e exigências de filho e, enquanto isso, em seu inconsciente, há a potencialidade arquetípica que busca mudanças, Puer. Pode-se refletir que puer-senex está presente no jovem e entre o jovem e sua família.

Pode-se pensar que o adulescente-canguru de 30 a 35 anos poderia estar entre duas crises: a crise de não se saber mais no paraíso infanto-juvenil, seja porque preso a alguma tarefa de responsabilidade familiar, seja em razão da amplitude e força de tais complexos familiares mesmo durante a idade adulta, e o receio da mudança singular que se processa na psique a partir da segunda fase da vida. Em linhas gerais, duas tarefas poderiam estar acumuladas, se é que existe uma sutil paralisia nessa passagem entre a adolescência e a maturidade.

É importante estudar a configuração da família do ponto de vista clínico profundo para compreender melhor quem é o jovem adulto e quem é a família, se é uma bolsa marsupial e como influencia o jovem. O presente trabalho procurará lançar luz sobre essa questão. No próximo capítulo, se falará mais a respeito dos desafios do jovem contemporâneo.

5 OS DESAFIOS DO JOVEM CONTEMPORÂNEO

“Precisamos dos pais dos quais nos desligamos.”
(KAST, 1997, p. 14)

Faz-se necessária uma compreensão dos desafios dos jovens na pós-modernidade. Há que se considerar, aqui, os aspectos extrínsecos – que dizem respeito a fatores culturais, sociológicos e econômicos –, bem como os intrínsecos. Esses últimos referem-se, de um lado, às relações que o indivíduo estabelece com a família – considerando a funcionalidade/disfuncionalidade da psicodinâmica familiar – e, de outro, àquilo que é próprio do indivíduo, aspectos conscientes e inconscientes que compõem a sua subjetividade.

Neste capítulo as pesquisas e a literatura recente são as principais fontes de referência – muitas das quais já citadas no capítulo de revisão de pesquisas. Serão destacados aqueles trabalhos que apresentam como conclusão os desafios identificados a partir das falas dos jovens pesquisados, e aqueles ensaios que trazem reflexões contemporâneas sobre a juventude, a transição para a adultez e a morada na casa da família de origem.

Cabe reforçar o que se entende pelo neologismo *adultescente*. Rowan (1987), criador do termo, observou que adultos, embora já tivessem idade cronológica, não conseguiam aceitar o fato de deixarem de ser adolescentes. Para Penna (2009) diz respeito ao jovem que se encontra na passagem entre a adolescência e a maturidade adulta e apresenta dificuldades e inseguranças que se refletem na esfera psicológica e na vivência da autonomia. Autonomia é aqui entendida como a capacidade de fazer autogestão em várias esferas da vida. Cerveny e Figueiredo (2012) relacionam o termo *canguru* ao jovem que, sem precisar cuidar de seus familiares, não sai da casa parental, ainda que tenha possibilidade financeira para assim o fazer.

Borges e Magalhães (2009) circunscrevem as dificuldades do jovem na pós-modernidade à ênfase exagerada no individualismo e na autonomia. Considerando as circunstâncias enfrentadas pela geração anterior, o contexto externo é percebido como mais complexo e com mais dificuldades de entrada no mercado de trabalho. Para Cerveny e Figueiredo (2012), nos dias atuais, o adiamento do casamento e a liquidez das relações amorosas são comumente relatadas, o que adia a saída da casa parental. Avaliam que os jovens ao permanecerem com os pais, consomem coisas as quais morando sozinhos não conseguiriam, preferindo, portanto, não perder o status social e econômico. Saviotto (2012) sugere que existe a idealização de uma juventude descompromissada e móvel, aspectos esses

que seriam consequência da falta de limites, da ausência de assimetria geracional e de figuras de autoridade. Penna (2009) corrobora essa visão e conjectura que, na cultura pós-moderna, os parâmetros para a maturidade estão sendo apresentados com tal elasticidade que causam desorientação. A autora acredita haver, atualmente, o imperativo de permanecer jovem. Nesse sentido, tornar-se adulto deixa de ser meta, visto que adultos e pais também querem ser jovens.

Rodrigues (2011) ressalta como dificuldades contemporâneas as exigências de qualificação, que fazem com que os jovens precisem estudar mais; a incerteza do mercado de trabalho, que traz um percurso de carreira fragmentado e/ou interrompido pelo desemprego; e a valorização cultural do estilo de vida jovem, que desencoraja os jovens a entrar na maturidade. A autora observa, também, que o empreendimento rumo à maturidade é mais inseguro e mais solitário que em outros tempos.

Henriques, Feres-Carneiro e Magalhães (2006) apontam que a sensação de estabilidade – ligada à vida na casa dos pais – fica abalada quando a sobrevivência depende de um salário. Há um sentimento de ameaça constante, já que a relação homem/trabalho é percebida como instável e desenraizada. A homogeneização global suscitaria o desejo de acentuar especificidades locais e a emergência de interessantes questões acerca das diferenças culturais e de alteridade. A família seria uma resposta de refúgio e *locus* de enraizamento de identidades.

Quanto à permanência no lar parental, dentre os pesquisadores que apontam que tal fato não influencia o desenvolvimento adulto, encontram-se Borges e Magalhães (2009) que conjecturam ser um erro concluir que a convivência intergeracional prolongada na casa paterna signifique um atraso para a entrada na maturidade. Esses autores, portanto, não concordam que os jovens que prolongam a permanência no lar de origem sejam considerados adulescentes, ponderando que essa avaliação está distorcida por questões micro e macrossociais.

A esse respeito, Rodrigues (2011) assinala a possibilidade criativa e psicológica do jovem adulto saber-se capaz de simbolizar a separação com relação aos pais, sem que seja necessário que essa se concretize. Ou seja, acredita que o jovem é capaz de ser adulto e autônomo mesmo com a permanência no lar parental. Destarte, baseia-se em Bowen, autor que postula que a construção do indivíduo advém do movimento de autonomia emocional em relação à família e de sua conseqüente diferenciação. Em resumo, a conclusão central da pesquisa realizada por Rodrigues é que a saída da casa dos pais é insuficiente para definir a

entrada no mundo adulto e que a diferenciação pode ocorrer emocionalmente, de maneira simbólica, ainda que permaneça no lar parental.

Por outro lado, pesquisadores que veem uma forte relação entre o enredamento com a família de origem e a situação do adulescente avaliam que relações familiares mais imaturas influenciam o prolongamento da permanência na moradia parental. Levando em conta a importância da qualidade da relação dos pais, no que tange à comunicação e à resolução de conflitos, tais autores consideram, de modo geral, que os pais que pretendem lançar os filhos são corresponsáveis em deixá-los partir desde antes da adulez. A respeito da prática clínica, Cerveny e Figueiredo (2012) apontam que se faz urgente a necessidade de ampliar a capacidade reflexiva dos “cangurus” bem como a tarefa da diferenciação intergeracional; este seria um importante papel da psicoterapia para auxiliar nessa passagem.

Pesquisas relacionam algumas situações que colaborariam para as dificuldades encontradas pelos jovens-adulescentes: pais que dependem emocionalmente dos filhos; pais que não conseguiram êxito no estabelecimento de uma base de segurança e ficaram estagnados na situação simbólica de abandono; filhos que desempenham a função de mediação na família, quando os pais possuem relação destrutiva ou casamento não satisfatório; casais que investiram na parentalidade em detrimento da conjugalidade; pais que negam a disfuncionalidade familiar e projetam unicamente no filho a responsabilidade para alcançarem a própria autonomia; filhos sensíveis aos medos e inseguranças que seus pais sentem ou sentiram à época da transição para a adulez e que são transmitidas intergeracionalmente por meio da convivência; pais que, eles próprios, ainda estão emaranhados com a família de origem. (RODRIGUES, 2011; CERVENY & FIGUEIREDO, 2012; MOTA & MATOS, 2013; SILVEIRA & WAGNER, 2006; FIGUEIREDO, 2008).

Essas pesquisas entendem que o “canguru” pode estar psicologicamente amarrado a certas funções familiares e, inconscientemente, preso ao lar parental. Na psicologia profunda, sob a perspectiva junguiana, esse entendimento é corroborado por Cavalli (2012) quando essa autora escreve sobre as dificuldades intergeracionais que provocam um enredamento de gerações a partir de situações não elaboradas, de segredos e medos transmitidos por meio do convívio e da comunicação inconsciente-inconsciente. Pode-se pensar que as inseguranças vividas pelos pais na entrada para o mundo adulto podem ser transmitidas aos filhos.

Embora seja inegável a influência das variáveis sociais, econômicas e familiares, é importante considerá-las em conjunto com as variáveis intrapsíquicas a partir da perspectiva da psicologia profunda, que vai além das condições macrosociais. A escolha por estudar a psicodinâmica de uma família composta por um adulescente-canguru justifica-se ao observar

que os jovens podem, segundo os pesquisadores estudados, não se perceberem vistos pelos pais como capazes e autônomos, na medida em que, no mundo real, a autonomia parece não ser valorizada; resistirem a vivenciar o luto dos pais da infância – onipotentes e idealizados – o que contribui para um funcionamento mais infantil; não serem capazes de construir um distanciamento simbólico estando fisicamente próximos; não controlarem a ansiedade e a culpa consteladas diante da diferenciação da família. Os pais, por sua vez, podem reforçar nos filhos a idealização narcísica deles (RODRIGUES, 2011; CERVENY & FIGUEIREDO, 2012; BUNGE et al., 2012; SAVIETO, 2012)

Sem dúvida, o termo *adultescente-canguru* não pode ser aplicado genericamente a todos os jovens que moram com os pais. O indivíduo pode conseguir tornar-se adulto a partir da separação simbólica (RODRIGUES, 2011), da desidealização dos pais (BUNGE et al., 2012; SAVIETO, 2012) ou da morte simbólica dos pais pessoais e da humanização dos arquétipos do Pai e da Grande Mãe (LIMA FILHO, 2002). Esses são processos que permitem aos jovens seguirem rumo à diferenciação, ou, em outras palavras, tornarem-se o que são uma vez que menos emaranhados com o inconsciente e os comportamentos dos pais.

A importância dos resultados desta pesquisa para a clínica psicológica está relacionada ao papel do psicólogo em propiciar uma mudança de olhar sobre as passagens para a vida adulta e em contribuir para que, de uma parte, as famílias lidem com tal passagem de maneira saudável e, de outra parte, os jovens o façam de maneira mais consciente. Para Rodrigues, “a vinculação afetiva é funcional e saudável, mas precisa atingir certo nível de maturidade da interdependência, não comprometendo a autonomia.” (RODRIGUES, 2011, p. 89).

6 A FAMÍLIA E A SAÍDA DO LAR PARENTAL

O curso natural da vida exige inicialmente do jovem o sacrifício de sua infância e de sua dependência infantil dos pais físicos, para que não permaneça fixado a eles pelo laço do incesto inconsciente, prejudicial para corpo e alma. (JUNG, 1973/2008, par. 553)

O processo pelo qual o ser humano se reconhece em sua natureza ímpar – ou seu nascimento psicológico – não ocorre no parto, já que é muito mais complexo que o nascimento físico. Pode-se dizer, portanto, que também o homem necessita da bolsa protetora e envolvente dos pais até que um dia consiga desenvolver-se a ponto de prescindir da proteção familiar. Assim, a função da família humana seria a de promover a estruturação do mundo psíquico, constituindo-se como o espaço em que os potenciais arquetípicos podem ser vivenciados e humanizados de modo que o percurso do desenvolvimento psicológico se desenrole de maneira satisfatória. Para os cangurus e todos os marsupiais, a bolsa tem a função de ser uma extensão do útero, um *locus* externo, ainda que próximo à mãe, que propicia o tempo necessário para a finalização de um ciclo de desenvolvimento.

Neste capítulo, serão discutidos os conceitos de família e de complexos familiares a partir da perspectiva junguiana. Jung (1910/1997), conforme ressaltado no capítulo de desenvolvimento da personalidade adulta, foi pioneiro nessa matéria, bem como no entendimento da influência que a família exerce sobre o indivíduo. Sua visão de complexos, arquétipos, inconsciente coletivo e eventos sincrônicos evidencia a importância dos aspectos relacionais na constituição da psique. (STAUDE, 1981; BOECHAT, 2011; CAETANO et al., 2015).

É bastante difundido o conceito de que a família é um lugar de intimidade e de privacidade que protege, física e psiquicamente, o indivíduo. Todavia, além de se constituir em um ambiente que oferece nutrição, afeto e segurança – tal qual o útero ou a bolsa marsupial – o seio da família também pode se tornar prisão que se perpetua por meio, e apesar, da pouca saúde das relações ali estabelecidas, como testemunham vários pacientes dos consultórios de psicoterapia. Compreendendo que a família comporta essas duas possibilidades, a revisão de pesquisas e da literatura procurará abranger ambas as situações, buscando clarificar quais aspectos tornam as relações familiares funcionais ou disfuncionais.

Montoro (1994) entende serem funções básicas da família não apenas a transmissão de um padrão de comunicação, afeto e disciplina, mas, principalmente, a formação e estruturação psíquica dos seres humanos. Em decorrência do adequado exercício dessas funções pelo

núcleo familiar, o indivíduo pode, então, desenvolver a percepção de si e do outro assim como a capacidade de amar e interagir com as demais pessoas, de se proteger contra ameaças e de agir de modo autônomo, desenvolvendo um estilo próprio. Torna-se, portanto, também capaz de satisfazer suas necessidades afetivas e de constituir uma nova família.

Galiás (2005) ressalta a fundamental necessidade de relacionamento eu-outro para a humanização dos arquétipos. Tal relacionamento e os fortes afetos característicos da ativação dos conteúdos arquetípicos são vivenciados pela primeira vez na família. Para essa autora, a natureza arquetípica das relações no seio da família confere uma tonalidade complexa e intensa aos vínculos ali estabelecidos. Galiás (2009) postula que as relações intrafamiliares não são apenas fator potencializador do desenvolvimento dos mais jovens, mas também influenciam o processo de individuação do casal parental. Tanto a criança ama e idealiza os pais quanto os pais amam e idealizam os filhos e, por meio de tal idealização cruzada, configuram e reconfiguram reciprocamente a autoimagem (narcisogênese) e desenvolvem a autoestima.

Spaccaquerche (2014) entende que a família cumpre uma função social, na medida em que introduz e acomoda o indivíduo em uma determinada sociedade por meio da transmissão de valores, ritos e mitos, garantindo, dessa maneira, a continuidade da cultura. Assim, para essa autora, nas sociedades caracterizadas pelo patriarcado, a família estaria subjugada ao poder patriarcal – seja esse representado pelo Estado ou pelos próprios pais. A sagrada família cristã seria um exemplo de uma família assim constituída: José, pai trabalhador, Maria, mãe zelosa, e Jesus que, depois de certa idade, ganha a liberdade, guiado apenas pelo Pai divino. Considerando-se esse padrão, é de se supor que o filho sairá da casa dos pais sendo amparado – ou, melhor dizendo, tendo uma fé psicológica – em um grande Pai. Essa hipótese parece não se aplicar na íntegra à família pós-moderna das sociedades ocidentais, tendo em vista, de um lado, a variedade de configurações familiares e, de outro, o aumento do número de jovens adultos morando com os pais.

Byington (1999) considera, a partir de uma perspectiva menos otimista, que a família tradicional patriarcal fixou padrões de identidade, tanto para o homem quanto para a mulher, enrijecendo papéis de maneira defensiva e normopática. As estereotípias de tais padrões embarçam a emergência da alteridade, o que limita o desenvolvimento das dimensões daquilo que o autor conceitua como Self familiar.

Colman e Colman (1995) adotam ponto de vista diverso e, ao discutir a mudança dos papéis feminino e masculino nas sociedades pós-modernas, destacam a importância da emergência dos pais diádicos, homens e mulheres capazes de, simultaneamente, perseguirem

uma carreira profissional e cuidar de seus filhos, de modo colaborativo. Esse novo modelo parental contribuiria para que filhos e filhas também viessem a assumir papéis variados, não mais estando presos aos padrões ditados pelo patriarcado.

Vale lembrar, todavia, que o casal parental nem sempre tem condições de oferecer o ambiente mais propício para a saúde psicológica dos filhos. Jung, (1910/1997) descreve como a criança encontra-se, inicialmente, indefesa em relação ao ambiente psíquico da família, e tudo aquilo que não foi vivido ou bem resolvido por seus pais, e mesmo a qualidade do relacionamento que entre eles existe, afetará a constituição da psique infantil. Isso porque a indiferenciação psíquica ainda presente na criança a levaria a não conseguir distinguir entre os próprios conteúdos e aqueles de seus pais. Tal estado de coisas fortaleceria indevidamente o vínculo entre pais e filhos e manteria o indivíduo preso a um estilo de relacionamento infantil, que pode se prolongar para além do período de desenvolvimento do ego e perdurar mesmo na fase mais amadurecida (JUNG, 1910/1997; WICKES, 1988; MALANDRINO, 2002). Wickes (1988) alerta para o fato de que não se dá a devida atenção ao vínculo psíquico e a esse estado de indiferenciação que perpassa todos em uma família. Essa autora observou o enredamento psíquico com os pais em pacientes com idade avançada que atuam, neurotizam ou até mesmo psicotizam devido à ainda poderosa influência parental e às exigências, por vezes cruéis, que tais relações impõem. A vida em família poderia, assim, se tornar um fator de contágio psíquico, enredando pais e filhos em um vínculo intenso e até mesmo perverso que, muitas vezes, só se rompe quando ocorre a morte, simbólica ou não, dos pais. Essa seria uma das hipóteses a se considerar ao analisar a permanência estendida de jovens adultos na casa parental.

No livro intitulado *Abandonarás teu pai e tua mãe*, Julien (2000), adotando uma perspectiva psicanalítica, argumenta que a competência para deixar o lar parental só pode ser forjada pelos próprios pais. Para esse autor, os pais devem também saber prescindir da relação com seus filhos para que estes desenvolvam tal competência sem culpa. É precisamente o vínculo existente entre o casal que possibilitaria que isso acontecesse. A qualidade da conjugalidade seria, portanto, determinante no sentido de levar os pais a não necessitar exclusivamente dos filhos como fonte de afeto. É o desejo existente entre o casal que inauguraria no filho a possibilidade de libertar-se das amarras, das obrigações que os fazem permanecerem na casa paterna.

Apoiando-se na teoria de Bowen, Martini (2012), em artigo teórico, resume as possíveis manifestações da dependência emocional familiar que influenciam o desenvolvimento dos filhos e sua possibilidade de diferenciar-se da família de origem: (1)

triangulação, quando, em um conflito dual entre membros da família, um terceiro membro é chamado a compartilhar a ansiedade; (2) troca de papéis, quando a flexibilidade da fronteira das relações é tão grande que os filhos são convocados a agir como genitores, situação também denominada “parentalização dos filhos”; (3) fusão familiar, que acontece quando a falta de diferenciação dos membros da família leva à formação de uma “massa de ego familiar indiferenciada” e à consequente dificuldade de separar o que é proveniente de si mesmo e o que advém do outro; e (4) dependência emocional conjugal, um padrão patológico de amor em que aquele que age como dependente busca suprir incessantemente as necessidades do parceiro, negando suas próprias necessidades, sentimentos e desejos; quando esse padrão caracteriza o casal parental, tende a se repetir nos relacionamentos conjugais dos filhos (MARTINI, 2012, p. 8).

Bowlby (2015) teoriza sobre os diversos padrões de apego que são transmitidos por meio da convivência familiar, padrões esses que, quando patológicos, representam um desvio do desenvolvimento e impactam o processo de diferenciação do indivíduo. Assim, o padrão de apego seguro aconteceria quando a mãe é empática e sensível à necessidade da criança e contribui para o desenvolvimento da autoconfiança do filho. Em contrapartida, quando a mãe não responde adequadamente à criança, teríamos a possibilidade do desenvolvimento do apego ansioso resistente/ambivalente (hiperativação do comportamento de apego) ou do apego ansioso-evitador (desativação parcial ou total do comportamento de apego). Os padrões de apego, felizmente, podem se modificar e, mesmo em casos nos quais a insegurança tenha se constelado, as relações amorosas ou de amizade têm o poder de reestruturar o padrão estabelecido e evitar a repetição de padrões intergeracionais de apego inseguros ou ambivalentes (VARGAS, 1997; BOWLBY, 2015; MONTORO, 1994).

Há, ainda, outros fatores que comprometem a estruturação do ego do indivíduo, o fortalecimento de sua autoestima e o impulso para o desenvolvimento psíquico. Assim, lares marcados pela violência, a patologia de um dos pais ou a patologia do vínculo do casal tornam problemático o desenrolar do necessário processo de idealização responsável pela atualização dos conteúdos arquetípicos que, em tese, são encarnados pelos pais pessoais. (STEIN, 1978; BENEDITO, 1993; VARGAS, 1997; GALIÁS, 2009; BYINGTON, 2014).

Assim, Galiás (2005) descreve as doenças do amor materno, afirmando que esse pode tornar-se disfuncional pelo excesso (superproteção) ou pela escassez (abandono), o que traria impactos para o desenvolvimento da autonomia, o crescimento e a realização de partidas. Por outro lado, as doenças do amor paterno dificultariam o distanciamento e a separação de identidades.

Tratando especificamente da figura paterna, Lima Filho (2002) entende que, em seus aspectos terríveis, o progenitor boicota e impede o desenvolvimento da capacidade do(a) filho(a) de libertar-se das amarras familiares, ao gerar uma dependência cada vez maior e profundos sentimentos de insegurança e inferioridade, que costumam ser compensados por inflações defensivas. Por outro lado, para Vitale (1979), os aspectos negativos do arquétipo do pai podem se constelar tanto na mãe quanto no pai pessoal, bloqueando o impulso natural para um caminho criativo e singular. Quando o impulso em relação ao novo é bloqueado, imagens regressivas ligadas à Grande Mãe são consteladas redundando na busca de satisfações infantis e trazendo consequências para o desenvolvimento da autonomia.

Quanto ao processo de desidealização, Galiás (2003) aponta que esse deve ocorrer de maneira cruzada e recíproca. Os pais também devem se libertar das expectativas que os fazem colocar amarras em suas relações com os filhos e vice-versa, já que os filhos também carregam dentro de si, consciente ou inconscientemente, a por vezes pesada idealização do que os pais esperam deles. Há, também, na visão de Galiás (2009) e Baptista (2012), em relações familiares marcadas pela patologia, a possibilidade de se constelar a polaridade arquetípica sombria e negativa em todos os membros da família, tomando o espaço de Eros. Filhos adultos se vingando e maltratando pais idosos, sombriamente tomados pelo desejo de vingança, ou pais que frequentemente fazem uso de chantagens emocionais são exemplos de situações dessa natureza. Nos estudos de caso que as autoras apresentam, levantam a necessidade de tornar-se “ex-pai”, “ex-mãe” ou “ex-filho” como libertação do aprisionamento promovido por uma situação familiar disfuncional. Tal atitude levaria à desidealização dos papéis recíprocos e complementares e poderia promover o encontro com uma família interior mais acolhedora ou estimular o desenvolvimento de amizades saudáveis.

Nesse sentido, Wahba (1993) considera que laços de fraternidade próprios das relações entre amigos podem ter uma função estruturante para a psique, contribuindo para evitar o isolamento e o excesso de individualismo. O arquétipo da fratria, atuante na amizade, possibilitaria, ainda, o estabelecimento de padrões de apego positivos e a experiência de uma intimidade possivelmente destituída de características aprisionadoras, tornando possível para o indivíduo a vivência de aspectos da alteridade. A formação de amizades pode ser um bom antídoto contra traços tão prevalentes na cultura ocidental, marcada pela valorização do poder, da produtividade, do individualismo e da competição, bem como pelo temor da fraqueza/vulnerabilidade e da autocrítica.

A possibilidade de superação dos aspectos disfuncionais das relações familiares pode ainda ser considerada a partir da análise daqueles mitos que, de um modo ou de outro, tratam

das relações entre pais e filhos. Para a Psicologia Analítica, tal estudo possibilita a compreensão de temas de caráter arquetípico e pode indicar soluções para aqueles problemas que desde sempre afligem o ser humano. Assim, por exemplo, o mito de Édipo, tão caro à psicologia, pode ser entendido como um alerta contra o incesto e uma indicação de que, para o indivíduo poder seguir em seu processo de individuação, é necessário que se liberte das amarras familiares.

Todavia, como nos alerta Kradin (2009), não é recomendável reduzir todas as questões familiares e do desenvolvimento infantil ao mito edipiano. Esse autor considera que, para compreender as relações na família, faz-se mister identificar uma infinidade de mitos prevalentes na dinâmica familiar e que respondem pelas características – e, em alguns casos, pelas psicopatologias – dos relacionamentos ali estabelecidos. Assim, por exemplo, utiliza a figura do *puer* quando analisa dois casos clínicos em que seus pacientes atribuem aos pais uma numinosidade tipicamente mítica, que se traduz em excessiva idealização. Para Kradin, os aspectos *puer* que esses pacientes apresentam devem-se a uma grande assimetria das relações familiares e a uma atitude narcísica dos pais. Em ambos os casos, a terapia dedicou-se, dentre outros objetivos, à possibilidade de humanização das imagens dos pais pessoais.

Lopez-Pedraza (1999) aborda justamente a necessidade de humanizar as imagens parentais ao analisar o mito de Hermes. Logo ao nascer, o mensageiro dos deuses entoou um hino em honra a seus pais, Zeus e Maia, a mais velha, bela e sábia das Plêiades. Em seu canto, Hermes os coloca na posição de amantes humanos e, desse modo, libera-os de expectativas, louvando-os como são e podem ser. É possível conjecturar que, ao assim proceder, coloca-se em uma posição simétrica em relação a seus pais divinos, posição essa favorável à vivência da autonomia necessária para libertar-se dos laços parentais.

A teoria dos complexos, proposta por Jung, já a partir dos primeiros estudos de associação de palavras, é outro recurso que possibilita analisar a influência das relações familiares no desenvolvimento da autonomia e da capacidade do indivíduo de se libertar de laços parentais aprisionadores. Segundo Jung (1910/1997), os conteúdos ativos do inconsciente pessoal se organizam como complexos – núcleos carregados de afeto, que possuem uma base arquetípica e gozam de certa autonomia em relação à atitude consciente.

[A palavra autônomo] Este termo significa a capacidade dos complexos de resistir às intenções da consciência, de ir e vir a seu bel prazer. De acordo com tudo que conhecemos deles, os complexos são grandezas psíquicas que escaparam do controle da consciência. Separados dela, levam uma existência à parte na esfera obscura da psique de onde podem, a qualquer hora, impedir ou favorecer atividades conscientes. (JUNG, 1910/1997, par. 1352)

Jacobi (1991) esclarece que o elemento nuclear ou arquetípico do complexo é atualizado segundo a disposição original da pessoa e das vivências ambientais e familiares. Nesse sentido, é possível traçar um paralelo entre o conceito de complexo e aquilo que Bowlby (apud MONTORO, 1994) chamou de modelos representativos internalizados, que seriam representações mentais carregadas de afeto e derivadas de experiências interacionais, que organizam a memória, dirigem a atenção e guiam o comportamento e a interpretação da experiência pessoal.

Complexos parentais seriam, portanto, formados a partir de uma base arquetípica e da experiência concreta com os pais pessoais. Fundamentando-se em sua prática clínica, Kast (1997) postula que uma das manifestações dos complexos materno e paterno pode ser observada no caso de indivíduos que não se desprenderam adequadamente das figuras parentais, permaneceram estacionados em uma fase anterior do desenvolvimento ou, simplesmente, precisam sempre se relacionar com uma pessoa que evoque seja a figura do pai, seja a da mãe.

Em *Memórias, sonhos, reflexões* (1961/1975), Jung relata sua intervenção com um paciente alcoolista que possuía um complexo materno fortemente constelado em sua psique e que trabalhava como diretor na empresa da mãe, apesar de seu potencial e inteligência surpreendentes. Não conseguia abster-se do conforto da proximidade do poder materno assim como não conseguia abster-se da bebida. Jung então recomendou que o paciente se demitisse. Assim, a partir de um atestado médico, uma morte simbólica pôde ser vivida e um padrão de relacionamento *puer*, transformado. Com a alteração do padrão de relação entre mãe e filho, a intervenção teve como objetivo evitar a continuidade da adição e a possível transmissão de um modelo de relacionamento imaturo. De fato, segundo o relato, o paciente, ao sair da influência da mãe e, desse modo, reduzindo a excessiva proximidade, trilhou seu caminho singular com bastante sucesso.

No texto “Constelações familiares”, Jung (1910/1997) propôs que o complexo poderia também se formar a partir do contágio psíquico entre pais e filhos, por conta das estruturas de linguagem compartilhadas. Considerando-se os pais também no papel de filhos, seria, portanto, possível teorizar que é algo que se transmite de geração em geração, como acontece na Oresteia, trilogia de Ésquilo que trata da maldição dos Átridas, mito que retrata a transmissão de elementos trágicos entre gerações.

Vale lembrar que apenas saber-se possuído por um complexo é insuficiente. A dissolução de um complexo requer um trabalho de conscientização que promova a vivência e a elaboração dos afetos a ele associados. Desse modo, há a liberação da energia psíquica antes

aprisionada e a retirada da autonomia do complexo. Todas as pessoas têm complexos. Sofrer não é em si doentio, sendo apenas um estado oposto à felicidade. Só é doentio ter complexos quando se nega tê-los.

Seja qual for o ângulo analisado, a revisão da literatura leva a ressaltar a importância das relações familiares na formação, desenvolvimento e consolidação da capacidade de autonomia do indivíduo, condição essa fundamental para a diferenciação do jovem em relação a seus pais e requisito importante para a constituição de uma vida independente e autoral. Sobre a permanência no lar parental, há de se considerar múltiplas variáveis. Caso se configurem relações disfuncionais, a permanência do jovem na casa paterna pode ser entendida como um sintoma que não diz respeito apenas ao indivíduo, mas envolve uma dinâmica familiar que afeta todos os membros da família. Nesse caso, é de se supor que a tarefa do jovem de desprender-se da contenção do lar paterno irá requerer um esforço conjunto de revisão dos papéis e das idealizações de todos os componentes do núcleo familiar.

7 MÉTODO

A natureza simbólica das miniaturas as transforma em um instrumento fascinante para se obterem características e padrões familiares não reconhecidos em um formato criativo e fantasiado. (GIL, 2012, p. 237)

7.1 Características do estudo

A pesquisa teve um caráter qualitativo e se constituiu de estudo de caso composto por uma jovem adulta e seus pais. O método de estudo de caso, que entrelaça teoria e privilegia a construção do raciocínio analítico, foi escolhido em razão de o tema investigado demandar uma análise aprofundada, a partir do olhar clínico sobre as relações dessa tríade, além de destacar a lógica de um recorte de história de vida singular, envolvido por seu contexto e complexidade (PENNA, 2004; D'ALLONES, 2004; CAPITÃO e VILLEMOR-AMARAL, 2007). Trabalhar com pai mãe e filho juntos foi apontado como oportunidade de pesquisa nos artigos levantados (FIGUEIREDO, 2008; SAVIETTO, 2012; BUNGE et al., 2012).

7.2 Local de realização da pesquisa

A anamnese familiar, a realização do genograma lúdico e a finalização aconteceram na casa da família, local mais conveniente para os participantes. Houve um espaço de tempo de um mês entre o primeiro e o último encontro.

7.3 Participantes

Os critérios de inclusão delimitavam que, na família participante, houvesse filho(a) que morasse na casa paterna, tivesse entre 30 e 35 anos e ganhasse acima de oito salários mínimos (R\$ 7.040,00). O critério de exclusão se referia à possibilidade de haver, no núcleo familiar, componente com transtorno psiquiátrico ou doença limitante. Os participantes foram indicados por uma psicoterapeuta que, conhecendo os critérios da pesquisa, indicou a família com quem a pesquisadora estabeleceu contato.

Participaram da pesquisa pai, mãe e a filha primogênita de 30 anos. Na família, havia outras duas filhas, mais novas, residindo na casa paterna. Essas, por não estarem na faixa etária delimitada por este estudo, não foram incluídas na pesquisa.

7.4 Instrumentos

O levantamento de dados ocorreu por meio de entrevista de anamnese familiar e da aplicação do genograma lúdico com miniaturas. Como instrumentos de registro, foram utilizados gravador de áudio (respostas à entrevista, verbalizações durante a realização do genograma, associações ligadas às miniaturas e outras expressões verbais) e máquina fotográfica (fotos da maquete do genograma e das miniaturas escolhidas).

7.4.1 Anamnese familiar

A entrevista de anamnese familiar foi respondida por todos em conjunto e composta por questões de caráter mais objetivo (idade, atividade profissional, religião, tempo de casamento, história familiar, atividades e interesses comuns) e questões que tinham como objetivo levantar aspectos mais subjetivos (crenças relativas à permanência da filha em casa, qualidade do vínculo, da comunicação e das relações familiares, modo de lidar com conflitos e mudanças, rituais e delineamento dos papéis assumidos). (Apêndices A e B).

7.4.2 Genograma Lúdico

7.4.2.1. Pressupostos

O genograma é utilizado na clínica para engajar a família e para identificar crenças e complexos familiares. É também um instrumento que pode contribuir como um mapa de informações visuais, clarificando padrões relacionais. Atualmente, tem sido cada vez mais difundido no meio acadêmico e se mostrado uma ferramenta útil para coleta de dados qualitativos, mostrando-se adequado em pesquisas que contemplem a dinâmica e a estrutura das famílias (CREPALDI e WENDT, 2008).

O genograma lúdico, por sua vez, funciona como uma espécie de jogo que permite um acesso mais imagético e sutil ao material emocional mais difícil. Para McGoldrick et al. (2012) e Gil (2012), a miniaturização dos problemas pode ajudar no manejo de conflitos. A cocriação do genograma pela família é uma forma importante de reunir e organizar informações sobre aspectos das relações familiares e é uma técnica amplamente utilizada na clínica sistêmica norte-americana para possibilitar a transformação dos relacionamentos de famílias em terapia. Devido à natureza simbólica das miniaturas, tal instrumento criativo

propicia a descoberta de padrões familiares não reconhecidos e um diálogo mais lúdico acerca de tais padrões, trazendo informações importantes sobre a visão que cada membro da família tem a respeito dos demais, bem como propiciando abertura para mudanças.

Gil (2012) entende que tal técnica fornece informações sobre a percepção que os membros da família têm uns dos outros, pois, ao escolherem dentre inúmeras miniaturas de animais, pessoas e objetos, baseiam-se em uma representação imagética de cada um e de si mesmos. Ao compartilharem as razões de suas escolhas, depois da observação do genograma finalizado, com as miniaturas na cartolina em cima dos locais que representam as posições no interior da família, os participantes expressam pensamentos que podem revelar dinâmicas relacionais. Tal método pode mitigar resistências e engajar a família por meio da visualização, tornando-se instrumento que, por estimular o uso da fantasia, auxilia na coleta de informações sobre características e padrões familiares menos conscientes.

De acordo com os objetivos desta pesquisa, o genograma foi considerado um instrumento útil por tratar das histórias familiares, do padrão de relações, das lealdades invisíveis.

7.4.2.2. Descrição da técnica

Nesta pesquisa foi utilizada uma variante do genograma clássico, o genograma lúdico com utilização de miniaturas. A assim chamada maquete do genograma constituiu-se de uma cartolina na qual foram previamente desenhados pela pesquisadora os signos mais simples do genograma convencional, representando pai, mãe e filha - quadrado para masculino e círculo para feminino. Em seguida, os participantes foram convidados a escolher, dentre uma série de miniaturas, uma para representar a si próprios e outras duas para representar os demais, colocando-as na cartolina, nas posições indicadas pelos signos. A técnica propõe, assim, que ao final da atividade, em cada signo desenhado, estejam colocadas, no mínimo, três miniaturas, que representam como cada participante vê a si mesmo(a) e como os demais membros da tríade o(a) veem. Para visualização do resultado dessa atividade nesta pesquisa vide item 8.2.1 (Visão geral da maquete do genograma lúdico).

Assim que todos posicionaram as miniaturas na maquete do genograma, teceram comentários sobre o motivo da escolha da figura e sobre as características da miniatura escolhida relativamente às características daquele que estava ali representado.

7.4.3 Gravador e máquina fotográfica

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. As produções imagéticas foram fotografadas. Os registros fotográficos para recriação da maquete do genograma lúdico com o objetivo de complementar informações.

7.5 Procedimentos

7.5.1 Procedimento de intervenção

A pesquisadora manteve contato telefônico com a família, para convidá-los, explicando as características da pesquisa e as condições associadas à participação – condições essas referentes ao disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse documento foi lido e assinado, no início do primeiro encontro e antes da aplicação dos instrumentos de pesquisa. Dentre os compromissos firmados, a pesquisadora se comprometeu a atender os participantes, individualmente, após as festas de fim de ano.

Foram realizados dois encontros com os três participantes. No primeiro, após a apresentação da pesquisadora, da assinatura dos termos e de breve explicação sobre como a pesquisa seria conduzida, passou-se à aplicação do genograma lúdico. Todos foram convidados a colocar, na maquete do genograma, miniaturas que representassem a si mesmos e aos demais e a esclarecer suas escolhas, associando as características da miniatura escolhida à pessoa ali representada. Após essa etapa, seguiu-se a anamnese familiar que levantou, entre outros dados, informações sobre a família estendida e gerações anteriores, história do casamento, contexto do nascimento dos filhos, marcos importantes, rituais, padrões familiares de relacionamento e de comunicação. (vide Apêndice A).

Durante a anamnese, estando todas as miniaturas dispostas na maquete, na mesa da sala de jantar da família, a filha espontaneamente pegou uma mala em miniatura com a qual passou a brincar. Essa cena foi intuitivamente fotografada pela pesquisadora. No segundo e último encontro, a maquete do genograma foi remontada, com base no registro fotográfico feito no primeiro encontro. Foi, então, solicitada a criação de uma história com os personagens escolhidos em consenso para representar cada membro da tríade, com o objetivo de ampliar as associações motivadas pelas miniaturas.

A fotografia da cena em que a filha mexia com a miniatura da mala foi mostrada para todos, levando a comentários e a outras associações. Algumas perguntas complementares de anamnese também foram realizadas (vide Apêndice B).

7.5.2 Procedimento para análise de dados

Considerando a especificidade da pesquisa na abordagem junguiana, Penna (2004) indica que a investigação psicológica implica o acesso ao inconsciente por meio do símbolo e o conhecimento derivado da compreensão simbólica realizada pelo pesquisador. Nesses termos, o estudo de caso mostrou-se um método adequado para este trabalho, que tem por base a Psicologia Analítica, uma vez que possibilitou integrar a observação de campo e os testemunhos colhidos, possibilitando tanto a consideração de fatores históricos quanto a interpretação simbólica dos discursos e das imagens produzidas.

A partir da visão proposta de estudo de caso, cada instrumento foi avaliado de acordo com uma leitura clínica adequada ao instrumento (GIL, 2012) e segundo a compreensão da pesquisadora, com base no método de processamento simbólico tal como apresentado por Penna (2004). Para os conteúdos imagéticos do genograma lúdico foi utilizado o método da amplificação simbólica. Após o genograma lúdico e a anamnese familiar terem sido avaliados separadamente, foi feita uma síntese do estudo de caso com apreciação e análise clínica geral de todas as informações obtidas.

7.6 Cuidados éticos

Esta pesquisa obedeceu às Resoluções: CNS/MS 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, referentes às diretrizes éticas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e às orientações e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP em sua Deliberação n. 06/2007, com inclusão de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos participantes da pesquisa. Na data da assinatura, o projeto denominava-se: “O Canguru e sua família: uma leitura junguiana”, no decorrer da análise e com o embasamento de pesquisas mais recentes este trabalho passou a denominar-se “Ressignificando o lar de origem: É hora de partir? Uma leitura junguiana” mantendo, todavia, os mesmos objetivos, método e cuidados éticos.

8 ESTUDO DE CASO

“Somos uma família perfeita.”

Família pesquisada neste trabalho

8.1 Descrição e caracterização da família

A família que participou deste trabalho foi encaminhada por psicóloga clínica, colega da pesquisadora, que conhecia os critérios da pesquisa. O núcleo familiar é composto por pai, mãe e três filhas. A primogênita, principal sujeito deste estudo, será chamada Carla (F), ganha mais de oito salários mínimos e possui apartamento próprio há cinco anos. Namora há quatorze anos com aquele que foi o seu primeiro namorado. A filha mais nova também está em um relacionamento estável, e o casal tem um filho de três anos. Todos moram na mesma casa. Carla e seu namorado moram com a família há cerca de quatro anos, tendo adiado diversas vezes a mudança para o apartamento que é dela.

Há onze anos, o pai trabalha como profissional autônomo. A mãe cuida da casa e do neto quando este sai da escola. Todas as filhas e os respectivos namorados trabalham. Todavia, é Carla a principal responsável por grande parte das despesas familiares.

Idades e profissões:

- Pai (P): 53 anos, corretor de imóveis;
- Mãe (M): 57 anos, cursou Psicologia, dona de casa;
- Carla (F): 30 anos, biomédica, ocupa o cargo de gerente;
- A filha do meio: 28 anos, turismóloga;
- A filha mais nova: 22 anos, estudante de pedagogia, estagiária em uma escola;
- Namorado de Carla: 33 anos, produtor;
- Namorado da filha mais nova: 30 anos, administrador.

O primeiro encontro entre a família e a pesquisadora aconteceu no final de setembro de 2016 e o segundo, no final de outubro. Todos demonstraram muito interesse em participar da pesquisa. Durante os dois encontros, o pai dominava a palavra e interrompia a esposa, fazendo com que Carla interferisse várias vezes pedindo que ele a deixasse falar. Desde o primeiro contato e apresentação, foi despertada na pesquisadora a motivação clínica e não apenas a de coletar dados com assepsia acadêmica. Estaria a filha, ao aceitar fazer parte da pesquisa, e sendo especialmente solícita, pedindo ajuda para poder se despedir, falar os não ditos e partir?

Não há registro, na família, de doenças físicas, psicológicas e adições. Em termos de doenças crônicas, o pai sofre de hipertensão e a mãe, de artrite, estando ambas as condições sob controle. Relatam, apenas, alguns acidentes com o pai.

Por ironia do destino, alguns anos depois que eu comecei a dirigir, meu pai sofreu um acidente, colocou seis pinos e parafusos na perna e ficou mais de seis meses sem dirigir e eu fiquei como segundo apoio, ninguém mais dirigia. (Carla)

Eu sempre fui muito... eu nunca fui no limite, sempre fui além do limite [...] Era uma festa de final de ano. Tinham (sic) quadriciclos. Todo mundo pum pum, devagarzinho, e eu já saí dando cavalo de pau, no maior pau. E o quadriciclo... pra não capotar eu chutei o chão e estourou o platão da minha tibia...mas antes disto já tive acidentes de moto. (P)

Carla reforça o comentário do pai, afirmando que ele “sempre foi muito aventureiro, muito. Andar de jet ski no máximo, de moto, no máximo. Mas eu sempre gostei disso, de andar de moto e jet ski com meu pai.”

Quanto aos fatos marcantes, há três anos nasceu o neto, filho da caçula de 22 anos. Isso mobilizou todos, pois exigiu uma nova organização da casa e a atribuição de tarefas tendo em vista a chegada dos novos membros da família (o bebê/neto e o namorado da moça).

A família mostrou-se bastante unida e festiva, impressão confirmada, por exemplo, pelo relato do modo como festejam aniversários: logo após a meia-noite, no primeiro minuto do dia em que o aniversariante celebra o seu nascimento, todos os demais, de pijama, cantam parabéns. Outro exemplo diz respeito à festa *open house*, para apresentar o novo apartamento de Carla aos parentes, cuja organização teve a participação de todos. Nessa ocasião, toda a família incentivou a saída de Carla da casa dos pais. Contudo, após a festa, a mudança foi reprogramada e adiada algumas vezes, e a última data planejada para a saída da casa dos pais foi dezembro de 2016.

Todos os parentes do pai moram perto, no mesmo bairro que eles. Constituem uma família que considera quem mora distante uma ovelha negra. Segundo o pai: “meu irmão é a ovelha desgarrada que mora mais longe.” Os membros da família estendida estão, em sua maioria, sempre a três ou quatro casas de distância (“minha mãe mora a quatro casas da minha” disse o pai). A mãe relata ter a companhia de “muitos maridos”: os namorados das filhas e a sogra. Não há, desde a morte da avó materna, registro de saída dos membros da casa parental. Há apenas entradas. Segundo o pai, “eu sempre trouxe os genros para perto de nós,

sempre. Assim, vamos viajar, vamos juntos; vamos passear, vamos juntos”. Segundo a mãe, “aqui é assim: tem que ter sempre mel”.

O pai foi descrito por ele mesmo, com anuência da filha e esposa, como um homem forte, às vezes bravo, mas também amoroso. Segundo a mãe, seu marido e seu sogro têm muitas características em comum.

Meu! Não dá! Eu sempre falei... Eu sempre fui um cara que foi muito gestor. Eu gosto de fazer, de proporcionar. Se eu não consigo proporcionar, o fato de ser proporcionado é uma coisa que me incomoda demais. [...] Não sei... Parece que meu pai me falou: você é o homem da casa, cuida de tudo e todos. Eu sigo fazendo [assim]. (P)

O pai enfatiza ser parceiro das filhas, ter sido muito parceiro da sogra, também, e ter em comum com a esposa a habilidade de cuidar, proteger e viver pela família. Confessou, ainda, certa teimosia. A pesquisadora notou alguma prolixidade quando ele se referia a seus próprios sentimentos.

A mãe pareceu ser delicada, acolhedora e mais aberta à saída da filha de casa.

Carla, por sua vez, pareceu ser bastante competente no trabalho, bem sucedida, esforçada e ambiciosa. Sua disponibilidade para a pesquisa parece ter demonstrado um desejo de se diferenciar da família conforme expresso, por exemplo, nas seguintes falas:

Acho que tem que ter muita garra para cuidar de todos na família e ficar em casa. Administro cinco lojas, mas cuidar do que minha mãe cuida é muita coisa. Eu tenho trejeitos do meu pai [e] da minha mãe, mas eu tenho coisas que são só minhas. [...] Meu pai é bem diferente do meu noivo. (Carla)

Os pais se conheceram há trinta e um anos, em uma festa à fantasia, na faculdade, uma semana antes do Dia dos Namorados. Na ocasião, ambos haviam terminado namoros de quatro anos. O pai brincava com os amigos, colocando o agasalho dobrado embaixo da camisa para se fingirem de grávidos. A mãe viu a brincadeira e riu. Depois disso, começaram a conversar. Acharam uma coincidência ela morar perto de um primo dele (era um bairro distante, que poucos conheciam). Depois desse contato inicial, quando saíram juntos pela primeira vez, ele a levou para conhecer a sua mãe. “Ele era muito casamenteiro, quer dizer, sempre namorava pra casar” (M). “Eu sempre quis casar e achei uma louca que aceitou” (P).

A mãe era filha única e seus pais eram muito protetores. “Minha mãe não me deixava nada” (M). Relatou que, na primeira vez em que saiu com aquele que viria a ser seu marido e passaram do horário de chegada avisado e combinado, sua mãe chorou e passou mal, e seu pai

foi esperá-los no meio da rua. No dia seguinte, quando P foi buscar a então namorada para almoçar na casa da sua família, a futura sogra pediu desculpas:

Ela disse: “eu sou muito preocupada, eu sou assim mesmo, você acostuma comigo”. E eu falei: “não, a senhora não se preocupe. Eu sou assim também. A senhora não se preocupe. Quem vai acostumar comigo é a senhora.” Ela tomou um susto comigo. (P)

P se identificou com essa característica protetora da sogra e relatou que, depois que ela faleceu, passou a se preocupar e ficar sem dormir quando as filhas saíam, papel que sua sogra fazia. “Acabou pegando em mim. Elas chegam tarde e eu fico preocupado” (P). Quando as meninas eram adolescentes, pedia para que elas, ao chegarem, não importando a hora, fossem dar um beijo nele para que ele soubesse que estavam bem. “Isso eu sempre exigi. Sou um pouco até bravo, né?” (P)

Namoraram, noivaram e casaram em menos de dois anos, assim que o sogro faleceu. O pai foi morar com a esposa e a sogra. A casa é a mesma até hoje e é onde todos moram. “Ele sempre foi muito urso, acolhedor” (M). “Minha sogra sempre foi muito batalhadora, muito guerreira, muito parceira minha. [...] Eu tive a mãe dela como se fosse uma segunda mãe” (P). Mesmo trabalhando fora, a sogra ajudou na criação das filhas e conviveu com a família durante os primeiros quinze anos do casamento, quando faleceu. “Minha mãe era superprotetora com todos. [...] Depois de três meses de casados já engravidei. Ele sempre quis ser pai” (M). “Por mim, a Carla já entrava de daminha no casamento” (P).

Segundo os relatos, a dificuldade em sair da casa dos pais e o padrão de apego parecem constituir temas intergeracionais, presentes nos relacionamentos das famílias parentais. Para a mãe de Carla, casar significou continuar na casa dos próprios pais. Por outro lado, o pai relata que, quando se mudou para a casa em que a esposa morava com a sogra, seu próprio pai recusou-se a ajudá-lo com as malas.

Eu lembro que, quando eu casei – eu acho que até comentei – quando eu vim pra cá, é aquela emoção, e o meu pai não quis trazer as minhas coisas pra cá. Quem trouxe foi a minha mãe. Eu acho que a gente vem trazendo de família em família essa questão de apego, de união. (P)

No que diz respeito a como veem a situação atual do casal, pai e mãe relatam cansaço com a rotina intensa. Segundo P, “eu trabalho sete dias por semana.” Além disso, a relação entre os dois está sofrendo o impacto da menopausa dela e da condição financeira dele. Quando questionados quanto ao tempo que investem na conjugalidade e na parentalidade, revelaram que estão muito focados nos papéis de pais e avós.

Referem que qualquer separação é difícil de lidar na família. Depois de um tempo, aceita-se, mas, de imediato, todos ficam bastante sentidos. A separação de uma irmã do pai foi dada como exemplo, tendo Carla comentado: “é difícil entender todos os tipos de separações, pois não tem isto em casa”.

Um dos momentos marcantes para a escuta clínica do caso foi quando o pai disse que não sabia fazer filho para o mundo, mas para ele mesmo. Carla protestou, dizendo que esse comentário era horrível, e, parecendo muito incomodada, levou a mão ao peito, gesto que, para ela, equivalia a um aperto no coração. Declarou que não gosta quando seu pai assim se expressa e que procurará agir de modo diferente com seus próprios filhos.

8.2 Genograma lúdico




8.2.1 Visão geral

Quadro 1 – Maquete do genograma lúdico



8.2.2 Miniaturas e associações

Quadro 2 – Campo da Filha

Autorrepresentação	Filha representada pelo pai	Filha representada pela mãe
<p style="text-align: center;">1</p> 	<p style="text-align: center;">2</p> 	<p style="text-align: center;">3</p> 
Nomeação da imagem: Cinderela	Nomeação da imagem: Branca de Neve	Nomeação da imagem: Princesa
<p>Comentários:</p> <p>Se tivesse a Bela aqui, ia ser a Bela.</p> <p>Não que eu me ache a princesa todos os dias, no dia-a-dia. Ao contrário, às vezes eu estou mais para bruxa má.</p> <p>Eu carrego isso também de fazer as coisas corretamente.</p> <p>E é lógico. Na hora, o primeiro que eu peguei foi o meu, de princesa mesmo, [por]que desde pequena...é meu apelido</p> <p>Da forma correta. Isso. Bem as histórias da Disney mesmo que tem que ir lá e que não sei o quê.</p> <p>Eu acho que tem muito ainda voltado nisso e também concordo com essa acidez. É como eu falei, eu tenho o meu lado da bruxa má.</p>	<p>Comentários:</p> <p>Para mim podia ser qualquer princesa. É o ar de princesinha delicada, aquela coisa angelical. Não é exatamente a figura da Branca de Neve, ou da...</p> <p>Eu também coloquei a Branca de Neve pela questão de ver uma princesa. Essa princesa sempre foi, desde que ela nasceu, o apelido dela é colocado assim.</p> <p>Se você pegar a personalidade dela, é uma personalidade bem forte, bem marcante e brava. Ela puxa bastante até de mim essa questão de brava, de fazer e tal. Só que, como ela foi a primogênita e sempre foi aquela delicadeza, aparente pelo menos, de belezinha, de coisinha, sempre foi colocada nesse sentido.</p> <p>Ela é bem “caxias”.</p>	<p>Comentários:</p> <p>A princesa não tem como... [É a] cultura aqui de casa, ele sempre chamando de princesa e eu acho que é uma princesa mesmo.</p> <p>Eu estava procurando uma fruta, um morango. Eu vejo você também como um morango e eu até estava em dúvida, por isso que eu falei das tortinhas.</p> <p>O morango, ele tem um lado ácido e ela sabe usar essa acidez, ela tem uma acidez em como ela encara a vida. E eu gosto. Apesar de toda essa candura de princesa, ou não, eu vejo ela também como um morango porque ela vai à luta. É lindo o morango, mas quando você dá aquela mordidinha... dependendo... é difícil ter um morango doce, mas ela tem a doçura da princesa.</p> <p>Faz as coisas corretamente como uma princesa é responsável.</p> <p>Isso mesmo! Tem seu lado bruxa má.</p>

*Os números associados às fotos referem-se à ordem em que as miniaturas foram colocadas na maquete.

Quadro 3 – Campo da Mãe

Autorrepresentação	Mãe representada pelo marido	Mãe representada pela filha
<p>1</p> 	<p>3</p> 	<p>4</p> 
<p>2</p> 	<p>5</p> 	
<p>6</p> 		
<p>Nomeação das imagens: Galinha, Gueixa e Gravidinha.</p>	<p>Nomeação das imagens: Anjo, Nossa Senhora e no final, Eunuco (Quadro 8).</p>	<p>Nomeação das imagens: Noiva e Nossa Senhora</p>







*Os números associados às fotos referem-se à ordem em que as miniaturas foram colocadas na maquete

Primeiro encontro		
Comentários da mãe	Comentários do pai	Comentários da filha
<p>A galinha acolhedora. Eu ponho todo mundo debaixo das minhas asas.</p> <p>E a gueixa [por]que eu tenho um lado meu mulher que é um... Eu abro o portão, sabe? Eu me sinto uma gueixa, principalmente para ele, e galinha em relação aos filhos.</p> <p>Nossa Senhora? Nossa! É porque sou religiosa?</p> <p>E é bom a gente refletir até que ponto essa imagem está desgastada. Entendeu? Porque eu fui num casamento e a imagem que tinha de mim é que eu era boazinha, “eu nem vejo você como avó, você era aquela menina boazinha com as suas filhas”. Sabe, assim, sempre me vendo como criança? Porque eu acho que me enxergam muito como criança. Tanto é que eu tinha um apelido que era Lolo. E eu vejo assim. Eu vi santa e tal... Eu acho que estou precisando mudar essa minha imagem que não está muito legal.</p> <p>[Ao colocar a “gravidinha” – figura da mulher negra grávida – fala para o marido] Quer saber? Você sempre me viu assim!</p> <p>Eu acho que você sempre me viu como mãe. Você sempre quis uma mãe para você, para os seus filhos. Essa é minha sensação.</p>	<p>Eu coloquei de anjo, um anjo protetor. Ela é altamente defensiva. Defensiva, na verdade, não. Defensora. Ela é muito defensora da família, das filhas em prol disso tudo.</p> <p>Eu também pensei na Nossa Senhora, mas, depois, pode parecer muito santa.</p> <p>Eu nunca vi você como mãe. A M foi uma pessoa que foi um braço direito num sentido muito legal, quando ela foi mãe, no sentido de tipo assim: você vai e cuida do que a gente tem de melhor e mais precioso. Entendeu?</p>	<p>Na minha visão, é a noiva e o noivo.</p> <p>Tipo assim: é a visão de um casamento perfeito, da cumplicidade da noiva. [Por]que formaram a família perfeitinha. Tudo certo. E do noivo que também estava ali para uma união, para a formação de uma família.</p> <p>Eu concordo com todos os itens que eles colocaram. Eu também fiquei muito em dúvida em colocar para a minha mãe a Nossa Senhora Aparecida.</p>

Segundo encontro		
Comentários da mãe	Comentários do pai	Comentários da filha
<p>As outras filhas perguntaram para mim sobre as miniaturas e como foi o encontro. Elas disseram que colocariam guerreiras para elas. Eu respondi que elas tinham razão. Percebi o quanto fiquei em outro tempo.</p> <p>Eu fiquei encucadíssima com a Nossa Senhora... Eu não quero ser boazinha...</p> <p>Ah, eu gostei [referindo-se à Santa, depois que a filha explicou suas razões]</p> <p>Verdade, né? Então vamos abrir as asas aí. [referindo-se à galinha, depois que a filha comentou que ela e as irmãs já são galinhas. Não há mais pintinhos.]</p> <p>É. Que eu até pensei que... Eu achava que ele me via assim, como mãe, como a “gravidinha”. E eu gostaria de ser vista como uma gueixa. Ah... tipo... a disponibilidade. A minha disponibilidade é infinita. Entendeu? Às vezes, eu até me pergunto assim: “Meu Deus, é muita disponibilidade, né? ” Mas, aí, eu falo... É que é uma coisa que, para mim, se eu não tivesse a disponibilidade, eu não sou eu. É uma coisa assim que eu já peguei... É uma espontaneidade minha mesmo. Entendeu? A gueixa é servidora. Está sempre... eu gosto de servir as pessoas, eu acho que é isso.</p> <p>[Dirigindo-se ao marido] Tudo bem, amor. Eu sei que eu sou a galinha. Mas era legal assim se eu fosse tipo uma gueixa.</p> <p>Então, o meu desejo para o futuro é que eu seja uma gueixa. Cuidando de mim, continuando a ser discreta, arrumando o meu cabelinho, arrumando a minha roupinha. Sabe assim? Olhando mais para mim, que eu gosto.</p>	<p>Ela [referindo-se à mãe] ficou me perguntando por que eu tinha escolhido a santa, que não podia falar... Ela não entende. Ela leva as coisas muito ao pé da letra. Aí, eu expliquei que não é questão de ser santa. É como uma acolhedora, nesse sentido.</p> <p>Gueixa, eu acho que não. Eu acho que ainda está... Toda a proteção e o cuidado dela está (sic) em cima da galinha. Tudo bem que ela não seria com o galo, mas a nível de (sic) cuidado geral. Entendeu? Se fosse para escolher entre um deles, eu acho que tudo bem. Eu escolheria esses dois aqui a nível de cuidado, mas não de obrigação da gueixa. Não é isso que eu entendo. Eu acho que ela faz de espontaneidade, porque ela gosta, porque ela cuida, porque ela ama. É diferente. Não é porque ela tem obrigação de fazer, tá? Mas eu acho que esse lado dela de cuidar é muito forte, esse lado dela de cuidar é muito forte. Se acontecer alguma coisa, mesmo que possa ser verdade, ela vai picar tudo que tem, que está chegando perto para proteger os pintos. Nem que os pintos estejam errados, ela vai fazer isso mesmo. Então eu vejo a galinha.</p> <p>Mas eu acho que a gueixa pode ser isso que você fala de servir, tudo bem. Só que eu acho que você está além de servir, você está a mais... Servir, você serve. A gueixa serve por uma questão de cultura dela, de criação que ela teve, de formação, mas ela não tem o apego. Ela tem mais o apego cultural de formação, [por] que foi criada para isso, para servir ao outro e mais ao homem assim, nem tanto à família. Entendeu? Mais ao homem em tudo, em qualquer aspecto do que realmente... Eu acho que ela não, eu acho que ela serve ao homem em prol da família, em prol de</p>	<p>Ahm... Eu concordo com tudo que eles falaram da galinha. Concordo sim. Mas, assim, eu não sei por que na minha cabeça, na hora, não veio a galinha. Por isso que eu estou tentando...</p> <p>A noiva. (Risos). E vou te falar um negócio: quando colocaram a Nossa Senhora Aparecida... Olha gente, que incrível!</p> <p>Eu não vejo a Nossa Senhora Aparecida como a santinha... Cada um interpreta o objeto do jeito que conhece, que tem informação sobre ele. Então, assim, eu não vejo a Nossa Senhora Aparecida como uma santa no sentido de tipo “Ai, é santa imaculada!” Não vejo dessa forma.</p> <p>Eu vejo a Nossa Senhora Aparecida como a protetora do país. Sabe assim? É. Eu vejo uma coisa assim meio forte. Tipo, ela é negra, ela é forte, ela apareceu, ela... sabe assim? Eu vejo... a magnitude que tem aquele santuário. Sabe? Tudo aquilo? Eu vejo uma coisa muito mais que... hummm, “aí, a perfeita”. Porque ela não tem uma história, né? Ela apareceu. Eu acho que é mais por isso. Mas, assim, tudo que eles falam em relação à galinha, eu concordo plenamente.</p> <p>O que eu vejo de noiva da minha mãe... Então... Essa figura do casamento muito forte, essa parte assim da união muito forte, em sempre ter um elo junto, buscar... administrar isso muito bem. Que eu acho que é uma... Mesmo que a gente fale “ah, não, ela não trabalha”, mas administração de uma casa... Isso não tenho o dom. E eu acho isso muito mais foda, muito mais difícil... Eu administraria cinco lojas, mas uma casa [não]...</p>

<p>Tem horas que é gostoso a gente curtir a gente.</p> <p>Às vezes acho que cuido mais dos filhos do que dele. Eu fico meio preo... Existe uma coisa em mim que é culpa, que às vezes eu penso assim “será que eu estou dando muito ali, será que eu estou dando muito acolá?”</p>	<p>todos.</p> <p>Mas eu acho que a gueixa não é isso. Eu acho que você está mais para protetora das crias, de todos... de crias que eu digo é até do neto e tudo mais. E não que ela... não por mim, não é isso não, mas ela faz isso tudo para acontecer.</p> <p>Eu não vejo você como gueixa. Mas não porque a gueixa não tem filhos, [mas sim porque] não é em prol da família. Talvez seja isso que falta.</p> <p>Eu nunca reclamei disso não. É mais do que suficiente pra mim. As vezes que eu brigo é tipo assim: eu vou discutir alguma coisa com uma delas, porque elas estão erradas, e ela tapa o sol com a peneira de tudo que é jeito, ela coloca... Eu falo “pô, não é possível que não está vendo”. Entendeu? Aí, eu fico bravo. Mas não porque é em relação a mim, nada disso. É por essas coisas. [referindo-se à fala da M. sobre a culpa]</p>	<p>Um pouco que eu fiquei aquele tempo com você... Deus Pai!, Não é para mim. Eu acho que tem que ser muito guerreira assim. Então, eu vejo essa figura de uma forma muito legal assim. Sabe? Eu acho isso. Mas, assim, eu acho que dentro de tudo isso eu vou ficar concordando com a galinha para finalizar o último assim, só quis fechar os meus pontos.</p> <p>Os pintinhos já estão todas galinhas, são todas mulheres já, né?</p> <p>Eu acho que uma coisa que é muito próximo da gueixa é essa discricção, essa... Isso é muito da minha mãe, essa discricção.</p> <p>Essa parte... até mesmo... A gueixa é muito misteriosa nessa parte, então, assim, para você descobrir esse misteriosa da minha mãe... Tipo assim, se alguma coisa... Ele tem que chegar num ponto muito mais alto porque ela vai deixar um certo mistério no ar para você tentar desvendar essa equação assim. Entendeu? Então, isso eu acho muito interessante e eu acho que ela tem isso muito de gueixa ali. Para você descobrir alguma coisa que está sentindo nela é porque o negócio vai explodir, quando ele está bem lá na frente. Então, eu vejo isso. E eu acho que também essa parte assim... a gueixa é muito vaidosa, ela é muito [atenta] a todos esses detalhes. A minha mãe é muito assim, ela é muito vaidosa, ela pensa em todos os detalhes. Ela gosta de um... um quimono? Eu não lembro como chama. São os mais bonitos da gueixa, sabe? Então isso é muito da minha mãe.</p>
--	--	--

Quadro 4 – Campo do Pai

Autorrepresentação	Pai representado pela filha	Pai representado pela esposa
<p data-bbox="288 622 309 651">1</p> 	<p data-bbox="635 622 655 651">2</p>  <p data-bbox="635 1003 655 1032">4</p> 	<p data-bbox="1018 622 1038 651">3</p>  <p data-bbox="1007 1003 1027 1032">5</p>  <p data-bbox="1007 1417 1027 1447">6</p> 
<p data-bbox="245 1518 603 1617">Nomeação das imagens: Cavaleiro, Samurai (rosto coberto)</p>	<p data-bbox="628 1518 986 1617">Nomeação das imagens: Noivo e Cavaleiro (espada quebrada)</p>	<p data-bbox="1011 1518 1385 1617">Nomeação das imagens: Urso, Caminhão de bombeiro e Kombi escolar</p>

*Os números associados às fotos referem-se à ordem em que as miniaturas foram colocadas na maquete

Primeiro encontro		
Comentários do pai	Comentários da filha	Comentários da mãe
<p>Tem um cavaleiro aqui, acho que é isso, o samurai. [antes de escolher a miniatura]</p> <p>Eu sou o cavaleiro ali porque eu sou exatamente muito isso que falou, eu sou muito defensor e cuidador. Eu me vejo assim e eu me sinto dessa forma.</p> <p>Esse é um cavaleiro que vai na frente, vai abrindo, vai protegendo mesmo.</p> <p>Eu acho que esse aqui é mais desbravador, ele é mais de frente.</p> <p>Qualquer incêndio que tem, qualquer coisa que acontece, é na minha porta que batem primeiro, todas elas.</p>	<p>Na minha visão, é a noiva e o noivo. Tipo assim: é a visão de um casamento perfeito, da cumplicidade da noiva. [Por]que formaram a família perfeita, tudo certo. E do noivo que também estavam ali para uma união para a formação de uma família.</p> <p>Eu tive a mesma percepção, só que do outro cavaleiro. Não sei. Eu vejo mais o rosto deste. Acho que eu fui mais com a cara desse. O branco e azul, eu achei meio coberto.</p> <p>Mas, aqui, eu achei que ia ficar muito bem como fechou assim, principalmente com a minha visão de filha em relação a uma família que os dois formaram como formaram [referindo-se ao noivo que faz par com a noiva que ela colocou para a sua mãe].</p>	<p>É o urso, porque ele abraça também, ele protege. A sensação é de proteção.</p> <p>Eu acho que está tudo muito próximo. Dentro da questão de proteção, toda a questão que ela colocou, essa doçura com toda essa... Apesar de ser doce ela é forte, porque no final cada uma das personagens tem a sua força também, isso corresponde bem a ela. E ali também a questão de abraçar, de ser guerreiro, de cuidar. Eu acho que está perfeito.</p> <p>Para você eu colocaria também um carrinho de bombeiro. Porque ele é bem... como eu posso dizer? Apaga fogo, heroico. Por exemplo, se alguém está no hospital é ele que tem que ir no hospital. “Posso ir aí. O que você tem?” “Está com o marido, mas eu posso ir lá.” O carro quebrou e ele vai lá. Perdeu a chave e ele vai lá levar a chave. Ele tem isso. Então eu coloquei também o bombeiro.</p> <p>Também colocaria a perua escolar porque, uma época, na adolescência das meninas, ele carregava todo mundo, os amigos da escola. As mães adoravam. Ele levava, ia buscar nos bailes, nas festas. Eu [é] que às vezes falava “calma”!</p>

Segundo encontro		
Comentários do pai	Comentários da filha	Comentários da mãe
<p>Eu sou o apaga fogo, o protetor, eu sou o urso... É exatamente isso. Eu só não lembro o que é esse cara aí [referindo-se à miniatura representando o noivo].</p> <p>Mas o urso não tem nada disso, ele é bravo pra caramba [respondendo à fala da mãe sobre o urso].</p> <p>Por baixo de toda essa armadura, deve ter um coração de leão aí, alguma coisa que abraça, que traz, que...Porque, se não, ele não faria, não teria essa coragem de ir pra frente, de proteger, de fazer qualquer coisa. Então, eu acho que tudo bem, que tudo ali basta. É a bravura, a imposição, a imponência, a postura...</p> <p>Mas eu não sou manco, não. Tem perna quebrada. [referindo-se ao fato de o cavaleiro não parar em pé]</p> <p>Nunca vai dar para tirar a armadura. Um dia meu pai deve ter dito para mim: “Olha! Você é o homem da casa e vai cuidar”. Não sei... Aquilo ficou comigo.</p>	<p>Pai, o noivinho fui eu que coloquei... Era a figura do marido da esposa... da mulher, dos noivos.</p> <p>Eu vejo meu pai com uma armadura, de uma forma muito forte.</p> <p>Sim, o urso é assim. Ele cuida muito bem da prole dele e baba [referindo-se a fala da mãe sobre o urso].</p> <p>Hoje em dia, a gente não precisa mais do guerreiro com essa armadura... Hoje, eu vejo que não existe uma figura ali que é “óóó, um pedestal”, ou uma figura que é inatingível. Não, pelo contrário. Em alguns momentos, a gente tem que ser, e em outros momentos nem tanto... Pode baixar essa armadura! As suas filhas estão muito bem orientadas, encaminhadas e muito!</p>	<p>A armadura me convenceu.</p> <p>Acho que o urso pelo acolhedor. Supre a carência da família, assim, a carência de apego, carinho, afeto, tudo. Ele é mais carinhoso.</p> <p>O noivinho é aquele com 31 anos de casado, aquela coisa bonitinha. Quando perguntam se estamos bem, eu acho que sim. Eu acho assim, aquele noivinho assim, estamos firmes. É o termo do casamento que está estruturado, que estamos indo.</p> <p>Mas é a armadura dos seus sentimentos [dirigindo-se ao esposo quando este diz que nunca vai dar para tirar a armadura].</p>

Quadro 5 – História contada em conjunto

[A história foi relatada basicamente pelo pai. A mãe e Carla só consentiram e fizeram alguns apartes.]

Pesquisadora – Vocês seriam capazes de contar uma história para mim com esses três personagens – o consenso de vocês – a galinha, o cavaleiro e a Cinderela, a princesa loira?

P – História?

Pesquisadora – É.

P – Ah... Era uma vez um cavaleiro que encontrou a sua galinha. Essa galinha deu um ovinho. Desse seu primeiro ovinho nasceu a sua princesinha.

F – O que é isso? (rindo)

P – Nasceu o seu primeiro ovinho que era a sua princesinha. Essa princesinha era muito querida, principalmente pelo cavaleiro, que, por ele, essa princesinha já vinha escoltando esse casal. Eles não precisavam de muita coisa.

(Risos)

F – ‘Tadinha, o carma da princesinha.

P – E ela foi uma grande surpresa, então foi muito grata. Foi muito querida nesse sentido todo. Apesar do cavaleiro ser muito jovem e...

F – A galinha também.

P – A galinha era mais madura. Então, a gente acabou... De uma certa forma, foi muito bom. Nós conseguimos ter um convívio muito... Acompanhamos de criança mesmo, brincando com criança. Isso foi muito legal. Até que vieram as irmãs da princesa, as outras princesinhas. E também foi tudo muito legal, cada um na sua fase, no seu momento. Mas eu acho assim. A história é bem essa mesmo. Foi uma coisa que, por acaso, deu certo. Por acaso mesmo, porque nós fomos nos encontrando muito por acaso, né? Foi bem por acaso mesmo.

M – Por acaso.

P – Então esse por acaso foi aquele por acaso de repente dá certo nesse sentido.

F – É... eu acho que...

P – Temos todos os problemas, como todo mundo tem e por aí vai. Mas independente disso, as coisas são... são compreensíveis, são totalmente... sabe? Ela me dá força quando eu preciso, sempre deu, ela é muito...

A – Ela quem?

P – Ela, a galinha. Ela sempre foi assim muito de... às vezes o negócio não está bom e ela não é aquela que “pá, cadê não sei o quê” (imitando grito). Não! É “paciência!”, “vamos lá!”, “vamos fazer”, “as coisas são assim” e “é assim que temos pra hoje”, “é assim que vamos ser”. Entendeu? Até numa forma até de... eu não digo conformismo. Não é isso. Mas de tipo “vamos lá!”, não tem outra forma de ser, mas vai ser assim e vamos lá.

[...] Tipo pô, ela sabe que é ou não é. Quando é, vai bem. Quando não é, ela sabe surfar muito bem em todos os momentos, sabe? No momento que está no auge, que está bem para caramba, como também quando está sem nada. Ela vai junto com isso, ela é a mesma companheira em cima, embaixo e no meio. Entendeu? Então eu acho que isso é muito bem, isso é bem legal, é um grande apoio.

Quadro 6 – Miniatura adicional: a mala

Foi incluída a miniatura abaixo retratada, que não fez parte da maquete, mas que se revelou significativa. Durante o primeiro encontro, Carla ficou brincando com a miniatura de uma mala. Isso foi intuitivamente fotografado pela pesquisadora. A foto foi revelada e, no segundo encontro, utilizada para perguntar sobre o significado da miniatura para cada um dos três.



Comentários da mãe	Comentários da filha	Comentários do pai
<p>Quer dizer: “é gente! Estou indo hein”. É a malinha de ir embora, “estou pegando o rumo”. Pode ser isso, não sei. Quer dizer, “estou indo”.</p> <p>Bye bye. Estou indo.</p> <p>Mas mala quer dizer que você estava pegando as suas coisas e indo embora. É. Ainda pegou uma mala muito chique.</p>	<p>Sou eu segurando a malinha?</p> <p>Nossa, nem lembro.</p> <p>Então, gente, <i>here we go</i>, né?</p> <p>Eu podia estar brincando com um carrinho, né? [depois da primeira fala do pai]</p> <p>Ainda peguei a mala linda da Burberry. [O logotipo desta marca é, aliás, um cavaleiro parecido com o que o pai colocou – nota da pesquisadora].</p>	<p>Olhando a foto assim não me diz nada. É só ela segurando a malinha.</p> <p>Não me diz nada. É ela mexendo na malinha. Juro, eu vejo ela mexendo na malinha. Nem numa malinha. Mexendo numa caixinha.</p> <p>É. Um pau de arara. Estou pegando o meu pau de arara e estou indo embora. [respondendo ao comentário da filha sobre o carro].</p> <p>Ah, dentro da conversa, desse contexto, falando alguma coisa,</p>

	<p>E, de repente, aí eu estava anunciando sem querer.</p> <p>Mas eu acho... Eu achei muito interessante. Eu achei que eu nunca ia cair nessa... Caí! (risos) [respondendo à fala do pai sobre a caixa não ter a simbologia de uma mala].</p>	<p>é... Eu não vejo que isso é “ah, agora estou indo, estou tomando uma atitude por isso”, não... Eu acho que ela já está decidida no que vai ser feito... Está apoiado de todas as formas. Eu acho que vai. Vai, tem que ir, vai mesmo! É... como eu falei, na hora que tiver que ir vai ser o mutirão... o mutirão de fazer e ajudar. Eu não acho que isso vai ser problema nenhum de ela ir. Ela vai ter todo o apoio de ir, da mesma forma que ela que teria todo o apoio de voltar. Você entendeu? Isso não existe. Ela sempre foi apoiada em tudo que... Ela não. Elas. Elas sempre foram apoiadas em tudo que elas quiseram, que elas necessitaram. Então isso para mim não significa muita coisa.</p> <p>A questão de que ela estava brincando porque ela vai, porque ela precisa... Não! [...] Se sentisse sozinha, alguma coisa, ela poderia voltar para cá e ficar dormindo porque o G não está aí. Também não teria nenhum problema, não seria visto de uma forma “ah, não, agora você foi e tem que ir... tem que ficar”. De forma nenhuma.</p> <p>Então, eu acho que é no sentido assim. Eu acho que é uma extensão, é uma extensão da nossa casa. O apartamento é tão pequenininho que é um quarto que está um pouco mais longe. Entendeu? É só isso. Eu não vejo nenhum problema.</p> <p>Eu estava tentando entender qual será o significado da caixinha que ela quer saber. Porque ela falou “é a minha mão, é uma malinha”. Eu não vejo assim como uma simbologia da mala, da viagem, que “eu estou indo”.</p>
--	--	--

Quadro 7 – Miniaturas adicionais: irmãs

As miniaturas abaixo retratadas foram escolhidas no primeiro encontro e se referem às representações das outras duas filhas. Embora não tenham feito parte da maquete, revelaram-se significativas. A pesquisadora solicitou que os três juntos escolhessem, consensualmente, miniaturas para representar a filha do meio (F2) e a filha caçula (F3). O pai se mostrou bastante persuasivo e sua escolha acabou prevalecendo, como se pode verificar no diálogo abaixo transcrito.

F2



F3



Diálogo Consenso Irmãs

M – Eu posso começar e depois vocês dizem se concordam ou não. Cadê a gravadinha?

F – Tem a gravadinha. Tem o bebê também.

M – Eu já pensei na F3.

P – Eu não acho isso não. Ela tem um instinto maternal muito legal, mas eu não acho isso não.

M – A F2, cadê o avião?

P – Não, não. Aí você está falando por causa do trabalho.

F – Eu não acho que é por causa do trabalho.

P – Eu acho que não.

M – Eu acho.

F – Vamos pensar na F2.

M – É a She-ra?

F – É uma fadinha.

P – A F2 é a pura delicadeza, a pura ternura. Ela é muito delicada, é muito carinhosa.

F – Mas olha o objetivo, veja o que te lembra para depois a gente discutir.

P – E a F3 eu acho ela fechada. Ela é uma menina fechada.

M – Essa aqui é uma princesinha também. Vamos ver a F2.

F – Eu concordo aqui também, eu acho que é isso e isso.

M – O avião não, vocês não concordam?

F – Olha aquela mala ali.

P – Essa é a F2. Ela gosta de viajar e comer.

M – Falta alguma coisa na F2. Ela também é meio coruja, ela é toda família.

F – Tem uma tartaruga ali atrás.

M – Eu estava procurando uma lagartixa.

P – Mas aí vocês estão puxando ...

M – Eu estou brincando. Olha! Tem biscoitinho aqui.

F – A F2 já tem muito mais do que todos nós aqui.

M – É. Tem o Sucrilhos, a pasta.

P – Pera aí, você vai pegar tudo para ela? Tem que pegar uma coisa.

M – Eu estou selecionando e depois a gente descarta. A F3 é um Piu Piu, porque quando ela era pequeninha...

P – É o Piu Piu, concordo.

M – Ela falava igual.

P – E a F2 eu já vejo ela... Eu queria uma coisa doce.

F – Tem o anjinho.

P – Esse aqui é a F2. Eu acho que é esse.

M – F3 é o Piu Piu?

P – Isso.

M – Não é a grávida?

P – Não. Ela tem o lado maternal, mas não é o caso, eu acho que é mais o pintinho.

F – Hoje eu vejo a F3 mais aqui, aqui eu vejo...

M – Ela tem um ladinho bem Piu Piu sim.

F – Tem. Mas hoje eu vejo [que] ela já evoluiu para cá (apontando a grávida).

M – Piu Piu.

F – Piu Piu

P – Piu Piu. A F2... Eu estou no anjo. Ela é muito doce, é muito angelical. Ela se preocupa. Se você se chateou ela se chateia. Ela se preocupa se deixou você chateado. Ela é daquela que qualquer coisa ela... ela se chateia, mas ela também é muito carinhosa. É a mais carinhosa de todas. É aquela que vem, te abraça, te beija, fica agarradinha, que deixava de sair com as amigas para sair com a gente. Era incrível! Ela ia sair com as amigas, aí eu falava que eu ia sair com a mãe dela e ela pegava o telefone e desmarcava com as amigas e saía com a gente. E ela é assim até hoje. Por exemplo, ela está com o namorado dela abraçada, eu sento do lado e daqui a pouco ela larga o cara, vem e me abraça.

M – Esse aqui é um Sagitário?

F – É um unicórnio.

P – Eu não acho esse não.

M – Ela tem esse cone e pode dar as cutucadas dela também.

P – Mas ela cutuca muito de leve. A F2 falta...

M – Você que pensa.

P – Eu acho que a F2 fala muito e age pouco.

M – Tá bom.

F – Eu não acho não.

P – E a F3 é brava, ela é fechada. Ela é a pura doçura com o filho dela. Tirou o filho dela... não tem nem marido, não tem pai, não tem nada. Aí ela é brava.

M – Espera aí que eu estou confusa.

P – A F2 é ternura. Mas eu ainda acho que falta um pouco de braveza nesse Piu Piu aí.

F – Mas o Piu Piu, ele dá umas bicadinhas.

M – Dá.

P – Deixa no Piu Piu mesmo.

Quadro 8 – Miniatura extra - eunuco

A miniatura abaixo retratada foi aquela que, ao final do primeiro encontro, chamou a atenção do pai quando este guardava o material do Genograma Lúdico. Segurando a figura, o pai a chamou de “eunuco” e sugeriu, rindo, que sua esposa a devia ter escolhido para representar a si própria. (“Aí M! Você devia falar que era um eunuco”). Ao que a mãe apenas respondeu: “Ah! [nome do pai]!” Não foi possível explorar justificativas e associações, porque o trabalho do primeiro dia já havia se encerrado.



8.3 Análise do caso

8.3.1 O pai

O pai escolheu a miniatura do cavaleiro para se representar, chamando-a, inicialmente de “samurai” que, por ser um personagem da cultura japonesa, pode ser entendido como o par mítico da gueixa, uma das miniaturas escolhidas pela mãe na sequência. Todavia, assim que a mãe fez essa escolha, o pai passou a nomear a figura que o representa como “cavaleiro”, figuração que estaria mais ligada às princesas, miniaturas associadas à sua filha. Juntando a outras observações, é possível levantar a hipótese de que, para esse homem, o vínculo com a filha tem prevalência nas relações familiares. Essa suposição ganha ainda mais força diante do testemunho de ambos, pai e mãe, de que se veem mais como pais e avós, investindo menos na relação conjugal. Deve-se notar, ainda, a relutância do pai em aceitar a fala da esposa sobre querer ser mais mulher/gueixa, escolha que ele não considerou a mais adequada em razão de a gueixa “servir apenas ao homem” – ou seja, definir-se pelo relacionamento de casal – e não agir “em prol da família”. Podemos considerar esse mais um dos indícios – entre outros, como o não reconhecer a figura do noivo para se representar – de que a conjugalidade estaria, para ele, em segundo plano, quando considerada em relação ao vínculo estabelecido com as filhas. Nesse sentido, note-se o trecho da história que ele cria, a partir das miniaturas escolhidas em consenso com a esposa e a filha: “Essa princesinha era muito querida, principalmente pelo cavaleiro, que, por ele, essa princesinha já vinha escoltando esse casal.”

Dentre as figurações a ele atribuídas pela esposa, encontra-se a do urso que ela mesma associa a proteção e a abraço. Vale lembrar que o urso é uma figura frequentemente utilizada na heráldica, simbolizando força, destreza e ferocidade quando em defesa de sua família. Todavia, também é associado à ideia de animal brincalhão que gosta de mel. O pai, de fato, reconhece-se como alguém forte, às vezes bravo, sempre protetor de sua prole e afetivo (valoriza o “mel” a que sua esposa se refere e que atrai outras pessoas para o convívio com a família).

A figura do cavaleiro, por sua vez, comporta traços heroicos – assim como o carro de bombeiros – traços esses que são apresentados com certo orgulho, principalmente no relato que o pai faz de suas aventuras motorizadas – marcadas pelo gosto pela velocidade e pelo risco – e no modo como ele descreve a sua miniatura (“Por baixo de toda essa armadura, deve ter um coração de leão [...] Porque, se não, ele não faria, não teria essa coragem de ir [em]

frente, de proteger, de fazer qualquer coisa [pela família]). Todavia, parece haver um custo psicológico envolvido ao assumir esse papel, custo esse representado pelo peso da armadura e pelo lamento que esse homem deixa explícito ao dizer que nunca daria para “tirar a armadura” (“Um dia meu pai deve ter dito para mim: ‘Olha! Você é o homem da casa e vai cuidar’. Não sei... Aquilo ficou comigo”).

De outra parte, esse herói parece estar apresentando sinais de fraqueza, que talvez sejam difíceis de assimilar – possivelmente relacionados à percepção de que o poder ligado ao papel de pai e provedor da família está em declínio – como revela o comentário que o pai faz, ao se dar conta de que a miniatura escolhida não parava em pé sem a ajuda de um apoio (“Eu não sou manco não, hein?”). Sentimentos de inferioridade e de vergonha podem estar associados a essa percepção, o que se infere dos comentários feitos em relação ao fato de que fazia muito mal para ele não ter podido bancar a faculdade das filhas ou que, atualmente, a maior parte das despesas da casa está a cargo das três, e, principalmente, da filha mais velha (“A verdade é que nós atrapalhamos muito ela financeiramente, se não, ela já teria mudado anos atrás. Basicamente, é exatamente isso, se ela não tivesse tido tanta responsabilidade que não cabia a ela [mas] a mim, entendeu?”).

Ao falar sobre a iminência da mudança da filha, o discurso do pai revela o quanto a separação será, para ele, difícil e dolorosa (“Eu vou chorar muito.”). Desde o primeiro encontro para a aplicação do Genograma Lúdico, ele declarou categoricamente não ter “feito” filho para o mundo, mas para si próprio, enfatizando que ter filhos e mantê-los junto a si é um aspecto importante de sua vida (“Eu acho sinceramente que ela nunca vai se desligar daqui.”). A esse respeito, não deixa de ser curioso o fato de que o casal se conheceu em uma festa em que ele se fantasiou de “grávido”. No segundo encontro desta pesquisa, chegou a admitir a possibilidade de “certo desligamento”, minimizando a separação (“Eu acho que é uma extensão, é uma extensão da nossa casa. O apartamento é tão pequenininho que é um quarto que está um pouco mais longe, entendeu?”). Contudo, ainda manifestou sua dificuldade em enfrentar a situação (“Poxa! Eu vou chegar em casa, minha filha não vai chegar aqui em casa, ela vai chegar na casa dela. Pode ter certeza [de] que vou ligar toda hora como eu sempre faço”). Reconheceu, todavia, o quanto tal dificuldade estava associada, de algum modo, às suas próprias necessidades (“[...] aqui estamos abertos a todos os canguruzinhos que necessitarem. Entendeu? E não só por eles, mas por nós também. É muito importante para nós termos eles próximos da gente”).

A família, no discurso do pai, aparece como valor supremo (“Se eu fosse na Itália e tivesse máfia, eu seria o chefe da máfia [...] Porque eu me doo por elas e por todos, pela

família inteira”). Outro aspecto a ser pontuado é uma sutil rivalidade com o genro diante das diferenças no modo de se constituírem como casal, atribuindo espaço para a individualidade, diferentemente, talvez, do casal parental (“Eles são um casal muito estranho, um vai pra lá e outro vai para cá, é muito estranho.”). Ou, ainda, quando o pai se referiu ao comentário da avó paterna sobre esse namorado, no início do namoro, há quatorze anos (“Eu não acredito que esse ogro está namorando com a minha neta”).

Relatam ter muitas diferenças culturais entre as famílias de Carla e de seu namorado, exemplificado nesta fala do pai: “Ele que deu [o apelido de “família perfeitinha”], ele colocou de uma forma irônica, mas caiu tão bem que ficou.” Todavia, complementam que, hoje em dia, as diferenças coabitam de forma harmônica e a convivência fez bem a todos, com aceitação afetiva de ambas as partes.

8.3.2 A mãe

A primeira miniatura escolhida pela mãe é a da galinha, com a qual se identificou, por perceber que age de modo protetor, colocando todos “embaixo de suas asas”. Em seguida, escolheu a miniatura que denomina “gueixa” e, por último, aquela que recebe o nome de “gravidinha”, cujos significados serão explorados mais adiante.

Dentre as figuras a ela associadas pelo esposo e filha, demonstrou bastante incômodo com as imagens de “anjo” e de “santa”, por entender, inicialmente, que correspondiam a uma visão de si como uma pessoa “boazinha” (“Ah, que eu não quero ser boazinha! [...] Eu quero ser ruim. Um pouco ruim. Sem dúvida!”). Essa reação parece compor um quadro em que se destaca o desejo de mudança, desejo esse que se contrapõe, de um lado, ao que ainda é esperado dela por parte do marido (“Eu acho que você sempre me viu como mãe. Você sempre quis uma mãe para você, para os seus filhos. Essa é minha sensação.”) e, de outro, aos papéis que está acostumada a assumir: o da mãe sempre disponível e protetora, e o da esposa submissa (“[...] gente, eu tenho muitos maridos. Tem o G, tem o G2, tem o P, tem a minha sogra que é meu marido.”).

A mudança desejada estaria representada pela “gueixa”. Vale lembrar que, na cultura japonesa, gueixa é um termo que significa artista. As gueixas são mulheres com formação em diferentes artes – dança, canto, conversação – dedicando-se ao entretenimento de clientes ou convidados em banquetes, casas de chá ou outros locais (públicos ou privados) onde sejam requisitadas. São caracterizadas pela forma especialmente cuidadosa com que se vestem, se penteiam e se pintam e não se ocupam com as tarefas domésticas, estando livres da rotina de

uma dona de casa; em vez disso, usam seu tempo para os estudos das artes e sua prática. São valorizadas como profissionais e, quando bem-sucedidas em sua carreira, podem conquistar a independência financeira. A sofisticação, o cuidado com a aparência e a maior autonomia do que a experimentada pela mulher japonesa tradicional são atributos que coexistem com a mulher que está a serviço dos demais.

Vê-se que, inicialmente, a mãe associa a gueixa justamente à sua própria disponibilidade e ao seu gosto em servir aos outros (“E eu gostaria de ser vista como uma gueixa. Ah... tipo... a disponibilidade. A minha disponibilidade é infinita. [...] A gueixa é servidora. [...] Eu gosto de servir as pessoas, eu acho que é isso.”). Mas algo dos aspectos da gueixa mais ligados ao desenvolvimento da própria individualidade se revela quando, ao falar de seu desejo para o futuro, ela declara:

Então, o meu desejo é que eu seja uma gueixa. Cuidando de mim, continuando a ser discreta, arrumando o meu cabelinho, arrumando a minha roupinha. Sabe assim? Olhando mais para mim, que eu gosto. Tem horas que é gostoso a gente curtir a gente. (M)

O símbolo da gueixa também parece indicar outro anseio, que estaria voltado para a vivência de uma conjugalidade mais plena, de um relacionamento com o marido menos intermediado pelos papéis parentais (“Tudo bem, amor. Eu sei que eu sou a galinha. Mas era legal assim se eu fosse tipo uma gueixa.”). O ressentimento em ser vista apenas como mãe transparece no seu modo de falar – desafiante? de protesto? – ao colocar a miniatura da mulher negra grávida no genograma (“Quer saber?! Você sempre me viu assim!”). Revela ainda, desejos de não querer mais ou não gostar mais de ser vista como boazinha (“eu não quero ser boazinha [...] eu quero ser ruim, um pouco ruim, sem dúvida!”).

Em relação à saída da filha da casa paterna, mostrou-se mais receptiva à ideia do que seu esposo. Exemplo disso foi sua atitude diante da foto que mostrava Carla segurando a miniatura da mala de viagem:

Vai com Deus minha filha! Olha, já foi tarde... Eu estou tranquila porque eu sei o que eu fiz. Nossa Senhora! Que delícia, viu? Eu já falei uma vez, eu me realizo através delas. Tudo o que está acontecendo, assim eu queria que acontecesse comigo. Ia ser muito bom. Já pensou? Eu comprar um apartamento?... Foi muito bacana ela ter conseguido. [...] Eu acho também que a gente não vai viver para sempre, eu e você [dirigindo-se ao esposo], né? Elas tem que construir a vida delas. E é isso aí, está no rumo certo. Foca e se manda! Vai mesmo. (M)

De outra parte, essa mesma reação deixa entrever que, de momento, ela experimenta, mediante a identificação com a filha, a possibilidade de realização de outros aspectos seus, talvez abafados pelo papel de mãe.

Ao final do primeiro encontro, depois de agradecer a disponibilidade de duas horas e meia de duração do primeiro encontro, o pai de Carla, ajudando a recolher as miniaturas, pegou a miniatura do escravo egípcio, à qual deu o nome de “eunuco”, e, num tom que pareceu irônico, disse que sua esposa poderia ter escolhido essa miniatura para representar a si própria. Tal atitude soou como um protesto aparentemente ligado ao fato de o pai, desde o início, ter se oposto à escolha, por sua esposa, da figura da gueixa. Como o encontro já estava no final, não foi possível desenvolver associações suficientes e o episódio não foi retomado posteriormente. Assim, embora a figura tenha sido fotografada, não se constituiu objeto de análise.

8.3.3 A filha

A miniatura escolhida por Carla foi a da Cinderela – na falta de uma miniatura que representasse a Bela (de “A Bela e a Fera”) – e suas associações se relacionaram, em primeiro lugar, ao espaço que ocupa na família – seu apelido familiar é “princesa” – e, em segundo lugar, às tarefas associadas ao senso de perfeição (“Eu carrego isso também de fazer as coisas corretamente. [...] Da forma correta. Isso. Bem as histórias da Disney mesmo, que tem que ir lá e que não sei o quê.”). Ela ressaltou, todavia, que também tem o seu lado de “bruxa má”, talvez em uma tentativa de escapar de uma definição tão totalizante quanto a da princesa que foi uma figura unanimemente escolhida para representá-la. É de se notar, todavia, que a mãe reconhece e, pode-se dizer, admira os aspectos da filha ligados à “bruxa má”, principalmente quando se refere à “acidez” de Carla, que associa ao morango (“Apesar de toda essa candura de princesa, ou não, eu vejo ela também como um morango porque ela vai à luta. Eu gosto!”).

Note-se que as representações de princesa foram: Cinderela (escolhida por Carla), princesa genérica (escolhida pela mãe) e Branca de Neve (escolhida pelo pai). Pai e filha escolhem personagens de contos nos quais os pais protegem as filhas por algum tempo, mas morrem. Tais histórias podem, simbolicamente, representar a morte da posição do pai na vida psíquica da filha, o que a ajudaria a se independentizar. A referência que Carla faz sobre o seu lado de “bruxa má” pode remeter à dose de agressão necessária para efetivar uma separação rumo à autonomia.

No que diz respeito à miniatura que se fez presente pela ausência – a Bela –, ela representa uma personagem que é a preferida do pai – uma possível alusão a uma condição ainda edípica. Este, em uma de suas viagens, colhe uma rosa no terreno da Fera para presentear a filha e, como punição pelo que a Fera considera um furto, é obrigado a deixar Bela ir morar com a Fera. Pode-se dizer que, para que pai e filha pudessem romper o vínculo edípico, fez-se necessária uma separação que, para ambos, teve um caráter brutal. Adotando-se uma perspectiva junguiana, pode-se aventar a hipótese de que o encontro com os aspectos mais vivificantes do animus – o príncipe que a Fera, ao final, volta a encarnar – só é possível após a separação do lar paterno e o enfrentamento do lado mais instintivo do masculino – talvez significando a desidealização da imagem heroica do pai, ou, ainda, podendo remeter à necessidade de encontrar em si um animus mais instintivo, menos culpado com a traição à família, menos perfeito.

Algumas das miniaturas que Carla escolheu para representar seus pais retratam os papéis que exercem na família: ele, o cavaleiro, o herói; ela, a santa, no sentido de ser forte e protetora (“Eu não vejo a Nossa Senhora Aparecida como a santinha [...] Eu vejo a Nossa Senhora Aparecida como a protetora do país. Sabe assim? É. Eu vejo uma coisa assim meio forte”). Reconheceu, todavia, os aspectos “gueixa” de sua mãe, aspectos que parece admirar e estimular. Demonstrou, também, ter clareza de que não precisa mais idealizar o pai:

Hoje em dia, a gente não precisa mais do guerreiro com essa armadura. Hoje, eu vejo que não existe uma figura ali que é “óóó, um pedestal”, ou uma figura que é inatingível. Não, pelo contrário. Em alguns momentos, a gente tem que ser [assim] e, em outros momentos, nem tanto. Pode baixar essa armadura! As suas filhas estão muito bem orientadas, encaminhadas, e muito! (Carla)

Nesse sentido, a miniatura escolhida para representar seu pai é significativa. Carla também elegeu, como o pai, a figura de um cavaleiro. Todavia, o seu cavaleiro tinha o rosto apenas parcialmente coberto (o cavaleiro do pai possuía um elmo que lhe cobria totalmente o rosto) e sua espada estava quebrada. Pode-se supor que esteja, de fato, em curso um processo de desidealização que permite que o pai se torne mais acessível – menos escondido pela armadura – e menos fantasiosamente poderoso – seu *phallus* já não é tão admirado.

Nota-se, ainda, que outras miniaturas – denominadas a “noivinha” e o “noivinho” – fazem referência à conjugalidade de seus pais. De um lado, as associações feitas com relação a essas figuras indicam a percepção da amorosidade existente entre o casal e o mérito que eles têm por haverem formado uma família “perfeitinha” que é, para ela, exemplo de casamento,

principalmente no que diz respeito à parceria no cuidado que tiveram em relação à criação das filhas (revelando, talvez, indícios de que a parentalidade dos pais também é idealizada). De outro, quando questionada sobre o exemplo, refere que ela e o namorado não são um “casal perfeito”, considerando que os pais deveriam ter mais espaço para a individualidade, tal como eles próprios têm. Esse comentário positivo contrapõe-se ao componente de idealização que parece ativo na família, tanto de filha para pais como deles em relação à filha.

Em relação a essas miniaturas, temos as associações que Carla fez espontaneamente quando convidada a explicar porque as escolheu para representar os pais, não tendo sido solicitadas outras associações que aprofundassem o significado simbólico dessas figuras.

Na minha visão, é a noiva e o noivo. Tipo assim: é a visão de um casamento perfeito, da cumplicidade da noiva. [Por]que formaram a família perfeita, tudo certo. E do noivo, que também estavam (sic) ali para uma união, para a formação de uma família. (Carla)

Essa escolha do “noivo” e da “noiva” também pode estar relacionada ao desejo de Carla de que seus pais, ao se verem como um casal – e não apenas como pais – encontrem novas formas de obter a satisfação de suas necessidades afetivas, um novo começo, sem que precisem, para isso, apoiar-se tanto nas filhas ou incluir terceiros, como exemplificam os comentários quer do pai (“aqui somos os três mosqueteiros”; “por mim, Carla já entrava de daminha no casamento”; “minha sogra era muito parceira minha”), quer da mãe (“tenho muitos maridos, minha sogra e meus genros”). O peso sentido como filha transparece na reação emocionada e impactante quando põe a mão no peito e exclama “ai” diante do comentário de seu pai de que fez a filha para si e não para o mundo. Pode-se aventar a hipótese de haver por parte dela um sentimento de culpa por desejar ir embora da casa paterna e os pais dependerem dela, ou por não desejar repetir o padrão de criação tão protetor dos pais com seus próprios filhos, nem querer repetir um padrão da conjugalidade que deixa a individualidade em segundo plano. Em suma, a culpa adviria de se sentir traindo os padrões familiares, enfim, diferenciando-se. Ao mesmo tempo, Carla parece ter raiva desse pai cuja atitude estaria dificultando a morte simbólica do pai em sua psique, morte essa necessária para o processo de diferenciação.

8.3.4 Alguns aspectos da família

A família mostrou-se amorosa e solidária, mas com certa tendência à aglutinação. Essas características foram percebidas não apenas nos comentários relacionados ao genograma, mas também nos relatos que compuseram a anamnese. Dentre esses, destacam-se aqueles relativos ao modo como celebram o aniversário dos vários membros da família; ao “mel” que atrai genros e outros parentes para o convívio com a família; à dificuldade em lidar com separações. É como se a família “perfeitinha” fosse constituída por uma hipertrofia da maternagem entremeada de idealizações cruzadas. Ao lado desta condição marsupial, certa puerilização também foi percebida no Self familiar em certas atitudes e termos que remetem à infância, tais como: a festa de pijamas, a atribuição da miniatura do pintinho para a filha caçula e a do anjinho para a do meio e a referência às filhas como as três “princesinhas” e “canguruzinhos”.

O fato de expressarem protestos poderia indicar que coexistam aspectos idealizados e sentimentos pouco admiráveis e difíceis de se admitir tais como: raiva, rivalidades, ressentimentos, dificuldades com o casamento, luto, feminino reprimido, vergonha da atual condição financeira, frustrações profissionais e o medo de abandono e da perda.

Na escuta sobre a história das famílias, observaram-se alguns antecedentes familiares como a superproteção referida à sogra materna que morou por quinze anos com eles, o que pode ter contribuído para que a dinâmica familiar se constituísse em torno da maternagem. É de se levar em conta, também, que a formação do núcleo familiar atual aconteceu em torno de perdas importantes: ficam noivos quando o avô materno de Carla morre e vão morar na casa da avó materna, quando, então, se estabelece uma estreita parceria entre o pai e a sogra. Carla nasce quando sua avó materna descobre estar com câncer. Esses acontecimentos penosos podem ter reforçado a necessidade de se protegerem contra eventuais perdas e separações e uma dificuldade de viver os lutos. Na família paterna, por sua vez, todos moram no mesmo bairro e quem mora longe é considerado traidor.

No que diz respeito às alianças e afinidades que caracterizam a tríade, ficou evidente desde o primeiro encontro a forte ligação existente entre pai e filha. Eles declaram serem parecidos no foco na vida profissional, na ambição e na “garra” com que perseguem seus objetivos. São também semelhantes no modo como expressam seus sentimentos de forma prolixa e não muito clara. Nesse sentido, é como se partilhassem uma mesma estrutura de linguagem, o que pode sugerir a existência de um complexo na díade pai-filha, como descrito

por Jung (1910/1997). A mãe, por sua vez, expressou-se com clareza, demonstrando estar mais atenta a sentimentos.

8.3.5 O desenrolar do processo

No segundo encontro, observaram-se algumas mudanças nos depoimentos de pais e filha, dando a entender que o trabalho realizado teve uma dimensão mais ampla do que a mera coleta de dados para a pesquisa, tendo contribuído, de algum modo, para trazer à tona algumas motivações e atitudes menos conscientes, e para promover questionamentos a respeito da percepção que têm de si e dos outros membros da tríade. Foi incentivada a busca de esclarecimento para o adiamento da mudança definitiva da casa do lar de origem e suas implicações psicológicas.

Acho que foi bem interessante também para discriminar bem todos os papéis aqui dentro. [...] Acho que é muito válido e, principalmente, assim... eu vejo muitos amigos meus que já estão casados, que já estão indo e vejo muito a família sofrer bastante, mãe ficar depressiva. E não é isso que a gente quer e nem perto disso, pelo contrário. (Carla)

Tais perspectivas de mudanças devem-se, também, ao processo de reflexão e de diálogo que ocorreu na família, no intervalo de um mês entre os encontros, que eles relataram ter ocorrido ao contarem para as outras filhas sobre o encontro e as miniaturas escolhidas para representar cada um. Assim, por exemplo, no primeiro encontro, as lembranças sobre os marcos importantes na vida de Carla referiam-se mais ao período em que ela era uma criança, como se os pais ainda se relacionassem com uma imagem antiga e desatualizada. Já no segundo encontro, declararam abertamente o orgulho pela filha e pelo grau de maturidade que ela demonstra. A mãe, em especial, pôde ampliar sua perspectiva também em relação às outras duas filhas (“Elas poderiam ser representadas como guerreiras [em vez de anjinho e pintinho] [por]que estão adultas e não têm nada de pintinhos que precisam ficar embaixo das asas. São mulheres fortes e encaminhadas. Já posso abrir a asas.”)

No segundo encontro, as justificativas de Carla para a escolha da miniatura de Nossa Senhora Aparecida para representar a mãe são referentes, principalmente, à força do feminino: valorizam a mãe e reconhecem sua potência. Um dado a ser ressaltado é que, nessa ocasião, Carla usava brincos com a imagem de Nossa Senhora, o que talvez aponte para o desejo inconsciente de identificação com a mãe e sinalize um processo, em andamento, de dissolução da identificação edípica com o pai e uma maior aproximação a aspectos ligados ao

feminino. Em outras palavras, em um eventual movimento de reconstrução de sua identidade feminina, ela estaria se preparando para aproximar-se novamente da mãe e sacrificar sua relação erótica com o pai, como pontua Galiás (1988). Foi possível observar que mãe e filha pareciam estar mais próximas, mais cúmplices.

Ao se deparar com a foto em que ela está segurando a miniatura de uma mala, Carla pôde se defrontar com sua ambivalência em relação a sair da casa paterna, ambivalência essa que é de se supor seja devida à responsabilidade que sente ter na manutenção da família, mas também a aspectos seus ainda enredados na dinâmica familiar:

[...] Em alguns momentos eu sinto que eu tenho... não sei, uma coisa que... (voz embargada de choro) me segura aqui, entendeu? [...]Eu acho que eu sempre vou ficar preocupada, mas, no decorrer, vai cair a ficha. As coisas mudam, todo mundo vai se virar... (Carla)

Quanto ao pai, mostrou emoção ao final dos encontros, sobretudo no momento de falar para Carla fazer o que quisesse, ressaltando a coragem e determinação para comprar o apartamento, o quanto foi feita para brilhar, que os enche de orgulho, que é sempre responsável e que sair de casa é mais uma fase que ela iria superar. Pôde ponderar e perceber que “o tempo vai passando e a gente vai vendo que cada momento é uma coisa diferente da outra”, talvez como uma alusão à ideia de que, em cada fase, ele próprio deve se adaptar às transformações que decorrentes do desenvolvimento da filha. Outro momento emocionado foi quando a filha sugeriu que tirasse a armadura. Ele respondeu com um simples e sentido “eu não sei”, bem diferente das falas longas e por vezes confusas com que havia se expressado até então.

Por outro lado, não deixou de agir de modo controlador ao se dirigir à esposa, interrompendo suas falas e se mostrando refratário diante do desejo dela de ser vista não apenas como “mãe”, mas também como “gueixa”. No entanto, reconheceu seu valor como batalhadora, paciente, companheira e parecida com ele no que se refere ao amor e ao cuidado de fazer de tudo pela família. Também disse sentir o fato de não poder proporcionar para ela uma melhor condição financeira. O casal relatou ter conseguido jantar apenas os dois no intervalo entre as duas etapas da pesquisa.

Apesar de terem sido apenas dois encontros, foram bastante intensos, principalmente pelo modo com que os participantes se dispuseram ao processo, mostrando-se abertos a tratar de um tema que lhes é tão caro com uma profissional que haviam acabado de conhecer. Tal intensidade promoveu na pesquisadora sentimentos contratransferenciais relacionados

especialmente à filha do casal, tais como uma sensação de incômodo forte suscitado por emoções derivadas de um vislumbre de desautorização da condição de mulher madura e independente, e a emoção sentida quando Carla reconheceu o que o símbolo da mala poderia significar.

Partilhando, com mãe e filha, da condição feminina, a pesquisadora, diante da postura de comando do pai e do fato de essa postura ser aceita pela esposa, na maioria das vezes, sentiu ímpetos de incentivar essa última a assumir, mais afirmativamente, o papel mencionado de mulher/gueixa. Quanto ao pai, a pesquisadora teve que lidar contratransferencialmente com seu próprio protesto contra autoritarismo, a fim de poder compreender o sofrimento calado desse homem que, eventualmente, teme perder o controle e a potência. A possibilidade de compreender esses fenômenos promoveu sentimentos de empatia e de proximidade com a família. Tornou possível, também, vislumbrar os recursos que cada um tem disponíveis no sentido de garantir a manutenção do afeto, ressignificar papéis, soltar as amarras que por ventura os mantenha aprisionados – e não apenas a filha – e, dessa maneira, ir em direção a uma renovada condição existencial.

9 DISCUSSÃO

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a sua força

Para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.
(GIBRAN, 1971, p. 20)

O adiamento do casamento, a vivência de relações amorosas pouco estáveis, a idealização de uma juventude descompromissada, bem como o desejo de manter o status socioeconômico e/ou de continuar a ser cuidado pelos pais, seriam componentes característicos do perfil do indivíduo canguru (CERVENY & FIGUEIREDO, 2012; SAVIETTO, 2012) que, contudo, não foram verificados no caso analisado. Aparentemente, também não se trata de pessoa que optou por morar com a família como uma maneira de fugir de conflitos profissionais e afetivos, como assinalam Machado & Predebon, (2008), embora tenha verbalizado temer, em parte, a perda das regalias e do conforto oferecidos na casa paterna, tal como demonstraram Silveira & Wagner (2006). O presente estudo revelou nuances mais complexas do fenômeno, corroborando Sampaio (2016) quando essa autora assinala que cada experiência e cada caso devem ser vistos em sua singularidade, e não rotulados ou, aprioristicamente, denominados de canguru.

Não foram encontradas indicações de que a dificuldade em iniciar uma vida longe da família esteja determinada, preponderantemente, por questões extrínsecas, ligadas quer a fatores econômicos – crescimento do custo com moradia, necessários investimentos com a formação profissional, concorrência no mercado de trabalho e ineficiência do estado (MACHADO & PREDEBON, 2008) –, quer às inseguranças trazidas pela pós-modernidade, diante das quais o lar parental seria visto como um refúgio (HENRIQUES, FERES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2006).

Carla, a jovem que, com seus pais, participou deste estudo, é bem sucedida em sua profissão, e seu emprego lhe permite participar, efetivamente, do orçamento familiar. Pode-se afirmar que, sem a sua contribuição, a família passaria por maiores dificuldades. Teria, portanto, condições de se manter sozinha, contando, inclusive, com apartamento próprio. Está também em um relacionamento estável, coabitando com seu namorado, há quatro anos, na casa de seus pais. Expressa claramente a vontade de se mudar, tendo estabelecido, algumas vezes, data para a partida que, todavia, ainda não se concretizou, mesmo após um ritual de

despedida (festa *open house*). A despeito de condições em tese favoráveis à construção de uma vida mais autônoma, Carla enfrenta dificuldades em deixar a casa paterna.

Ainda que se admita que a saída do lar de origem não seja critério absoluto de maturidade emocional ou de entrada na vida adulta, como advogam vários autores contemporâneos (BORGES & MAGALHÃES, 2009; RODRIGUES, 2011; KUBLIKOWSKI & RODRIGUES, 2016 e SAMPAIO, 2016), os resultados desta pesquisa trazem indícios de que, na situação em análise, estão em ação aspectos intrínsecos ligados a conflitos psicológicos decorrentes da dinâmica familiar que influenciam a permanência na moradia parental. Mesmo que não seja possível afirmar que Carla vive um processo de prolongamento da adolescência – e, portanto, neste caso, o termo “adultescente” não seria o mais adequado –, tais aspectos tenderiam a comprometer o desenvolvimento de uma personalidade mais independente e mais segura de si.

Observa-se que as relações estabelecidas na família são marcadas por um enredamento que não somente envolve o núcleo original – pais e filhas –, como também tende a atrair outros que lhes são próximos – namorados das filhas e demais parentes. Cuidado, apoio, solidariedade e aconchego são os fios que compõem essa teia. Nas palavras do pai: “E aqui em casa nada acontece por acaso, ou acontece individualmente, sabe? Aqui é assim. É como eu te falei, é como se fosse uma palma de mão. [...] Nós somos muito unidos, quando bate um dedo, dói na mão inteira”. Se fazer parte dessa família, de um lado, tende a promover sentimentos de pertença e segurança, de outro, possivelmente implica submissão às necessidades do grupo, excessiva dependência afetiva e o aprisionamento a papéis e funções que se não impedem, ao menos dificultam a expressão daquilo que, em cada um de seus componentes, tem um caráter mais singular ou se baseia em necessidades individuais. Assim, ao pai cabem os papéis de provedor, cuidador e guardião; à mãe, a função exclusivamente maternal, a proteção afetuosa e a constante disponibilidade, e às filhas, a posição de princesas, delicadas e femininas – ao menos aparentemente – presas à torre da casa paterna.

O conceito de complexo familiar se mostrou útil para a compreensão do dinamismo que rege as relações dessa família. Por serem conteúdos inconscientes, autônomos, dotados de carga afetiva e ordenados em torno de um tema básico, os complexos determinam o modo de enfrentar situações que guardam semelhança com aquelas que lhes deram origem e podem, no entender de Jung (1910/1997), ser transmitidos por contágio psíquico entre os membros de uma família, em razão da convivência, ou provenientes do compartilhamento de estruturas de linguagem. Eventualmente, tal transmissão perpassa várias gerações e, nesse caso, fala-se de um complexo intergeracional ou familiar (CAVALLI, 2012), que influencia a maneira como

os relacionamentos são estabelecidos e as dificuldades, enfrentadas. Constituem, ainda, o elemento inconsciente em que se baseiam a visão de mundo compartilhada pela família e os mitos familiares.

Como conjectura que não foi possível verificar em profundidade, levanta-se a hipótese de que, no caso da família de Carla, o principal complexo familiar tenha como núcleo arquetípico a Grande Mãe – a doadora da vida, aquela que nutre, física e afetivamente, que agrega, que cuida daquilo que está em processo de crescimento. Tais aspectos do arquétipo perdem sua qualidade positiva se excessivos ou quando não acompanhados do necessário processo de expulsão para a vida. De acordo com Kast (1997), a boa mãe proporciona o estar contido, o ser nutrido e estar seguro, mas também o ser expulso no tempo certo a fim de que não se consolidem dependências infantis ou imaturas. Assim:

[...] caso não se experiencie a expulsão do “paraíso materno” com algo que certamente dói, mas que provoca uma outra abertura que possibilita ao indivíduo viver a vida própria e se, em conexão com isso, evitam-se as separações, então [...] o sentimento de ser carregado transforma-se em um sentimento de estar preso. (KAST, 1997, p. 54)

O complexo familiar materno, nesse caso, captura os aspectos negativos do arquétipo que se tornam sombrios, principalmente porque não conscientizados. Assim, todos parecem ver, apenas, a família “perfeitinha” que a todos acolhe e de todos cuida. Mas esse é, também, um grupo que evita a manifestação de necessidades individuais – tidas como egoístas, uma vez que o bem da família é o valor supremo – assim como tenta se preservar de separações, chegando a considerar como ovelha desgarrada aqueles parentes que “ousam” morar mais distante. O amor, nessa família, converte-se em superproteção, com implicações para o desenvolvimento da autonomia dos mais jovens e para a realização de partidas conforme elucidada Galiás (2005). Note-se, nesse sentido, o depoimento do pai de que não “fez” os filhos para o mundo, sua dificuldade em reconhecer que a miniatura fosse uma mala que despertou várias associações ligadas ao desejo de Carla de partir (“Não me diz nada [...] Juro, eu vejo ela mexendo na malinha. Nem numa malinha, mexendo numa caixinha.”) e sua tentativa de minimizar a separação que se dará quando Carla mudar para o apartamento que é dela (“Eu acho que [o apartamento] é uma extensão, é uma extensão da nossa casa. Ele é tão pequenininho que é um quarto que está um pouco mais longe. Entendeu?”). Não é de se admirar que Carla hesite em se tornar mais uma “ovelha negra”.

A ativação desse complexo, que resulta em superproteção, pode derivar de uma transmissão entre gerações, o que é sugerido no presente caso pelos relatos sobre as famílias

de origem dos pais, principalmente, a materna que demonstrava extrema preocupação com a filha, mas também a paterna que não aceita que os filhos morem em outros bairros afastados da casa parental.

Pode-se dizer, também, que os próprios pais não foram “expulsos” do reino da Grande Mãe, uma vez que nunca saíram, efetivamente, dos respectivos lares de origem, já que, mesmo após terem casado, continuam a morar na casa dos avós maternos e a avó paterna reside a pouca distância deles (e é, inclusive, referida como um dos “maridos” da mãe). Sob esse aspecto, eles também foram jovens adultos que permaneceram na casa parental e podem ter transmitido esse padrão para suas filhas. Tal padrão é explicitado por Silveira & Wagner (2006); Figueiredo (2008) e Cavalli (2012).

O pai, em razão do modo como quer proteger seus entes queridos, da escolha da miniatura que o representa e mesmo da maneira como é visto pela esposa e pela filha – e é quem “apaga os incêndios” – parece exibir atributos heroicos. Essa atitude, talvez excessivamente protetora, pode ser a sua maneira de evitar as dores ligadas às perdas e separações, ou seja, busca controlar as circunstâncias ou resolver os problemas que poderiam trazer risco para aqueles a quem ama.

Outro aspecto que parece relevante na dinâmica familiar diz respeito ao relacionamento dos pais de Carla. O modo com que o casal mostrou relacionar-se – ele falando por ela – e a hipertrofia do materno – que poderia ser nomeada de complexo materno marsupial – contribuiriam para que o investimento afetivo esteja concentrado nas filhas. A conjugalidade fica, assim, empobrecida, com pai e mãe priorizando o reconhecimento mútuo em função de seus papéis parentais. Na medida em que os pais ainda não conseguem prescindir da relação com suas filhas como exclusiva fonte de afeto criam-se, segundo Julien (2000), as circunstâncias que tornam o deixar a casa paterna motivo de culpa.

Pode-se dizer que Carla, por sua vez, identifica-se mais com atributos ligados a seu pai: percebe-se que está comprometida com o papel de provedora e que demonstra acentuado sentimento de dever. Assim, por exemplo, como que heroicamente assumiu a decisão, sem consultar seus pais, de continuar a contribuir financeiramente para o orçamento da família, mesmo quando não mais estiver morando com eles.

Essa identificação parece ser permeada por um complexo edípico que, pode-se supor, é sustentado por ser ela objeto da projeção da alma paterna: para o pai, Carla é, de um lado, a “princesa”, que deveria já ter estado presente, inclusive, no casamento dos pais, como “daminha”, e cuja falta será dolorosamente sentida; de outro, é aquela vista como a mais parecida com ele. Carla, por sua vez, assume ser a princesa, ainda que assinalando a sua

faceta “bruxa má”. Percebe-se, também, mais parecida com o pai do que com a mãe. A esse respeito, vale a pena lembrar às respostas de pai e filha diante da pergunta feita pela pesquisadora sobre com quem Carla mais se parecia:

F – Eu sou mais parecida com o meu pai.

P – Igualzinha.

F – Eu acho que, assim... Eu sou muito parecida com o meu pai, mas tem muitas coisas que eu peguei da minha avó. [...] E eu acho que esse lado um pouco de liderança, de dominadora, eu sou muito o meu pai.

P – Ela é uma edição melhorada.

Compare-se esse diálogo àquilo que Maureen Murdock (1994) escreve a respeito da filha predileta, aquela que, em razão da preferência que o pai tem por ela, dedica-se, com todas as suas forças, a atingir os critérios paternos:

Uma prolongada dependência da filha predileta em relação a seu pai pode ser esclarecida por uma outra mensagem que recebe dele: *Você não é como as outras mulheres; você é como eu*. Com esta mensagem, ela vivencia uma situação confusa e ambígua: *Você não é como as outras mulheres* implica que as outras mulheres são de certo modo fracas e inferiores e que a filha não é; *você é como eu* sugere abertamente que ela é forte, independente e talentosa. (MURDOCK, 1994, p. 163, grifo da autora).

Note-se, também, a semelhança entre as miniaturas que ambos usam para retratar a si e ao outro – princesa e cavaleiro foram figuras igualmente escolhidas por pai e filha –, o que sugere a existência de idealizações cruzadas que configuram, reciprocamente, a imagem que cada um constrói de si mesmo. Para que a relação entre eles se torne mais madura, seria necessário, como apontam Galiás (2009) e Baptista (2012), que se dessem desidealizações – poder-se-ia falar de retirada de projeções –, também cruzadas e recíprocas, que os liberassem de expectativas mútuas que não são mais cabíveis. Os sinais de protesto que surgiram nos depoimentos, a observação sobre a família do namorado, tão diferente, e o olhar de Carla dirigido ao pai, são exemplos de manifestações que quebram a supremacia da persona perfeita e ideal e colore a psique com a necessária sombra que oferece perturbação, mas também dimensão corpórea e real.

Os depoimentos levantados sugerem que, nessa família, há certo descompasso nesse sentido. Durante o primeiro encontro da pesquisa, pai e mãe parecem conservar uma imagem desatualizada da filha, ainda referida, principalmente, aos aspectos característicos da “princesa” e à infância de Carla. No decorrer do estudo, a mãe consegue rever essa imagem, estendendo a reformulação às outras filhas:

As outras filhas perguntaram para mim sobre as miniaturas e como foi o encontro. Elas disseram que colocariam guerreiras para elas. Eu respondi que elas tinham razão. Percebi o quanto fiquei em outro tempo.

O pai, em contrapartida, reluta em aceitar que sua esposa queira ser vista sob outra perspectiva – menos maternal, mais feminina e prioritariamente dedicada ao relacionamento do casal. Também parece ater-se a uma visão de si mesmo como provedor e responsável pelo bem-estar das filhas que, de um lado, não pode mais ser sustentada, em razão das limitações financeiras e, de outro, não é mais necessária – como assinalou a própria filha:

Eu entendo que, assim, o fardo é pesado é duro, mas não se cobre tanto dessa maneira. Essa cobrança que você faz [...], ela não precisa ser tão pesada [...] Porque hoje, graças a Deus, todo mundo tem um emprego, todo mundo é muito batalhador, todo mundo consegue [...]

Tal assimetria no processo de desidealização gera conflitos que se traduzem na resistência, principalmente por parte do pai, em separar-se da filha, e que parecem reforçar os sentimentos de culpa de Carla por querer ter mais autonomia, e seu medo de não conseguir dar conta, sozinha, do novo lar. A esse respeito, a declaração de Carla de que o pai pode “baixar a armadura” o coloca em plano de alteridade, assim como refere Lima Filho (2002, p. 269) que a ampliação de potência e a luta do eu em direção à autonomia não se dirige à eliminação do pai, mas a “perceber e, em seguida, revelar suas falácias, limitações e excessivo poder”.

A mãe – apesar de expressar uma visão mais condizente com a situação da filha – também teria a sua parcela de cumplicidade e de manutenção do *status quo* ao permanecer como que excluída em relação à díade afetiva formada por pai e filha, o que pode esclarecer a situação percebida de afastamento e de aproximação posterior.

No caso em estudo, houve indícios da importância da reconstituição da conjugalidade do casal parental, o que foi apontado tanto pela mãe, quanto por Carla. A mãe mostra claramente o quanto desejaria não ser considerada apenas em relação à família, aos filhos. Solicita ser vista, também, como mulher dedicada a si mesma e à relação conjugal. Nesse sentido, está preparada para ver as filhas como mulheres adultas, capazes de constituírem a própria família, fortes o suficiente para seguir sem a proteção das “asas” da mãe.

Carla, por sua vez, ao escolher as miniaturas do noivo e da noiva, parece indicar sua percepção de que a conjugalidade dos pais precisa de atenção, além de manifestar seu desejo de que venham a se casar “novamente”, de modo a liberar as filhas de um investimento que,

ainda que seja de fato amoroso, torna-se excludente porquanto excessivo. Desse modo seria, para elas, mais fácil sair concreta e simbolicamente da casa parental, como assinalam os autores Aylmer (1995), Vargas (1997), Galiás (2003) e Martini (2012). Adicionalmente, mantendo a perspectiva da Psicologia Analítica, o símbolo dos noivos pode ser visto como associado ao arquétipo da *coniunctio*, sugerindo que, no processo de busca de autonomia por que passa Carla, estaria em curso a integração entre os aspectos masculinos e os femininos de sua psique ou, nas palavras de Lima Filho (2002, p. 269), “[...] a *coniunctio*, isto é, o “casamento” do pai com a mãe, a ligação ou religação de tudo que o que estivera ausente ou havia se desligado”.

Um fato a ser ressaltado é que, no segundo encontro, Carla usava brincos com a imagem de Nossa Senhora – miniatura associada à sua mãe – o que talvez aponte para um movimento inconsciente de identificação com a mãe e sinalize que está em andamento a dissolução da identificação edípica com o pai e uma maior aproximação a aspectos ligados ao feminino. Em outras palavras, em um eventual movimento de reconstrução de sua identidade feminina, singular, menos atrelada às expectativas paternas e, portanto, mais autônoma, Carla estaria se preparando, como aponta Galiás (1988), para sacrificar sua relação erótica com o pai e aproximar-se novamente da mãe.

Vale ressaltar que, embora tenha sido possível identificar a manifestação de complexos – no caso, o materno hipertrofiado e o edípico –, que eventualmente contribuem para a permanência de Carla no lar parental, o escopo deste estudo e o instrumento utilizado não foram desenhados para permitir a exploração em profundidade dos aspectos psicodinâmicos e intergeracionais associados a tais complexos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um processo duro o libertar-se; o princípio de responsabilidade daí resultante também é duro: o ganho, no entanto, é que passamos a ter o sentimento de estar vivendo nossa própria vida. Isso resulta em uma experiência de autenticidade, de boa autoestima e em uma certeza de sentido. O que significa, por sua vez, que nos colocamos com mais energia na vida e somos pessoas interessantes. (KAST, 1997, p. 205).

O presente trabalho atingiu os objetivos propostos e respondeu às indagações da pesquisadora a respeito da eficácia do método surpreendendo com a velocidade das informações coletadas em apenas duas sessões. O objetivo principal era compreender a dinâmica da relação entre uma jovem adulta e seus pais, o que foi evidenciado pelo genograma e pela entrevista de anamnese familiar; a identificação de complexos familiares foi um objetivo secundário e se pôde inferir, a partir de distintas manifestações que emergiram no processo, a existência de um complexo materno hipertrofiado ou marsupial e o edípico, embora não tenha sido possível aprofundar e nem esclarecer na íntegra a origem dos complexos na família estudada nem sua presença em gerações anteriores; houve, no entanto, a detecção de um padrão de apego desde a 1ª geração (avós). Finalmente, o objetivo de elucidação dos símbolos emergentes foi explorado na análise contribuindo para a compreensão do caso e para a riqueza trazida por conteúdos com caráter prospectivo.

O estudo de caso mostra a existência de diversas nuances do que se pode entender por dependência emocional familiar. A jovem do estudo, apesar de estar com parceria amorosa já definida, ter uma vida profissional ativa e dispor de recursos financeiros que lhe permitiam, inclusive, ajudar nas despesas da família, ainda não conseguira deixar a casa paterna. A análise das informações coletadas possibilitou a identificação de emaranhamentos afetivos, idealizações cruzadas, histórias familiares de dependência e de vinculações endogâmicas que dificultariam uma atitude mais autônoma e autocentrada, bem como tenderiam a interferir com o desenvolvimento de sentimentos de segurança e de autoestima condizentes com o que se esperaria de um adulto que se vê capaz de deixar o âmbito familiar, literal ou simbolicamente.

Os resultados obtidos sugerem que se possa endossar a teoria que propõe a existência de vínculos inconscientes que promovem relações disfuncionais que dificultam a independência dos mais jovens membros da família. Assim, o estudo realizado corroborou a importância de se explorar as motivações inconscientes que influenciam a permanência do lar

parental, destacando nesse tema complexo e multifacetado as questões e dificuldades compartilhadas por todo o núcleo familiar, ou seja, as dificuldades dos pais em se abrirem para as mudanças decorrentes da saída do filho. Apesar de a família estudada considerar-se “perfeitinha” e, de fato, demonstrar várias atitudes positivas, tais como apoio, solidariedade e aconchego, a análise realizada apontou alguns empecilhos para o reconhecimento da individualidade dos membros que a compõem – com restrição de papéis e funções que podem dificultar a emergência do que há de mais singular em cada um.

Pode-se aventar que, quando o jovem adulto mora na casa dos pais em situação de dependência emocional ou, metaforicamente, ainda está contido na bolsa marsupial da família, alguns membros do núcleo familiar ficariam presos também a funções antigas, muitas vezes desatualizadas, como que carregando a ilusão de um estado de união idealizado que impediria avanços e conquistas.

Outro ponto a ser ressaltado neste estudo é que, ainda que se tratasse de uma pesquisa, a atividade desenvolvida pela família – o Genograma Lúdico – parece ter propiciado um momento em direção à ampliação de consciência das pessoas envolvidas, suscitando o surgimento de fantasias até então inconscientes que puderam ser confrontadas com a realidade, por meio de ponderações que inclusive se estenderam nas conversas familiares entre eles. Além de auxiliar a esclarecer a dinâmica do caso estudado, os resultados dessa atividade surpreenderam os participantes e mobilizaram afetos, de tal forma que surgiram, durante os encontros, indícios de uma possibilidade vindoura de resignificação e reconfiguração de vínculos familiares.

Desse modo, ainda que o trabalho tenha se limitado a duas reuniões, revelou o potencial do instrumento de pesquisa, na qualidade de estímulo capaz de promover a compreensão de projeções, idealizações cruzadas, lealdades invisíveis e complexos atuantes na família. É de se considerar, portanto, a utilização desse recurso na clínica junguiana para estimular reflexões que possam conduzir a mudanças em relações disfuncionais. Nesse sentido, sugere-se o desenvolvimento de estudos posteriores utilizando o Genograma Lúdico para confirmar sua utilidade não apenas como ferramenta de pesquisa, mas também como auxiliar no atendimento clínico a casais e famílias.

Quanto aos esboços e perspectiva de futuro e sua aplicabilidade clínica, Jung (1910/1997), em seus primeiros estudos experimentais, ressaltava a necessidade de se promover a profilaxia no campo da saúde psíquica. Nessa linha, talvez se faça útil um trabalho preventivo com famílias no intuito de levá-las a ampliar sua compreensão sobre os inúmeros fatores psicológicos que influenciam a psique e o desenvolvimento dos seus

membros, acrescentando aos trabalhos já existentes na clínica com famílias disfuncionais tal modo psicoprofilático embasado em terapias focais breves com o instrumento descrito. Essa aplicabilidade poderia se dar quando terapeutas detectassem indícios de dissonância na comunicação encaminhando as famílias para um trabalho com o Genograma Lúdico, a ser utilizado tanto no diagnóstico como em terapia breve.

Para confirmar a utilidade do método proposto estudos posteriores poderão aprimorar a funcionalidade da técnica, com distintas famílias e terapeutas, protocolos elaborados, método de associação melhor definido e observado. Sugerem-se mais pesquisas com tal instrumento a fim de consolidar seu emprego na população brasileira, em diversos estados e com distintos estratos socioeconômicos; outros estudos com famílias para avaliar a eficácia do genograma lúdico como técnica simbólica e catalizadora terapêutica de processos de transformação interventivos familiares e de seus complexos; comparar, por exemplo, essa técnica com outras como o genograma clássico; ampliar a construção do genograma para outras gerações - até três - e realizar estudos longitudinais que acompanhem a família durante um tempo.

Alguns limites encontrados a serem mais pesquisados e elucidados referem-se a como lidar com dificuldades como resistência, a limitação na coleção de miniaturas da pesquisa, o trabalho com as ampliações simbólicas das imagens a ser melhor estruturado com planejamento de tempo para tal, aspectos transferenciais e contratransferenciais a serem cotejados e observados, inserção de todos os membros da família. De outra parte, e com base na perspectiva junguiana, há aspectos que mereceriam ser aprofundados como, por exemplo, se há detecção de padrões simbólicos ou míticos recorrentes que possam ser associados ao Self familiar daquelas famílias que demonstram dificuldade em lançar o filho adulto no mundo.

Enfim, o Genograma Lúdico parece um bom instrumento para mobilizar conteúdos emocionais requerendo posterior elaboração analítica. Para responder qual seria o alcance do mesmo nessas elaborações seria necessário realizar pesquisas com o instrumento em situação de trabalho terapêutico.

É importante ressaltar que, dado o caráter exploratório do presente trabalho, as considerações obtidas devem ser avaliadas com o necessário cuidado, ponderando-se que o método de estudo de caso permite uma compreensão em profundidade de uma situação específica. Propõe-se, assim, que as proposições ora levantadas sejam cotejadas em estudos posteriores que se dediquem a explorar as diversas possibilidades de permanência na casa parental.

Finalizando, o estudo feito demonstrou que a proposta em campo constituiu um ativo e poderoso dinamizador que despertou conflitos inconscientes ou semiconscientes e mobilizou os membros da família para uma interação diferenciada sem perder o afeto, a fim de ressignificar o lar de origem e seu poderoso e fundamental vínculo.

REFERÊNCIAS

- AYLMER, R.C. O lançamento do jovem adulto solteiro. In: CARTER, B. & McGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BAPTISTA, S. M. S. Ex-mãe, ex-pai, ex-filho: a data de validade das relações. *Junguiana*, n. 30/1, p. 13-19, 2012.
- BENEDITO, V. L. Y. Vínculos familiares. *Junguiana*, n. 11, p. 82-93, 1993.
- _____. Desenvolvimento e conflito na família com filhos adolescentes: abordagem simbólico-arquetípica. In: CASTANHO, G. M. P; DIAS, M. L. *Terapia de Famílias com Adolescentes*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014.
- BOECHAT, P. *Terapia familiar: mitos, símbolos e arquétipos*. 3. ed. Rio de Janeiro, Wak, 2011.
- BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A.S. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 42-49, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140> Acesso em: 1 abr. 2016.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Tradução de Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BYINGTON, C. A. B. A família como dimensão simbólica do self: um estudo da dinâmica do self familiar pela psicologia simbólica. *Junguiana*, n.17, p. 57-88, 1999.
- _____. As sete fases da vida e a crise da adolescência: estudo da psicologia simbólica junguiana. In CASTANHO, G. M. P; DIAS, M. L. *Terapia de Famílias com Adolescentes*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014.
- BUNGE, M. et al. O jovem adulto que reside com os pais: um estudo exploratório. *Advances in Health Psychology*, v. 20, n. (1-2), p. 51-62, Jan. Dec. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/viewFile/3315/3128>. Acesso em: 6 maio 2015.
- CAETANO, A. A. M. et al. In: BENEDITO, V. L. Y. (Org.) *Terapia de casal e de família na clínica Junguiana: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2015.
- CAPITÃO, C. G.; VILLEMOR-AMARAL, E. A pesquisa com estudo de caso. In: BATISTA, M.N.; CAMPOS, D.C. (Org.) *Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.
- CAVALLI, A. Transgenerational transmission of indigestible facts: from trauma, deadly ghosts and mental voids to meaning-making interpretations. *The Journal of Analytical Psychology* v. 57, n. 5, p. 597-614, 2012. Disponível em:

- <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-5922.2012.02005.x/abstract;jsessionid=4326A0728D634305907B701B94F52BDF.f01t04?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false>. Acesso em 4 fev. 2015.
- CERVENY, C. M. D. O. Família e intergeracionalidade. In: CERVENY, C.M.D.O (Org.). *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- CERVENY, C. M. D. O.; FIGUEIREDO, M. Família e filhos cangurus. In: CERVENY, C.M.D.O (Org.). *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- COLMAN, A.; COLMAN, L. *O pai: mitologia e reinterpretação dos arquétipos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- CREPALDI, M. A.; WENDT, N. C. A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n. 2, p. 302-310, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a16v21n2.pdf>. Acesso em 28 nov. 2014.
- D'ALLONNES, C. R. O estudo de caso: da ilustração à convicção In: D'ALLONNES, C.R. et al. *Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- _____. Imagens do pai na mitologia. *Psic. Rev.* 15 (1), maio, 2006, p. 45-58.
- FEDER, S. S. O fracasso faz bem às crianças. VEJA. São Paulo: Abril. Edição 2437, ano 48 n. 31, p. 15, 18-19, agosto 2015.
- FREITAS, L. V. A psicoterapia: um rito moderno de iniciação. *Boletim de Psicologia*, 38, p. 9-20, 1988.
- GALIÁS, I. Reflexões sobre o triângulo edípico. *Junguiana*, n. 6, p. 149-165, 1988.
- _____. Psicopatologia das relações assimétricas. *Junguiana*, n. 18, p. 113-132, 2000.
- GALIÁS, I. Pais e filhos uma rua de mão dupla. *Junguiana*, n. 21, p. 69-80, 2003.
- _____. Do amor na saúde à saúde do amor. *Junguiana*, n. 23, p. 107-118, 2005.
- _____. Relações pais-filhos as poderosas complicações amorosas. *Junguiana*, n. 27, p. 13-19, 2009.
- GIBRAN, K. Os filhos. In: GIBRAN, K. *O profeta*. São Paulo: Vozes, 1971.
- GIL, E. Genogramas lúdicos. In: McGOLDRICK, M.; RANDY, G.; PETRY, S. *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. Tradução de Sandra Maria Mallman da Rosa; 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 235-249.
- GLOBO REPÓRTER: *Fenômeno da geração canguru vem crescendo sem parar no Brasil*. Julho 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/07/fenomeno-da-geracao-canguru-vem-crescendo-sem-parar-no-brasil.html>. Acesso em 2 nov. 2015.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: O prolongamento da convivência familiar em questão. *Revista Paidéia*, v. 16, n. 35, p. 327-336, 2006.

HILLMAN, J. *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do puer*. Tradução de Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus, 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Comunicação Social, Notícias publicação digital, 17/12/2014. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/es/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2796&busca=1&t=sis-2014-en-nueve-anos-aumenta-la-escolaridad-y-el-acceso-educacion>. Acesso em: 14 maio 2015.

JACOBI, J. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1991.

JULIEN, P. *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

JUNG, C.G. *A natureza da psique*. O. C. v. 8/2. Petrópolis: Vozes, 1916/1971.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. O. C. v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 1939/1974.

JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1961/1975.

_____. *Estudos experimentais*. O.C. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1910/1997.

_____. *Freud e a psicanálise*. O. C. v. 4. Petrópolis: Vozes, 1916/2007.

KAST, V. *Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a autoidentidade a partir dos complexos materno e paterno*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KRADIN, R. The family myth: its deconstruction and replacement with a balanced humanized narrative. *The Journal of Analytical Psychology* v. 54, n. 2, p. 217-232, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.14685922.2009.01771.x/abstract;jsessionid=967A4E877B91094531A92D4FE6A49C0D.f04t04>. Acesso em: 29 jul. 2016.

KUBLIKOWSKI, I.; RODRIGUES, C. M. “Kangaroo generations”: new contexts, new experiences. *Revista Estudos de Psicologia* v. 33, n. 3, 2016.

LEVINSON, D. J. *The Seasons of a Man's Life*. New York: Ballantine Books, 1978.

LEVINSON, D. J. A Conception of Adult Development. *American Psychologist Association* v. 41, n. 1, p. 3-13, 1986. Disponível em: <http://www.unc.edu/~ejordan/Levinson1986.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016.

LIMA FILHO, A. P. *O pai e a psique*. São Paulo: Paulus, 2002.

LOPEZ-PEDRAZA, R. *Hermes e seus filhos*. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto, São Paulo: Paulus, 1999.

MACHADO, B. G.; PREDEBON, J. C. “Geração canguru”: uma nova configuração da família contemporânea. In: Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos, 9, 2008, Guaíba. *Anais...* Guaíba: ULBRA, 2008. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/psicologia/332.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

MALANDRINO, B. C. Relação mãe-filho: a repetição dos complexos familiares através das gerações. *Jung e Corpo*, n. 2, p. 25-40, 2002.

MARTINI, J. S. Dependência emocional familiar: possíveis manifestações nos filhos. *Revista da Graduação*, n. 2, v. 5, p. 1-16, 2012. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/12430/8348. Acesso em: 26 set. 2016.

McGOLDRICK, M.; RANDY, G.; PETRY, S. *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. Tradução de Sandra Maria Mallman da Rosa; 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MONTORO, G. F. Contribuições da teoria do apego à terapia familiar. In: CASTILHO, T. (Org). *Temas em Terapia familiar*. São Paulo: Plexus, 1994.

MOTA, C. P.; MATOS, P.M. Conflitos interparentais e individuação em jovens adultos portugueses: papel dos conflitos de lealdade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Portugal, v. 29, n. 3, p. 267-276, 2013.

MOTA, C. P.; ROCHA, M. Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Portugal, v. 28, n. 3, p. 357-366, Jul-Set 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a11v28n3.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

MURDOCKY, M. *A filha do herói – mito, história e amor paterno*. São Paulo: Summus, 1998.

PENNA, E. M. D. *Eros e poder: puer e senex na adultescência*. In: V Congresso Latinoamericano de Psicología Junguiana, 2009, Santiago do Chile. *Anales...* V Congresso de Psicología Junguiana. Santiago, 2009.

Disponível em: http://www.cgjungchile.cl/uploads/2/2/7/3/22737050/ed._digital_anales_v_congreso_latinoamericano_de_psicologia_junguiana_1.pdf. Acesso em: 28 out. 2015.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto de metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a05.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

RODRIGUES, C. M. *Processos de transição para a vida adulta: do olhar dos pais a uma compreensão intergeracional*. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/22/TDE-2011-11-28T13:08:42Z-11847/Publico/Clarissa%20Magalhaes%20Rodrigues.pdf. Acesso em: 9 mar. 2016.

ROWAN, D. *Um glossário para os anos 90*. Londres: Editora Prion, 1987.

SAMPAIO, C. M. R. *Identidade na vida adulta: a singularização da experiência*. 2016. 133f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19383> Acesso em: 9 jan. 2017.

SAMUELS, A. Incest and omnipotence in the internal family. *The Journal of Analytical Psychology* v. 25, n. 1, p. 37-57, 1981. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1465-5922.1980.00037.x/pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

SAVIETTO, B. B. Juventude e família na contemporaneidade: um desamparo sem fim? *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 23-35, jan/jun, 2012. Disponível em: <http://soa.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/viewFile/213/226>. Acesso em: 6 maio 2015.

SPACCAQUERCHE, M. E. A Família moderna: novos padrões de relacionamento familiar. In: REIS, M. T. R.; SPACCAQUERCHE, M. E. (Org.) *Família em foco sob as lentes do cinema*. São Paulo: Paulus, 2014.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho Cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, out-dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n4/v23n4a12.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

STAUDE, J. R. *O desenvolvimento adulto de C. G. Jung*. Tradução de Humberto Arcaño Brito Rodrigues e Sílvia Helena Azarite Vianna. São Paulo: Cultrix, 1981.

STEIN, R. A situação familiar arquetípica. In: STEIN, R. *Incesto e amor humano: a traição da alma em psicoterapia*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 95-104.

VARGAS, N. S. Descasamento, recasamento e a adolescência conjugal. *Junguiana*, n. 15, p. 8-16, 1997.

VITALE, A. O arquétipo de saturno ou a transformação do pai. In: VITALE et al. *Pais e Mães: seis estudos sobre o fundamento arquetípico da psicologia da família*. Tradução de Pedro Penteado Kujawski. São Paulo: Símbolo, 1979. p. 13-55.

WAHBA, L. Mano: um ensaio sobre o amor fraterno. *Junguiana*, n. 11, p. 10-19, 1993.

WEINRIB, E. L. *Imagens do self: o processo terapêutico na caixa-de-areia*. Tradução de David Gilbert Aubert. São Paulo: Summus, 1993.

WICKES, F. G. A. The negative parental influence on a child's unconscious. In: WICKES, F. G. *The Inner World of Childhood: a Study in Analytical Psychology*. Boston: Sigo Presse, 1988.

APÊNDICE A - Transcrição do primeiro encontro com a família – Genograma lúdico e Anamnese

F – Filha primogênita (Carla)

P – Pai

M – Mãe

F2 – Filha do meio

F3 – Filha caçula

N – Neto

G – Genro / namorado F

G2 – Genro /namorado F2

G3 – Genro / namorado F3

A – Angélica pesquisadora

LOJA – primeira loja que trabalhou

LOJA 2 – segunda que trabalhou

LOJA 3 – atual trabalho

C – Prima

A - Vocês devem encontrar dentre todas as miniaturas aquelas capazes de representar vocês três. Tem objetos de todos os tipos, personagens, animais, meios de transporte, heróis, etc. Em seguida, posicionar na maquete no lugar correspondente para cada um de vocês. Quadrado para o pai, ao lado do pai no círculo a mãe e embaixo a filha.

F – Aí que difícil.

M – Parecia fácil.

P – Esse aqui ó...

M – Deve ter um cavaleiro aqui. É esse.

P – Acho que é esse. É o samurai.

M – Tem os automóveis também, o do Senna tem os tanques de guerra.

P. – Está difícil achar aqui.

M – Que bonitinha a coruja.

F – A fadinha aqui.

F – Mãe, você viu o patinho?

M – Eu vi, é uma graça.

P – Eu vi também o patinho.

M – Falta você F.

F – Que bonitinha.

M – Essa aqui é uma princesinha? Eu já posso colocar?

A - Pode.

F – Não, mas aí não.

M – O que?

F – Aqui, esse é o meu pai, você tem que colocar cada objeto que represente você. Quem é você?

M – Agora é o papai.

P – Eu posso usar o mesmo objeto que ela esteja usando ou não? Tem que ser independente?

A – Vamos tentar independente e depois você explica porque você usaria o dela.

P – Vamos lá.

M – Nossa, essa gueixa aí está demais.

F – Cadê?

M- Aqui não é uma gueixa?

A – É.

M – Nossa. E agora?

A – Quer trocar?

M – Não sei. Eu sou de peixes, eu sou meio conflitante.

A – Tudo bem.

M – Posso colocar as duas?

A – Pode.

M – Um lado meu, um lado que...

A – Pode por.

M – Eu gostei da gueixa. Mas ao mesmo tempo....

ah, adorei essa gueixa, pronto.

P – Tem que tirar uma.

F – Não, ela falou que pode.

M – Eu falei que eu me via assim. Até a da F teria mais uma, mas eu não vou complicar vai.

F – Não complica a minha vida.

M - Essas tortinhas de morango... dá vontade de comer.

A – Todos já escolheram?

Já → todos respondem

A – Então vocês podem me explicar quem é cada um e porque escolheu para se representar e os outros dois?

M – Posso falar?

A – Sim.

M – A galinha acolhedora, eu ponho todo mundo debaixo das minhas asas. E a gueixa que eu tenho um lado meu mulher que é um... eu abro o portão, sabe? Eu me sinto uma gueixa principalmente para ele e galinha em relação aos filhos. E a princesa não tem como... cultura aqui de casa, ele sempre chamando de princesa e eu acho que é uma princesa mesmo.

A – A princesa para a F e para o marido?

M – O marido é o urso porque ele abraça também, ele protege. A sensação é de proteção.

A – Muito bem. Querem fazer algum comentário?

P – Não.

A – Concordam?

F – Concordo. É bem isso.

P – Concordo. Posso eu falar agora?

F – Pode.

P – Eu sou o cavaleiro ali porque eu sou exatamente muito isso que falou, eu sou muito defensor e cuidador. Eu me vejo assim e eu me sinto dessa forma. A M eu coloquei de anjo, um anjo protetor, ela é altamente defensiva, defensiva

na verdade, não, defensora. Ela é muito defensora da família, das filhas em prol disso tudo. E a F eu também coloquei a Branca de Neve pela questão de ver uma princesa. Essa princesa sempre foi, desde que ela nasceu o apelido dela é colocado assim.

A – Princesa?

P – É.

M – É.

F – Agora sou eu, então vamos lá. Eu coloquei a minha mãe aqui também. Muito engraçado, eu via isso tudo, mas na minha visão é a noiva e o noivo. Tipo assim, é a visão de um casamento perfeito, da cumplicidade da noiva que formaram a família perfeitinha, tudo certo e do noivo que também estavam ali para uma união para a formação de uma família. Eu concordo com todos os itens que eles colocaram, eu também fiquei muito em dúvida em colocar para a minha mãe a Nossa Senhora Aparecida.

P – Eu também pensei nela.

M – Nossa.

P – Eu também pensei nela. Mas eu achei que ia ser muito santa.

F – É.

M – É, eu ia ficar meio...

F – Para o meu pai eu não pensei nesse cavaleiro, mas pensei nesse cavaleiro.

A – O que tem de diferente nesses cavaleiros?

P – Eu acho que esse aqui é mais desbravador, ele é mais de frente.

F – Eu tive a mesma percepção, só que do outro. Não sei, eu vejo mais o rosto do outro. Acho que eu fui mais com a cara do outro assim. Esse eu achei meio coberto.

P – Esse é um cavaleiro que vai na frente, vai abrindo, vai protegendo mesmo.

F – Mas aqui eu achei que ia ficar muito bem como fechou assim, principalmente com a minha visão de filha em relação a uma família que os dois formaram como formaram. E é lógico, na hora o primeiro que eu peguei foi o meu de princesa mesmo que desde pequena...

A – E por que a Cinderela?

F – Por que a Cinderela? Se tivesse a Bela aqui ia ser a Bela.

P – Para mim podia ser qualquer princesa. É o ar de princesinha delicada, aquela coisa. Não é exatamente a figura da Branca de Neve, ou da...

F – Não que eu me ache a princesa todos os dias no dia-a-dia. Ao contrário, as vezes eu estou mais para Bruxa Má.

P – Não, com certeza. Se você pegar a personalidade dela, é uma personalidade bem forte, bem marcante e brava. Ela puxa bastante até de mim essa questão de brava, de fazer e tal. Só que como ela foi a primogênita e sempre foi aquela delicadeza, aparente pelo menos, de belezinha, de coisinha, sempre foi colocada nesse sentido.

M – Eu estava procurando uma fruta, um morango. Eu vejo você também como um morango e eu até estava em dúvida, por isso que eu falei das tortinhas.

A – Porque um morango?

M – Porque o morango ele tem um lado ácido e ela sabe usar essa acidez, ela tem uma acidez em como ela encara a vida. E eu gosto. Apesar de toda essa candura de princesa ou não eu vejo ela também como um morango porque ela vai a luta. É lindo o morango, mas quando você dá aquela mordidinha... dependendo... é difícil ter um morango doce, mas ela tem a doçura da princesa.

F – E eu carrego isso também de fazer as coisas corretamente.

M – Muito.

P – Ela é bem caxias.

F – Da forma correta.

M – A responsabilidade.

F – Isso. Bem as histórias da Disney mesmo que tem que ir lá e não sei o que. Eu acho que tem muito ainda voltado nisso e também concordo com essa acidez. É como eu falei, eu tenho o meu lado da Bruxa Má.

M – Isso mesmo.

A – E o que vocês... quando vocês veem esses que eles escolheram, vocês acham que eles combinam, que é mais ou menos o mesmo tema, como é a interação deles?

P – Aquele pode dizer que é unânime. (referindo-se à princesa)

P – Eu acho que está tudo muito próximo. Dentro da questão de proteção, toda a questão que ela colocou, essa doçura com toda essa... apesar de ser doce ela é forte, porque no final cada uma das personagens tem a sua força também, isso corresponde bem a ela. E ali também a questão de abraçar, de ser guerreiro, de cuidar. Eu acho que está perfeito.

M – Como eu também colocaria o morango para a F, para você eu colocaria também um carrinho de bombeiro. Porque ele é bem... como eu posso dizer?

P – Meio apaga fogo.

M – Heroico. Por exemplo, se alguém está no hospital é ele que tem que ir no hospital. “Posso ir aí, o que você tem?” “Está com o marido, mas eu posso ir lá.” O carro quebrou e ele vai lá, perdeu a chave e ele vai lá levar a chave. Ele tem isso. Então eu coloquei também o bombeiro.

A – Temos duas meninas, vocês encontrariam uma unanimidade para as outras duas?

F – Os três escolhem as mesmas para as outras duas. Nós três vamos escolher um objetivo para definir cada uma delas.

M – Eu posso começar e depois vocês dizem se concorda ou não. Cadê a gravidinha?

F – Tem a gravidinha. Tem o bebê também.

M – Eu já pensei na F3.

P – Eu não acho isso não. Ela tem um instinto maternal muito legal, mas eu não acho isso não.

M – A F2, cadê o avião?

P – Não, não. Aí você está falando por causa do trabalho.

F – Eu não acho que é por causa do trabalho.

P – Eu acho que não.

M – Eu acho.

F – Vamos pensar na F2.

M – É a She-ra?
 F – É uma fadinha.
 P – A F2 é a pura delicadeza, a pura ternura. Ela é muito delicada, é muito carinhosa.
 F – Mas olha o objetivo, veja o que te lembra para depois a gente discutir.
 P – E a F3 eu acho ela fechada, é uma menina fechada.
 M – Essa aqui é uma princesinha também. Vamos ver a F2.
 F – Eu concordo aqui também, eu acho que é isso e isso.
 M – O avião não, vocês não concordam?
 F – Olha aquela mala ali
 P – essa é a F2. Ela gosta de viajar e comer.
 M – Falta alguma coisa na F2.

A – Olha com calma, tem bastante coisa.
 M – Ela também é meio coruja, ela é toda família.
 F – Tem uma tartaruga ali atrás.
 M – Eu estava procurando uma lagartixa.
 P – Mas aí vocês estão puxando... [referindo-se ao apelido de infância que depois explica]
 M – Eu estou brincando... Olha tem biscoitinho aqui.
 F – A F2 já tem muito mais do que todos nós aqui.
 M – É. Tem o Sucrilhos, a pasta.
 P – Pera aí, você vai pegar tudo para ela? Tem que pegar uma coisa.
 M – Eu estou selecionando e depois a gente descarta. A F3 é um Piu Piu porque quando ela era pequeninha...
 P – É o Piu Piu, concordo.
 M – Ela falava igual.

A – É a caçula?
 M – Isso.
 P – E a F2 eu já vejo ela... eu queria uma coisa doce.
 F – Tem o anjinho.
 P – Esse aqui é a F2. Eu acho que é esse [refere-se ao anjo].
 M – F3 é o Piu Piu?
 P – Isso.
 M – Não é a grávida?
 P – Não. Ela tem o lado maternal, mas não é o caso, eu acho que é mais o pintinho.
 F – Hoje eu vejo a F3 mais aqui, aqui eu vejo...
 M – Ela tem um ladinho bem Piu Piu sim.
 F – Tem. Mas hoje eu vejo ela já evoluiu para cá.

A – Então vocês vão ficar no Piu Piu ou na grávida?
 M – Piu Piu.
 F – Piu Piu
 P – Piu Piu.

A – e a F2?
 P – Eu estou no anjo. Ela é muito doce, é muito angelical. Ela se preocupa, se você se chateou ela se chateia, ela se preocupa se deixou você chateado, ela é daquela que qualquer coisa ela... ela se chateia, mas ela também é muito carinhosa. É a mais carinhosa de todas. É aquela que vem, te abraça, te beija, fica agarradinha, que deixava de sair com as amigas para sair com a gente. Era incrível, ela ia sair com as amigas, aí eu falava que eu ia sair com a mãe dela e ela pegava o telefone e desmarcava com as amigas e saía com a gente. E

ela é assim até hoje. Por exemplo, ela está com o namorado dela abraçada, eu sento do lado e daqui a pouco ela larga o cara, vem e me abraça.
 M – Esse aqui é um Sagitário?
 F – É um unicórnio.
 P – Eu não acho esse não.
 M – Ela tem esse cone e pode dar as cutucadas dela também.
 P – Mas ela cutuca muito de leve. A F2 falta...
 M – Você que pensa.
 P – Eu acho que a F2 fala muito e age pouco.
 M – Tá bom.
 F – Eu não acho não.
 P – E a F3 é brava, ela é fechada. Ela é a pura doçura com o filho dela, tirou o filho dela... não tem nem marido, não tem pai, não tem nada, aí ela é brava.
 M – Espera aí que eu estou confusa.
 P – A F2 é ternura.

A – Como ficou? Anjo é a F2, o Piu Piu é a F3?
 P – Mas eu ainda acho que falta um pouco de braveza nesse Piu Piu aí.
 F – Mas o Piu Piu ele dá umas bicadinhas.
 M – Dá.
 P – Deixa no Piu Piu mesmo.

A – E aqui é na ordem mesmo, a do meio e a mais novinha.
 M – Isso.

Anamnese:

A – Agora eu vou para a fase de conhecer vocês verbalmente, a família, como esse casal aqui se união desde o namoro? Como é a história de vocês?
 P – Estou querendo contar isso já faz uns dois dias. Tudo começou....
 (Risos)
 P – A minha sobrinha começou uma gravação da família para a faculdade e nós começamos a brincar assim “Tudo começou...”
 M – E tudo começou a gente já começa a pensar que é muita coisa para contar.
 P – Mas talvez seja para quem é de dentro, mas para quem é de fora até é interessante.

A – como é a história dessa família desde o namoro dos pais?
 P – Vamos fazer assim, o marido da F, o namorado dela, o que seja, ele colocou um apelido na nossa família, esse apelido eu acho que cabe muito bem para a nossa família porque nós temos uma coisa assim... eu acho que nós somos muito diferentes de tudo que para ele, o que ele viu, pela nossa união. Nós somos muito unidos, quando bate um dedo dói na mão inteira e é todo mundo, é bem por aí. E ele colocou a nossa família com o apelido de família perfeitinha. Principalmente ele que veio de uma família meio bagunçada...
 M – É da nossa que tem que falar.
 P – E ele ficou bem legal quando ele entrou para a nossa família porque assim, a nossa família não sou eu, minha mulher e minhas três filhas, então a gente é muito acolhedor.

M – Nunca foi porque a gente já veio morar com a minha mãe. Nós nos conhecemos num baile a fantasia, ele de um namoro de 4 anos e eu também, quase noiva.

A – Qual era a fantasia de vocês?

P – Não fomos, nós fomos sem fantasias. Era uma festa da sua faculdade inclusive.

M – Era uma despedida da casa que os pais do rapaz iam alugar e eles fizeram uma festa e estava chovendo e era véspera do dia dos namorados.

P – Era uma semana.

M – Já faz 31 anos. Então, aí a minha amiga ficou me chamando e eu falei “tá bom”, mas eu não fui de fantasia.

P – O meu primo estudava na PUC também e estava tendo a festa e nós tínhamos saído de outra festa. Engraçado, eram os meus primos menores, nem...

M – Eu sou mais velha que ele. Eu já estava para me formar. Eu me formei em psicologia, mas não cheguei a exercer, a minha área é educação.

P – Aí ele falou para a gente dar uma passada na festa e nós fomos. Era uma festa a fantasia que não tinha muito a ver com festa a fantasia, tinham uns fantasiados e outros não. Nós até brincamos de pegar a malha e colocar na barriga para fingir que estava grávida, essas coisas assim.

M – Eles faziam palhaçadas e eu fiquei olhando.

P – Nós éramos muito divertidos assim, muita brincadeira, muita palhaçada. E começamos a brincar e ela de longe ficava olhando e rindo, aí eu cheguei mais perto dela e comecei a conversar com ela. Eu parecia ser um cara mais velho, apesar de ser bem mais novo do que ela, bem mais novo. Eu era moleque, mas eu tinha um bigodão, aquelas coisas assim. Aí eu cheguei e comecei a conversar com ela e o lugar estava meio escuro. Tem uma parte que é ótima. O lugar estava meio escuro e nós ficamos conversando, não tivemos nada, só conversamos mesmo, aquela coisa mais antiga. Aí uma hora eu falei para ela “você é bonitinha no escuro, mas vamos no claro que eu quero ver se você é bonitinha no claro”. E ela foi, aí nós chegamos lá, conversamos e tal, ficamos pouco tempo e já tinha que ir embora, aí saímos. E eu acho que eu peguei o telefone da onde você trabalhava, alguma coisa assim.

M – É muito engraçado, a minha juventude, eu menina, criança morei no Bairro X, e fazia um, dois anos que eu estava morando aqui e eu...

P – Ninguém conhecia aqui, ela tomou um susto quando eu falei que eu conhecia.

M – Ninguém conhecia. E era tudo bem diferente, o shopping estava sendo construído, só para você ter uma ideia. Ele perguntou onde eu morava, aí eu falei que eu não ia nem dizer porque ele não ia conhecer. Aí eu falei e ele falou que eu morava perto do primo dele, ele mora no [Bairro Y perto da casa dos participantes]. Aí eu fiquei boba.

P – Você viu que não é fácil chegar aqui, né? Imagina há 30 anos. E foi muito legal porque aí ela me contou o que ela fazia, onde ela estudava e tudo mais e eu tinha uma amiga que estudava na mesma faculdade, aí eu puxei toda a ficha dela. Quem era ela, onde ela estudava, com quem ela namorou, quem era o cara. E para eu falar com ela

não tinha telefone, eu tinha que ligar na escolinha que ela dava aula.

M – Eu não tinha telefone aqui.

P – Aí eu ligava para ela e ficava conversando. Aí eu comecei a falar que eu sabia disso, disso e disso. Eu puxei a ficha inteira dela. Aí na semana seguinte era dia dos namorados e ela sem namorado, eu sem namorada, aí eu chamei ela para sair, vamos tomar alguma coisa. Nós fomos tomar um chopp, alguma coisa assim. Aí saímos, demos uma volta e vim deixar ela em casa, aí ela me roubou um beijo.

M – Ainda isso.

P – Eu ia embora e ela me deu um beijo. Eu era pequeno e ela que... Ela me roubou um beijo. Aí nós começamos a sair e começamos a namorar. E ela muito paciente, sempre foi, e o tempo foi passando, a gente namorando. Eu falo o tempo passando, mas foi uma coisa rápida porque a gente namorou, noivou e casou em muito pouco tempo.

A – Quanto tempo?

P – Não deu dois anos.

M – Eu já estava concluindo a faculdade, eu terminei a faculdade...

P – Porque eu queria sempre casar e achei uma maluca que aceitou.

M – Ele é meio casamenteiro. Quer dizer, ele sempre namorava para casar. Bem noivo mesmo. Ele é.

P – Aí o que aconteceu? Nesse tempo...

M – Aí faleceu o meu pai.

P – Isso. O pai dela faleceu.

M – Eu fiquei noiva, meu pai faleceu.

P – Foi muito engraçado porque eu morava no Bairro Z e ela morava aqui, aí eu encontrava ela no caminho. Eu tinha uma moto, eu encontrava ela no caminho, levava ela para o trabalho dela e resolvemos um dia ficar noivo, eu parei a moto e ficamos noivo. Aí chegou aqui e o pai dela disse que não era assim que ficava noivo, que não sei o que, que não pode ser desse jeito. Aí saímos para comer uma pizza com a minha família e a família dela para simbolizar o noivado. Aí marcamos o casamento para um ano, nem isso. Só que o pai dela faleceu muito rápido depois disso, foi bem rápido. E ficou só ela e a mãe dela e eu sempre fui muito...

M – Sempre foi muito urso, acolhedor.

P – Eu fui pegando ela e a mãe dela e levando para a minha casa.

M – A família dele é muito grande. Tanto é que quando... eu achei muito engraçado que a primeira vez que eu saí com ele, ele me levou para conhecer a mãe dele. Sabe assim? Já conhecendo a família.

P – Para você ter ideia de como a família é tão acolhedora, a minha mãe hoje mora a quatro quadras da minha casa, a minha irmã mora no bairro do lado. Só o meu irmão que mora mais longe, o resto é sempre próximo. Voltando, no final acabamos casando, foi um casamento muito legal. A mãe dela foi uma mulher sempre muito batalhadora, sempre muito companheira, muito parceira minha e eu tive a mãe dela como uma segunda mãe.

M – Ele sempre também... Se tivesse um pai aí também, porque ele sempre quis ser pai. Aí logo

quando a gente casou eu já engravidei, uns três meses.

P – Por mim a primeira filha já entrava de daminha. Aí eu peguei ela distraída e pumba, veio a primeira filha.

M – Aí eu já fiquei aqui direto. (*em casa*)

P – Isso. Ela tinha acabado de se formar, aí nós conversamos e eu falei para ela ficar aqui, ficar cuidando das meninas e enquanto der a gente vai tocando dessa forma. E ela foi muito bacana porque ela abriu mão de tudo profissional, esse lado dela, para poder cuidar da família. Por isso que eu falo que ela é meio anjo da guarda e ela é mesmo, qualquer coisa ela vira onça. E eu discuto com ela, ela super protege. A gente acaba brigando por causa disso.

M – Eu não acho que eu sou tão assim, eu gosto de ouvir os dois lados, eu acho que eu sou meio justiceira, o que é certo é certo.

P – Desde que seja o lado das filhas dela.

M – Não. Eu vejo um lado... realmente, eu vejo o lado de mãe, não tem jeito mesmo. Mas as vezes eu vejo o lado dele também.

P – Mas foi legal. Aí a mãe dela sempre foi muito companheira, muito parceira e ela viveu com a gente durante 15 anos. Então ela ajudou muito na educação das meninas, pegou a F3 pequenininha.

M – Porque a F3 foi meio temporão.

P – Engraçado que nós sempre falamos em ter três...

M – Foi 8 anos da F, 7

P – Nós sempre falamos de ter três filhos, aí de repente a vida foi se tornando um pouco mais assim... a F veio numa fase batalhadora nossa, aquela coisa. A F2 já pegou uma fase mais confortável financeiramente. Mas também do mesmo jeito, a nossa vida é muito assim, o que vai desce, como dizem: de milhão à zero é um pulo. E aí veio a F3 e tudo assim dentro de todos nós e acredito que dela também, uma condição de cada uma. Eu como pai, fui um pai muito cedo, muito novo, mas foi legal porque eu sempre fui muito companheiro delas. A F2 eu acho que eu faltei um pouco porque eu trabalhava demais e a F3 já foi um pai mais maduro pela idade até. Mas foi tudo muito bom, muito legal e cada uma com a sua característica.

A – Vocês acham que tem alguma história interessante para vocês me contarem das gerações passadas?

P – Pai e mãe?

A – É. Curiosa ou...

M – Da minha mãe?

A – Dos pais ou dos avós de vocês.

M – A minha mãe era super protetora, ela não me deixava nada. Vou contar. Quando eu saí com ele...

P – A primeira vez que a gente demorou mais tempo para chegar em casa.

M – Eu estava... era uma sexta feira, fiz clínica no hospital, eu estava cansada, já não queria sair. Meu erro foi esse. Eu falei para ela, estava o meu pai e minha mãe, e eu falei que eu ia na casa do primo dele que ia ter um fondue e a ideia não era... eu falei que eu ia voltar logo. Aí ficamos bebendo

vinho, aquelas coisas todas e eu não tinha telefone e nem celular, tudo que a minha mãe queria era um celular, que pena que ela não pegou.

P – Morreu antes do celular.

M – Aí o que aconteceu? Coitada. Chegamos as duas horas da manhã...

P – Conforme eu fui chegando com o carro o pai dela...

M – O meu pai estava aqui na porta me esperando.

P – Aí ele falou que a mãe não estava bem. Aí ela saiu correndo e o pai dela falou para eu esperar porque talvez tivesse que levar para o hospital. Isso foi a primeira vez que eu saí com ela.

M – E eu fui falar que eu não ia voltar tarde e eu voltei tarde.

P – Aí depois ele desse batendo o pé e disse que eu podia ir embora. Aí eu fui embora e no dia seguinte eu vim para cá buscar ela para almoçar na minha casa, na casa da minha mãe, aí a mãe dela veio toda sem graça e o pai dela veio dizendo que aqui era muito perigoso, que se acontece alguma coisa tinha que vender a casa e comprar uma metralhadora. Isso eu nunca vou esquecer. Aí quando nós saímos a mãe dela veio atrás e falou assim “eu sou muito preocupada, eu sou assim mesmo. Você vai se acostumar comigo”. E eu disse “Não, a senhora vai se acostumar comigo, eu sou assim, eu saio e tal. Mas a senhora não se preocupa, quem vai se acostumar comigo é a senhora.” Ela tomou um susto.

M – Aí o que a gente fez? Eu sempre falava duas horas a mais, nunca falava o horário certo. Sempre foi comigo, era tudo muito assim comigo.

A – Você era filha única?

M – Isso.

P – Mas ela era assim com os primos dela do interior também.

M – Se preocupava. A minha mãe era super protetora com todos.

P – Muito. Nós íamos para o clube, nós éramos sócios do clube, então nós íamos para o clube, estávamos almoçando e eu sempre queria preservar muito a individualidade da F, ela era pequena, tinha uns dois aninhos, nós estávamos almoçando e a F ia sair para andar aqui, mas perto, dentro do clube. Aí a F ia sair e a mãe dela levantava, aí eu falava não, fica. Ela queria morrer. Daqui a pouco ela falava que ia no banheiro, logo depois você via ela escondida atrás da árvore olhando a F. Eu já levantava bravo, quebrava o maior pau. Era bem assim. O pior que aconteceu foi o seguinte... depois a velha morreu, né? A velha na forma carinhosa que eu sempre me referi a ela. Assim, ela não dormia a noite, passava a noite acordada e acabou pegando em mim, eu que sempre fui um cara desencanado. Agora eu estou assim, elas ficam até tarde, eu fico acordado, elas vão, onde vão, onde vem, que horas vem, chegou me liga. Então vai viajar? Me liga.

M – O celular tem que estar na bolsa, tem que atender. Agora é outro tipo de...

P – Uma coisa que elas têm desde que são pequenas, é uma coisa que eu sempre exigi, porque isso já vinha da minha casa, chega a hora que chegar, vai no quarto e fala comigo, avisa que chegou. E era terrível, se estava dormindo eu

acordava e a primeira coisa que eu perguntava era se elas tinham vindo no quarto. No dia seguinte eu perguntava porque não foi no quarto, porque não avisou. Então sempre foi muito assim. Eu sou muito... até um pouco bravo as vezes.

M – Mas já melhorou, né?

F – Já melhorou bastante. Comigo foi mais difícil obvio, porque eu fui a primeira. Foi muito mais difícil. Realmente eu que tive que abrir as portas para todas as outras. E comigo sempre foi difícil mesmo, comigo sempre foi o mais tarde para começar a sair, o mais tarde para ir para a casa do namorado, para sair com os amigos, para ir na balada. Então eu lembro que quando eu comecei a sair, eu chegava na balada a meia noite, era uma, duas e meu pai já estava me buscando. E tipo, “aí, porque você não foi para a fila antes, eu estou te esperando”. Era uma loucura, sabe? Então assim, foi bem difícil. Essa questão de chegar e dar boa noite sim. Agora, ultimamente que está mais ou menos, né?

P – Mais ou menos não. Vocês já estão com as suas individualidades. Ela vai, aí eu pergunto se ela chegou, chegou. Aí eu não vou abrir a porta dela porque ela está com o G no quarto, eu não vou bater na porta e entrar, mas...

F – Mas sabe que chegou.

P – Para você ter ideia, a F2 trabalha com evento de casamento, então ela as vezes vai sair, pode vir de Uber alguma coisa, mas eu faço questão de buscar. Então eu vou buscar e eu não durmo até a hora de chegar, então no dia seguinte... eu trabalho sete dias por semana, no dia seguinte eu tenho que ir para o trabalho e eu não dormi direito até as três, quatro da manhã. Aí eu levanto, vou buscar e você vê, eu perdi uma noite de sono inteira. Mas isso é herança da minha sogra, pode ter certeza, porque eu nunca fui assim.

A – E a sua família, seus pais como eram?

P – Meus pais são... meu pai é falecido.

A – Mas eles eram super protetores também?

P – Total.

M – Eu acho que eles não eram... Bom, fala o que você acha.

P – Meu pai sempre foi super protetor dos filhos e tudo mais e minha mãe também, sempre protetor, cuidador. Mas assim, as características de chegar tarde... a casa da minha mãe nunca tinha sido... a porta nunca era trancada, tanto no apartamento quanto na vila que a gente morava, a porta ficava aberta, você tinha que passar lá e falar “cheguei!”. Qualquer problema que eu tinha era só ligar para o meu pai que ele chegava na hora.

A – E você disse que achava que não. Por quê?

M – É porque eu era muito, eles não, eles dão uma certa... eles apoiam assim... Por exemplo, eu não dirigi porque a minha mãe não apoiou e eles não, eles falavam “vai”.

A – As três meninas dirigem agora?

P – Sim e não.

M – Ela dirige.

P – A F – dirige muito bem.

F – Só eu dirijo.

P – A F2 dirige mas tem medo. E a F3 parou, acomodou.

F – Na verdade é assim, sempre assim, o mais fechado começou comigo, o mais difícil começou comigo e depois o negócio foi se afrouxando. Entendeu? É verdade.

M – É verdade.

A – Você está dizendo isso por quê? Eles obrigaram você a dirigir?

M – Não.

P – Não.

F – Lógico que sim.

P – Eu forcei?

F – O que? Não... assim que eu... Mas eu sempre quis também. Porque chegou num momento que eu já queria dirigir e sair. Mas eu lembro que na época eu estava com ideia de estudar em São Bernardo e aí ele falou: você vai ter que dirigir. Inclusive ele me deu a carta e aí eu comecei a fazer as aulas, não passei de primeira e eu treinava com o carro dele que era um carro enorme e aí eu já saía e sempre teve... Era um Ômega Suprema. E naquela pressão de ter que passar, ter que fazer. Beleza, eu fui fazendo, foi difícil, quantas mil vezes eu saía com ele e ele do lado falando para eu não fazer isso e tal. Mas eu peguei e fui dirigindo.

P – Ela dirige melhor do que o G que é o namorado, marido, noivo, qualquer coisa.

F - E aí eu peguei isso super bem. Com as minhas irmãs não foi da mesma maneira, não foi. Foi muito mais tranquilo. Você quer fazer agora? Faz. Mas se não quiser também não faz. Deu, deu, não deu ok. Mas eu acho que foi muito importante porque como a minha mãe não dirige e elas também não, eu fiquei como segundo apoio em relação a isso. Ajudar a levar um, a buscar outro, trazer. Por ironia do destino, uns anos depois que eu comecei a dirigir ele sofreu um acidente e colocou seis pinos na perna e ficou mais de seis meses sem poder dirigir, sem nada. Então eu levava ele para a fisio, eu ia para a faculdade, ia trabalhar, ia tudo. Aí eu falei, “nossa, parece que era o que tinha que fazer.”

A – E que acidente foi esse? O que houve?

F – De quadriciclo.

P – É que eu sempre fui muito... eu nunca fui no limite, eu sempre fui além do limite. Foi numa festa de fim de ano que tinha o quadriciclo e todo mundo estava indo devagar e eu já saí dando cavalo de pau no maior pau. Aí para não capotar o quadriciclo eu chutei o chão e deu uma torcida e estourou a tibia. Aí foram 6 pinos e uma placa que eu tenho na tibia. Mas antes disso também já tinha acidente de moto e por aí vai.

F – Sempre muito aventureiro assim. Andava de jet-ski no máááximo, fazer o negócio no máááximo. Mas eu sempre gostei muito disso, adorava andar de moto com o meu pai, andar de jet-ski com o meu pai.

P – Não é que ela gostava de andar de jet-ski, ela gostava que eu mergulhava, jogava para cima, dava cavalo de pau.

F – E voava.

M – Se a mãe dele tivesse aqui ia falar que ele é muito terrível. Graças a Deus as meninas foram...

P – A família inteira... se uma delas tivesse puxado um quinto do que eu fui, eu estaria... eu era terrível. Só para te dar uma ideia, até os meus 14, 15 anos eu já tinha engessado 15 vezes o braço, já tinha cicatriz no corpo inteiro, três vezes a perna. Eu era terrível.

A – Então além desses acidentes, que devem ter sido muito significativos, mais alguém além de você com acidente, ou algum tipo de doença?

P – Acidente foi o meu irmão. Mas depois de velho, não tem nada a ver.

A – Mas vocês?

M – Não.

P – Graças a Deus não.

A – Todo mundo com saúde em dia?

M – Sim.

A – Álcool, drogas, medicações?

P – Álcool nada, drogas eu não sei (risos).

M – Mas remédio de doença crônica?

A – Sim.

M – Eu tenho artrite reumática e ele é hipertenso.

A – Então vocês tratam com medicação?

M – A gente trata.

P – Eu trato assim, ela...

M – O meu são dores que eu sinto. Graças a Deus está tudo controlado.

A – Me falem das mudanças nos últimos dois ou três anos da família.

M – Essa foi a mudança. Nós estávamos numa... eu, pelo menos, eu estava numa... estava tudo muito... parecida acomodado. Aí eu peguei e comentei, estava a tia dele e minha sogra, e eu comentei que eu estava precisando fazer alguma coisa, talvez voltar a estudar, queria ser instrumentista, aquelas coisas assim. Aí a cunhada da minha sogra disse assim “calma, pode deixar que os filhos arrumam o que você tem que fazer”. Mas eu nem...

P – O N foi uma renovação geral.

M – Aí de repente eu só vi o... Porque o seguinte, aqui é tudo muito... eles compraram o apartamento, não tinham... morou onde a minha mãe dormia. Aí a minha do meio não quer saber de namorar, mas a minha mais nova começou a namorar já tem uns 5, 6 anos e também assim, ele dormia aqui, entendeu? Porque ela dormia ali, ela é independente. Então isso assim, eu acho que também... umas liberdades, tal. E aí o que aconteceu? Ela engravidou.

F – Aí foi um susto mesmo. Saiu do nosso... foi um susto, a gente não podia imaginar.

P – Foi muito legal.

F – Depois foi legal, mas tirou o nosso chão assim.

M – Isso. Desacomodou.

P – Sacudiu total.

F – Todo mundo.

P – Mas foi uma coisa muito bacana.

A – E foi bom sacudir?

M – Foi ótimo.

P – Foi ótimo.

A – Me expliquem porque foi bom?

P – Vou te contar como começou. Eu estava deitado no quarto...

M – Não, não, não. Não é isso que ela quer, é saber como foi.

F – Porque foi bom isso acontecer?

A – Essa mudança, o que trouxe de renovação?

P – Não é a mudança em si. Eu acho que ele na verdade trouxe para a gente um monte de perspectivas diferentes. Foi uma renovação de ar, um oxigênio novo, um ar novo na casa.

M – Saiu da zona de conforto.

P – E aqui em casa nada acontece por acaso, ou acontece individualmente, sabe? Aqui é assim, é como eu te falei, é como se fosse uma palma de mão e todo mundo movimentando e fazendo em relação aquilo. Então assim, quando a F3 contou que ela estava grávida, tudo na mesma hora...

A – O seu Piu Piuzinho contou.

P – Tudo na mesma hora...

F – Foi isso para todo mundo, tá?

P – Na mesma hora foi uma revolução. Tudo se parou a partir daquele momento em prol da gravidez dela, do neto que ia vir. Então na nossa família é tudo muito assim, sabe? Todo mundo junto, vamos fazer junto. Aqui a gente parece muito os Três Mosqueteiros, um por todos e todos por um. Então é muito nesse sentido.

A – E com os genros? A F3 é casada?

F – Não, mas eles moram aqui.

P – É como se fosse casada.

M – É união estável.

P – As duas, elas não são casadas na igreja e nem no civil.

A – E com os genros lidam com isso?

P – Eles me chamam de outro pai, né?

M – Deixa eu só falar uma coisa. Eles dois começaram primeiro e ela namorando muito o pai dele, [apontando para o neto que estava na sala] um dia ele chegou para mim e falou assim...

P – Ele o G3, o pai dele.

M – Ele (G3) falou assim: se ele pode dormir aqui eu também posso.

P – Falou para ela, mas não falou para mim.

M – Oi, como assim? Veja bem, eles estão namorando há bastante tempo e ele está aqui porque eles estão esperando, tem um apartamento, existe toda uma...

P – Porque o G foi o seguinte, ele foi morar sozinho e nesse meio tempo... o G trabalha com televisão e ele trabalhar na produção de um programa, teve que ir viajar e nisso o apartamento dele estava vencendo o contrato de aluguel, então ele tinha entregado, estava com dificuldade financeira e entregou o apartamento que ele morava sozinho. Aí foi para lá para ficar um, dois, três meses.

F – Três meses.

P – Isso. Quando ele voltou a gente falou “Bom, onde vamos colocar o G?”. Vamos deixar ele por aqui até acomodar.

M – É só três meses.

P – Aí foi ficando até que não saiu mais.

A – Até que vocês compraram o apartamento?

P – Não, quem comprou o apartamento foi a F.

F – Fui eu. Eu comprei o apartamento em 2011. Mas quando eu comprei o apartamento foi assim, um dia o meu pai perguntou se eu estava com o talão de cheque e eu disse que sim, aí ele disse que eu ia comprar um apartamento. Aí eu falei “ahn?” e ele disse que o apartamento era tudo, que não sei o que e não sei o que lá. Aí eu lembro que eu liguei para o G e falei que meu pai estava falando para eu comprar um apartamento. E ele disse que ele era corretor, então ele sabia o que ele estava falando e era para comprar. Aí eu fui lá e comprei. Mas assim, de início a gente teve cinquenta mil ideias para o apartamento. Vai ser investimento, mas assim, eu gostei muito do apartamento e eu já comecei a ver ali como se fosse o meu lugar.

P – Ela falava que ela ia morar sozinha.

F - Eu ia morar sozinha.

(risos)

A – Você ia?

F – Eu ia.

A – Com esses pais você ia?

F – Não.

(risos)

P – Para você ter ideia da história, a F falava que ela ia estudar e morar em Londres. Eu falei para ela já se programar porque quando ela fosse já ia todo mundo, ia a família toda.

M – Então, porque ele também tem... ele sempre fala que ele queria construir para todo mundo morar junto.

P – O meu sonho era construir um prédio que na cobertura teria um apartamento para cada um e a área de baixo era comum para todos.

M – E ele não fez? Eles têm as suítes deles ali e tem aqui, agora também vem o da F2. Então somos todos assim.

F – Aí foi acontecendo que nesse decorrer do apartamento a gente foi indo, todo mundo ajudando com o apartamento...

P – Mas eu sempre tive a preocupação de trazer os namorados delas... não teve muitos porque elas sempre começavam a namorar e ficavam com ele. As três são assim. A F começou a namorar com o G e ficou com ele, a F3 começou a namorar com o G3 e ficou, a F2 que dava as suas escapatórias não aparecia com ninguém, aí apareceu o G2 tentando, aí nós todos forçamos até ela tomar uma atitude porque ela não tomava atitude e ele é um gentleman, é brincadeira, ele tem uma paciência de Jó, ele é 10. Aí ficou, já está há 3 anos com ela também. Então todas elas ficaram nesse sentimento. E eu sempre trouxe eles para perto de nós, todos eles, o G, G3, sempre foi assim. Vamos viajar? Vamos juntos. Vamos no restaurante? Vamos juntos. Vamos passear? Vamos juntos. Vamos para a casa da Tia? Vamos junto.

A – Fala um pouco da descendência, da origem familiar.

P – Italiana.

A – Dos dois lados?

F – Não.

M – O meu tem Italiano e Espanhol também.

A – E vocês trazem alguma coisa?

P – A família do meu pai era brasileiro cinquentão e a da minha mãe italiana, tanto que todas elas têm dupla cidadania italiana. Então a gente sempre puxou. E o lado mais forte nosso, da minha ascensão com a família sempre foi mais para o lado da minha mãe onde... primeiro porque os familiares do meu pai eram todos mais velhos. Eu sempre falei que eu não tinha muitos amigos, eu tinha primos. Então sempre foi assim, foi muito puxado. Eu me vejo, para você ter ideia, se eu fosse na Itália e tivesse máfia, eu seria o chefe da máfia.

M – Presta atenção...

P - Porque eu me doo por elas e por todos, pela família inteira. Tanto que é assim, a minha irmã se separou, mas ela está próxima. Entendeu? Então a ligação é sempre muito próxima a mim.

A – Porque você disse que herdou isso da sua sogra e não da sua mãe?

P – Porque assim, o excesso de preocupação eu herdei da mãe dela. A minha mãe, por mais que ela era preocupada, alguma coisa, ela sempre respeitou esse espaço. Mas a minha mãe é aquela pessoa que se eu preciso ela está aqui para me ajudar.

A – E como você sentia esse respeito ao espaço da sua mãe em relação a você?

P – A minha mãe sempre foi muito amiga, ela foi mãe moça... Ela foi mãe nova, ela me teve com 18 anos. Então sempre foi um papo muito legal, muito franco, muito na boa. Então ela sempre respeitou muito isso. Ela sempre respeitou muito, mas também é o filhinho dela, aquela...

M – Ele é o mais velho.

A – Você é o único menino?

P – Não. Sou eu, minha irmã e meu irmão.

A – M: E o que você acha que herda de tradição espanhola?

P – Nada.

M – A comida... a braveza... Não! Acabaram com a minha braveza.

P – Ela não tem nada de brava.

M – As vezes ele fala que eu sou um pouco egoísta, pode ser que eu seja um pouco egoísta. As vezes eu sou um pouco, preciso ser.

P – Ela é egoísta por ela ser filha única, ela foi filha única e sempre foi a nenezinha, aquelas coisas. Então ela sempre diz que é dela, “isso aqui é meu”. E aquilo que eu falo da super proteção. ‘Isso aqui é meu’ é também das filhas que são dela. Então não pode falar um nada delas.

M – Aí eu mostro bem o meu lado espanhol.

P – Ou melhor, a filha nunca está errada e nada pode acontecer com ela que ela roda a baiana.

A – E vocês são religiosos? Vocês frequentam alguma...

M – Eu sou religiosa?

P – Nós não somos praticantes disso e daquilo, mas nós somos assim...

M – Espírita.

P – Eu vim de uma educação católica, mas sempre desenvolveu muito esse lado espírita paralelo e eu tenho uma afeição muito grande ao espiritismo e com isso eu fui trazendo todas elas. Tanto que a mãe dele também... é uma coisa muito bonita. Então a gente é espírita nesse sentindo.

A – Mas vocês praticam os rituais religiosos ou frequentam juntos?

P – Não.

M – Já fizemos.

P – Mas hoje nós somos voltados mais para o lado da Umbanda. Mas infelizmente não estamos mais praticando tanto. Eu nunca fui de levar elas também no terreiro, eu sempre fui uma coisa muito fechada. Ou era casa de uma amiga nossa que nós frequentamos muito tempo lá que a gente ia e fazia, até ela resolver não querer fazer mais quando a mãe dela faleceu. Aí tinha um amigo meu que fazia na casa dele, mesmo ele me convidando para ir eu fui muito resistente, até eu começar a ir e depois levar ela e no final dele vir e todo mundo... para você ter ideia, a família é tão afetiva nesse sentido que até dentro... eu não sei se você conhece alguma coisa do espiritismo ou não, mas existe certa hierarquia onde você tem um lado que é mais... eu sou o chefe da casa e nada acontece. Esse chefe da casa abraça todo mundo, toma uísque junto. Você entendeu? Então acaba se envolvendo afetivamente com todo mundo, é sempre assim. E é muito legal e a gente se sente muito acolhido por eles também.

A – E todos têm a mesma religião?

P – Sim. Até os agregados.

M – Mas eu que... eu sou... nós somos católicos apostólicos, então eu que levei elas para fazer o batismo, primeira comunhão. Se não fosse eu...

F – E se não fosse pela minha mãe...

M – Eu gosto disso. Eu gosto de ir na igreja, eu gosto de ir no cemitério no dia dos finados para levar flores. Eu tenho esse lado meu, mas eu também entendo muito bem, adoro o espiritismo, acho super legal a umbanda também. Tenho todo esse lado místico.

P – Mas a gente sempre foi muito assim... esse é o lado dela, eu nunca fui muito de igreja, eu entro na igreja e começo a ter sono.

M – De igreja eu que levava.

A – Me contem um pouco como foi a reação de todos com relação ao nascimento do N.

P – É uma festa. Isso que eu queria te contar, começou assim... eu sou muito protetor, de certa forma acho que eu sou um pouco bravo e não sei se temido, ou se é respeito, não sei o que acontece. Eu estava deitado na minha cama vendo TV, aí daqui a pouco entra a M no quarto com uma cara branca: "Não fica nervoso, eu preciso falar com você". Eu achei que tinha um ladrão atrás. Aí ela disse que a F3 estava grávida. Aí eu gritei de novo,

ela foi falar alguma coisa e eu disse para ela não falar nada, sair do quarto, fechar a porta e me dar 5 minutos. Eu me espantei com isso. Aí deu um tempo... Só que isso quando aconteceu, atrás da porta tinha uma fila indiana

M – Ouvindo.

F – Eu estava no meu quarto com a F2.

P – Aí eu chamei a M e pedi para ela chamar a F3. Aí quando ela entrou eu falei para a M sair e deixar só nós dois. Aí a F3 entrou chorando, chorando. Aí eu perguntei para ela o que aconteceu, ela disse que estava grávida e eu perguntei o que tinha acontecido. Aí ela disse que tinha muita infecção urinária e se atrapalhou e acabou engravidando. Aí eu perguntei o que eles pretendiam fazer, ela disse que ia ter o filho e eu falei que não era isso que eu estava perguntando, eu queria saber o que eles pretendiam fazer. Aí ela disse que ele ia ficar na casa dele e ela aqui e que teriam o neném. Ela tinha acabado de trancar a matrícula dela na faculdade de direito e eu perguntei se ela tinha parado por causa disso e ela disse que não, que realmente ela não estava gostando, que ela queria fazer pedagogia. Aí eu comecei a conversar com ela, que ela ia ter que estudar, que ia ser assim e assado e tal, tudo direitinho. Aí eu perguntei de quanto tempo ela estava grávida e ela disse que de 5 meses. Aí eu falei, "mas filha, você ficou 5 meses passando essa agonia sozinha? Não tem necessidade, porque isso? Nós estamos todo mundo junto aqui. Para de chorar, lava o rosto". Aí ficou tudo bem e eu chamei a M para entrar, ela entrou, depois entrou o G3 e o que eu falei para ela eu falei para ele. Aí entrou essa chorando, entrou a F2 e todo mundo chorando. Aí eu falei "para! Meu neto não é motivo de choro", fomos lá e abrimos a champanhe. Nisso o pai do G3 veio buscar ele, aí eu já abri a porta e falei "e aí vovô, você não vai descer? ", e ele disse "já te falaram? ". Eu era a única pessoa que não sabia de nada.

F – Nossa.

M – Ninguém sabia.

F – A F3 contou para a F2?

M – Não, ela não contou para nenhum de nós aqui.

P – E é engraçado ela contando porque o G3 queria que falasse e ela que falava não.

M – Ela estava com medo. Porque tudo que eu falei para elas, eu dei liberdade e realmente escapou, aconteceu. Então...

F – Eu acho que ela ficou muito aflita de decepcionar.

M – Muito, muito aflita.

P – Aí o pai dele foi buscar a mãe, a irmã e veio todo mundo. Aí eu liguei para a minha mãe, para a minha irmã e veio todo mundo para cá.

M – Deixa eu contar. Todo mundo achava que quem estava grávida era a F. "O que, a F3?". Sim, a F3.

F – As pessoas vinham me cumprimentar. E eu falava que era ela.

M – Foi muito engraçado. Eu contei para todo mundo numa boa.

P – Aí a família toda virou em prol da F3, do G3 e na verdade do N.

M – Nesse aspecto eu senti que assim, principalmente a minha família do lado do eu pai e

da minha mãe, que a gente é mais separado assim...

P – A M foi adotada pela minha família totalmente.

M – Aí vieram todos. Sabe quando voltou? Foi todo mundo, eu fui conversando com a minha tia, com a outra tia que estava no interior. Entendeu? Foi uma coisa. E quando ele nasceu então... foram 3 meses, 4 meses de festa. A minha casa não parava. Amigas minhas do colegial, da faculdade, foi tudo muito gostoso assim. Ele trouxe um retorno da família muito importante. Foi muito legal. E o mais legal...

P – E a gente foi em todas as consultas médicas para escutar o coração, para ver.

M – O mais legal foi o meu ginecologista que operou ela, fez a cesárea. *(se emociona e chora)*

P – O mesmo médico que fez ela nascer, fez ele nascer.

A – Eu tenho lenço.

M – Foi muito legal porque ele deu muito apoio para a F3 falar com a gente.

P – Porque ele já sabia. Ela foi para ele.

M – Foi aí que ela escutou o coraçãozinho e ele falou que ela tinha que falar para os pais, que ninguém ia enfartar ou morrer.

F – Ela tinha medo.

P – E o médico era legal, ele acabou virando amigo da família.

M – Ele já era porque ele fez os três partos. Eu tive parto normal e ele fez todo os meus partos.

P – E não só dela como ele fez o da minha irmã.

M – Foi muito fofo ele.

A – Agora me contem mais uma ou duas mudanças bastante significativas da família que não foram talvez tão recentes, mas que impactaram muito

M – Financeiramente?

A – Como vocês quiserem.

M – Foi quando ele saiu do estacionamento.

P – Ficou muito instável.

A – Que ano foi isso e qual era a idade das meninas?

P – Há 11 anos. Mas assim, primeiro era assim... Eu comecei, eu trabalhava normal como todo mundo trabalha, com carteira, tudo direitinho. Aí eu comecei a entrar no ramo de informática. Nesse ramo de informática foram uns 7, 10 anos.

M – Nossa... porque foi na época que não existia computador.

P – Não tinha computador e eu tive acesso muito fácil aos computadores que vinham de fora. Isso fez com que nós tivéssemos uma ascensão financeira muito legal.

M – É.

P – Então nós ficamos muito bem. Foi aquela época que eu falei que eu trabalhei muito, que eu acho que eu até faltei um pouco para a F2 porque eu trabalhava muito, mas financeiramente valeu foi bem gratificante, ganhamos bem, viajamos bastante. Mas eu nunca soube guardar dinheiro, se eu ganhar 100 hoje, eu gasto os 100 hoje mesmo. Sempre foi assim, é uma característica.

A – F, como é a sua relação com as finanças?

F – Olha, eu gostaria de saber guardar mais, mas eu acho que... eu não sei guardar, mas eu sei investir. Eu acho.

A – Para entender como foi o impacto da vivência financeira para as meninas, para a F.

P – A F2 foi a que viveu melhor esse dinheiro, vamos entender assim.

M – A F, o que aconteceu? Foi bem na época também... aí passou toda essa época depois dessa loucura do computador e um primo nosso ajudou muito a gente porque ele foi trabalhar no estacionamento dele.

P – O meu primo tinha uma rede de estacionamento e eu abri com ele durante 7 anos.

M – E ela começou na faculdade e o que ela teve que fazer? Parou 1 ano porque ela teve que trabalhar porque a gente não tinha... muita gente ajudou nos estudos dela.

P – De todas elas. Sempre elas pagaram os estudos delas, de faculdade.

M – A gente sempre teve um apoio financeiro muito legal. Aí o que aconteceu? Tá bom, você quer fazer faculdade? Então você vai ter que trabalhar para pagar a sua faculdade porque a gente não tem condições.

P – Isso era uma coisa que me fazia muito mal.

M – E ela começou a trabalhar... elas todas trabalharam cedo.

A – Trabalharam e fizeram faculdade?

M – Isso.

P – Todas elas.

A – E terminaram todas?

F – A F3 está terminando agora.

P – A F3 está terminado pedagogia. Ela é formada em biomedicina, mas só é formada. E a F2 é formada em turismo.

M – Então, aí começou a trabalhar na LOJA, foram trabalhar em shopping. Ela principalmente.

P – Tem uma característica da F desde pequenininha, ela sempre foi muito, muito, mas muito responsável.

M – E nos ajudou muito e nos ajuda ainda financeiramente. Ela nos ajuda muito.

P – Em relação à responsabilidade ela sempre foi muito... a gente nunca precisou chamar para ir para a escola, ela sempre acordava, se ela estava doente e não ia para a escola ela chorava porque ela tinha que ir porque ela queria. Então ela sempre teve esse lado responsável.

M – Elas todas.

P – Aí quando ela começou a fazer a faculdade... ela sempre fez a faculdade com o intuito de se formar e seguir a carreira do estudo dela. Só que o que aconteceu? Ela também conseguiu ter um desenvolvimento muito legal dentro das empresas que ela trabalhou. Ela começou a trabalhar na LOJA, começou como vendedora e foi crescendo, chegou a gerente geral da LOJA, já podendo ser uma promoção em nível de diretoria, mas foi naquela época que na Europa, no Mundo, deu aquele problema e começaram todo os problemas, ela se aborreceu com isso e pediu as contas na LOJA.

M – Aí nesse meio tempo, o que aconteceu? O primo dele fechou o estacionamento e ele ficou sem ter emprego e tal. E ela estava em conflito lá na LOJA porque lá não é fácil também. Aí eu falei para ela esperar um pouco para ela sair porque o P tinha acabado de sair do emprego e era um salário fixo de comissão muito bom.

P – Não era grande coisa.

M – Mas nos ajudou muito. E ela ficou lá.

P – Quando eu saí nós ficamos sem aquilo. E você acaba acostumando com aquele montante, então a gente tinha uma vida estável nesse sentindo. Quando eu saí e fui ser corretor de imóvel era uma vida totalmente diferente, era um autônomo total, então quer dizer, depende muito de mercado, eu de certa forma sempre me dei bem, mas o mercado é muito inconstante, então a gente chegou a ganhar muito bem, mas também ficava muito tempo sem ganhar nada, então é muito inconstante. Hoje então nem se fala. Hoje sinceramente, graças a toda educação que nós demos, nós somos mantidos por elas. Porque o que eu ganho não dá para se manter já há muito tempo. Então é ela e as irmãs dela, mas principalmente a F que acaba segurando as pontas. E isso fez com que isso atrapalhasse os planos dela de mudança e de poder terminar de fazer o apartamento dela, uma coisa que ela já poderia estar com tudo pronto há muito mais tempo e já totalmente equipado de nós não tivéssemos sido esse fardo. Entendeu?

M – Não...

P – Ela já teria resolvido as questões pessoais dela há muito tempo atrás. Mas nós também somos muito gratos a ela por tudo que ela fez.

A – E como vocês estão se planejando? Você está se preparando para sair, como é isso?

F – Sim.

M – Ela está mais preocupada do que nós.

P – Eu não sei, eu vou chorar muito, mas...

F – Como eu estou me preparando? Eu não sei como eu estou me preparando. Na verdade, também tem um outro lado que é assim, essa comodidade que eu tenho aqui, algumas regalias que eu tenho, eu não tenho o que falar, isso é muito bom e eu acho que eu sou um pouco acomodada com isso.

P – Sim. Afinal de contas, arroz e feijão ela não sabe cozinhar.

F – Isso. Eu não sei cozinhar até hoje, também nunca foi nada que me fez falta. Então... Mas assim, eu acho que está chegando a hora, tem que partir, mas eu acho que isso vai ser bom também, tanto para mim... porque eu sinto que eu tenho que me virar e eles também.

A – Você acha que você não sabe se virar?

F – Eu acho que não. Eu não sei.

A – Vocês acham que ela não sabe se virar?

P – Depende do que.

M – Eu não acho. Eu acho que ela vai se virar super bem.

P – Ela não vai saber lavar roupa, não vai saber fazer comida. Mas a vida é muito prática. Ela e o G são muito práticos. Vai ter que arrumar o apartamento? Ela vai dar um tapa dado, vai chamar

a assistente do lar daqui que vai arrumar o apartamento dela, vai deixar arrumado.

F – Na verdade assim, eu nunca me pus a prova disso, então assim, para mim está interessante nesse sentido de ser uma coisa diferente, é um desafio. E eu sou muito movida a isso. Porque assim, está monótono, está tudo igual. Então assim, o que me leva muito é esse desafio de ver o novo e saber o que é que vai ser importante.

A – O que você acha que você vai sentir em relação a eles?

F – Não sei. Eu acho que de início eu ainda vou ficar muito ligada aqui.

P – Eu acho, sinceramente, que ela nunca vai desligar daqui.

A – É?

P – Eu acho que nenhum deles.

F – Completamente não.

P – A família é muito unida.

F – Mas eu acho que de início eu ainda vou estar muito ligada. Eu fico pensando que eu vou ficar muito assim, eu sofro por antecipação, eu tenho esse mal.

M – Acho que elas todas.

F – Então eu acho que eu vou ficar assim: Meu Deus, eu vou chegar em casa e se eu fosse para a casa da minha mãe e do meu pai ia ter comida, não vai ter comida. Sabe assim? Eu acho que eu vou ficar muito nesse comparativo. Então isso eu acho que eu vou sofrer um pouco. E eu acho que eu vou sofrer um pouco no sentido da bagunça, um monte de gente, tudo acontecendo e lá vai ser muito eu e o G e eu acho que em alguns momentos vai me dar um pânico assim de não ter ninguém, de estar calmo, vazio.

P – Vai faltar barulho.

F – Mas aí eu também já coloquei na minha cabeça que se acontecer isso eu pego o carro e venho para cá.

P – O apartamento dela é um apartamento bem a cara deles. É um apartamento pequeno, moderno, o condomínio é moderno, de muita gente jovem. Então tem muito a ver com eles.

M – Eu acho que vai ser muito legal. Eu aprendi assim, eu tinha tudo na mão, eu chegava e eu não sabia nada. Eu aprendi a fazer comida, fazendo a papinha deles.

F – Filhas de mães super protetoras sobrevivem.

M – Sobrevivem.

P – Mas elas são muito práticas, sempre geração saúde. Ela vai fazer uma tapioca e ele bater alguma coisa.

A – O que vocês acham que vocês vão sentir quando ela sair?

P – Nem fala.

M – Eu não quero falar. Ela vai chorar, chora!

P – Eu não fiz filho para o mundo, eu fiz filho para mim.

F – Ai

P - E não é só filho, neto também. Eu sou muito... eu não fiz, eu vou sentir muita falta. Tanto que, por exemplo, só para você ter uma ideia, eu sou conhecido no prédio dela mais do que ela porque

eu vou em todas as reuniões de condomínio, eu faço, eu falo, eu vou dou a minha opinião.

A – O que você sente quando você escuta o seu pai falar que não fez filho para o mundo?

F – É horrível. Me dá uma sensação de preso, eu não sinto de uma forma legal. Tanto que eu levo isso para um sentimento contrário, os meus filhos eu vou fazer para o mundo. Eu acho que tem a conhecer o mundo, tem que conhecer diferenças, tem que conhecer isso, mas que sempre seja voltando aqui.

A – Tenta descrever isso que você fez apontando para cá. (*meio do peito*)

F – Não sei, um aperto assim, num sentimento de estar apertando. Eu não acho isso. Ele fala muito isso e isso eu já tenho convicto em mim que com o meu filho vai ser diferente. Pelo contrário, tem que ir, não tem que esquecer da mamãe, mas tem que ir. É mais nesse sentido. Porque tem que curtir todas as partes, tem que saber desbravar as coisas, não que eu não saiba, eu acho que no decorrer das coisas que foram acontecendo eu fui aprendendo também, eu acho muito legal. Eu e minha irmã do meio, até que a gente teve muitas oportunidades de viagens, de ir atrás. Toda vez que a gente teve essas oportunidades de ter que se virar sozinha, vai e acontece... isso é um desafio muito legal que eu acho que tem que acontecer. Eu não acho que tem que ser criado para mim, eu acho que tem muita coisa acontecendo ao redor, muita coisa que tem que conhecer, tem que saber, tem que dar a cara a tapa para você aprender também em alguns momentos. Talvez por... tem todo esse lado de muita união, de tudo muito próximo, de tudo muito ali que sempre nos ajudou muito, talvez foi uma grande vantagem minha e das minhas irmãs, mas também, toda vez que a gente tomou o choque foi grande, do lado externo, porque a gente também tomou. Tanto na vida profissional, na faculdade e toda vez que tomou foi muito forte. Então eu acho que tem que ter... até mesmo para ele não sofrer dessa forma.

A – Você sofre deles sofrerem?

F – Sim, lógico.

P – Eu vou sofrer no sentido de sentir a falta dela, a presença dela aqui todos os dias, de escutar. Do mesmo jeito que ela falou do silêncio demais lá, eu vou escutar ela aqui. Entendeu? Então isso vai me fazer muita falta. Quando eu digo que eu fiz filho para mim e não para o mundo, não no sentido de... mas assim, eu nunca fiz com a intenção de um dia o meu filho seguir o caminho dele. Eu sempre considerei que o caminho da minha filha é muito puxado ao nosso junto. Tanto que eu sou muito assim porque desde um pouco antes do meu pai falecer e até depois um pouco, eu sempre tive a preocupação de ter a minha mãe perto de mim, da minha mãe vir almoçar e jantar aqui em casa, se ela vai algum lugar ela vai se comunicar comigo para onde ela vai e o que ela está fazendo.

A – E você fazia isso porque?

P – Eu acho que é um pouco de criação. Eu sempre escutei o meu pai falar muito que eu sou o mais

velho e que eu tinha que cuidar e tomar conta. Não de cobrança, mas numa boa. E eu sempre me vi dessa forma. Eu sempre fui muito apegado à minha família.

A – Você acha que como primogênita você também herdou algum desses aspectos?

P – Total. Ela cuida das irmãs como eu estou falando.

F – Mas eu acho que assim... eu acho que foi muito de uma forma de criação: cuida da sua irmã, cuida daqui. Então eu acho que eu também fui muito orientada para esse lado.

M – Porque a minha mãe foi criada assim. A minha mãe foi a mais velha de cinco filhos e o meu avô naquela época, eles moravam em sítio, não tinha nem luz, e ela que tinha que cuidar dos outros irmãos. Tanto que o meu tio era terrível e um dia ele sumiu e quem levou o pato foi a minha mãe. Então ela tinha isso, isso foi um trauma.

P – Mas eu nunca fui cobrado pelo meu pai assim.

F – Era sutil.

P – Não, não, eu nunca fui cobrado. Mas eu sempre fui muito assim, eu sempre fui muito dominador, protetor e mais algumas características talvez não tão boas, mas eu sempre fui assim e de forma geral, é como eu te falei. Quando o meu pai faleceu a minha irmã ainda era casada e quando ligaram para a casa dela porque eu estava viajando, a primeira coisa que ela faz quando ela recebe a notícia é chamar o meu nome. Não foi nem o marido dela. Então eu sempre fui muito assim com todos, com os meus irmãos, com elas então nem se diz. Uma vez a F quase foi assaltada aqui e eu saí de cueca no meio da rua atrás do cara.

A – Reproduz um pouco o seu sogro que falou que ia ter que vender a casa para comprar uma metralhadora.

P – Não, não.

M – É a mesma coisa.

P – O meu sogro fala em vender a casa, eu não, eu já tinha a arma. (risos). Eu era um pouco mais agressivo.

F – Mas é. Com metralhadora e tudo.

A – Como você acha que as suas irmãs vão sentir a sua saída e o que isso vai representar para elas?

P – Um Clube Joia.

F – Eu não acho que as minhas irmãs vão sentir tanto igual a eles. Eu não acho que elas sentirão tanto.

M – Você que pensa.

F – Não sei.

M – Antes deixa eu explicar o clube Joia, é porque tem piscina.

P – A gente brinca porque o condômino é bem legal.

M – Na época da LOJA ela era gerente, então ela tinha acesso às roupas e nos trouxe muitas roupas e nós temos os mesmos corpos, então ela brinca...

P – A gente foi criado muito bacana, a gente fala de ser egoísta, mas elas sempre foram criadas que o que é de uma é de todas e eu nunca deixei elas brigarem.

A – Mas deu certo? Vocês nunca brigaram?

M – Já brigaram sim.

P – Mas a briga acaba rápido.

F – Uma coisa que é muito interessante é assim, isso nunca aconteceu na minha família, na minha casa e isso sempre me chamou a atenção e eu nunca achei legal o que eu via. Até hoje eu não acho isso legal, mas eu acho isso muito interessante da gente. Quando a gente briga a gente briga, quebra o pau e não sei o que, mas é naquele instante, não é que a gente vai ficar rancoroso, que eu vou ficar cinco dias sem falar. Não é isso. Brigou, parece que cada um fica ali e depois volta como se nada tivesse acontecido, é muito engraçado isso.

M – Ah, mas eu nunca deixei isso. Porque é o seguinte, quando ela... desculpa te interromper. Quando elas eram pequenas eu queria que elas brigassem comigo e não entre elas. Eu queria que elas ficassem bravas comigo, mas não brigassem com elas. Entendeu? Porque a gente não é para sempre e eu quero que elas se unam como elas são, tem aquelas picuinhas.

A – Se elas entrassem aqui agora e vissem que essa representação é da F2, essa a da F3 e essa F. O que elas sentiriam?

M – Elas já sabem. Chama a F2.

P – Cada uma tem um apelido aqui.

F – Eu acho que é tranquilo

P – E todos os apelidos são carinhosos da mesma maneira.

F – Eu tenho certeza que elas iriam pegar as mesmas coisas.

P – Do jeito que ela é a princesa, a F2 é a lagartixa e a F3 é o Pututu. Então sempre foi assim.

M – É.

A – Existe ciúmes entre elas?

P – Que eu saiba não.

M – Pode ter assim de não sair... por exemplo, o meu genro fica louco que eu saio... “se fosse com a F você ia.”

F – Ele fala.

M – Eles declaram mesmo na ‘caruda’: com a F2 você vai porque você vai comer no shopping e você gosta de ir ao shopping. Eu adoro ir ao shopping. E eles ficam loucos. “Para ir no parque você não vai, mas se for para o shopping você vai. Se a F chamar ela vai, você vai ver.”

F – Ele faz assim mesmo. Isso é muito engraçado.

A – Pensando em características de personalidades entre vocês, você acha que você é mais parecida com quem? Tem mais afinidade com quem dentro da família?

F – Eu sou mais parecida com o meu pai.

P – Igualzinha.

F – Eu sou muito parecida com o meu pai.

P – Por isso que ela fala que não vai ser, mas eu duvido, ela vai ser exatamente igual.

F – Eu acho que assim, eu sou muito parecida com o meu pai, mas tem muitas coisas que eu peguei da minha avó.

P – Ela é uma edição melhorada.

M – Era isso que eu ia falar. Eu acho também.

A – Me conta da avó então. Qual avó?

F – A materna.

M - A responsabilidade com o trabalho, elas todas.

P – Todas.

M – Elas têm uma responsabilidade com o trabalho, com o dinheirinho que elas ganham e a minha mãe era tudo contadinho.

F – Eu lembro da minha avó anotando no papel e eu tenho esse hábito de fazer as contas do mês anotando num papel. Outro dia eu me vi igualzinha a minha avó. É ridículo, hoje tem celular, tem tudo, mas eu estava igual a minha avó. Eu lembro que a minha avó acordava cedo, pegava ônibus que não sei o que. Então eu acho que nesse ponto eu também sou bem parecida com a minha avó. E eu acho que esse lado um pouco de liderança, de dominadora eu sou muito o meu pai.

A – E essa afinidade faz com que vocês se deem melhor ou não?

F – Sim.

P – Eu me dou bem com todas elas.

M – Quando briga eu falo que é porque eles são iguais, por isso que eles brigam. Eu falo muito. Até a F2 eu acho que tem um lado dele. Eu acho que a F3 sou eu, porque eu era muito fechada em relação aos meus pais. Tudo bem, eu tenho uma grande amizade com a minha mãe, mas eu vejo muito de mim na F3.

P – A F3 é fechada, só é aberta com o filho dela e com o marido. Mas qualquer incêndio que tem, qualquer coisa que acontece é na minha porta que bate primeiro, todas elas.

F – Eu sinto muito a F3 no sentido assim fechado. Assim, está para explodir, aí que você vê que explodiu porque ela fica segurando até a última. Aí você pensa porque não abriu antes, porque não falou antes. Não só no caso da gravidez, mas em outras coisas também.

M – É.

F – Então eu acho que isso assim. Antes dela falar que ela ia sair da faculdade, que ia trancar, ela sentou... eu lembro que eu estava levando ela para trabalhar e ela falou que ela ia trancar a faculdade. Eu perguntei se ela tinha certeza disso porque não dá para ficar pulando e pulando. Mas eu não sabia que ela estava grávida, nem nada disso. Mas ela já sabia que ela estava grávida, ela já sabia de tudo. Aí, depois que você sabe de tudo que você vai entender ela, sabe?

M – Ela vai dando dicas, você tem que ficar um pouquinho...

P – Ela é muito...

M – Eu me vejo muito nela.

P – Tudo que a F3 tem... a F tem um jeito de conversar mais, a F2 se derrete e a F3 se eu tiver aqui ela passa batido, vai e volta e nem percebe que você está aqui. Ela se fecha totalmente. As vezes a gente está no carro e ela entra muda e sai calada.

A – Você acha que essa coisa de ser mais fechada pode ser confundida com egoísmo?

P – Não.

A – M, O que você acha de ele te chamar de egoísta?

P – Eu acho que... que é da personalidade dela...

F – Deixa ela falar.

P – Mas uma vez no carro...

F – É para a M falar.

P – Espera aí. Uma vez com ela no carro eu disse assim “F3 fala alguma coisa” e a F3 virou para mim e disse “eu sou assim mesmo, eu sou quietinha”, tipo cala a boca e não fala comigo.

M – Tudo bem. O que eu acho que eu sou egoísta, que tanto eles falam... Tem coisas que eu não falo mesmo, eu fico muito na minha. Eu fui educada para não dar preocupação, já é uma característica minha também. Sabe aquela filha única, a boazinha, a que se formou, casou, fez tudo... eu fui criada para não dar preocupação. E quando eu fui adolescente saía assim... chega na hora certa e eu dava as minhas fugas. Eu adorava, eu adoro fazer as coisas escondidas. Eu tenho o meu lado... não sou assim também tão santa. Entendeu? Eu sou assim, faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Eu tento mostrar para elas todo o lado bom, tudo isso. Elas vêm reclamando de uma amiga, eu mostro o lado bom da amiga, o que pode estar acontecendo desse lado. É sempre assim. Ali na cozinha... pode ser que na hora do aperto elas vão para ele, mas na hora da confiança, umas coisas da gente, cada uma vai lá e fala. Ela tem um jeito, a F2 vai me contar de outro jeito e a F3 eu tenho que ir cutucando, mas elas me trazem.

A – Do que a M falou teve algo que você se identificou?

F – Talvez... não.

M – Em escutar as suas irmãs.

F – É, talvez em escutar. Porque eu sou uma boa ouvinte, acho que eu sou.

A – Você acha que você também foi criada para ser uma boa filha e não dar trabalho?

F – Sim.

M – Todas elas eu acho que eu fiz...

F – Mas eu acho que é muito da imagem da princesa também, muito.

M – Eu sempre fui muito amiga.

F – Ah sim, é muito claro que eu e a F2, a F3 eu não sinto tanto, mas eu e a F2, a gente sempre confiou muito mais aqui do que numa melhor amiga. Sempre ficou muito mais fechado aqui do que fora.

M – Porque eu sempre falo e sempre falei para elas, eu não sei nem se a... eu sempre falei cuidado, porque uma melhor amiga sempre tem uma melhor amiga. Eu sempre falei para tomar cuidado, não confiar muito. Meu pai sempre... ele fazia assim para mim, ele ficava atrás de mim e falava para eu ir para trás, eu ia para trás sem olhar e ele falava: cuidado, não confia nem no seu pai. Era uma educação de 1959, né? Ele já não faz isso.

P – Engraçado, eu falo que elas podem vir para trás e ter a certeza que eu sempre vou estar ali.

M – Por isso que eu digo que ele é sempre o bombeiro e tal.

A – Vamos falar dos marcos importantes da F, da vida da F.

P – Ela foi uma menina cheia de marcos. Quando ela nasceu á foi um marco para nós, ela foi muito querida, muito desejada.

M – Foi mesmo. Meu pai faleceu e a minha mãe quando eu estava com cinco meses de gravidez eu descobri que ela estava com câncer de mama. Então foi demais.

F – Eu sou a primeira dentro da geração. Tanto que eu tenho priminho hoje que são um pouco mais velhos do que o N

M – Além de tudo a minha mãe ajudou muito. As crianças que vieram da minha família sempre trouxeram coisas boas.

A – Qual era a brincadeira predileta da F? Ou brinquedo?

P – Não era boneca. Ela gostava de correr.

M – Futebol.

F – Meu brinquedo predileto? Era a Barbie.

M – Eu ia falar.

P – Sim, sim. Mas por uma fase. Ela teve todas as Barbies.

F – Mas a Barbie para mim era a mulher ideal, a Barbie é a Barbie gente. Ela já tinha a sacola que ela ia trabalhar, ela era tudo.

A – A sua Barbie era trabalhadeira?

F – A minha? Sempre saiu para trabalhar, sempre. É muito engraçado, a minha Barbie sempre fazia... Olha que loucura. Mas sempre fazia. Muito parecido com o que eu faço.

M – É isso mesmo, a Barbie. E tem o Ken.

F – As minhas Barbies sempre tiveram várias roupas, sempre... ela tinha a casa dela, o Ken vinha. Mas ela também saía, ia trabalhar todos os dias. É a Barbie.

M – Por aí mesmo.

A – E como ela era não escola?

M – Foi ótima.

P – Ela tem um problema sério, se ela tirava 9 ela chorava. Ela se cobrava o 10.

M – Ela tem isso, ela se cobra muito.

P – Então ela sempre foi muito responsável, como nós falamos. Outro marco que foi muito legal é que ela sempre foi muito batalhadora e ela sempre conseguiu tudo que ela quis. Ela arrumou o emprego dela, ela trabalhou. Mesmo quando ela foi recepcionista que foi o começo, ela foi destaque dentro daquilo. Aí ela foi na LOJA e começou a se destacar. Ela foi tão legal que os diretores chamavam ela para ela assumir uma promoção e ela não queria para não atrapalhar a faculdade. Aí ela entrou na faculdade, se formou, fez questão de se formar mesmo sabendo que ela não ia exercer aquilo, mas ela terminou.

A – Não vai?

F – Eu acho que não.

P – Ela é diretora da LOJA3 hoje.

F – É que assim, hoje foi para outro lado. Chegou certo momento que eu até pensei se valia investir ali. Não é que eu não gostei, a faculdade que eu fiz eu adorei.

A – Você escolheu, gostou de fazer a faculdade?

P – Não é que...

F – Foi, foi uma escolha. Desde pequena o meu pai falou “o que você vai ser quando crescer?” E eu falava que eu ia ser médica. Aí na hora que eu tinha que escolher eu fui ler as profissões e vi que com a medicina eu não ia ter muito tempo para ter uma família, me dedicar para a família. Aí eu encontrei a biomedicina que é mais voltada para análise, essas coisas e eu achei muito legal porque eu sempre gostei dessa parte de saúde. Aí eu fiz. Eu gostei muito da faculdade, mas na hora que eu fui fazer a parte de estágio eu me deparei com o microscópio e aí foi super chato. Estava muito monótono, aquela coisa quieta assim.

P – E ela já estava em outra fase, né?

F – É. Se eu fosse médica ok, eu estaria com as pessoas ali. Mas eu e o microscópio só ali não ia... e se eu fosse seguir eu ia seguir nessa parte de genética que eu pensei que eu ia cuidar de pessoas, fazer os outros engravidarem...

P – Que é o caso do G2.

F – E eu peguei e falei... só que assim, aí dentro dessa parte que hoje eu tenho... Hoje eu já tenho uma carreira de gerente de coordenadora, tudo isso, que hoje dentro da minha carreira que já vejo outro lado que não é essa questão tanto das pessoas, mas mais voltado para o planejamento, para uma organização, tudo isso.

A – E você se sente realizada profissionalmente?

F – Sou, eu sou realizada, sou muito feliz com o que eu faço, como eu faço, eu me sinto bem. Eu tive uma parada de uns oito meses antes de eu entrar na LOJA3 que para mim foi muito difícil. Eu tive que pensar muito em tudo que eu ia seguir, como eu ia fazer. Aí quando eu entrei na LOJA3, eu lembro muito bem disso, eu bati logo em seguida uma meta e veio uma realização tão grande que eu falei: “Nossa é isso que eu gosto, isso que eu quero. É isso que vai me motivando a cada minuto”. Aí eu voltei a minha realidade. Eu não sou um líder tipo mãe, eu não sou uma pessoa que... eu sou bem diferente disso, sou bem voltada aos resultados e tudo isso. Mas é isso que motiva, a cada momento eu ter um desafio diferente, a cada momento ter uma coisa diferente, eu buscar aquilo e conseguir e ver o próximo.

P – Ela teve uma formação na LOJA muito de multinacional e essa formação ela traz com ela. Quando ela foi para a LOJA2 ela não conseguiu se identificar porque era uma empresa muito familiar.

A – Na sua vida, qual você acha que foram os marcos mais importantes?

F – Eu acho que marcos muito importantes a minha vida foi quando eu decidi trabalhar, que eu acho que foi muito importante porque eu precisava, que queria trabalhar, eu queria ver. Outro muito importante foi quando eu decidi ser treinada na LOJA que aí foi realmente que eu fechei uma porta e tive que abrir outra porque eu falei “então agora vai, vai ser aqui que eu vou fazer”. Outro marco muito importante na minha vida... eu também sou cheia de metas, quando eu era pequena eu falava que com 22 anos eu ia ter o meu apartamento, só que com 22 anos eu consegui um carro, então eu já estava super feliz. Aí eu falava que com 25 anos eu

ia pensar o que eu ia ser da minha vida. Enfim, as coisas foram indo e com 25 anos eu adquiri o apartamento e fiz a viagem que até hoje eu não me esqueço, que foi a melhor viagem da minha vida, que foi quando eu fui para Nova York, que para mim foi uma realização, eu nunca podia imaginar que eu ia para os Estados Unidos. Então esse foi outro ponto importante. E agora realmente não tem o que falar, hoje com pé na minha casa, no meu apartamento, essas coisas que... mas esse eu acho que ainda não está concreto. Eu estou a caminho, mas eu não acho que foi ainda, mas eu acredito que vai ser porque eu ainda estou aqui, não estou lá. Mas esses marcos foram muito importantes para mim.

A – Me conta um pouquinho da sua relação com o seu namorado. Como é viver com ele aqui e morar com os seus pais?

F – Olha, eu vou te falar... agora eu acho que ok. Mas de início não foi fácil para ele não, não foi. Porque assim, ele vem de outra estrutura familiar totalmente diferente da nossa, muito diferente. Então no começo não foi fácil mesmo.

A – O que tem de diferente? Tenta me descrever.

F – Os pais dele... primeiro que ele só foi conhecer o pai dele com 25 anos. E aí ele tinha a figura do meu pai muito forte

A – A figura dos noivos.

F – Isso. Ele sempre teve isso muito forte com ele. Em muitos momentos eu acho que os meus pais suprimam muito isso do G. Aí o que aconteceu? Ele sempre teve que se virar muito cedo, ir atrás, muito batalhador, ele que teve que ir atrás das coisas porque ele também não teve muita oportunidade, sempre estudou em colégio público, mas ele foi fazer a faculdade dele, trabalhou para pagar a faculdade dele, tudo isso.

P – Inteligente para caramba, autodidata.

F – E aí ele veio para cá e...

A – Está aprovado?

P – Sim. Não tenho a menor dúvida, se não tivesse já não estava aqui.

F – E ele veio para cá e já viu uma estrutura totalmente diferente do que...

A – O que de diferente?

F – Muito amoroso, muito protetor, muito em cima, deixava as coisas prontas para ele, que isso começou a espantar muito ele.

M – Almoçar junto. Porque quando ele chegou aqui, ele me falou assim “não se preocupa comigo”, porque eu na hora da janta todo mundo janta, e ele disse que costumava comer sozinho, que não precisava colocar o prato para ele que ele vinha quando quisesse. As vezes ele também dá essa fuga, ele vai lá para o quarto dele, espera a gente jantar...

F – Ele precisa do espaço dele.

P – Isso. Ele treina muito, as vezes ele vai treinar e depois que ele vem comer.

M – Agora no domingo ele já está comendo e tal.

F – Mas a gente teve que conciliar tudo isso. Porque era assim; como que o G não vai comer? Como que é isso? Aí eu falava que era porque ele não queria comer.

P – Ele passou agora uns 40 dias viajando, eu liguei para ele porque eu estava com saudades. Liguei e conversei. Ele não espera isso.

F – É um choque cultural muito grande.

A – Acredita que construir a casa de vocês vai ser desafiador nesse aspecto?

M – Ele que deu o apelido da família perfeitinha.

P – Ele que deu. Ele ainda colocou de uma forma irônica, mas caiu tão bem que ficou.

F – Mas então, isso para ele foi muito difícil sim. Mas eu sinto que naquela fase ele tinha uma carência familiar muito grande. Então para ele foi muito importante isso.

P – Eu fui nomeado como um dos pais dele.

F – Ele tem um lado meio rebelde também e isso eu acho que foi se dissipando. Não que ele não tenha, de vez em quando eu falo para ele que bateu.

A – Você acha que isso te ajudou de alguma maneira como mulher?

F – Eu acho porque eu acho que ele foi realmente um super desafio ali, porque ele é totalmente oposto do que eu tinha aqui.

P – A minha mãe olhava para ele e falava assim: “Eu não acredito que esse ogro está namorando com a minha neta.” Porque ela sempre foi colocada como princesa e o G era grosseirão, sabe? A minha mãe ficava puta. Aí um dia eu falei para ela parar porque senão ela ia perder a neta dela um dia, ela já escolheu ele. Porque a minha mãe é turrona. Aí ela foi, foi, foi, até ela se derreter toda, hoje ela faz bolo para ele, adora ele.

F – Só que dentro disso tudo, o G tem um... pode ser que não pareça porque ele coloca uma carapaça bem de ogro, mas ele é muito sentimento, ele é muito, muito. Então quando você consegue chegar nessa parte dele você vê que ele é uma manteiga derretida. Ele é super esclarecido, ele é muito autodidata, então quando ele vê que falta alguma coisa nele, ele vai buscar, ele vai atrás, ele busca. Então assim... ele escreve muito bem. Então assim, ele faz altas declarações para a família, um presente para todo mundo de natal e deixa uma carta para eles. Não é que ele vai lá na frente falar, mas ele vai deixar aqui, vai colocar a carta e vai dormir.

M – Conta de quando faz aniversário.

F – A gente tem um ritual da família.

M – A F2 que criou isso.

F – É assim, dá meia noite do dia do aniversário e tem que vir com um bolinho e todo mundo cantando parabéns. Então assim, o povo vem de pijama, com um olho aberto e outro fechado, tudo assim.

M – É sagrado.

P – A F2 conta quantos dias falta para o próximo aniversário a partir do dia seguinte do aniversário dela.

F – E o G, nossa, sempre falou o que é isso, que não acredita, que não sei o que e não sei o que lá. Aí teve um aniversário dele que ele estava fora gravando, ele estava em Rio Claro, aí a gente fez um vídeo aqui todo mundo e mandou para ele. Meu

Deus, ele não se aguentou com o vídeo. Então assim, eu acho que ele se adaptou muito. Eu acho que essa parte da minha família supriu muito o que ele tem um pouco desestruturado da dele.

A – O que você acha que da relação dos noivos você levará para a sua?

F – Eu acho muito essa figura do casal. Eu não acho que eu e o G a gente tenha a figura perfeita do casal perfeito, não.

A – Não vai chegar igual a eles, é isso? Porque eles têm, é isso?

F – Eles têm. Na minha visão tem.

A – É o casal perfeito?

F – É. Em relação ao quanto num casamento é importante esse equilíbrio, essa parte que um supre muito o outro, um consegue escutar em alguns momentos, o outro escuta do outro lado. Eles conseguem isso. Então assim, isso eu acho que é muito importante para mim. E principalmente em relação à formação de uma família. Porque eu acho que a base de tudo são os dois. Eu acho que independente, hoje em dia eu tenho 30 anos, eu moro com os meus pais que não são separados, então é uma coisa assim... hoje é o contrário, você vê mais casais separado do que casais juntos. Não que isso... eu também não me prendo a isso, se não deu certo, não deu certo e ok, não tem problema. Mas eu acho que essa base muito forte dos dois lados. Eles escolheram ter um filho e naquele momento formar uma família ali e para ter um filho junto tem que ser sempre muito parceiro, independente se hoje eu estou com você ou não. E eles, eu acho que dentro da nossa educação isso sempre foi muito forte. Nunca teve um que é menos, não. A figura sempre foi muito forte, pai e mãe. Eles estão ali e sempre serão os meus pais ali. Começou a me chocar um pouco, por exemplo, a relação que o G tem com a mãe dele, ele vê muito a mãe dele como uma amiga e não aquela pessoa que deu o exemplo para ele. E eu sou muito... em tudo, até na minha vida profissional, eu sou muito pelo exemplo. Então o exemplo que eu quero passar, como eu tenho que ser, eu tenho que ser o exemplo, eu quero ser isso.

A – E os seus pais são exemplo de casamento para você?

F – São exemplo.

A – O que tem de ponto mais forte no casamento dos seus pais na sua visão? E quais aspectos que você vai tentar não reproduzir? E depois eu quero ouvir eles sobre a sua resposta.

F – Eu acho que o ponto mais forte dos dois mesmo é a união para a construção da família. Eu acho que é a família que foi construída e aquele elo que eles... hoje eles administram a família perfeitinha. Eles estão ali. Então eu acho que esse é o ponto mais forte. Eu acho que talvez um ponto que eu não iria levar para mim, talvez eu acho que falta só um pouquinho de atenção no que um quer e o outro quer. Que as pessoas também são individuais, elas têm que ter o seu querer. Então eu acho que falta um pouco disso. É uma dedicação muito impar que

talvez em alguns momentos talvez falte esse olhar, essa visão individual deles com eles. Só o casal, ou só um ou só outro.

A – Deixa eu fazer outra pergunta e depois eu quero ouvir vocês sobre tudo isso. Se a gente tivesse um espectro de parentalidade de um lado de 0 a 100% e conjugalidade do outro, de 0 a 100%. O que eu quero dizer com isso? Se você vê os seus pais mais voltados para o casal, ou mais voltados para a família.

F – Eu acho que a parentalidade está 80, quase 90% e a conjugalidade 10, 20%.

A – Está faltando mais tempo para esses dois noivos?

F – Está faltando, total. Eu super incentivo. Uma vez eu falei para eles irem ao cinema, viajar.

A – Qual é a filha que vai junto quando vocês vão?

M – A F2.

F – Só que eles ficam chamando todo mundo.

M – NO réveillon a gente... ela já vai com a turma do G, os primos e tal. No natal é todo mundo junto, mas no réveillon a gente chama eles.

F – Eles ficaram super felizes porque depois de 10 anos eu passei o último réveillon com eles.

P – Foi falta de oportunidade.

A – Vocês concordam com isso que ela falou?

M – Concordo plenamente.

P – Concordo.

A – Com tudo?

M – Tudo. Eu concordo muito.

P – Ainda mais nesses últimos tempos que eu assumi uma posição de trabalho tão diferenciada, eu vejo que eu estou muito, muito... eu não consigo acompanhar nem o que eu acompanhava antes.

M – Eu posso até mostrar a adolescência, tal, tal, eu poria a perua para o P. Porque ele carregava todo mundo, os amigos da escola. As mães adoravam.

A – Ele agregava e levava todos os amigos?

F – Todo mundo.

M – Sim. Ele levava, ia buscar nos bailes, nas festas.

P – Ia viajar e levava todo mundo.

M – Eu que as vezes falava “Calma!”.

A – Quantos anos de casados vocês têm?

M – 31.

A – Vocês também estão sentindo falta dessa lua de mel?

M – Eu estou. Não é lua de mel assim, eu sinto falta assim... ele começou como corretor, então é bem mais maleável, então a gente ia no shopping, não sei o que lá porque elas tinham os namorados. Ai agora ele passou a ser coordenador e está sem tempo. Mas ele sempre foi adiando, ele sempre adiou para ficar comigo, ficar com a gente.

P – Eu nunca quis ser exatamente porque eu sabia que eu ia arrumar uma bola de ferro no pé.

M – Ele ia ficar preso e ele gosta de participar, ele gosta de sair, de jantar fora, de ir ao cinema. E de

repente ele virou coordenador. Mas eu falei que tinha que aceitar, tinha que ir. Tudo aconteceu, né? Muito engraçado que eu tinha que buscar os meus remédios e ele não podia, aí ele ficava desesperado que ele não podia ir. Agora eu estou saindo mais com a minha sogra do que com ele.

A – Você está sentindo falta?

M – Sim. As vezes eu até sinto que eu tenho dois maridos, a minha sogra e ele.

P – Não tem condições. Para eu tentar buscar hoje dentro de uma sobrevivência no que eu faço não tem outro caminho para eu buscar isso. Eu tenho consciência que eu também estou abrindo mão de muita coisa, muita coisa que eu sempre preservei que é estar junto com eles, de viajar, estar presente, até as coisas mais... aniversário da minha prima que eu gosto de estar junto, eu não posso estar mais. Até eu estar aqui agora foi porque a F pediu muito para eu estar.

A – Muito obrigada.

P – É verdade. Porque o meu tempo é muito limitado. Então é assim, eu não consigo mais estar. Nem que eu fique lá o tempo todo olhando para o teto, mas eu tenho que estar lá. Então as vezes eu saio daqui, tenho certa disponibilidade, mas eu não tenho hora para acabar. É uma coisa que eu acho que ela sente falta. Ela estava acostumada de eu chegar cedo e eu já não consigo mais chegar tão cedo. E pode acontecer de eu chegar bem mais tarde, mas bem mais tarde.

M – Se ele for gerente.

P – Ai eu vou chegar bem mais tarde. Eu não tive nenhuma folga desde março. Eu só me dei três dias de folga quando ela tinha acabado de chegar de viagem e nós preparamos a open house dela e eu precisava fazer algumas coisas. Então eu pedi licença durante três dias para poder fazer essas coisas. E mesmo assim, eu queria 4 dias e eu tive que trabalhar em um deles.

F – Eu tenho outra visão, mas não de filha e pai, mas talvez de experiência dentro de um cargo como esse. Eu acho assim, o que acontece hoje com ele, ele é novo no cargo que ele tem, então acontece um pouco de insegurança nessa parte, então ele ainda não conseguiu administrar no sentido de “eu consigo largar aqui para isso”. Isso já aconteceu comigo também e eu também já me cobrei muito isso. E aí eu tive algumas coisas que eu acho que só falta... Isso não adianta, é ele que vai achar esse timing com ele. Mas daqui a pouco ele vai se cobrar porque ele vai perceber que todo mundo para e ele vai ter que parar.

P – Nessa segunda feira a gente teve uma reunião, a gente tem reunião direto, mas uma dessas um dos coordenadores perguntou para o diretor como fica a questão de folga, ele olhou e falou “folga? Eu nem sei o que é folga e como isso já não existe para mim eu nem paro para pensar o que é folga”. Porque ali é quase um trabalho escravo, eu até posso dizer que é escravo porque ultimamente a gente está trabalhando feito louco e não está ganhando nada. Então é praticamente escravo mesmo. E as condições de trabalho lá é exatamente essa, você vai trabalhar por sua conta para você gerar, para você fazer e está tudo por

você e você é cobrado ao máximo. Então se por acaso eu tive uma folga, ou eu me dei uma folga, qualquer coisa e acontece alguma coisa, aí eu sou cobrado por aquilo. Hoje ainda muito mais do que antigamente, porque antigamente nós corretores éramos mais bem formados, mais bem estruturados, hoje não, hoje qualquer coisa é a gente que tem que resolver.

A – Me contem de um período mais feliz do casamento?

P – O período mais feliz do meu casamento eu acho que é quando a gente consegue estar junto, consegue realizar as coisas juntos. Mas para eu conseguir fazer isso eu tenho que ter condições. Eu adoro viajar, eu sempre fui o maior incentivador de viagem. Quando eu ganhava muito dinheiro eu até brincava que se o feriado era na quarta feira eu não sabia se emendava de sexta para quarta ou de quarta para domingo.

F – Era um dilema. (risos)

P – Para você ter ideia de como era. Então eu sempre gostei, eu sempre gostei muito de prover e hoje eu sou provido, isso é um conflito muito grande. Então em busca de tentar... não digo mais uma sustentação, mas mais alguma coisa assim, eu tenho que trabalhar muito mais e depender muito mais das coisas. Então quer dizer, qual é o momento mais feliz do meu casamento? É quando eu pude proporcionar. Se hoje eu não consigo nem proporcionar, como eu posso fazer? Então eu vou ficar parado aqui o dia inteiro assistindo televisão.

M – Não vai não, pelo amor de Deus.

P – É isso que eu estou dizendo. Não vai acontecer. Essa minha posição de ter tomado essa atitude foi exatamente porque o mercado se fechou de uma forma que ou eu faria isso porque dentro do que eu faço hoje é a única coisa que me levou a tomar essa atitude de fazer isso, ou eu sairia para fazer. Só que eu não tenho mais tempo, não tenho mais idade para eu sair para fazer. Entendeu? Eu não tenho mais idade, então quer dizer, não dá. Ou eu ganho na loteria e abro o meu negócio, me dou ao luxo de dar certo ou errado porque eu consegui fazer, ou eu tenho que ficar onde eu estou. Isso é o que hoje o mercado dentro do meu ramo é. E ali eu sou alguém, todo mundo me conhece, sabe quem eu sou, são 11 anos lá dentro, é bastante tempo. Então quer dizer, eu não tenho mais chance e não tenho mais tempo para outra coisa. Eu nunca guardei para isso, então não dá, não tem outra forma. Infelizmente a única forma que tem é essa, vai ter que se adaptar dessa forma porque não tem como poder fazer de outra para poder tentar fazer alguma coisa. E te digo outra, eu sou um cara que nunca me preocupei em ter uma aposentadoria, em ter nada. Quer dizer, quando eu falo em um fardo, vai ser um fardo, se já não é vai ser pior ainda no futuro. Então as coisas são complicadas, não traz muito... eu nasci em berço de ouro, então as coisas são complicadas e a gente tem que saber sobreviver com o que a gente tem hoje. E hoje o que me resta é isso, infelizmente para elas me acompanharem, para ela me acompanhar vai ter que ser dessa forma, não tem como ser de outra.

A – O que vocês teriam para complementar a fala dele?

M – Eu acho que... eu estou sabendo disso, é que as vezes eu me vejo um pouco egoísta. Tipo assim, as vezes podia sair eu e ele, mas ele chama todo mundo para sair. Eu não acho errado, não é isso, eu gosto, adoro a companhia de todo mundo. Mas ao mesmo tempo quando a gente sai nós dois, vou ser sincera, também parece vazio, aquela confusão de vir ela, de vir a F2, de vir o netinho, não sei o que lá.

P – Nós nunca tivemos isso.

M – Não dá para ver essa casa sem o netinho, sem a F, sem não sei o que lá.

A – Mas vão ver?

F – Vão ver.

M – Mas ao mesmo tempo precisa, tem que ter uma coisinha assim.

P – Desde que nos casamos foram muito raros esses momentos.

F – Mas eu acho que dá para resgatar sim. Porque quando... um dos últimos anos eles fizeram uma viagem que eu achei que foi muito legal.

A – Para onde?

F – Eles foram de navio, eles foram junto com...

P – Nós fizemos essa viagem.

M – Foi, foi legal.

F – É muito legal.

P – Até hoje eu conto duas viagens que nós fizemos sozinhos.

M – Uma para Bariloche.

P – Uma que nós fizemos sozinhos para Argentina, Bariloche eu e ela.

F – A gente era pequena, eu e a F2.

P – Isso, a F2 era pequenininha.

M – Foi muito legal porque quando a gente fez a lua de mel eu quis acampar.

P – Não é que quis, é o que nós poderíamos fazer naquela época.

F – Mas vocês quiseram.

P – Foi a forma que a gente conseguiu esticar mais a nossa viagem.

M – Aí depois, quando ele entrou no computador...

P – Tanto que ela nunca mais quis fazer isso.

M – Ele só reclama de mim, não liga não. Ele só coloca defeito em mim. Aí o que acontece? Ele trabalhou muito no computador e ganhou rapidamente dinheiro e ele juntou e fomos fazer essa lua de mel toda certinha no hotel e fomos para a Argentina. Tanto é que ela tinha um aninho?

P – Não, a F2 tinha seis meses e ela dois anos e meio.

M – E a F2 me cobra isso, é a única coisa, que eu deixei de amamentar ela para ir para a minha viagem de oito dias. Ela sente até hoje.

F – Foi porque eles falam, essa aí faz drama.

A – E a última viagem foi de navio?

P – Foi de navio, já faz alguns anos, uns quatro anos... não, mais...

M – Primeiro ela deu de aniversário para ele um de três dias.

F – Isso. Aí eles se encantaram com o navio.

P – Adivinha o que aconteceu? Fizemos a viagem com toda a família.

M – Calma.

F – Primeiro foram os dois nesse de três dias. Aí eles se encantaram com o navio, foi super legal e tal. E para a gente também foi legal porque a gente ficou aqui sozinhos. Isso foi muito legal e eles se encantaram com o navio. Aí depois eles foram com o gerente dele.

P – Foram nós todos.

F – Não, foram só vocês.

P – Não, primeiro fomos nós.

F – Isso.

P – Foi tão bacana, a gente gostou tanto. E quando a gente gosta tanto o que a gente faz? Leva a família.

F – Foram 11 pessoas. Saiu uma van daqui.

P – Foi a família inteira.

F – Inclusive o pai do N, só o R que não foi porque eles tinham acabado de começar o namoro. Mas foi a minha avó, a minha tia, a minha prima

A – Todos do seu pai?

F – Isso. E foi a cunhada da minha avó. E foi muito engraçado porque imagina todo mundo no mesmo navio. Foram três cabines, foi muito engraçado. Era a cabine do meu pai e da minha mãe, a minha e do G, a minha avó e a cunhada dela e a minha tia e a F2.

M – Tudo de varanda.

F – Só que ficou a F3, o G3 e a prima, que eram as menores, na cabine tripla do outro lado. Então imagina. Aí chegou uma hora que da minha cabine o meu pai enfiava a cara e ficava falando com a outra, perguntando se já acordou e tal. Aí chegou uma hora que o G falou para eu falar para ele parar senão ele ia andar pelado e ele ia ver o que ele não queria.

P – Era tanta gente que nós sentávamos na mesa do capitão todos os jantares.

F – Isso foi muito legal. Mas imagina dentro disso que a cada parada um quer ir para um lugar e outro quer ir para outro, não sei o que.

M – Começou briga.

F – Eu sei que na última parada a gente se entendeu e cada um fez o que queria.

A – Deu uma separadinha para a harmonia de todos?

F – Isso.

P – Porque a F2 trabalhava nessa época numa empresa que fazia serviço para empresas de cruzeiros, então ela arrumava altas boiadas para a gente.

A – E essa última foram vocês dois de novo?

P – A último fui eu, ela com um casal de amigos nossos que trabalham comigo.

F – Mas foi super legal, foram sete dias, né?

M – Foram.

F – Foi super legal e eles são encantados por cruzeiro, eles adoram. Então assim... eu falo que eu não faço mais cruzeiro, mas eles...

M – Eu adorei.

P – Eu vou tranquililo.

F – E foi super legal. E tem outra coisa, eu sou super mimada, né? Porque a minha avó fazia a janta para a gente. A gente saía e...

A – É aqui pertinho, é?

F – São quatro casas.

P – Para você ter ideia de quanto os mimos são tão grandes. Quando nós fizemos essa viagem nós já tínhamos arrumado tudo para o cachorro ficar aqui, para o segurança vir dar comida para o cachorro.

M – Ah, porque tem o meu cachorro, né? E tinha o cachorro da minha sogra.

P – E no final o meu irmão ia e acabou não indo, aí ele pegou os cachorros e levou para casa dele.

M – Tudo deu certo.

A – Eu queria que vocês tentassem me falar numa palavra, ou se vocês quiserem numa imagem, para sintetizar como é a família de vocês.

P – Perfeitinha.

M – Perfeitinha.

F – Perfeitinha.

A – Está bom. O que vocês acharam dessa atividade lúdica que eu fiz vocês fazerem?

M – Eu achei ótimo, achei bem legal. Me voltaram muitas coisas.

F – De primeiro eu achei que era fácil, mas depois eu vi que não era fácil.

M – É

F – Eu falei “beleza”, mas aí depois eu falei “nossa”. Tanto que eu fui uma das primeiras a pegar e a última a colocar. Mas eu achei bem interessante.

M – No começo a gente fez... aí depois que eu identifiquei tudo eu olhei as outras coisas e pensei: “realmente, nem sei para que serviria isso”. [referindo-se a um vaso em miniatura] Era aquilo ali mesmo!

Silencio

F – e você pai?

P – É gostoso, a gente coloca para fora.

M – Eu não sei o que está acontecendo, porque a open house dela foi uma surpresa, aí depois... foi surpresa para o casal, foi super bacana. Ela vai contar ainda para você depois. Aí como ela falou, a prima também filmou a gente, aí eu pensei “nossa, a gente está precisando expor a nossa família, né?”

A – Vocês têm uma família bacana.

P – O da prima foi muito bacana também.

M – Foi sim, foi muito simpático. Ela tinha que falar um depoimento.

P – A gente foi falar da festa dela. ‘porque a festa foi muito bacana também. Como eu falei, a gente é muito assim, a F2 trabalha com cerimonia, essas coisas e é muito bacana. Ela acabou bolando. Enquanto o G estava viajando a F tirou a última semana de férias dela e foi lá encontrar ele em Natal. E nesse tempo a gente já vinha montando toda a ideia de fazer esse open house dela tudo surpresa. E foi tudo elaborado desde o...

A – A supressa funciona nessa casa?

F – Funcionou.

P – Inclusive G chorou muito.

F – Funcionou muito, foi emocionante, foi muito legal.

M – Foi muito legal. Porque foi de um jeito que a gente pode ajudar eles. Porque a gente gostaria de

ter ajudado mais, financeiramente mesmo, ia ser uma delícia. Eu me delicieei que eu fui fazer a lista. No começo eu estava meio assim, mas de repente eu escolhi e...

A – Então o apartamento está todo montado até com os presentes?

F – Está. Falta uma coisinha ou outra.

A – Tem data?

P – Existe ainda um problema principal que ela ainda não parou para pensar, que vai ser o pior de todos. Como vai descer a cama dela do quarto.

F – Não, eu já pensei já. Já até falei com o pedreiro.

P – Porque vai ter que quebrar tudo aqui para poder...

F – Não. Eu já falei com o gesseiro já.

P – O colchão dela é Queen e não passa. Porque na época que subiu os colchões não existia isso, o teto não era rebaixado, aí subiu tudo, mas depois fechou e rebaixou o teto.

F – Estamos nos planejamentos finais. Eu não falo mais data não. Eu já falei cinquenta mil datas, agora eu não falo mais.

A – Qual foi a última que você falou?

F – Final de setembro. (risos)

M – O pior é que as tias do interior ficam assim: “Má como? Ainda não mudou?”

A – “Esse feijão deve ser muito bom.”

F – E arroz e feijão é meu prato predileto

M – Eu falei que eu vou fazer uma marmitta para eles.

P – Hoje já tem feijão pronto.

M – Mas não é a mesma coisa.

F – Não sei onde eu estava com o G que ele falou para eu ficar tranquila que ele ia aprender a fazer feijão. Aí que tudo.

P – Que prova de amor.

M – Olha só que bom.

P – O G, a única coisa que ele sabe fazer é colocar frango no Jorge Forman e bater batata doce com clara de ovo.

F – Mas está bom, já mata a fome, é nutritivo.

M – Quando a gente estava no navio que você batia foto mostrando o que você tinha feito? Não, a gente estava em Ilha Bela. A gente gosta também de Ilha Bela.

P – Nós íamos muito para Ilha Bela. Esse é outro problema de viagem, eu sou apaixonado por Ilha Bela.

M – Para ele é só Ilha Bela.

P – Eu ia para Ilha Bela e para mim é o que tem de melhor. Então sempre que falava em ir para algum lugar era Ilha Bela e ir para Ilha Bela é sempre um passeio família.

F – A última vez que vocês foram...

M – Você fez o jantar gourmet.

F – Eu fui depois, aí eu fiz um jantar que eu mesma fiz, eu fiz shitake, não sei o que. Estava eu e o G3 e o G. Aqui, eu bati foto e mandei.

P – Mas o G3 se vira bem, né?

F – Sim. Mas o G também.

P – Eu gosto muito de cozinhar, então eu vou para a cozinha e é o meu negócio.

M – Ele gosta.

A – Este encontro, na visão de vocês poderia esclarecer ou ajudar de alguma maneira para esta etapa da vida de F.?

P – Para o que?

A – Para a despedida da F?

P – Despedida?

A – É.

P – Nada, para mim está péssimo.

M – Se eu tivesse um quarto eu ia falar que ele sempre estaria ali, o quarto de filhinha está sempre ali.

P – Coloca a F que eu vou levar ela embora.

M – Depois eu que sou egoísta, né?

A – Agora falando sério.

P – Você acha que eu estou brincando? Quando eu casei quem fez a minha mala e trouxe para cá foi a minha mãe, o meu pai não quis trazer a minha mala para cá.

M – Talvez eu não tenha essa sensação porque vieram para cá. Meu pai morreu, mas Deus foi tão bom, trouxe ele, aí vieram as meninas. Eu falo que aqui é a casa dos escravos de Jó, tira põe, mas deixa ficar. É bem aqui.

P – O N, trouxe isso para a gente, ela está indo, mas eles, o casal, vão ficar. A F2 eu sei que vai sair, mas eles em si, eu não consigo ver eles tendo uma condição tão breve de poder sair. e que sinceramente, eu sempre falo que por mim elas podem ficar que sai eu e ela porque não tem problema, é muito mais fácil sairmos nós dois do que...

F – Não sai.

P – Uma coisa eu falo, pode ir ela, pode ir as outras, mas o meu neto não vai mais.

M – Tá bom. Já vai ser outro sofrimento.

A – F, como foi para você falarmos o que foi falado aqui?

F – Muito legal, eu gostei bastante. Eu acho que foi muito legal, é até mesmo para a gente se enxergar com outros olhos dentro disso.

P – A gente se enxergou exatamente igual.

F – Não, a gente... é muito engraçado, mas mesmo assim, representando aqui, quando a gente... mesmo a gente sabendo a imagem de cada um, quando você olha aquilo e aquilo é meio que concreto ali você tem outra representatividade daquilo.

P – Mas engraçado, não foi surpresa. Na mesma hora que eu peguei a bonequinha você ia pegar também, foi tudo muito... a Nossa Senhora mesmo.

F – Eu acho que não é surpresa, a gente sabe tudo, mas aqui a gente está jogando um na frente do outro, então isso é legal. A gente sabe, mas aqui a gente está falando um na frente do outro. A gente viu que batia a nossa senhora aqui que era igual e ali a gente viu que ok.

A – Batia para vocês. Mas olha ela aqui se posicionando de um jeito diferente.

F – Verdade.

P – Eu pensei numa galinha quando eu procurei a M para colocar embaixo das asas, mas ela já tinha pegado. Mas eu procurei e não tinha outra galinha.

F – Tinha sim.

M – Tinha sim.

F – Você que não procurou.

P – Eu não vi.

M – E é bom a gente refletir até que ponto essa imagem está desgastada. Entendeu? Porque eu fui num casamento e a imagem que tinha de mim é que eu era boazinha, “eu nem vejo você como avó, você era aquela menina boazinha com as suas filhas”. Sabe assim, sempre me vendo como criança? Porque eu acho que me enxergam muito como criança.

P – Ela era a Luluzinha, né?

F – A eterna princesinha.

P – Não, ela era a Luluzinha.

M – Pode ser. Tanto é que eu tinha um apelido que era Lolo. E eu vejo assim, eu vi santa e tal, eu acho que estou precisando mudar essa minha imagem que não está muito legal.

A – Como assim? Será que está querendo ser uma gueixa que é mais mulher?

M – É, é muito mulher. Acho que já estou fazendo, eu já sim.

P – Engraçado, eu nunca vi ela como noiva, mas eu vejo ela como protetora.

M – Eu acho que você sempre me viu como mãe. Você sempre quis uma mãe para você, para os seus filhos. Essa é minha sensação. [Nesta hora coloca a miniatura da Negra grávida]

P – Eu nunca vi você como mãe.

M – Ah, eu acho que viu sim.

P – A M foi uma pessoa que foi um braço direito num sentido muito legal quando ela foi mãe no sentido de tipo assim, você vai e cuida do que a gente tem de melhor e mais precioso. Entendeu?

Eu não sei, eu acho que ela cuidou do nosso bem mais precioso que eram as nossas filhas. Então eu achei bem legal nesse sentido. Mas eu nunca via ela como...

M – Imagina. Porque às vezes as pessoas perguntavam para ele se ele ainda estava comigo, ou então falavam assim para mim “são filhas do mesmo marido?” Perguntavam..

A – Por quê?

M – Porque tinham outros casais que já estavam separados, aí já estavam no terceiro casamento com outros filhos. Ainda mais que a F3 era pequenininha.

P – Eu trabalhava de dia e de noite, aí foi muito engraçado, mudou uma vizinha para cá e um dia nós fomos numa festa de uma vizinha em comum e ela falou “nossa, vocês são casados? Eu achei que ele era o seu amante porque ele entrava de dia e saía, depois voltava.”

M – Porque a minha mãe estava no hospital e ele ia dormir com a minha mãe porque as meninas eram pequenas. Aí ela achava que ele ia embora.

A – E vocês não aproveitaram a fama?

(risos)

F – Gente, a ocasião faz o ladrão.

P – Quando eu falei que eu me dava muito bem com a minha sogra... a minha sogra ficou um ano no hospital e eu fiquei um ano com ela lá. Aí quando o médico falou “ah, o seu filho” e ela falou

que era genro, eles não acreditavam, falaram que isso era coisa de filho, não de genro.

A – E agora você terá filhos, não genros, né?

P – Não sei, ainda não fiquei doente.

(risos)

A – F, fala sobre o que achou?

F – Falo. Eu acho que foi bem interessante também para discriminar bem todos os papéis aqui dentro, para a gente se olhar como... a gente já sabe que é assim, mas a gente está vendo com outros olhos e debatendo esses papéis aqui, o que um representa, como representa, o que faz e o que o outro sente. Eu acho que isso é muito válido e principalmente assim, eu vejo muitos amigos meus que já estão casados, que já estão indo e vejo muito a família sofrer bastante, mãe ficar depressiva e não é isso que a gente quer chegar e nem para isso, pelo contrário. Então eu acho que se a gente deixar sempre de uma forma muito aberta, muito clara o que... tem que seguir, tem que acontecer, ou se vai acontecer, se não acontecer, anyway.

A – Por que se vai ou não acontecer, explica?

F – Não. As minhas amigas ficam assim, ficam falando que vai ser difícil. Poxa! Ninguém me ajuda. Está muito engraçada a situação, parece que está todo mundo esperando a hora para ver o que vai ser. É muito engraçado. Tá todo mundo!

P – Eles são um casal muito estranho, um vai para lá e outro vai para cá, é muito estranho. Tanto que na nossa festa surpresa um entrou por um lado e o outro por outro, tivemos que fazer duas entradas. Eles são muito estranhos.

A – Ele não é o ogro? Qual é a princesa do ogro?

F – É a Bela e a Fera.

M – É isso aí.

A – E eu quero agradecer de novo. Eu fiquei encantada com essa família tão amorosa

M – Adoramos também.

A – Desculpa o horário.

M – Imagina, é tão bom sair da rotina também, foi ótimo. Foi uma terapia!

A – E eu quero me colocar à disposição para falar com vocês se vocês quiserem.

A – Desculpa o horário ter passado um pouco gente.

M – Imagina, a gente que falou.

P – Aí M. você devia falar que era um eunuco. (segurando um eunuco nas mãos)

F – E a Coca Cola aqui? A Coca Cola é o primo de Porto Alegre

M – Esquecemos de falar desse agregado dele que é um primo de Porto Alegre que veio para cá e não queria ir embora, ficou encantado.

M- Olha filha o avião

APÊNDICE B - Transcrição do segundo encontro com a família - Genograma lúdico e

Anamnese

F – Filha primogênita (Carla)

P – Pai

M – Mãe

F2 – Filha do meio

F3 – Filha caçula

N – Neto

G – Genro / namorado F

G3 – Genro / namorado F3

A – Angélica pesquisadora

A – Obrigada por me receberem novamente. Eu ia inicialmente fazer primeiro com os três e depois ficar só com o jovem adulto. Só que vocês foram tão abertos e estavam tão integrados que a orientadora falou “Ah, continua com a família.”

F – Ah...

(Risos)

M – Que bom.

A – Que é isso. Então naquele primeiro dia vocês fizeram o genograma lúdico, conversamos um pouco da história de vocês. O que nós vamos fazer hoje? Nós vamos lembrar, retomar um pouco do que foi feito, por isso que eu montei a maquete novamente, aí eu vou pedir de novo que falem sobre as miniaturas e vou fazer algumas perguntas que quando eu olhei todo o material me escaparam, ou eu não consegui fazer pelo tempo... então tem algumas perguntinhas aí. Imagino que hoje vai ser mais rápido.

M – Imagina, fica à vontade.

A – E eu quero saber de vocês como foi esse primeiro encontro, o que vocês lembram do primeiro encontro, o que ecoou depois que eu fui embora.

M – Pode falar.

(F dá risada)

M – Ah, foi muito legal.

P – O primeiro impacto foi você ter esquecido um dos gravadores.

A – Obrigada. Tem que ter um back-up, né? É tão importante que eu tenho que trazer dois.

M – Eu achei bem legal, eu achei assim que bateu muitas coisas, sabe? Mexeu também assim em termos de... a gente ficou repensando, né? É uma coisa tão sutil, mas está na nossa cara e a gente nem percebe, né?

A – O que é sutil, está na cara e não percebe?

F – O papel de cada um, né?

M – Dentro da família. Por mais que você... é tudo tão automático, tudo tão cômodo, né? As coisas se acomodam numa hora assim, aí de repente sabe, você... Abalou Bangu.

F – E foi muito engraçado também, depois a minhas irmãs chegaram e tal e elas queriam saber quem eram elas.

M – Quem você me pôs?

(F dá risada)

M – Ah, não.

F – Ai, que não sei o que.

M – Eu sou uma guerreira.

F – É.

M – Aí eu comecei a pensar... a mãe dele, né? Nossa, sabe que eu acho que você tem razão. Você tem razão mesmo. Me escapou, eu fiquei em outro tempo.

P – Ela ficou preocupada achando que eu tinha achado que ela era uma santa.

M – Eu fiquei encucadíssima.

P – Não é que você é uma santa.

M – Aí ele me explicou.

A – O que ele explicou?

M – Pelo jeito de eu querer ajudar as pessoas, satisfazer a todos, né? Porque a santa...

A – E o que incomodou de você se sentir a santa?

M – Ah, que eu não quero ser boazinha...

P – Ela não quer ser boa, ela quer ser ruim.

M – porque santa geralmente é muito santinha.

A – Você quer ser ruim?

M – Eu quero ser ruim. Um pouco ruim. Sem dúvida. Eu vi uma peça que eu queria até ter assistido, o diabo veio buscar ela porque a personagem não fazia... fazia tudo de bom. Não pode fazer tudo de bom.

P – Puxa, ainda bem que eu não te levo no teatro, né?

M – Era com a Claudia Raia, aí no fim passou. Que a personagem era muito boazinha.

A – E para o P o que repercutiu?

P – Para mim? Primeiro é ela me perguntando porque eu tinha falado a santa, que não podia falar... Ela não entende, ela leva as coisas muito no pé da letra.

M – Pronto.

P – Aí eu expliquei isso. Não é questão de ser santa, é como uma acolhedora, uma questão nesse sentido.

M – Mas no seu sentido.

P – No meu?

M – É.

P – Não teve muita diferença não. Eu sou o apaga fogo, o protetor, eu sou o urso... é exatamente isso. Eu só não lembro o que é esse cara aí.

M – O noivinho.

P – Eu sou noivo?

F – Eu que coloquei. Era a figura do marido da esposa... da mulher, dos noivos.

P – Para mim o que bateu que eu achava muito estranho é o quanto incomodava a F eu falar para ela... eu falar que eu não fiz filho para o mundo.

F – Isso repercutiu para ele.

P – É.

F – Já que a F falou que eu não faço filho para o mundo, que incomoda ela.

P – Isso que incomoda ela é engraçada. Para mim é uma coisa que eu sempre fiz, que eu sempre falei, porque eu sou muito sincero naquilo que eu falo e realmente quando eu falei, não na questão que eu não fiz filho... pelo contrário, ela é uma pessoa que você vê que ela para o mundo é uma pessoa totalmente desenvolvida. É assim, eu tenho bastante orgulho dela como filha, como pessoa na questão de... do que ela sempre foi desde pequena, da responsabilidade dela, das coisas que ela batalhou para ela ter, para ela conseguir e... Então quer dizer, não é que eu não faço, eu acho que ela está muito bem preparada para o mundo, ela é muito bem preparada para o mundo e não só ela, todas as outras também. Mas a questão quando eu digo que eu não fiz filho para o mundo, é a questão do meu laço de desapego. Eu não tenho esse desapego, pelo contrário, eu procuro ficar cada vez mais apegado. Mesmo agora que ela está terminando o apartamento dela e tal, eu já pergunto o que ela fez, o que ela falou, como foi. Você entendeu? Eu não quero perder esse vínculo, esse contato que existe, nem hoje, nem amanhã e nem nunca. Então é muito importante. Para mim, a família em si é uma coisa muito importante. Defendo o fato dela, dos namoridos dela, do namorado da F2, hoje o meu pequeno. Entendeu? Isso para mim é tudo muito importante. Então esse lado de apego que eu tenho à família, eu vivencio isso muito intensamente. Desde o momento quando eu soube que ele ia vir, aí ele estar aí, cada momento desse é muito especial. Então quer dizer, eu vivo muito intensamente, as vezes até acabo sufocando, até tomando lugar de algumas pessoas que deveriam estar sentindo isso por mim. Não por mim, mas no meu lugar, né? Então é tudo muito assim, se ninguém faz eu faço, eu quero, eu não estou preocupado se alguém vai fazer, se eu tenho que fazer eu faço eu.

A – Você adiantou um assunto porque eu ia retomar justamente esse episódio. Quando você disse isso, não sei se vocês se lembram, a F apontou com a mão no peito e falou “Ai”, exatamente assim. Eu perguntei “o que você sente quando você escuta isso” e você falou “é horrível, me dá uma sensação de preso” e continuou falando algumas coisas. Aí quando pedi para você tentar descrever o que era isso no peito, você falou com exatamente essas palavras “não sei. Um aperto assim, sentir apertado”. Um mês depois, depois de até você ter falado para ele provavelmente nesse período que você não gostou, eu queria que você tentasse me descrever de outras maneiras o que é esse sentimento, ou esse pensamento e o que significa esse gesto.

(Risos)

P – Eu até sei o que pode ser isso.

M – Deixa ela falar.

A – Eu vou perguntar para vocês, segurem.

(M dá risada)

F – O que eu acho? Deixa eu pensar... (risos). Porque assim ó, toda vez assim “ah, eu faço filho

para... eu não faço filho para o mundo”, tudo isso é um aperto no sentido talvez assim de alguma coisa que de repente eu... eu não sei, não sei se é uma responsabilidade muito grande que eu sinto que eu tenho, alguma coisa assim. Um aperto nesse sentido. Eu acho que talvez é interessante sim eu sempre ver... acho que assim, eu tenho a minha liberdade, mas eu tenho sempre a minha base forte ali. Entendeu? E não ficar sempre agarrado ali. Porque assim, é legal, eu acho que assim, é um exemplo perfeito, é um exemplo muito bom de que para a minha formação, para minhas irmãs, para o meu sobrinho também vai ser muito bom, mas eu acho que assim, cada um tem que trilhar a sua história ali. Entendeu? Porque no final eu tenho muitos trejeitos do meu pai e da minha mãe, mas eu tenho outras coisas que são minhas, né? A pessoa que eu escolhi, o G, meu namorado, não adianta, ele é diferente também. Então assim, talvez, eu acho que levando um pouco para esse lado, eu acho assim, que o que eu quero passar de repente é que assim, os meus filhos, ou alguma coisa assim, ok se eles quiserem sair, se eles quiserem viajar e conhecer outro... ok. Mas que eles entendam que sempre eu vou estar ali. Em alguns momentos eu sinto que eu tenho, não sei, alguma coisa que me segura ali. Entendeu? Eu acho que é mais para esse lado.

A – P, você disse que tem um palpite sobre o que ela sente.

P – Meu palpite é mais ou menos assim, existe também esse lado bem do que ela falou, ela é legal, ela vai sair, ela vai encarar a vida, um monte de coisas, ok. Ela quer ter, mas ela gosta também de ter essa atenção, de saber que ela tem um terreno sólido, alguma coisa onde ela pode contar. E ela está fazendo um passo agora muito importante para ela, ela está indo para o apartamento dela. E queira ou não queria, tem um desligamento. Entendeu? É um desligamento, é uma fase que está se mudando. Então é aquela fase que ela vai para o que é dela, nada que vai encontrar de diferente, de coisa nenhuma, na verdade vai ser tudo bem normal. Mas é assim, do mesmo jeito que eu sinto, que eu falo assim “poxa, eu vou chegar em casa e a minha filha não vai chegar aqui em casa, ela vai chegar na casa dela”. Mas pode ter certeza que eu vou ligar toda hora como eu sempre faço. Entendeu? E ela também sente isso. Então eu acho que esse momento, por mais que ela queria, ela vai fazer o que ela quer fazer, ela também tem esse... como que eu vou dizer? Não é insegurança, mas essa diferença de estou indo e não estou ali. e não só por isso, porque ela é tão preocupada quanto eu.

A -- O que será que ela sente de estar indo e não estar aqui?

P – Não, não, é exatamente isso. Eu acho que ela é tão preocupada quanto eu, o fato dela estar lá vai ao mesmo tempo que de repente ela pode...

A – Se preocupar com vocês?

P – Exatamente. Porque do mesmo jeito... aqui todos nós somos assim, um se preocupa com o outro de todas as formas, em todas as formas. É como ele está, como ela está, como ela está, como

o namorado dela está. É normal isso entre todos nós, acho que de repente é muito comum. E ao mesmo tempo que ela vai estar na casa dela, ela também vai ter essas preocupações ligadas aqui. Então isso deve causar certa insegurança, eu acho. Não que isso vá modificar alguma coisa, de forma alguma, mas eu acho que deve... é um passo meio estranho. Eu lembro quando eu casei, também foi uma coisa meio estranha. Eu até comentei que quando eu vim para cá... primeiro você vai na emoção, naquele embalo de que estamos indo, acabei de casar e nanana, foi embora. E o meu pai também tinha esse lado, o meu pai não quis trazer as minhas coisas para cá, quem veio trazer foi a minha mãe. Então eu acho que isso a gente acaba trazendo de família em família, essa questão de apego, de união, de casulo onde todos nós... cada borboleta vai abrir suas asas e fazer o seu voo. Isso não tem dúvida de que vai acontecer. Entendeu? Mas a gente sempre vai estar ligado por um cordão umbilical. Então esse desato eu acho que nunca vai acontecer, sempre vai estar presente em todos. Em todos que eu digo, até no que estão vindo. Eu acho que é aí que ela deve sentir talvez esse... essa questão de que estou indo, estou ficando. Estou indo, uma parte vai, uma parte fica, como que fica.

A – M, o que você acha que ela sente no peito?

M – É, ele já falou. Uma preocupação com a gente, né? Porque ela é bem decidida, é uma pessoa decidida e vai e faz e acontece. Entendeu? Ela puxa o carro mesmo aqui, de frente. É uma coisa assim “ eu vou e aí, como vai ficar esse carro? Quem vai comandar? ”. Em termos de tudo, financeiramente ela ajuda muito e tal, como a outra também, né? Então eu acho que é mais esse lado que também ela preocupa.

A – Diante do que eles disseram o que você complementa da tua visão?

F – Eu concordo. Eu acho que sempre eu vou ficar preocupada.

M – É?

F – Aham, sempre, né. Mas de iniciou sim.

M – Eu também acho, eu acho que de início vai ser meio...

F – Eu acho que de início... eu acho que depois é como se fosse... eu acho que é igual uma viagem. Uma viagem quando você sai para viajar você tem... os primeiros dias você ainda está muito... não, não uma viagem, é quando você sai de férias do trabalho. Nos primeiros dias você ainda está muito ligado, você ainda precisa olhar o seu e-mail, precisa olhar tudo. Aí depois, no decorrer assim, eu falo isso para os meus funcionários, depois do quinto dia até o final você já não... porque as coisas já estão acontecendo lá, você sabe que estão acontecendo e você não está ali, você já não está mais participando, ali você começa um pouco relaxar e depois quando você volta você vê “aconteceu isso, isso foi certo ou não”. Então eu acho que de início vai ser muito assim. Entendeu? Opa, o que foi, o que aconteceu, se eu deixei ainda, o que é isso, porque você tirou tal coisa de tal lugar. Eu acho que ainda vai ter muito assim do meu envolvimento nessa parte, tipo, o que aconteceu aqui? Mas depois eu acho que... eu já pensei nisso,

eu acho que depois vai cair uma ficha tipo: “hello, né? As coisas mudam, os negócios acontecem, todo mundo faz, que não sei o que” e depois eu acho que vai indo assim. E acho que a mesma coisa vai ser depois a minha casa, porque eu não tenho uma rotina, não sei como é... quer dizer, para mim assim, eu não tenho uma rotina, não tenho horário para trabalhar, nada disso, então até eu entrar no meu eixo vai demorar um pouquinho. Mas eu acredito que depois as coisas vão fluindo.

A – E o apartamento é aqui perto?

F – É. (risos). 15 minutos.

M – É no bairro ao lado

F – É 15 minutos.

M – É pertinho gente.

P – Não ia dar para ser mais longe, né? Não porque quem achou fui eu, quem arrumou fui eu.

F – A ideia era... ali no final da rua tem um condomínio...

P – A ideia era ser aquela casa lá.

F – Aí ele falou “você vai para lá, que não sei o que”. Aí outro dia... uma outra vez ele falou de uma casa aqui em cima, na rua de cima. Eu falei “Jesus” (risos).

P – Mas não se preocupa não porque quando ela estival mal ela vai vir aqui.

M – Mas eu acho bacana. Mas nós também vamos lá que eu acho bacana também, né? Aqui tem mel, tem que ter o mel que todos têm que voltar. Eles têm que sentir isso porque senão... Mas ao mesmo tempo, né?

F – Tem que vim ver o N

M – Tem que vir ver o N. Mas tem que ter a vidinha dela, vai ser muito bom, vai ser muito bom. Vai ser bem bacana. Porque a gente preparou isso para isso, por mais que ele fale “ah, filho para o mundo, não sei o que, não sei o que lá”...

P – Isso é meu para elas, não delas para mim.

M - Eu acho que a gente preparou... elas são muito responsáveis, ela é muito... vai ser...

A – Quem apoiou para dirigir.

F – E outra coisa muito legal é que eles sempre falaram que a gente tinha que viajar.

M – Ah sim, eu sempre gostei disso.

F – Dentro das viagens que eles fizeram, tudo isso, eu acho que isso nos influenciou muito, tanto eu quanto a F2. A gente gosta de viajar mesmo, então isso foi muito legal. Acho que esse prazer de conhecer um lugar diferente, conhecer comida diferente, ir atrás do diferente, sabe? Sair do seu... eles sempre falaram “não, se a gente vai num outro lugar você não vai comer o trivial que você já come na sua casa, você vai comer o diferente, experimenta o novo, que não sei o que”. Então isso para mim... quantas vezes eu vou viajar com os meus amigos e a gente está num lugar lá e eles pedem bife a parmegiana... para mim isso é o cumulo porque cara, você come todos os dias, como assim? Então isso foi muito influenciado por eles. E até tipo, vai em tal lugar, faz isso, que não sei o que, não fica no quarto, vai conhecer tal lugar. Então isso a gente é muito assim bastante. Talvez a F3 porque ela não teve tantas oportunidades, mas ela também é assim, você vê que ela “eu quero viajar, eu quero ir para a praia, eu quero isso”, isso

também tem o outro ponto. Eu acho que essa ligação mesmo é uma ligação de preocupação natural agora de início. A gente é muito apegado mesmo e eu sei que assim, fica muito forte tanto... até assim em comparação com os meus amigos, ou as pessoas... até mesmo o que eu vejo dos meus funcionários, eu sei que eu tenho uma base muito forte, que a qualquer momento eu posso contar, que eu vejo que alguns exemplos de fora não acontece, né? E as vezes até as pessoas acabam se apegando mais em amigos, ou até na figura de um chefe, alguma coisa, porque não tem isso em casa. De início, as vezes quando eu... a gente era adolescente, eu e minha irmã, a gente viu alguns exemplos, as vezes, de casamento que não deu certo, ou os pais não eram tão assim, que isso chamava muita atenção para mim e para a minha irmã, para a F2.

M – Teve uma época, né? A F2 chegou para mim “mãe, você vai se separar do papai?”.

(risos)

M – Eu falei “não, calma. Não é bem assim. Está acontecendo isso e isso, são coisas que acontecem com os casais.” Ainda mais que foi uma amiga que a gente estava sempre juntos e tal, então eu ajudei ela a confortar a amiga dela.

P – Isso eu sempre achei muito bacana, as amigas delas se apegavam muito a nós.

M – Mas elas ficaram muito assustadas. As amigas eram bonitinhas, era bacaninha, era gostoso.

F – Até mesmo quando a minha tia se separou.

M – Ah, também foi...

F – Foi um baque mesmo. Era a minha tia, né, não era o meu pai e a minha mãe, mas foi um baque.

P – Era uma coisa estranha na família.

F – Foi uma coisa assim “ahhh” (fazendo barulho de susto). Entendeu? Hoje eu entendo muito melhor.

A – A separação também é vista como estranha na família?

M – É.

F – Acho que todo tipo de separação.

M – Eu tento compreender, mas eu não entendo. Entendeu? Mas eu acho... não gente, por favor, tem coisas que não dá para conviver, é insustentável, não pode. E eu acho que... eu creio que também tem que haver uma amizade entre aspas. Entre aspas para os casais separados.

P – Eu acho que tem que ter sim. Na verdade, eu acho que tem que ter um respeito.

M – Principalmente quando tem criança que é para a vida inteira.

P – Eu acho, por causa de filho. E outra, você já conviveu uma parte da vida junto, como vocês não vão se respeitar a nível de amizade. Não deu, não deu, tem que seguir. E foi uma coisa que no começo da separação da minha irmã foi uma coisa até meia um pouco abalada no começo, mas no final até que bem resolvida, até muito bem resolvida a nível de... eu lembro muito bem uma vez que uma amiga da minha mãe...

M – Mas com o tempo, né?

P – Depois de um tempo. Veio uma amiga da minha mãe que veio da Bahia, veio comer, almoçar na casa da minha mãe, era um domingo e aí a minha irmã tinha sido namorada do filho dela, né? A amiga da minha mãe e foi embora também, todo mundo

foi para lá. E ela estava separada, estava todo mundo almoçando e o pai dela vinha buscar ela para sair, para passar o dia com ele. E ele nessa época estava vivendo com uma moça e tinha dois filhos. E foi muito engraçado porque quando chegaram, chegou, desce aí, vem ver. Aí veio ele, a mulher dele, dois filhos e todo mundo sentou e a amiga da minha mãe ficava olhando assim, como “nossa, quanta conformidade”. Não sei se foi conformidade que ela usou, mas ela ficou meio besta pela convivência boa. Mas tem que ser. No começo realente não foi, mas depois eu acho que tudo bem. Hoje também, não vamos dizer que é aquela coisa maravilhosa que o cara liga para perguntar como ela passou a noite, não é isso. Mas eu acho que eu... pelo menos da minha parte é assim que eu acho que tem que ser. Primeiro porque você tem os filhos em comum, e outra é que vocês viveram muito tempo juntos, não importa o que aconteceu. Então eu acho que é tipo, não deu, não deu. Mas ninguém é inimigo de ninguém, não tem que ser visto dessa forma.

A – Ok. Eu queria então que vocês pensassem e conversassem sobre as miniaturas e encontrassem um consenso como foi feito com as irmãs de Carla
P – Um cada um, ou nós todos em comum?

A – Cada um vai escolher um só, vai ser consenso.

P – Mas eu no caso da M e da F...

F – É consenso. Nós três vamos escolher uma figura só para cada um de nós.

P – Não, não. É isso?

A – É.

P – Então tá.

A – Quem quer começar?

P – Consenso vamos começar os três juntos.

F – Mas vamos fazer de qual primeiro?

M – Vamos fazer o da F.

A – Mas a F está muito fácil.

(Todos riem)

M – Pronto.

F – É. Eu iria nela, eu iria nela. É a cara da titia isso [Pegando a Cinderela, com o sobrinho no colo].

M – É.

(Risos)

M – Agora no P.

P – Não esquece que tem esses dois aqui.

M – Não esqueci não.

P – Eu já sei, no meu ponto de vista.

F – Qual você acha que é?

P – Não sei, eu me identifico muito com esse cavaleiro.

F – Eu também.

M – Mas não sei, eu vejo esse urso também, viu? O urso e o noivinho também. Ai meu Deus.

F – Eu acho o cavaleiro.

M – O cavaleiro?

P – É, eu também acho.

F – Eu acho mais cavaleiro. Ok, vamos lá, vamos batalhar, vamos para a guerra, estamos lá. Eu vejo ele com uma armadura, de uma forma muito forte.

P – Uma forma mais imponente.

M – Defensora, né?

P – Defensora.

F – Isso, defensora.

M – Tá, a armadura me convenceu.

A – Mas me conta porque seria o urso e o noivinho, só fala o porquê.

M – O urso pelo acolhedor, supre a carência da família, assim, a carência de apego, carinho, afeto, tudo. Ele é mais carinhoso...

P – Mas urso não tem nada disso, ele é bravo para caramba.

M – Ele é bravo, mas...

M – Com a sua cria (amoroso). É verdade. Não, e o urso também quando fica bravo, fica bravo.

F – Isso é verdade.

A – Só urso ou esse urso também?

F – Esse urso também.

A – E o noivo, porque o noivo?

M – O noivinho é aquele com 31 anos de casado, aquela coisa bonitinha. Quando perguntam, estamos bem. Eu acho assim, aquele noivinho assim, estamos firmes. É o termo do casamento que está estruturado, que estamos indo.

A – São dois bons argumentos, vocês vão continuar no cavaleiro?

F – Eu vou.

P – Eu acho que o urso tem bastante coisa. O noivinho pode descartar na hora, não tem nada a ver.

M – Tá bom.

P – Ou o urso ou o cavaleiro. Mas eu não sei porque, eu olho e ainda me vejo mais no cavaleiro do que no urso. Eu acho que também tem aquele lado de por debaixo de toda essa armadura...

F – O cavaleiro também é bravo.

M – É.

P – Por baixo de toda essa armadura deve ter um coração de leão aí, alguma coisa que abraça, que traz, que... porque senão ele não faria, não teria essa coragem de ir para a frente, de proteger, de fazer qualquer coisa. Então eu acho que tudo bem, que tudo ali se basta, é a bravura, é a imposição, a imponência, a postura...

M – E vai para a guerra.

P – A forma como você é visto de uma forma geral, porque eu acredito que eu não sou só visto por ela, mas por todos eles. Entendeu? Eu acho que...

F – Mas pode ser mãe?

M – Pode ser.

F – Tudo bem?

M – Tudo bem.

A – Agora, você eleja e justifique como você quer ser vista.

F – Pode deixar, P.

P – É que aqui...

M – Ela pôs para segurar.

F – Pode deixar.

P – Mas eu não sou manco, não. Tem perna quebrada.

(Risos)

M – Eu acho que eu fico com a galinha.

A – Mas e a vontade de gueixa do primeiro encontro?

P – Qual?

M – De gueixa.

P – Eu acho...

F – Não, deixa ela falar.

P – Desculpa, eu achei que era como um todo.

A – Primeiro é ela e depois você vai falar. Tudo bem, pode ser... me conta por que a galinha.

M – (respira fundo) Não, como eu assim as vezes me sinto que eu coloco todo mundo debaixo das asas.

P – Ah...

M – Não é isso?

P – Pô.

(Risos)

M – Ponho até ele também. Porque eu gosto... eu contornei tudo. Eu tento contornar, né, eu mostro o lado bom e o lado ruim. Geralmente eu mostro mais o lado bom. Entendeu? E eu que a galinha... mas ela também é brava, ela pica quando mexe nos filhinhos dela. Então eu acho que eu estou mais para essa.

A – Essa é a decisão?

M – A minha, né? Agora eu não sei a deles.

A – E vocês dois, o que vocês acham?

P – Eu acho que de todos eles eu fico com a galinha com toda certeza. Gueixa eu acho que não, eu acho que ainda está... toda a proteção e o cuidado dela está em cima da galinha. Tudo bem que ela não seria com o galo, mas a nível de cuidado geral. Entendeu? Se fosse para escolher entre um deles eu acho que tudo bem, eu escolheria esses dois aqui a nível de cuidado, mas não de obrigação da gueixa, não é isso que eu entendo. Eu acho que ela faz de espontaneidade, porque ela gosta, porque ela cuida, porque ela ama. É diferente, não é porque ela tem obrigação de fazer. Tá? Mas eu acho que esse lado dela de cuidar é muito forte, esse lado dela de cuidar é muito forte. Se acontecer alguma coisa, mesmo que possa ser verdade, ela vai picar tudo que tem, que está chegando perto para proteger os pintos, nem que os pintos estejam errados ela vai fazer isso mesmo. Então eu vejo a galinha. E você?

F – Dúvida cruel.

A – Você está entre o que? Pode explicar a dúvida cruel, fica tranquila.

M – Entre o que você está.

F – Essa daqui não. Ahm... eu concordo com tudo que eles falaram da galinha, concordo sim. Mas assim, eu não sei porque na minha cabeça na hora não veio a galinha. Por isso que eu estou tentando...

M – Veio o que?

(41'48'')

F – Não sei...

P – Não, eu acho que o anjo é acolhedor.

M – A noivinha?

F – A noiva. (Risos). E vou te falar um negócio, quando colocaram a Nossa Senhora Aparecida, olha gente que incrível.

A – Porque? Me explica.

F – Eu não vejo a Nossa Senhora Aparecida como a santinha... cada um interpreta o objeto do jeito que conhece, que tem informação sobre ele. Então assim, eu não vejo a Nossa Senhora Aparecida como uma santa no sentido de tipo “Ai, é santa imaculada”, não vejo dessa forma.

A – Como você vê?

F – Eu vejo a Nossa Senhora Aparecida como a protetora do país. Sabe assim?

M – Nossa.

F – É. Eu vejo uma coisa assim meio forte. Tipo, ela é negra, ela é forte, ela apareceu, ela... sabe assim? Eu vejo... a magnitude que tem aquele santuário. Sabe tudo aquilo? Eu vejo uma coisa muito mais que... mmm, “ai, a perfeita”. Porque ela não tem uma história, né? Ela apareceu. Eu acho que é mais por isso. Mas assim, tudo que eles falam em relação à galinha eu concordo plenamente.

A – O que você vê de noiva na sua mãe?

F – Então... essa figura do casamento muito forte, essa parte assim da união muito forte, em sempre ter um elo junto, buscar... administrar isso muito bem. Que eu acho que é uma... mesmo que a gente fale “ah, não, ela não trabalha”, mas administração de uma casa... isso não tenho o dom e eu acho isso muito mais foda, muito mais difícil... eu administraria cinco lojas, mas uma casa... um pouco que eu fiquei aquele tempo com você “Deus Pai”, não é para mim, eu acho que tem que ser muito guerreira assim. Então eu vejo essa figura de uma forma muito legal assim. Sabe? Eu acho isso. Mas assim, eu acho que dentro de tudo isso eu vou ficar concordando com a galinha para finalizar o último assim, só quis fechar os meus pontos.

M – Ah, eu gostei

P – É que ela não conseguiu ver a santa. Eu vi a santa do jeito que a F falou, não vi a santa como santa, mas vi ela como acolhedora.

M – Entendi.

P – Entendeu? Ai ela ficou muito cabreira com isso.

M – Eu entendi.

P – Foi acolhedora, de cuidar. Então eu acho que a galinha pode cuidar muito melhor sem ofender ela.

F – Não é ofensa. É que leva muito a cada um interpretar dentro do seu conhecimento do objeto.

M – E as vezes um te pega, de repente o seu momento de vida não é mais para ser identificado dentro deste momento.

F – Os pintinhos já estão todas galinhas, né?

M – Verdade, né? Então vamos abrir as assas aí. Então... a santinha eu fiquei muito assim.

M – Ela é muito santa, virgem.

F – Eu não fui para esse lado.

A – Sim. Mas é entender no contexto o que incomodou a sua mãe.

F – A minha mãe, sim.

A – Porque não tem certo nem errado, tem...

F – Sim. E eu acho muito... porque é interessante, igual quando ele começou a falar, justificar do urso, que assim, quando ela falou que ele é muito acolhedor, tem o abraço de urso. Mas ele falou “não, mas eu não vejo... O urso é assim? ”, “sim, o urso é assim, ele cuida muito bem da prole dele e bababa.” Então assim, é muito da interpretação no final. Mas eu concordo.

A – Vai ficar a galinha mesmo?

F – Vai, vai ficar.

M – Por mim tudo bem.

A – Agora eu queria que vocês tentassem contar rapidamente...

M – É. Que eu até pensei que... eu achava que ele me via assim, como mãe.

P – Como o que?

M – Como mãe.

A – Só como mãe?

M – É.

P – Aqui?

M – Não, mãe, a mãezinha.

A – Essa gravidinha.

M – Gravidinha.

P – Já passou, né?

M – “Ta tata” (cantando a música de casamento).

A – Como você quer ser vista?

M – Eu? Hmm. Uma mistura...Hmmm... Uma gueixa.

A – É?

M – É.

A – Quer explicar?

M – Ah... tipo, a disponibilidade. A minha disponibilidade é infinita. Entendeu? As vezes eu até me pergunto assim “Meu Deus, é muita disponibilidade, né?” Mas aí eu falo... é que é uma coisa que para mim, se eu não tivesse a disponibilidade, eu não sou eu. É uma coisa assim que eu já peguei... é uma espontaneidade minha mesmo. Entendeu?

A – E você acha a gueixa... o que você acha... quem é a gueixa? O que é a gueixa?

M – A servidora...

P – Defensora não, nada a ver.

M – A servidora. Está sempre... eu gosto de servir as pessoas, eu acho que é isso.

P – Mas eu acho que a gueixa pode ser isso que você fala de servir, tudo bem. Só que eu acho que você está além de servir, você está a mais... servir você serve... a gueixa serve por uma questão de cultura dela, de criação que ela teve, de formação, mas ela não tem o apego, ela tem mais o apego cultural de formação que foi criada para isso, para servir ao outro e mais ao homem assim, nem tanto à família. Entendeu? Mais ao homem em tudo, em

qualquer aspecto do que realmente.... eu acho que ela não, eu acho que ela serve ao homem em prol da família, em prol de todos.

A – Qual é a sua visão?

M – A minha visão é o contrário. Eu acho que eu estou mais do lado dos filhos do que do lado... aí depois vem ele. Não sei, eu fiquei assim.

P – Mas eu acho que a gueixa não é isso. Eu acho que você está mais para protetora das crias, de todos... de crias que eu digo é até do neto e tudo mais. E não que ela... não por mim, não é isso não, mas ela faz isso tudo para acontecer.

M – Tudo bem, amor, eu sei que eu sou a galinha. Mas era legal assim se eu fosse tipo uma gueixa.

P – Eu não vejo você como gueixa.

F – Eu acho que uma coisa que é muito próximo da gueixa é essa discrição, essa... isso é muito da minha mãe, essa discrição.

M – Sou mesmo.

F – Essa parte... até mesmo... a gueixa é muito misteriosa nessa parte, então assim, para você descobrir esse misteriosa da minha mãe... tipo assim, se alguma coisa... ele tem que chegar num ponto muito mais alto porque ela vai deixar um certo mistério no ar para você tentar desvendar essa equação assim. Entendeu? Então isso eu acho muito interessante e eu acho que ela tem isso muito de gueixa ali, para você descobrir alguma coisa que está sentindo nela é porque o negócio vai explodir, quando ele está bem lá na frente. Então eu vejo isso. e eu acho que também essa parte assim... a gueixa é muito vaidosa, ela é muito a todos esses detalhes. A minha mãe é muito assim, ela é muito vaidosa, ela pensa em todos os detalhes, ela gosta de um.... um quimono? Eu não lembro como chama.

M – Quimono.

F – É um quimono. São os mais bonitos da gueixa, sabe? Então isso é muito da minha mãe.

P – Mas não porque a gueixa não tem filhos, não é em prol da família. Talvez seja isso que falta.

F – Eu acho que assim... eu concordo muito com esse lado, talvez ela seja muito esses dois, só que ainda a figura da galinha hoje está muito mais forte.

M – Hoje.

A – E como você quer no futuro?

M – Hmm, aí no futuro...

P – O futuro deus dirá.

F – Tá, mas...

A – E o seu desejo?

M – Então, o meu desejo é que eu seja uma gueixa. Cuidando de mim, continuando a ser discreta, arrumando o meu cabelinho, arrumando a minha roupinha. Sabe assim? Olhando mais para mim, que eu gosto. Tem horas que é gostoso a gente curtir a gente.

A – E você também... porque uma hora você falou e eu acho que eu me perdi. Você se vê cuidando mais dos filhos do que do marido?

M – é, as vezes eu me vejo assim.

A – Você concorda?

P – Não, ela cuida bem de mim.

(risos)

M – As vezes eu fico meio preo... existe uma coisa em mim que é culpa, que as vezes eu penso assim “ será que eu estou dando muito ali, será que eu estou dando muito acola”

P – Eu nunca reclamei disso não. Para mim é mais do que suficiente. As vezes que eu brigo é tipo assim, eu vou discutir alguma coisa com uma delas, porque elas estão erradas, e ela tapa o sol a peneira de tudo que é jeito, ela coloca... eu falo “pô, não é possível que não está vendo”. Entendeu? Aí eu fico bravo. Mas não porque é em relação a mim, nada disso, é por essas coisas.

A – Vocês seriam capazes de contar uma historinha para mim com esses três personagens do consenso, a galinha o cavaleiro e a princesa?

P – Historinha?

A – É.

P – Ah... era uma vez um cavaleiro que encontrou a sua galinha. Essa galinha deu um ovinho. Desse seu primeiro ovinho nasceu a sua princesinha.

F – O que é isso?

P – Nasceu o seu primeiro ovinho que era a sua princesinha. Essa princesinha era muito querida, principalmente pelo cavaleiro, que por ele essa princesinha já vinha escoltando esse casal. Eles não precisavam de muita coisa.

(risos)

F – Tadinha, o carma da princesinha.

P – E ela foi uma grande surpresa, então foi muito grata, foi muito querida nesse sentido todo. Apesar do cavaleiro ser muito jovem e...

F – A galinha também.

P – A galinha era mais madura. Então a gente acabou... de uma certa forma foi muito bom, nós conseguimos ter um convívio muito... acompanhamos de criança mesmo, brincando com criança, isso foi muito legal. Até que vieram as irmãs da princesa, as outras princesinhas. E também foi tudo muito legal, cada um na sua fase, no seu momento. Mas eu acho assim, a história é bem essa mesmo, foi uma coisa que por acaso deu certo. Por acaso mesmo porque nós fomos nos encontrando muito por acaso, né? Foi bem por acaso mesmo.

M – Por acaso.

P – Então esse por acaso foi aquele por acaso de repente dá certo nesse sentido.

F – É... eu acho que...

P – Temos todos os problemas como todo mundo tem e por aí vai. Mas independente disso, as coisas são... são compreensíveis, são totalmente... sabe? Ela me dá força quando eu preciso, sempre deu, ela é muito...

A – Ela quem?

P – Ela, a galinha. Ela sempre foi assim muito de... as vezes o negócio não está bom e ela não é aquela que “pá, cadê, não sei o que” (falando imitando grito). Não, é paciência, vamos lá, vamos fazer, as coisas são assim e é assim que temos pra hoje, é assim que vamos ser. Entendeu? Até numa forma até de... eu não digo conformismo, não é isso, mas de tipo vamos lá, não tem outra forma de

certa, mas vai ser assim e vamos lá. Tipo pô, ela sabe que é ou não é, quando é vai bem, quando não é ela sabe surfar muito bem em todos os momentos, sabe? No momento que está no auge, que está bem para caramba, como também quando está sem nada. Ela vai junto com isso, ela é a mesma companheira em cima, embaixo e no meio. Entendeu? Então eu acho que isso é muito bem, isso é bem legal, é um grande apoio.

A – Eu quero saber o que está de diferente do mês passado para cá em relação à mudança de apartamento. Tem data?

F – Tudo depende do pintor agora. (risos)

P – Já pintou o fundão, só precisa pintar a cozinha.

F – É gente... a cada semana tem uma novidade.

Hmmm, mas eu acho que tem data sim, eu acho que até dezembro. Mas é... de pouquinho em pouquinho está tomando forma

P – De que ano?

(risos)

F – Eu vou te falar um negócio, né? Porque essas datas... é muito engraçado. Porque lá atrás quando eu comecei a mexer nele, no apartamento, “em três meses eu vou”. Não ia, “ai que não sei o que”. Aí chegou uma época que eu falei “para, não vou mais falar em data, eu não aguento mais”.

A – Mas era porque a reforma atrasava?

F – Não, eu também assim... o meu dia a dia com o G é muito... a gente tem que calhar muito a data que um pode quando o outro pode. Então assim, eu não consigo ter a mesma disponibilidade que as vezes eu vejo que outras pessoas têm.

A – E agora por conta do natal eu imagino que a sua vida fica corrida pela loja.

F – Nossa, muito. Para mim é a pior época do ano.

P – Eu não acredito que chegue no natal.

A – É? Como assim?

P – Agora eu não acredito que seja. Eu acho que até pode ser... Ou um pouco antes, depende do que a gente conseguir dar força para fazer as coisas acontecerem. Mas a época do natal em si, você pode ter certeza que do dia 05 para frente esquece dela. Ela poderia, se caso eu puder ir lá e fazer alguma coisa que está faltando, a mãe carregar, fazer alguma coisa, mas a F, esquece, ela não vai ter cabeça nenhuma para isso.

A – Será?

P – Ela não vai ter, esquece, ela não tem. Quando ela chega... ela é totalmente focada.

M – No serviço.

P – Ela é focada. No serviço a responsabilidade dela... esquece. Ela vai fechar essa porta, eu tenho meta, tenho que fazer, tem que acontecer.

F – Não, então, por isso que tinha que ser antes (risos). Eu quero já deixar tudo pronto até o dia primeiro. O G chega dia primeiro de novembro... não, de dezembro. Então eu quero já deixar tudo o máximo pronto.

M – A gente vai ajudar na mudança.

P – Porque se ela não enfiar o pé no meio de dezembro até o dia 5 no máximo, esquece, dali para frente ela não vai conseguir.

F – Eu também acho que não. Mas assim, eu quero sim.

A – Como vocês estão se planejando para a mudança?

P – Nós não somos muito de planejar.

M – Não, ela e o G.

P – Mas mesmo assim, eu acho que é conforme as coisas vão acontecendo.

F – Eu acho assim, por exemplo, agora tipo falta só algumas instalações que vão ser já para a próxima semana e para a outra.

A – Tipo o que? Me explica.

F – Os móveis e o box. Aí tem só a parte da persiana e o pintor.

P – Primeiro o pintor.

F – Não, não. Eu já vi que eu posso colocar os móveis e depois pintar. Então aí eu acho que eu vou fazer isso. E aí eu já estou vendo... por exemplo, eu... na minha cabeça, eu não sei. Na semana um pouco antes do final... é que a última semana de novembro me atrasa a vida porque é black Friday que é tipo... é uma semana também que eu vou ficar super focada. Então assim, para no máximo na primeira semana de dezembro limpar tudo e ir. Mas assim, eu fico... porque eu vou morar muito próximo do meu trabalho, então eu acho que isso vai me ajudar muito. Não que... hoje já é mais próximo do que era antes, mas assim, isso vai me ajudar muito em relação ao natal. Eu... e aí, o meu grande medo, que isso toda hora eu fico colocando na minha cabeça, é eu ficar tipo full time na loja porque eu vou estar morando muito perto de casa. Tipo ah, então eu vou entrar as 10 da manhã e vou ficar até as 10 da noite porque é natal. Entendeu? Porque eu estou a 10 minutos da minha casa. Então isso eu também tenho que me policiar, não é assim, né?

P – Isso é muito relativo. Aqui também é perto.

F – Mas, por exemplo, eu sou muito policiada no sentido de que... eu já percebi isso, igual agora nesses timings, quando o G não está e eu estou de carro, eu fico muito mais tempo na loja e fico mesmo, se quiser eu pulo um treino e fico na loja. E é muito engraçado, quando o G está eu sou muito mais regrada, eu tenho que terminar as minhas coisas até tal hora, eu sei que ele vai me buscar, eu tenho que deixar tudo pronto porque eu sei que eu tenho que treinar, tenho que isso... então assim, por outro lado é muito bom porque eu também tenho o meu outro timing, porque eu não fico... eu já cheguei a me dedicar muito para a loja, tipo de ficar sem folga. Hoje eu me policio muito mais porque eu sei que eu tenho que folgar, eu sei que eu tenho que isso. Se eu... antes eu já tive uma época bem trash que se a venda não estava boa, se o negócio não estava acontecendo, porque não sei o que, era das 10 às 10, eu cortava a minha folga. E eu achava que a minha presença... que só acontecia com a minha presença para depois eu aprender isso que eles têm que girar sem mim, que não sei o que, bibibi. Hoje eu sou muito mais... hoje eu sou muito do que eu era antes. Teve época que eu

cheguei a perder cabelo, fiquei muito estressada, não dormia a noite. Aí chegou uma época... quando eu vi que eu estava sem cabelo, que o negócio... aí eu falei "para, isso não é para mim". Aí hoje eu consigo me policiar mais.

A – Se você puder me listar os aspectos concretos, pragmáticos e os aspectos psicológicos, ou afetivos para adiar e ter tantas datas.

F – Ah, só concretos são esses, né? De trabalho, de... (risos), de coisas que vão acontecendo no decorrer do... o pintor sumiu, teoricamente o G não está, que não sei o que. Por um outro lado tem aquilo que eu fico... eu sempre falei que eu queria morar sozinha, né? Aí agora que tem a oportunidade eu estou arh.

A – Mas você também não está indo sozinha, você está indo com o G.

F – Não, estou. Mas aí o que eu comecei a falar para ele, que ele ia viajar e eu virei para ele e falei assim "então tá, quando você voltar eu já vou ter mudado", "mas como assim você já vai ter mudado?", "eu já vou ter mudado", "não, me espera" e eu falei não. Aí eu comecei a pensar na minha cabeça: ah, é uma oportunidade de eu ficar sozinha. (risos). Mas para mim eu estou vendo que falar é fácil, o difícil é tipo eu ir. Porque aí toda hora é tipo "eu vou ficar sozinha". Então para mim assim, tipo, aqui tudo está mais fácil (começa a chorar).

M – Não chora.

F – Então tipo, eu acho que essa limitação assim... quando eu ver vai me chocar. E é muito engraçado, todo mundo, até as pessoas que me conhecem pouco, elas ficam assim "eu quero só ver quando você se mudar". Entendeu?

P – Eu acho que a única coisa de mais falta mesmo é a falta do feijão da mãe dela.

M – Vai ser bem legal.

P – Mas o feijão tem na geladeira.

M – Eu já falei, sempre falo para elas, eu tentei ensinar para elas fazerem o feijão. Eu tentei. Eu falo "gente, pelo amor de Deus meninas, vocês têm que saber cozinhar, não dependam de ninguém para cozinhar.

P – Mas é relativo.

M – Mas é uma questão emocional, é isso que eu estou falando.

P – Quando eu cheguei aqui o primeiro ovo veio estourado e duro.

M – Não gente...

P – Quem salvou a nossa pele foi a mãe dela que moravam junto com a gente.

M – Meu pai e a minha mãe faziam tudo. Tem tudo isso. Mas eu falo para elas "gente, não dependam de ninguém. É chegar em casa e vocês podem fazer. Olha que delícia".

F – Mas eu acho que é só...

P – De repente o feijão aparece na casa dela e já está pronto.

F – Eu acho que é só uma questão de primeiro momento. Entendeu? E é muito engraçado, parece que todo mundo joga assim o oposto. Tipo, eu só quero ver você. Eu falei não, vai, vamos. Eu vou. É mais fácil eu ficar assim com o G. não, pode ser

que se torne uma surpresa, quando você chegar a sua roupa já vai estar toda lá.

M – Ele vai adorar. Porque ele é todo independente.

P – Ele vai adorar, mas ele vai sentir certa falta sim, viu.

A – Acha que ele quer fazer junto com você? Me explica?

F – Ele quer sim.

M – Eu acho que ele quer que os dois vão juntos.

F – Ele quer e ele está jogando nesse contra até a última assim, sabe? Hoje eu já consegui, dentro da minha folga, juntar três coisas de uma vez só, aí ele falou "você já fez?".

M – Eu acho bem legal.

P – Tem um problema que eu acho que você não vai conseguir até dezembro sair, bem teórico... bem prático mesmo, que não vai acontecer. O pedreiro cair da moto e não por o pé dois meses no chão.

P – É. Como você vai descer o seu colchão daqui?

F – Tem que arranjar outra pessoa.

P – Não desce, não passa por aqui. Porque os colchões antes passaram porque isso aqui era aberto. [apontando o teto]

A – Deixar o colchão aqui é uma opção?

F – Ah não, não dá.

P – Não dá. E o que eu vou fazer com aquele colchão naquele quarto?

A – Você quer que esvazie o quarto?

P – Tem que colocar o N em algum lugar, né?

M – Ele voltou com isso. Ele está achando que vai acontecer isso. Cuidado. [referindo-se a mudança da F3 e do G3 ou apenas do neto da edícula para o quarto dentro da casa]

(fazem uma pausa para pegar mais água)

A – Você acha então que os psicológicos também têm a ver com essa coisa de não fazer sozinha, de esperar o G? Me conta um pouco

F – Ah tem... eu acho que tem...

P – Posso levantar um parecer?

A – Levanta.

P – O não fazer sozinha para ela... eu vou te falar mais ou menos como acontece. Se ela resolver que ela vai mudar daqui uma semana, eu te garanto que ela muda em uma semana. Porque todo mundo para e vai fazer com que ela mude em uma semana. Entendeu? Eu vou parar, nós vamos pintar a parede, nós vamos terminar de apertar o que tem que apertar, ou vamos chamar o marceneiro para terminar de apertar o que tem que apertar.

A – E isso mesmo F? Como você vê isso?

P – Então em uma semana, se ela tiver que mudar, ela muda em uma semana, pode ter certeza. Isso é questão de realmente na hora que ela bater o pé "vai fazer", nós vamos dar um jeito.

F – Ah, não... porque primeiro eu não vou colocar todo mundo para fazer. Entendeu? Ah, gente...

M – Poxa, pintamos tão bonitinho o quarto dela, pintei de novo.

F – Mas pera aí... Mas eu já paguei o pintor. Não vou fazer.

P – Vai ver o quarto como ficou bonitinho. Lembra que eu falei que nós pintamos e tal.

F – Não, eu não vou. Primeiro que eu já paguei o pintor. Ele vai se arranjar, ele vai arranjar o pintor.

M – Tá vendo, eu acho que isso é o de menos .

F – Não, não. Eu acho assim... eu acho, por exemplo, o meu pai, em alguns outros pontos ele é muito ansioso assim também. Não, então vamos fazer certo, eu já contratei o pintor, vai pintar com o pintor, vai fazer isso. Mesmo que o pedreiro esteja com o pé quebrado, ele tem uma outra equipe que ele também vai fazendo isso. Entendeu?

Outra coisa, tipo, eu combinei com o marceneiro, ele está num timing junto comigo, eu não vou ficar “vai que você tem que fazer isso, vai que não sei o que, não sei o que lá”. Ele já me falou que ele tem isso, que o timing é esse e que ele vai vir fazer aquilo. Algumas coisas nesse meio do caminho eu estou mudando com o marceneiro, arruma isso, não, agora eu quero embutir, agora eu não quero. Sabe essas coisas? Então são essas pequenas... pequenos timings assim. Aí quando eu olhar ali e ok, então vamos fazer isso, eu quero pegar um dia meu de folga e realmente vou colocar todo mundo, vou fazer uma super faxina. Então vamos fazer a faxina, vamos isso, vamos separar quais são as roupas, que não sei o que, que não vão ser todas... e aí... eu também assim não vejo... eu não imagino dessa forma, eu imagino assim, eu vou colocando as coisas de pouquinho em pouquinho no carro e vou levando. Entendeu? E aí vou colocando ali, ok, vou fazendo e pronto.

M – Tipo assim, eu acho que de repente ela vai falar: vou dormir lá.

F – É.

M – Eu acho que tem que ser assim gente. Não é pegar a mala... não está se despedindo no aeroporto.

P – Não é isso que eu estou querendo dizer. Eu estou querendo dizer o seguinte, se quiser realmente fazer, está num ponto que dá para se fazer mais fácil.

F – Eu acho engraçado porque as primeiras vezes que a gente... quando eu ia viajar era muito engraçado, ia todo mundo, era o maior chororô para uma semana.

P – Era não, né?

F – Ai, pronto.

P – Ela não consegue ir no aeroporto sem chorar.

F – 15 dias na praia grande e eles desceram na praia grande para me ver.

P – Mas pera aí, estava há muito tempo.

F – 15 dias. Aí agora eu mesmo falo: pode me deixar ali, beijo e tchau.

P – Quantas vezes você pega e vai?

M – Ela foi viajar agora.

P – Para onde? Para o aeroporto?

M – É. Para o nordeste.

P – Nunca foi, eu te levo sempre.

M – Como não?

F – Mas agora é... era um voo que era super cedo. Aí eu falei ah, pode deixar. Pode deixar que quando eu chego eu pego o taxi e volto. Entendeu?

A – E vocês dois, porque vocês acham que ela teve tantas datas programadas para se mudar?

P – Porque eu acho que realmente nós atrapalhamos muito ela financeiramente, senão ela já tinha mudado há anos atrás.

F – Ah, mas não...

P – Teoricamente foi basicamente isso. Se ela não tivesse tido tantas responsabilidades que não cabiam a ela e sim a mim, ela já estaria com tudo isso pronto e resolvido há muito tempo atrás. Com certeza.

F – Eu acho assim também... não acho assim. E outra coisa, eu e o G, a gente é muito tranquilo.

M – O G então...

F – O G então é suuuper tranquilo. Ele quer se mudar sim, mas é engraçado porque assim... por exemplo, é muito diferente o perfil do meu pai com o perfil do G. porque o meu pai, quando ele põe uma coisa na cabeça ele vai e “rararara” e do nada... igual ele vira tudo e “rarara” aconteceu. Entendeu? E aí ele mobiliza a casa inteira p fazer isso. já o G não, o G é assim, “está bom, eu vou fazer isso, isso está dentro do meu timing. Ah, eu vou treinar porque eu tenho que treinar hoje.” Então ele vai treinar, ele não vai perder a bola que ele vai jogar no sábado. Ele vai acordar mais cedo para fazer tudo antes, mas ele também não vai perder isso. Entendeu? E dentro do timing dele ele vai. Eu acho que é assim, eles são perfis diferentes. Então a gente é muito diferente nisso. E eu tenho, hoje eu tenho uma responsabilidade muito grande, eu tenho uma loja, bibibi, eu tenho uma demanda. Eu não tenho certa disponibilidade que as minhas amigas têm. E também assim, eu não quero ver certas pressões igual eu vi acontecer em casamentos de amigas minhas próximas. Tipo o marido falou assim “eu só vou se tiver TV a cabo”, então a coitada foi atrás do cara da NET não sei que horas porque ele não queria... não, entendeu? Eu não preciso disso. Então assim, nesse ponto a gente é muuuito tranquilo. Mesmo que assim, vou te falar que a ansiedade é muito grande, a vontade é muito porque toda vez que você vai lá você fala “ai que não sei o que, ai que não sei o que lá”. Eu então... todo dia quando eu volto do trabalho eu passo ali e aí eu fico pensando “putz, eu já estaria em casa”.

A – Como que vocês estão organizando a questão financeira? Se você ajuda aqui em casa, você vai continuar ajudando?

F – Vou.

A – E isso já está falado, já está conversado?

F – Não. Mas já está decidido.

A – Já está decidido, mas não está falado?

F – Não. Ah não, porque não tem como, são certas coisas que não tem... imagina, de forma nenhuma. Eu acho que talvez assim, com o tempo talvez a F2 vai indo também com alguns pontos. E também assim, eu acho que... hoje até que entre eu e a F2 a gente consegue dividir muito bem, está muito mais falado entre eu e a F2 que não tem problema nenhum do que de repente com eles. Mas tem certas coisas que eu já até avisei. O G sabe que serão contas minhas para sempre, que eu ter

sempre... que eu vou arcar em relação a eles. Independente até se eles tiverem até uma situação um pouco melhor, tomara a Deus futuramente, mas por exemplo, eu acho que sem plano de saúde eles não ficam. Entendeu? Então são coisas assim nesse sentido. Talvez futuramente até a F3 e o G3 ajudando mais aqui, aí eles começam a assumir mais contas de dentro da casa agora deles e eu ali. Mas outras está bem claro isso.

A – Tá. Se a gente pensar para vocês três e primeiro a F, o que significou o open house? Vocês ficaram de me contar melhor, mas quando você chegou e viu aquela organização toda para você o que significou tudo aquilo?

F – Nossa, eu chorei horrores. Foi muito legal. Eu juro por Deus, foi uma surpresa muito grande, eu não podia imaginar, nem eu e nem o G. mesmo porque assim, eu também não estava planejando isso, nem podia imaginar e aí eu acho que... foi muito legal. Foi muito legal o carinho que todos eles tiveram. Entendeu? Primeiro que eu acho que assim... da organização que meu, surpresa é um puta trabalho. Ainda assim, ser supressa de mim que a todo momento estou aqui. Eu acho que foi muito difícil. E assim, todo o cuidado, não só com os presentes lógico, que foram incríveis, coisas que a gente nunca podia imaginar, mas também foi em relação ao cuidado que eles tiveram com toda a delicadeza da festa em si. Foi a lembrancinhas, as fotos, a mesa, o cuidado, sabe? (se emociona e chora)

A – Você fala até emocionada.

F – Eu nossa, chorei horrores. Os meus amigos, foi muito legal. (Está chorando)

M -Para de chorar F, pelo amor de Deus.

F – Eu não...

M – Ah, eu vou chorar também.

F – Eu não parava de chorar, eu não parava.

M – Olha, foi muito bacana mesmo.

A – Então significou o que para você isso? Além de uma grande surpresa.

F – Nossa, foi... foi realmente... foi um... ah... eu acho que foi muito legal assim o quanto que todo mundo apoiou ali.

A – Você se sentiu apoiada?

F – Muito, muito, muito. Que tipo, está todo mundo ali nos ajudando também. Eu acho que foi muito nesse sentido. Foi muito legal. Eu acho que foi tipo; “agora vão, né?” E assim, o quanto que todo mundo nos ajudou em relação a isso. Isso para mim foi muito legal. E todo mundo ali. O que eu senti foi muita energia boa, assim, todo mundo “nossa, olha que legal que vocês conseguiram, que agora está dando certo e vocês vão entrar com tudo que a gente pode ajudar também”. Então nossa, foi...

M – Foi um jeito de ajudar mesmo eles. Porque... o meu Deus, eram tantas ideias que a gente queria ajudar, a gente ficava com vontade. Aí a F2 falou “vamos fazer?”, aí eu fiquei meio assustada por todo o gasto, vamos dizer assim. Eu fiquei assim, “gente, vamos fazer um chá de cozinha entre as amigas, vamos fazer uma coisa mais assim”. Mas não e vai ser surpresa, vai ser surpresa e vamos

fazer. Que a gente é assim... eles iam chegar da viagem, do aeroporto, a gente ia estar com um convite de open house de F e G. Foi super bacana essa ideia. Mas aí passou para uma outra ideia que também ficou bem bacana, que ela saiu com o padrinho dela e tal, que era o único que não conhecia o apartamento ainda, e o open house foi no salão de festas do apartamento...

P – Quase deu certo 100%.

M – É. Que ainda não conhecia o apartamento dela e que ele estava marcando um almoço com ela no domingo. Porque foi no domingo. Também foi bem legal que eles estavam viajando e nós ficamos livres leves e soltos.

A – Para poder organizar tudo?

M – Tudo. E é muito fofo porque a família dele é toda assim... a tia dele fez a carne loca, a... bom, a mãe dele se deixar faz a festa toda.

(F dá risada)

M – Gente do céu. E aí se você falar que não. Porque ela já está cansada, ela já com dorzinha nas costas e ela fica brava, pelo amor de Deus. Ela fez o bolo, foi bacana. E aí fora os detalhes da F2 que foi uma graça por tudo que ela trabalha... ela encaixou aqui, encaixou ali e deu, foi muito...

(passa o vídeo da surpresa do open house para a pesquisadora no celular)

M – E todo mundo não acreditava que ela não sabia. Eu falei “gente, ela não sabe”

A – E esse é o seu padrinho?

F – É.

M – É.

(continuam assistindo o vídeo)

F – Porque o G parou o carro na rua e eu tinha que...

A – Sei. E cada um entrou de um lado como o seu pai tinha dito?

F – Ele não entrou junto.

M – Ele não entrou quando ela entrou.

F – Aí para ser supressa para ele eu segurei lá de novo, descii...

A – Não tem aqui?

P – Tem, tem, é o segundo filme.

A - Quanta gente, que delícia.

M – É bem jovem, né? Bem assim os primos... foi bem... os primos dele.

F – Aqui ó.

P – Você vai ver o susto do G.

M – E o G achava que era tipo o pedido, que ela ia fazer o pedido de casamento. (dá risada)

F – Olha essa risada falsa (falando do vídeo) (todos riem)

M – Ele ficou assim “meu Deus, é pegadinha do Gugu”

F – É, ele falou.

P – E tem duas amigas dela aí que tem uma empresa que faz o pedido.

M – Faz o pedido.

P – E ele viu ela e achou que pensou “a F está me chamando para casar, fodeu.”

(risos)

A – Que graça. O que significou para vocês poder proporcionar isso para ela?

M – Ah... foi muito legal, muito. Todos os aspectos. Foi assunto para o mês. Foi muito bom, foi muito rea... fora os presentes assim que a gente nem podia imaginar que ela ia ganhar.

F – Foi incrível.

M – Tudo incrível.

A – E você que fez a lista?

M – Foi. Foi eu e F2... lá na loja de enxoval. Eu me diverti. Primeiro eu estava meio tensa. As vezes eu fico muito preocupada, muito preocu... eu falei quer saber, vou me divertir.

A – E você, como foi para você?

P – Foi tudo muito legal. Eu queria poder dar mais. Eu acho que ali tinha muita coisa que eu podia ter feito, mas não teve condições. Mas no final eu acho que foi muito bacana. Foi muito bacana realizar tudo isso, é uma forma de poder tentar ajudar de alguma forma, né? Acho que essa é a palavra certa. E foi...

M – Que a gente está apoiando o casal. E gostoso também avisar para as pessoas que ela vai para outra coisa.

P – A turma dela é muito legal

M – Muito bacana.

M – É.

P – São muito unidos.

M – É, são muito unidos.

P – E assim, é engraçado que é tipo assim, é os primos dele, umas amigas e eles são amigos em comum ali. e sem dizer assim...

F – É que todo mundo namora há muito tempo e a gente se conhece de muito tempo.

P – E as amigas de infância dela, também teve algumas que foram.

M – Foram.

A – Há quanto tempo vocês estão namorando?

P – Pouquinho...

F – 14 anos.

M – É o primeiro namorado.

P – Não só dela como da F3 também. A F2 teve seus ficantes, mas namorado todas elas estão com os primeiros.

A – É mesmo?

F – É.

A – A F2 está há três anos com o G2 e a F3 está com?

M – Seis anos. Vai fazer agora dia dois.

P – É seis?

M – Vai fazer sete então.

F – É.

M – Alguma coisa assim.

P – Ela está com ele desde os quatorze, vai fazer oito.

A – E idade de todos vocês incluindo os genros?

P – Idade?

M – É. Quantos anos você tem?

P – Eu tenho... vou fazer 54 agora.

M – 57.

F – 30.

A – O G?

F – 33.

A – E as suas irmãs e os namorados?

F – A F2 tem 28, o G2 tem 30, igual a mim. A F3 tem 22.

P – E o G3 tem 23.

F – Não, não, vai fazer 24 agora.

A – E profissão dos que estão faltando? A F3 está fazendo pedagogia e também trabalha na escola.

A – O marido dela? O namorado?

F – Ele é estagiário de...

P – Ele não é mais estagiário. Ele se forma agora em administração, esse ano. E ele trabalha numa corretora de valores no banco.

A – Tá.

P – O G2

M – É biólogo. Trabalha numa clínica de fertilização.

P – Ele é pai de um monte de neném famoso. Ele que faz a inseminação.

M – Como filho dele?

P – É tudo filho dele. Ele que escolhe e faz. A F2 trabalha na...

M – Com turismo, ela se formou em turismo

P – É formada em turismo. Mas ela trabalha nessa empresa de casamento.

M – Trabalha em eventos.

A – E o G fez que faculdade?

F – Radio e TV e hoje ele é produtor de TV.

A – Pronto. Esse dado básico me faltou.

P – Ele está fazendo, ele trouxe... um programa de reality show

F – Ele é especializado em reality show.

P – É. É a maior baixaria.

F – É assim, eles vão todos para uma praia é como se fosse umas férias eu fui depois encontrar ele, e aí vai aparecendo os ex.

P – E aí vai ficando todo mundo com todo mundo.

F – É uma viagem de pegação. Ele também fez cinquenta mil temporadas de outros realitys, novela. Essa novela que está passando na TV.

A – Ele é produtor?

F – Ele é produtor.

P – E agora ele está produzindo mais um programa lá em Trancoso.

F – Agora ele está em Trancoso.

M – Vai ficar 45 dias. E teve aquele programinha do canal 7.

A – F, teve uma... quando a gente conversou pela primeira vez você falou que... quando você estava explicando a dor no peito e tal, você falou de preocupações com os seus pais. Na época você não falou dele, mas falou que as vezes você se preocupa com depressão dos pais quando as suas amigas casam. O que você acha que vai acontecer

com o sentimento dos seus pais, ou como os seus pais quando você se mudar?

F – Então... não, eu acho assim... eu não acho que vai ter depressão igual os outros casos que eu vi recente assim dos meus amigos, da tia do G, essas coisas. Eu não acho que vai ter não. Eu acho que assim... eu só fico preocupada assim com esse sentimento que eles ficam de assim “ah não, ela não está aqui”, essa coisa. Mas por outro lado me conforta bastante em relação ao N, que eu acho que...

F – Tenho esperança que tudo vai ficar tranquilo, e fico feliz que tem o neto para eles curtirem.

P – Eu tenho uma esperança maior... que o sofá cama quem vai dar somos nós e vamos para lá passar.... (risos)

F – então assim, então eu acho que é mais nesse sentido mesmo. Eu acho que... talvez assim, por exemplo, se todos saíssem de uma só vez daqui, aí...

M – É isso que eu ia falar.

F – Aí eu ia falar “caramba, lascou”, tipo “meu Deus”, então a gente vai ter que dar um apoio maior. Mas eu acho que assim também vai estar muito movimentado.

A – Você tem mais esperança ou medo?

F – Sim, mais esperança. Isso sim. Eu acho que só de primeiro momento. Mas eu espero que eles encarem como se eu estivessem viajando (risos), viajando mais próximo, qualquer coisa vem para cá, vai para lá.

A – E a sua mãe gosta tanto de shopping, é só ir te visitar, né?

F – Direto. Onde a gente vai passear? No shopping. E aí... mas mais nesse sentido assim. Eu não vejo... eu não acho depressão, eu acho que não. Isso não. Eu só acho que é uma fase que a gente tem que passar, é só isso.

A – Eu queria mostrar uma foto para vocês e eu quero que vocês falem a primeira coisa que vier na cabeça. É essa aqui.

(silêncio)

P – Eu estou sem óculos.

M – A malinha.

F – Sou eu segurando a malinha?

M – Quer dizer, “é gente, estou indo hein”. É a malinha de ir embora, “estou pegando o rumo”. Pode ser isso, não sei. Quer dizer, “estou indo”.

A – Olha, você ficou brincando com ela.

M – É. Vou fazer as minhas coisas.

F – Nossa, nem lembro.

M – Eu lembro sim.

P – Olhando a foto assim não me diz nada, é só ela segurando a malinha.

F – Então gente, here we go, né?

M – Bye bye. Estou indo.

A – Agora eu vou mesmo, é tipo isso?

M – É.

A – Aqui foi muito espontâneo, você estava brincando com ela. Aí eu falei espera, eu vou tirar essa foto.

M – É isso mesmo, eu lembro.

F – Nossa, eu não me recordava não.

A – E você, pai?

P – Não me diz nada, é ela mexendo na malinha.

(F dá risada)

P – Juro, eu vejo ela mexendo na malinha. Nem numa malinha, mexendo numa caixinha.

M – Mas mala quer dizer que você estava pegando as suas coisas e indo embora.

F – Eu podia estar brincando com um carrinho, né?

M – É. Um pau de arara. Estou pegando o meu pau de arara e estou indo embora.

F – Ainda peguei a mala linda da Burberry.

M – É. Ainda pegou uma mala muito chique.

P – Eu acho o seguinte, é mais pelo contexto que nós estamos falando. Se você pegar essa foto e mostrar essa foto, é só uma foto.

A – Neste contexto o que significa?

P – Ah, dentro da conversa, falando alguma coisa é... eu não vejo que isso é o que “ah, agora estou indo, estou tomando uma atitude por isso”, não... eu acho que ela já está decidida no que vai ser feito, eu acho que ela já está feito por tudo que ela está vendo do que vai ser feito e decido. Está apoiado de todas as formas. Eu acho que vai, vai, tem que ir, vai mesmo é... como eu falei, na hora que tiver que ir vai ser o mutirão... o mutirão vai ser o mutirão de ir, de fazer. Eu não acho que isso vai ser problema nenhum de ela ir, ela vai ter todo o apoio de ir da mesma forma que ela que teria todo o apoio de voltar. Você entendeu? Isso não existe, ela sempre foi apoiada em tudo que... ela não, elas. Elas sempre foram apoiadas em tudo que elas quiseram, que elas necessitaram. Então isso para mim não significa muita coisa. A questão de que ela estava brincando porque ela vai, porque ela precisa... não! eu acho que a questão de fazer é como falou, se já tivesse pronto ela poderia estar indo lá ficar agora e se ela se sentisse sozinha, alguma coisa ela poderia voltar para cá e ficar dormindo porque o G não está aí. Também não teria nenhum problema, não seria visto de uma forma “ah, não, agora você foi e tem que ir... tem que ficar”. De forma nenhuma.

M – Ah, não.

F – Não.

M – Nada a ver.

P – Então eu acho que é no sentido assim, eu acho que é uma extensão, é uma extensão da nossa casa.

M – Os quartos estão aqui.

F – E de repente aí eu estava anunciando sem querer.

P – Ele é tão pequenininho que é um quarto que está um pouco mais longe. Entendeu? É só isso. Eu não vejo nenhum problema.

A – Na sua visão o que significa?

F – Eu acho que sim.

M – É.

F – Acho que sim. De repente...

A – É uma preparação interna?
F – É.

A – Não é só a preparação externa, a da pintura?
F – Não.

P – ... na minha mão eu não ia... eu fiquei tentando entender o que era.

F – Sou eu, olha a minha pulseirinha aqui na foto.

A – Acho que você não se lembra dessa malinha.

P – Eu estava tentando entender qual será o significado da caixinha que ela quer saber. Porque ela falou “é a minha mão, é uma malinha”. Eu não vejo assim como uma simbologia da mala, da viagem, que eu estou indo.

F – Mas eu acho, eu achei muito interessante. Eu achei que eu nunca ia cair nessa, cai. (risos)

A – Bom, agora é a finalização mesmo e eu queria que vocês pensassem algo de tudo que a gente viveu. Eu ouvi histórias lindas aqui dos avós, do namorado, dos nascimentos, das dificuldades, das coisas boas, até o N, até a saída de casa e tal. Eu quero que vocês pensem em coisas importantes que vocês querem falar para os demais. Então assim, F vai falar alguma coisa para M, todo mundo vai ouvir. F vai falar alguma coisa para P, todo mundo vai ouvir e aí depois a M vai falar para a F, a M vai falar para o P e assim por diante.

M – Ixi.

A – Qualquer coisa que vocês queiram falar, que vocês tenham vontade de falar para simbolizar a finalização desses dois encontros em que falaram de coisas tão importantes, que me deu o privilégio de conhecer vocês e que por ventura mexeu com vocês.

(silêncio)

P – Eu tenho que começar? Vamos lá, eu falo. Para a F. acho que assim, a F, essa questão de... como você chama? Filho coruja, filho...

A – Canguru

P – Filho canguru. Eu acho muito interessante, e muito legal e de uma certa forma, de modo geral, não nosso aqui, mas tudo que está acontecendo de presente no mundo, eu fico até contente que isso esteja acontecendo porque hoje a gente vê tantas famílias desfeitas, filhos complexados, coisas por aí perdidas aí com todos esses problemas de drogas essas coisas que estão tendo... eu não aceito muito essa igualdade geral de tudo que se acontece, né? Mas eu acho que tudo isso que se acontece... eu acho que quando você está dentro de uma família, independente de como seja essa família, eu acho que o fato de você poder ficar mais dentro de algum lugar, sem ser pelo lado apenas cômodo, de que aqui é quentinho, mas sim seguro, aqui é o seu porto seguro, é a sua praia, é onde você se sente bem, aqui é o seu conforto. Conforto não no... conforto eu não quero dizer a parte, “ah, não quero saber, sou preguiçoso, eu tenho medo de fazer as coisas”, não, não é isso não. e também pelo outro lado da família em si que agrega, que traz, soma sempre cada vez mais. Essa fase da F, eu acho que é uma fase que com certeza... é óbvio que

desde que ela nasceu isso ia acontecer, dentro, que conhece a F do que ela nasceu, do que ela... isso já vem como pessoa. Entendeu? Eu fico muito feliz que é mais uma fase que ela consegue superar, que ela vai conseguir passar. Eu lembro exatamente do primeiro dia, ou melhor, do primeiro não, do dia quando ela estava comprando o apartamento que aquilo era uma coisa muito importante e ela teve muita coragem de fazer, mais coragem do que muitos não têm. Entendeu? E assumir aquilo que estava fazendo de uma forma... isso eu acho muito legal, tudo que ela faz, ela fala eu fiz, ela não faz para voltar para trás, ela faz com determinação de que aquilo seja feito. Então eu acho que isso é uma complementação de uma fase que ela está fazendo. Espero que ela e... ela indo, ela com o G consiga ter uma família tão bem estruturada, amorosa e formada igual a nossa. O que não vai ser diferente porque quando eu digo nossa, a dela vai ser nossa também, não tem como ser diferente. E ela consiga ter só progresso, só coisas boas nesse sentido. É uma menina que brilha, foi feita para brilhar, eu nunca esperei diferente dela do que isso. É uma menina que nos enche de muito orgulho.

(P e M se emocionam.)

P – Não, vamos lá. Então esse caminho dela é traçado, é certo. Não trazendo para ela no sentido de responsabilidade de ter que ser feito isso, mas sim de uma forma onde a gente sempre vive isso. Não só do que nós vimos também como nossa filha e tudo, mas até mesmo pela nossa religião, por tudo que acontece que sempre foi fito como ela é e nunca errou um centímetro. Sabe? Então é só mais uma fase. Entendeu? É uma fase que ela vai passar, que nós vamos passar, amanhã virou a página, vai continuar, vai trazer, na hora que ela tiver os filhos dela... espero que ela tenha, eles vão vir para cá também.

M – Ainda bem que...

P - ... ou a avó dele vai fugir para lá.

M – Vai ser um pouquinho longe, né? Quer dizer, eu já estou acostumada...

P – Mas hoje tem o Uber e fica tudo mais fácil.

M – É.

P – Entendeu? Então vai dar... vai dar tudo certo. Eu acho que ela e o G, por incrível que pareça, por serem tão diferentes e... eles são tão iguais e tão diferentes ao mesmo tempo, né? Que as vezes a gente para e fala “porra, não consigo entender esses dois, são muito estranhos”, porque sempre a gente se baseia numa... como eu me baseei a nossa relação na relação dos meus pais e meus avós e que sempre tive essa estranheza do que se veio passando porque o tempo vai passando e a gente vai vendo que cada momento é uma coisa diferente da outra. Então nós vamos ter que se adaptar a essa fase, mas de uma forma muito positiva, muito positiva, muito legal. Eu fico muito feliz porque ela está indo, mas não está indo para longe. Entendeu? Ela está indo para perto. E eu não sou o tipo do cara que... se eu tiver saudade eu entro no meio da loja dela, no meio dia e estou lá. Sem a menor dúvida.

M – Ai gente, é.

P – É verdade. É como eu falei da outra vez, eu sinto falta até as vezes do G. incrível, ele é um ograão tal, aquele jeitão dele assim, mas pô, eu ligo para ele onde ele está e falo “E aí G, você está bom? Estou com saudade de você”, né? Então é muito legal... quando eu brinco, que chamo ele de filho, as vezes no começo não entendi muito isso, não queria me dividir muito, mas é verdade, eu estava trazendo eles todos para o meu coração com o mesmo amor que eu tenho por elas. Claro, né...

F – Claro.

P – Mas eu acho que é isso, eu acho que ela vai, ela tem o futuro dela, ela é uma menina que vai... em tudo que ela faz eu não espero dela nunca ser a segunda. Você entendeu? Ela é sempre a primeira.

F – Eita.

P – Não, mas é verdade e ela sabe disso. Você entendeu? Se ela está numa posição boa hoje eu acho ela... fico muito feliz por ela, a gente discuti muito e a gente vê com que ela tem que chegar mais do que isso, ela tem que estar sempre um passo acima disso. E eu acho que é dessa forma, eu acho que esse é um caminho que ela está fazendo, eu acho que essa questão de filho sendo Canguru... aqui nós estamos abertos a todos os canguruzinhos que necessitarem. Entendeu? E não só por eles, mas por nós também. É muito importante para nós termos eles próximos da gente, é muito satisfatório, por exemplo, estar aqui hoje como nosso pequeno que dormiu, põe ali no sofá.

M – Depois eu ponho, acaba, conta. Fica tranquilo.

P – E ele que está aqui com a gente... pô, isso aqui é um presente, é uma dádiva que nós estamos tendo assim, que puta, eu só posso agradecer. Ele poderia estar como vários outros avós que estão por aí cuidando, que tem seus netos e tal. Mas nossa, essa ligação que a gente consegue ter é um privilégio que não... puta, é inexplicável, é inexplicável. Então isso tudo é muito bom. Isso em relação a F e o G e tudo mais. Em relação a M... é essa protetora, essa mulher batalhadora, cuidadora. Você entendeu? É uma mulher muito companheira, sabe? A gente tem esses... como eu vou dizer amor?

M – Feeling, né?

P – É. De cuidar, de fazer. E a gente se dá muito bem independente de qualquer coisa a gente está sempre muito... sempre muito companheiro. A gente sente falta da companhia um do outro. Essa companhia é mais importante do que qualquer outra coisa. As vezes quando eu falo “vamos até a padaria”, “mas eu quero...”, “pô, eu tenho que ir até a padaria sozinho, não dá para você vir comigo? ”. Você entendeu?

M – Ele fica no pé um pouco assim, né? Nesse aspecto.

P – E eu entendo que com isso tudo, com essa mudança de vida que está tendo hoje para o meu lado, isso também está fazendo uma falta muito grande até para ela, né? Mas mais uma vez a gente sabe que é aquela mulher que entende o que está acontecendo, que vai absorver bem isso. Porque você conhece assim: é o que nos resta hoje? É dessa forma e é assim que vai ser. Então esse lado eu acho que segue muito bem. Então vamos juntos,

a gente vai trabalhar, vai fazer, vai acontecer as coisas.

M – E vi podendo, né? Tem que fazer.

P – Vai que dá.

M – Tem que ter o horáriozinho nosso. A gente já foi até jantar no japonês.

P – É. Olha só, depois de tanto tempo nós conseguimos.

A – Só os dois?

F – Só os dois.

M – Só os dois. Ele queria levar ele.

F – Me ligaram, né? E a F3 falou que ia ficar aqui e ele ia ficar com ela, que era sábado a noite... e ele queria levar. Aí eu falei “deixa eu ficar quieta”.

A – Então como você ficou M.?

M – Fiquei contente. E eu estava assim “ai meu Deus, o N vai com a gente”. Não por nada gente pelo amor de Deus, mas eu falei “nossa, que quero...”. Eu estou tão assim com a filha, sair com o meu genro, sair a tarde com a F2, com ele, com a F3, o G2 e tal. Porque as vezes... porque a gente precisa treinar conversar de novo porque conversar com ela é um jeito, conversar com a F2 é outro, conversar com a F3 é outro. Pelo menos eu sou assim. E quando chega com ele eu estou bloqueada que já não sei nem mais o que... sabe assim? Meu Deus, eu preciso conversar com o meu marido.

A – Então fala para ele o que você quiser.

M – Eu fico conversando mais com a minha sogra do que com ele.

A – Fala para ele como se eu não tivesse aqui.

M – O mais engraçado é que tem... eu falo “gente, eu tenho muitos maridos”. Tem o G, tem o G2, tem o P, tem a minha sogra que é meu marido e tem as outras lá. Meu Deus do céu, está se perdendo. Aí teve uma época também que eu falava que parecia que ele era meu irmão. “Ah P, você está parecendo meu irmão, eu não quero sentir isso”. Entendeu como é? Principalmente quando a minha mãe faleceu e tal. Então era uma coisa assim meio... e quando ele... ele parece muito com o meu sogro e parece também com o tio dele. Aí eu chegava em casa e falava “P, precisa mudar que você está parecendo o meu sogro. Estou ficando...”. Porque eu sou muito transferência, o meu mal é esse, transferência, contratransferência... eu me apego a essas coisas, sabe assim? Então eu me ponho também muito no lugar e falo “ai, eu estou saindo com o meu sogro. Meu Deus do céu. Não é isso que eu quero.”

P – As vezes eu me vejo assim junto com ela, quem sabe no futuro dois velhinhos passeando, alguma coisa assim.

M – Não, mas não é nem por isso. Eu acho que tem que achar um jeito de como era assim. Que nem uma vez, coitado, ele chegou “tá bom, você quer passear no shopping então vamos”, mas eu estava cansada. Aí a F falou “M, você não foi, você tinha que ter ido.” Gente do céu, eu acho que os meus hormônios também influenciam.

P – Mas é normal.

M – Essa menopausa entre eu e ele, eu acho que deu uma...

P – Eu acho as vezes muito cansado. Eu chego na verdade esgotado.

M – E eu também aqui, porque a turminha aqui não é fácil.

P – Então tem isso. Aí quando a gente para, a gente janta e termina, um olha para a cara do outro e fala “vamos subir”, “vamos”. A gente sobe e eu começo assistir alguma coisa televisão, ela pega...

M – A única coisa que a gente discute é o filme.

P – Ela pega o celular, conversa um pouquinho...

M – Ele fala, “mas você está entendendo” e eu falo “Eu consigo”. Eu sei até o que está acontecendo atrás de mim, elas ficam loucas porque eu estou vendo.

P – Mas eu não acho que isso seja um problema não. Eu acho que é do tempo mesmo, essas coisas passam e vão seguindo a sua forma.

M – Não gente, mas também...

P – São 31 anos juntos.

M – É bem diferente. Já teve a época daquela paixão. Aquela paixão.

[se dão as mãos]

P – Eu acho que...

M – Já é maduro, né? Já passei dessa fase.

P – Já passamos daquela fase de... eu acho que hoje nós temos assim um compartilhamento, uma união de... Não digo de irmão, mas sim de...

M – De tudo, cúmplice.

P – De tudo. Estamos lá. De cúmplice, exatamente.

M – Eu sou muito cúmplice, eu sou mesmo, sou muito cúmplice.

P – Nós somos cúmplice, é.

M – Que as vezes chega na segunda-feira e eu me sinto culpada.

P – Engraçado, eu não fico me questionando do que tem que ter, do que foi. Eu...

M – Mas eu fico.

P – Eu acho que as coisas são como são que ser e estão indo.

M – Aí depois eu falo “não, legal, passou já foi, já gostei. Então pronto.”

P – Eu fico satisfeito...

A – Fala para ele o que você quer falar.

P – Não... nós não estamos numa terapia de casal. O que eu quero dizer é o seguinte, eu acho assim, eu acho que de repente é aquela coisa... eu fico muito satisfeito que elas... eu sei que a M é uma mulher que gosta de passear, precisa passear e eu não consigo fazer. Então eu... as vezes eu incentivo, vai com as meninas porque você não foi, vai dar uma volta do parque. Eu não posso ir, eu tenho consciência de que eu não posso ir. E eu não vou ficar me martirizando porque eu não posso, eu já botei na minha cabeça que eu não posso e acabou, não tem como. Entendeu? Então é aquela coisa...

M – Eu sei, eu sei. Mas sabe o que acontece? Desculpe te interromper, mas eu preciso... porque você também fica assim... eu acho que você precisa largar a mão dessas obrigações. Não é porque eu vou no shopping que eu quero que você compre as coisas para mim.

P – Mas quem falou de comprar?

M – Então... mas ele fica preocupado.

P – Eu não gosto.

M – Porque eu acho tudo lindo, maravilhoso. Entendeu? Aí ele fica “ai meu Deus do céu, para, eu não quero nem ver isso”. Mas eu achar lindo é uma coisa, eu comprar é outra totalmente. Ele fica preocupado.

P – Se eu tivesse dinheiro ela compraria tudo.

M – Ele fica preocupado.

P – Sem a menor dúvida.

M – Porque ele me daria, eu sei que ele me daria.

P – Eu brinco, eu sempre brinquei com ela que se eu tivesse... se eu ganhasse 30 milhões na loteria eu ia...

M – Ah, não ia sobrar nada.

P – Eu ia colocar um milhão na mão dela e falar “vou te pegar lá do outro lado, mas você compra tudo que você quer porque você tem que passar essa gana para depois parar.”

M – Ele fica preocupado com isso. Ele acha que ele tem que comprar as coisas.

P – É uma coisa que me incomoda, me incomoda demais, demais.

M – Então ele prefere não ir. Eu acho isso.

P – Por exemplo, quer ver uma coisa que me incomodou muito uma vez? Por exemplo, nós fomos... era um aniversário meu, aí inventaram de querer ir na Pizzaria, aí foram todos, chamaram a minha tia, não sei o que lá, minha irmã e quando chegou lá cada um começou a pagar a conta, dividir. Aquilo me incomoda. Eu prefiro não ir. Eu me sinto melhor que não vá, que não faça. Eu não sou dessa forma. Entendeu? Puta, eu não me sinto bem. Eu prefiro assim, vamos fazer? Se eu puder fazer vamos, se eu não puder a gente come um bolo aqui que está melhor do que tudo. Então eu não gosto, eu nunca gostei. Eu gosto de sair com eles se eu tenho condições de pagar, aí eu pago e pago mesmo, mesmo se for o último vintém que eu tenho, é aquele que vai porque tudo bem. Mas ir para cada um começar a sacar cheque.... isso não me faz bem. E é com qualquer um. Entendeu? Uma vez foi junto com a sogra dela. Sabe? Meu... não dá. Eu sempre falei, eu sempre fui um cara que foi muito gestor, eu gosto de fazer, de proporcionar. Se eu não consigo proporcionar, o fato de ser proporcionado é uma coisa que me incomoda demais. E principalmente dentro de casa a gente acostuma um pouquinho para não ter necessidade das coisas que vão. Mas daqui para fora... eu prefiro que não aconteça.

A – M, termina e fala para ele o que você gostaria de falar.

M – É... para ele não ficar tão ansioso, não ficar tão preocupado, né?

P – Você acha que adianta?

M – (dá risada). Não adianta.

F – Não ficar tão teimoso.

P – Gente, tem coisa que não se muda.

M – E como eu falei... você gostou vai? Porque ele não almoça, ele não almoça direito, ele tem todo um problema. Aí eu comecei a fazer uns sanduichinhos para levar ele e tal. Sem ele pedir, sem nada. Ele “ah não sei o que, porque você está fazendo...” e eu falei “deixa eu cuidar de você”. Porque ele fica bravo. Ele começa a fazer um

regime, aí eu fico cuidando e ele fica bravo, não sei o que. Deixa as pessoas... deixa elas cuidarem também de você assim, deixa. Entendeu? Se a pessoa está falando isso é porque eles querem o seu bem. Porque você fica todo assim, você coloca também essa armadura aqui ó. Solta um pouco essa armadura. Tipo, só ele pode fazer, só ele... você já viu que você não pode fazer isso porque você depende também de todo... então solta isso, relaxa, deixa acontecer. É isso. é isso.

A – E para a F?

M – Ah, para a F... F vai com Deus minha filha! Olha, já foi tarde. Vai com Deus que eu vou ter o maior... eu estou tranquila porque eu sei o que eu fiz. Nossa Senhora, que delícia, viu. Eu já falei uma vez, eu me realizo através delas. Tudo que está acontecendo assim eu queria que acontecesse comigo. Ia ser muito bom. Já pensou eu comprar um apartamento, não sei o que lá? Foi muito bacana isso dela ter conseguido. Eu fiz elas para o mundo. Ele é para ele e eu acho que eu fiz elas para o mundo, para elas irem. Vai mesmo, vai viajar mesmo, vai para a sua casinha. Mas é lógico, não tem nem o que dizer, o seu quarto está aqui, vai saber... eu tenho certeza que vai dar certo, mas a parte de vocês estão aqui. Você não sabe o dia de amanhã, não é? Eu acho também que a gente não vai viver para a sempre, eu e você, né? Elas têm que construir a vida delas. E é isso aí, está no rumo certo. Foca e se manda! Vai mesmo.

A – Agora eu quero que você fale para os dois.

F – Me dá água aí que eu estou precisando. Eu não sou boa nisso. Obrigada (agradece a água).

P – A garrafa só tem tamanho, né?

M – Que pena que o G não está aqui, ia ser bacaninha também.

F – Olha, eu acho que ele ia estar chorando mais que não sei o que. (dá risada)

M – É, ele é meio... ele sempre me surpreende.

F – Eu acho assim, eu acho que... primeiro, eu acho que foi muito... é muito válido isso tudo que está acontecendo, né? Outro dia a gente estava falando isso.

M – Nossa

F – Muito interessante como tudo veio a calhar nesse momento. E que... aí... (se emociona, começa a chorar).

M – Vai, coragem aí. Suspira fundo, apaga a velinha. (respirando fundo – mostrando como ela deve respirar).

F – Ah não, é que eu só tenho a agradecer tudo, eu não tenho o que falar. Eu acho que... não... eu me sinto assim...

M – Não tem que agradecer nada.

P – Exatamente, eu acho que não tem que agradecer nada.

M – Não tem que agradecer nada.

P – É tudo reação nossa. Nossa para você e para as suas irmãs, não tem o que agradecer.

F – Eu acho assim... não, eu acho que assim, eu vou muito tranquila mesmo. Mesmo já sabendo de tudo, né, que vai ter uma hora que vai apertar, que vai ter uma hora que isso, ou não, que é normal, isso vai acontecer. O que eu quero deixar assim também muito claro para vocês, que eu acho que

agora é um momento muito interessante porque assim, eu vejo que de pouquinho em pouquinho, eu acho que é importante para a saúde do casal vocês retomarem tudo isso. Porque, hmmm, as famílias também vão se construindo ao redor da família que vocês construíram.

P – De onde você tira essa preocupação entre eu e a sua mãe? Eu não...

F – Não, mas... não, a única coisa que eu acho que tem isso. Você dessa parte que assim, talvez precisa ficar tão se cobrando. Que hoje em dia a gente não precisa mais do guerreiro com essa armadura... onde a gente possa dividir tudo de uma forma muito legal, onde que... na verdade, isso que você ensinou para todas nós, que nós somos unidos e tudo isso, não é porque tem uma pessoa lá em cima e a união aqui em baixo. Pelo contrário, a união é a divisão de todos nós aqui. Então hoje, não é que eu carrego. Eu carrego dentro... a parte que me comporta. A F2 carrega da parte dela, a F3 da dela e vocês das de vocês. Entendeu? Então eu acho que nessa parte, não se cobre tanto a isso. Porque hoje a gente pode ter... de uma forma essa cobrança pode... essa cobrança que você faz sua, ela não precisa ser tão pesada dessa maneira. Porque hoje, graças a Deus, todo mundo tem um emprego, todo mundo é muito batalhador, todo mundo consegue e eu tenho certeza... é muito engraçado isso, que se a corda apertar um dia para o meu lado, eu tenho certeza que eu tenho vocês. Se apertar para o da F2, temos todos nós e a F3 da mesma forma. Então se hoje ela aperta um pouco mais desse lado, tem todos nós. Mas que eu também tenho certeza e eu sei da capacidade que você tem, da mamãe também, que isso é um momento, que talvez fique muito focado naquilo ali, outras coisas estão acontecendo ao redor que não estão conseguindo ver. Muito mais do seu... dessa sua maneira. Eu entendo que assim, o fardo é pesado é duro, mas não se cobre tanto dessa maneira. Que isso é difícil, a gente se cobra porque assim... se a gente quer te levar para um aniversário, num aniversário, é para te proporcionar um momento bom, que vai estar todo mundo. E nesse momento foi isso. Gente, mais do que o exemplo do open house onde todos fizeram para mim e que eu sei que... para mim e para o G e que eu sei que foi muito difícil, você fala “meu Deus, meu Deus, olha isso”. E eu mesmo me opunha a fazer o open house pelos gastos que teria. Entendeu? E que no final deu tudo certo, deu tudo muito certo. Então assim, da mesma forma que o meu pai se expos assim, que no final dá tudo certo, no final dá tudo certo. Eu achei isso. Eu acho que as coisas vão se conformando nesse caminho. Eu também fui muito bem orientada, tipo, calma, vai dar certo, sua saída vai dar certo, tudo vai depois entrar nos seus caminhos também. Entendeu? Então é isso. é difícil na hora, é difícil porque arrr, está apertado, está ali... na hora tem que ser muito macho para coisar ali. Entendeu? Mas depois eu acho que as coisas dão certo. Eu saio de uma maneira que eu acho que foi muito legal onde pode se expor disso. Eu me expor, né? Assim, tipo então agora vamos, agora eu vou conseguir, vou mesmo, a mala está aí na minha mão, está tudo acontecendo. E assim, eu tenho muito que

agradecer porque assim, que oportunidade, né? Eu acho que é um momento único, é uma coisa única e também de expor isso, por mais difícil que seja. Porque eu não sou uma pessoa muito de me expor dessa maneira. Eu acho que eu tenho um dia-dia muito arrr que eu tenho que me manter ali e eu acho que isso é muito válido. Hoje eu vejo que não existe uma figura ali que é “óóó, um pedestal”, ou uma figura que é inatingível. Não, pelo contrário. Em alguns momentos a gente tem que ser e em outros momentos nem tanto. Então eu acho muito legal e eu acho que é muito válido isso para mim, para a minha saúde, para as minhas emoções, para o meu também... para o meu decorrer a partir de então. Então é isso que eu quero falar e que vai dar tudo certo. Vamo que vamo!

M – Ê!

A – Algo direcionado para a sua mãe e para o seu pai?

F – Ah, direcionado para o meu pai é mais em relação a isso. eu acho que pode baixar essa armadura, as suas filhas estão muito bem orientadas, encaminhadas e muito... e que leve isso muito por tudo que... todo esse trabalho que vocês fizeram, essa união tão bonita que isso tudo aconteceu. E para a minha mãe no sentido que... mãe, também muito obrigada por todo esse apoio, por tudo que a gente fez e que... vai caminhando... (se emociona). Vai seguindo o que você tem que seguir. Tem muita coisa aí... talvez ali presa, que você pode colocar para fora, né?

M – Pode ser (está emocionada também). É porque... ainda, né, o G que ia chegar aqui... vou ficar só três semanas aqui.

A – Em que ano foi isso?

M – Nossa...

F – Foi 2012.

M – Três semaninhas aqui. Eu fiquei assustada mesmo assim no começo.

P – Como assim?

M – Ah, para você era tudo que você queria.

P – Não, não, não. Mas eu não fiquei porque...

M – Ele queria isso das meninas aqui e tal.

P – Eu preferia que ele viesse do que se ela tivesse ido.

M – É. Foi isso que ele falou também e eu falei “não, você está certo”.

F – Eu tinha 26 e já tinha comprado o apartamento.

P – Sim. Tanto que naquela época ela comprou porque ela falou que queria morar sozinha e eu falava para ela que isso era na cabeça dela, na minha ela tinha comprado porque ela tinha que fazer um investimento.

M – É, ele... e ele que deu a ideia hein.

P – Claro. Porque era exatamente como eu estou te falando, era uma questão de investimento, que pelo menos é... é aquela história, enquanto ela não encarar o primeiro, ela não vai conseguir chegar no segundo. Entendeu? E assim vai indo.

F – Mas...

P – É o que eu falo até para a F3. Ela fala “não sei o que, que vai chegar uma hora que nós vamos alugar o nosso apartamento”. Eu falo para, se você entrar num aluguel você não vai mais sair dele.

Você tem que aproveitar para estar aqui até você ter estabilidade para vocês poderem comprar alguma coisa, comecem pagar e daí vai. Porque se elas saírem daqui para pegar um aluguel, ou se acontecer só que de repente ela começar a ganhar muito grana onde dá para comprar alguma coisa, pagar o aluguel e se manter, o que eu acho que é muito difícil de acontecer hoje em dia, não é impossível, mas é muito difícil de acontecer....

A – Então a gente pode também entender que foi esse cavaleiro que pode incentivar a princesa para sair da torre por ter incentivado a comprar o apartamento?

F – Sim. Com certeza.

P – Eu não consigo me ver de outra forma. Quando eu me vejo dessa forma eu não me vejo só junto a M e as meninas. Eu tenho essa mesma postura junto a minha mãe, a minha irmã, a minha sobrinha, o meu irmão até. Entendeu? Eu costumava brincar que assim, se eu tivesse na Itália em outros tempos, com certeza eu seria um chefe de máfia, não teria a menor dúvida possível. Eu não meço esforço nesse sentido, em qualquer situação. Então... para mim quando ela fala “pode tirar a armadura, pode fazer”... não vai dar, nunca vai dar.

M – É, mas é uma armadura assim dos seus sentimentos.

P – Eu acho que de repente até incondicionalmente um dia o meu pai deve ter tido para mim “olha, você é o homem da casa e vai cuidar”, não sei, aquilo ficou comigo.

F – Mas eu acho só que assim, isso pode ficar com você, não que você não tenha feito diferente. Mas eu acho que...

P – Foi a criação que eu tive, eu não podia te dar outra.

F – Então. Por isso mesmo. Mas aí cabe como cada um vai levar isso.

P – Claro, exatamente. Eu não acho que você tem que fazer exatamente o que eu fiz, mas dificilmente é esperar que eu...

F – Você viu coisas que o seu pai fez e que hoje você fala “não”.

M – Exatamente, assim como também os meus pais fizeram.

F – É, isso é... então eu acho que o que hoje a gente pode falar é assim, tipo, pode tirar tranquilamente, pode tirar, fica tranquilo que você pode tirar a armadura. Sim. A gente está falando.

P – Eu não sei nem onde é o botão dessa armadura. Não existe.

A – Gente, eu fiquei muito encantada com vocês pela oportunidade, pela afetividade, pela sinceridade. O quanto vocês foram abertos e o quanto vocês tem uma família linda e acolhedora e que se cuida e... eu desejo muito que vocês sejam muito felizes!

M – Muito obrigada.

F – Muito obrigada.

M – E eu agradeço mesmo você ter aberto essa emoção. Porque eu nunca acho que eu sentaria e falaria “vamos conversar sobre...” não ia.

A – E o meu desejo não era ter uma família simplesmente para fazer a minha pesquisa, eu

queria me fazer útil porque sem dúvida a gente mexe em coisas, às vezes, difíceis. Não nessa família, em qualquer família. E vocês... a gente fala em temas que estão presentes em muitas famílias, as vezes as avessas. Então tomara que eu também tenha me feito útil.

M – Muito útil.

F – Não tenho o que falar.

M – Foi mesmo, foi demais.

F – Foi incrível.

A – E eu quero dizer para vocês que a parte da pesquisa se encerra aqui. Mas a qualquer momento, pelo documento que eu trouxe para vocês, pela questão ética lá da PUC e etc., eu estou à disposição para falar individualmente com qualquer um de vocês.

M – Aí que bom. Isso é muito bom. Muito obrigada.

A – E se vocês quiserem, assim que eu finalizar tudo, eu também posso fazer um fechamento com vocês.

M – Aí que legal. Eu faria.

F – Eu também.

M – Vamos nos encontrar, você volta.

A – Eu quero deixar aberto para que vocês tenham todo esse amparo, inclusive para serem encaminhados para atendimento com alguma colega, tá?

M – Ok. Por favor.

F – Que legal.

P – Espero que tenhamos sido útil a você de alguma forma.

A – Muito útil, muitas reflexões, vai me ajudar muito.

M – Nossa, eu esperava uma coisa tão diferente.

A – O que você esperava?

M – Não sei assim. Pesquisa eu já imaginei assim, vou ter que responder...um monte de questionário chato.

Pensei no filho canguru que nem tem nos filmes que parece americano dos filhos cangurus que é um peso, né? Ainda mais quando eles saem e voltam. E para o casal americano...

A – Esses são os bumerangues que saem e voltam.

M – Verdade, está certo. E eu já vi esse filme e é uma coisa, eu falei nossa, mas será que está tão pesado? Eu comecei a pensar, né? Eu pensei, vai ser discussão sobre o que eu acho do filho canguru, que eles estão aqui, que ainda estão. Porque a gente vai...

P – Eu achei que ia ser mais uma questão de compreensão, do que é, porque te trouxe, porque te

fez, o que aconteceu. Em relação a ela, especificamente a ela.

F – Foi, né? Bastante, né?

M – Eu adorei o apoio, abriu muita coisa gostosa, muita lembrança boa. Adorei, falei.

F – Foi surpreendente. A gente até outro dia estava conversando, né?

M – É.

P – É assim ó, é nós dois, nossas três meninas.

F – As princesinhas. Na verdade, está aqui todas as princesas.

P – É bem assim.

M – Mas eu poria umas guerreiras aí, viu. Porque elas são guerreiras.

A – Elas têm um pouco desse pai e dessa mãe?

M – Tem.

F – Toda princesa é um pouco guerreira, né?

A – Deixa eu só guardar as assinaturas.

F – Olha o bombom que ganhamos dela.

P – Salvou a noite hein. As vezes dá uma larica de doce.

F – Nossa, aqui às vezes tem noite que bate em todo mundo.

M – Nossa.

A – É?

F – Docinho. Engraçado que essa semana eu até falei... o G2 veio me salvar. “Ai G2, tem um docinho lá embaixo?”, “Não tem nada”. Aí deu 20 minutinhos e ele bate na minha porta do quarto “olha aqui ó”, com uma barrinha assim. Aí eu falei “você deixa guardado no seu armário, né?” E ele, “só nesses momentos”.

P – O que?

F – Uma barrinha de chocolate assim.

P – Porque de repente do nada dá uma vontade de doce assim.

M – Aqui não pode jantar cedo porque daqui a pouco está todo mundo com fome. É muito gozado, não dá certo.

F – Porque dá uma vontadezinha de doce.

P – Ainda mais no dia do Master Chef.

F – Quando eu me mudar tudo vai ser diferente. Eu vou estar magérrima. Aí você vai ver, você vai falar “como você emagreceu”, você viu? Reza a lenda que quando a gente casa, só engorda. Mas o G...

M – Ele policia.

A – Ah é?

M – Ele é disciplinado

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título: O (A) canguru e sua família – uma leitura Junguiana****CONVITE**

Caro participante este termo é a oficialização do convite para participar da pesquisa, leia atentamente todos os itens, e caso ainda queira participar, por favor, assine no final.

OBJETIVO DO ESTUDO: Compreender aspectos subjetivos e relacionais presentes na relação que o(a) canguru estabelece com sua família de origem.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Caso aceite participar do estudo, poderá retirar-se, se assim o desejar, a qualquer momento, sem ônus ou consequências.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: O estudo consiste de dois encontros que abordarão os objetivos propostos. O primeiro deles se dará com os três participantes, quando será proposta a construção de um genograma lúdico e serão feitas perguntas sobre a família e a relação familiar. O segundo encontro também se dará com os três participantes com a utilização de imagens do trabalho realizado no primeiro encontro e perguntas complementares. Todos os produtos assim obtidos serão fotografados e as informações fornecidas, gravadas, constituindo material de análise da pesquisa. O tempo previsto para cada encontro é de 60 a 90 minutos. O pesquisador estará disponível para dar um retorno sobre a sua participação caso o deseje.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Todas as entrevistas serão gravadas em áudio a ser utilizado apenas para fins da pesquisa. Se o(a) senhor(a) não quiser ser gravado em áudio, não poderá participar deste estudo.

FOTOS DAS PRODUÇÕES: Todas as produções (genograma lúdico e desenhos) serão fotografadas. As fotografias serão utilizadas somente para a pesquisa. Se o(a) senhor(a) não quiser que as fotos sejam tiradas, não poderá participar deste estudo.

RISCOS: Apesar desta pesquisa ser de risco mínimo, o(a) senhor(a) pode achar que determinadas perguntas o (a) incomodam. Pode optar por não responder a quaisquer perguntas que o(a) façam sentir-se incomodado(a).

CONFIDENCIALIDADE: Nenhuma publicação partindo do material coletado nesta pesquisa revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa.

DÚVIDAS: Esta pesquisa possui vínculo com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo através do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, do qual aluno Angélica Coelho Gomes Tortorella Bedran é o pesquisador principal, sob a orientação da Profª Dra. Liliana Liviano Wahba.

PROVIDÊNCIAS E CAUTELAS: a pesquisadora estará disponível para responder a qualquer dúvida e/ou oferecer entrevista devolutiva, bem como encaminhar à assistência especializada aos participantes para evitar ou reduzir efeitos de condições adversas mesmo no caso de encerramento ou interrupção da pesquisa. Caso seja necessário, contate Angélica no telefone (11) 98266-0188 ou pelo email: angelicatortorella@yahoo.com.br, ou entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-PUC-SP no telefone (11) 3670-8466 ou pelo e-mail cometica@pucsp.br.

BENEFÍCIOS: Ao receber a devolutiva do trabalho, os participantes podem ampliar o conhecimento sobre os aspectos subjetivos e relacionais de sua família e estarão contribuindo para a ampliação do conhecimento acerca do fenômeno psicossocial de grande relevância, segundo dados do IBGE, chamado de geração canguru.

CÓPIA PARA O PARTICIPANTE: Há a garantia de que o(a) senhor(a) terá uma cópia deste consentimento para seu arquivo.

Solicitamos seu nome, endereço e telefone de contato apenas para que a pesquisadora possa contatá-lo(a) em caso de necessidade.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura: _____

Data: _____

Discuti a proposta da pesquisa com este(a) participante e, em minha opinião, ele(a) compreendeu suas alternativas (incluindo não participar da pesquisa, se assim o desejar) e deu seu livre consentimento em participar deste estudo.

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE D – Anamnese familiar

As questões para a anamnese familiar foram baseadas nos estudos das pesquisas de campo realizadas na revisão de pesquisa (CREPALDI e WENDT, 2008) e em livros sobre entrevistas com famílias (CERVENY, 2012). Algumas perguntas podem emergir no momento, fruto da resposta dos participantes.

Sobre a história da família

- Qual a história desta família desde o namoro dos pais.
- Quais são as histórias importantes ou significativas das gerações anteriores (até 3 gerações).
 - Nível de Instrução (atividade profissional e situação econômica como lidam com a questão financeira)
 - Doenças físicas, psicológicas, álcool, drogas, medicação, dições.
 - Descendência, religião
- Tem havido mudanças na família nos últimos dois anos? (nascimento, morte, troca de casa, de emprego, saída de filhos ou outras? Se sim, qual foi a reação dos membros da família?)
- Contexto do casamento no momento do nascimento de cada um dos filhos. (Planejamento familiar)
- Contexto do casamento atualmente (viagens dos pais, companheirismo, cumplicidade.)
- Relação entre os irmãos (ciúmes, proximidade.)
- Relação com avós/família dos pais.

Sobre o adolescente-canguru e os pais

- Como é a relação entre vocês? Quando ocorre algum conflito, como ele é tratado por vocês? Quais as semelhanças e diferenças? Possuem atividades ou interesses comuns? Maiores afinidades com pai ou mãe?

- Marcos importantes da vida do filho (1º dia de aula, infância, adolescência, namoro, relações afetivas, escolha profissional, 18 anos, 21 anos, festas.)
- Como os pais lidaram com os marcos?
- Como o filho lida com o dinheiro? Como foi a educação financeira? Comentem.
- Falem sobre a permanência do filho(a) em casa. Como é a convivência, rotina, e questões de ordem prática e de cuidados (alimentação, roupa, auxílio nas tarefas domésticas.)
- Existe algum tipo de expectativa dos pais ou do filho de sair de casa?
- Imaginam que isto poderá ocorrer?

Finalização

- Quais os pontos fortes desta família?
- Quais os pontos fracos desta família?
- Se pudessem escolher uma imagem ou palavra para representar a família de vocês qual seria? Por que escolheram esta?
- Querem falar alguma coisa que acham importante? Se quiserem ou depois lembrarem de algo podem me procurar individualmente.
- Como foi para vocês três passarem pela entrevista?

APÊNDICE E – Planejamento do segundo encontro

Perguntas/ações a serem realizadas:

Para todos: O que se lembram do primeiro encontro?

Mostrar e reproduzir a maquete do genograma do primeiro encontro e pedir que achem a miniatura de consenso para cada um.

Para todos: O que ficou desse primeiro encontro? Conversaram sobre isso?

Para Carla: Planejamento e organização para mudança depois de quase um mês. Vim aqui em 28/09 estamos em 26/10. Algo mudou? Por que tantas mudanças de datas até aqui? Quais são os motivos concretos e outros psicológicos para adiamento da saída da casa de seus pais?

Todos: Quais vocês acham que são os motivos dos adiamentos?

Para todos: Vocês disseram que Carla ajuda financeiramente. Vocês falam sobre dinheiro? Como está a organização financeira? Teve algum combinado para a saída de casa?

Para Carla: Seu pai disse que não criou filho para o mundo e você apontou o peito. Na ocasião, falou exatamente: “É horrível, me dá uma sensação de preso...” Quando pedi para tentar descrever o gesto de colocar a mão no peito você falou com essas palavras “Não sei, um aperto assim, sentir apertando”. Eu queria saber se existem outras maneiras de descrever em palavras ou sentimentos esse gesto que a fez levar a mão no peito?

Para Carla: O que significou para você o *open house*?

Para os pais: O que significou para vocês poder fazer o *open house*?

Para Carla: O que acha que vai acontecer com seus pais quando sair?

Para todos: Mostrar a foto da mala. Falem desta foto.

Checar tempo de namoro e idades de todos, incluindo genros.

Por último, para todos: Gostaria que cada um falasse algo para os outros dois. Assim: Carla, fale algo para mãe e para o pai. Gostaria que vocês falassem qualquer coisa que gostariam de dizer um para o outro.